

Katie Fforde

AMOR



ENTRELINHAS

“Uma divertida aventura, com personagens
envolventes e uma narrativa que prende o leitor.”

Daily Mail





Katie Fforde

AMOR
nas
ENTRELINHAS

Tradução:
Marilene Tombini



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F463a

Fforde, Katie, 1952-

Amor nas entrelinhas [recurso eletrônico] / Katie Fforde ;
tradução Marilene Cezarina Tombini. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Record, 2014.

recurso digital

Tradução de: Love letters

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-04897-4 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Tombini, Marilene
Cezarina. II. Título.

14-13196

CDD: 823

CDU: 813.111-3

Título original em inglês:

Love Letters

Copyright © Katie Fforde Ltd 2009

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através
de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil
adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-04897-4

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para a Irlanda e os irlandeses, isto é para vocês!

Agradecimentos



À adorável Laura Flemming, que realmente organizou um festival literário quando era criança e foi muito inspiradora.

Ao colega escritor Lesley Cookman por me apresentar à voz de ouro, Louise Cookman e, casualmente, à dança lindy hop.

Aos maravilhosos escritores irlandeses que conheci quando realizava um evento lá, inclusive Sarah Webb, cujas lindas botas eu também tomei emprestadas para este livro.

A todas as pessoas que, mesmo sem querer, me inspiraram durante o tempo em que eu escrevi este livro. Algumas de vocês não podem ser mencionadas por motivos legais e constrangedores, mas se alguém ler e estiver nele, obrigada!

A todos os meus agentes maravilhosos! Sem ordem específica. Sarah Molloy, Sarah Fisher e Bill Hamilton. Obrigada! Só vocês sabem o quanto lhes devo!

A todos na Random House. Kate Elton e Georgina Hawtrey-Woore, pela editoração maravilhosa, sugestões inspiradoras e paciência infinita. Obrigada!

Ao pessoal que faz o trabalho nos bastidores, mas não fica com a glória.

A Charlotte Bush e Amelia Harvell, que são companhias imbatíveis para se dar uma volta e que me ofereceram presentes deliciosos (e festas!).

Aos desavergonhados departamentos de marketing e vendas, que forçam as pessoas a comprar meus livros, Claire Round, Louise Gibbs, Rob Waddington, Oliver Malcolm, Jay Cochrane e Trish Slattery.

Ao adorável Mike Morgan, que me levou em *road trips* durante muitos anos. É triste não viajarmos mais.

Sou muito agradecida a Richenda Todd, que há muitos anos me protege de mim mesma.

Aos criadores das minhas capas geniais, que eu amo!

Nada poderia acontecer sem todos vocês. Tenho muita sorte de contar com uma equipe tão brilhante.

Capítulo 1



Alguém murmurou no ouvido de Laura, provocando-lhe um sobressalto.

— Então, o que acha dele?

A livraria estava lotada: a área que havia sido liberada para a leitura estava cheia; a fila de gente segurando livros recém-comprados era longa, e a conversa seguia animada. Laura tinha achado que uma noite de autógrafos após o Natal seria algo um pouco arriscado, mas agora observava as pessoas com um misto de alívio e satisfação. Por mais cuidado que se tenha no preparo de um evento literário, nunca é possível saber quantas pessoas irão comparecer até que o evento aconteça de fato. Assim como não se tem certeza se o autor terá um bom desempenho. Escrever é uma ocupação muito particular, e Laura costumava pensar na crueldade que representava colocar escritores diante de uma plateia. Porém, mesmo de acordo com seus altos padrões de exigência, esse evento estava sendo um sucesso.

No entanto, com tudo isso em mente, ela não havia percebido alguém se aproximando por detrás. Virou-se rapidamente e viu uma mulher baixa, quase passando da meia-idade, vestida de modo a chamar atenção. Laura logo se lembrou de tê-la visto entrar na livraria com o restante do pessoal que acompanhava o autor. O casaco dela mais parecia um tapete, e suas joias podiam ter sido feitas em casa por uma neta que tivesse um kit de soldagem para bijuterias ou por algum designer do momento, era difícil dizer. O mais surpreendente em sua figura era o olhar intenso e penetrante. Seus olhos pareciam ágatas verdes.

— Muito bom, é claro — disse Laura, sobressaltada, mas bem-educada como sempre, sentindo-se insípida com suas calças pretas e camisa branca.

Essa resposta não pareceu satisfazer por completo os olhos verdes que a penetravam.

— E você leu o livro?

— É claro. — Laura foi mais firme agora, indignada com o tom combativo da mulher. Ela trabalhava numa livraria. Era sua função conhecer o estoque.

Uma sobrancelha pintada se ergueu.

— Não me venha com essa de “é claro”. O que achou?

Laura abriu a boca para dizer “maravilhoso”, mas em vez disso decidiu dizer a verdade. Afinal, não tinha mais nada a perder: em breve ficaria sem seu amado emprego. Podia deixar de lado o tato habitual e falar o que realmente pensava.

— Não achei tão bom como o primeiro dele, mas tenho interesse em ler o próximo. — Ela era uma leitora ávida, entusiasta, mas crítica; sabia ver quando um autor não estava em sua melhor forma. Foi quando a ficha finalmente caiu, ruidosa como moedas sendo lançadas para fora de uma máquina caça-níqueis quando alguém tira a sorte grande. — Ah, meu Deus, a senhora é a agente dele, não é? — O constrangimento levou-a do calor ao frio e ao calor de novo.

A mulher estreitou o olhar, o que confirmou o fato, mas Laura não conseguia saber se ela estava sorrindo ou expressando reprovação — a boca não se movia.

— Eu tenho o prazer de dizer que sim.

Ainda envergonhada, Laura enfiou uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhou para o jovem que agora autografava os livros de uma longa fila de fãs. Cada comprador, ela percebeu, ganhava um sorriso cativante; cada livro recebia uma pequena mensagem pessoal como dedicatória. Não uma, mas duas agentes de relações públicas da editora o acompanhavam e não apenas para controlar a multidão, mas porque o adoravam. Escritores como ele eram raros.

Justamente por ele ter duas jovens bastante ávidas para abrir os livros na página certa, colocá-los em suas sacolas de papel e manter a taça de vinho cheia que Laura estava encostada numa coluna: não precisavam da ajuda dela. Além disso, Henry, o dono da livraria, fora enfático: “Você organizou tudo isso, trouxe toda essa gente aqui, encomendou o vinho, abriu os salgadinhos de isopor: tire uma folga.”

— Ele é uma estrela — comentou Laura, após observá-lo por mais uns minutos. Não estava bajulando sua formidável companhia; falava dos fatos.

— Eu sei. A propósito, eu sou Eleanora Huckleby.

— Eu sei... agora — respondeu Laura, relaxando um pouco. Os agentes não costumavam comparecer às noites de autógrafo, mas Damien Stubbs era especial. — Prazer, Laura Horsley.

— Então, você lê todos os livros de quem faz eventos aqui? Eu sei que esta livraria é... era... famosa pela quantidade de eventos que organizava.

— Sim — assentiu Laura, não querendo repetir “é claro” para evitar o risco de soar presunçosa. Na verdade, ela sentia que era presunçosa, mas não queria alardear o fato. No entanto, falar com essa mulher lhe fazia desejar ter tido tempo de fazer uma chapinha. Ela sentia que seus cachos meio selvagens não correspondiam ao seu ar profissional.

— Então, como você consegue fazer tantos leitores entrarem aqui para comprar os livros? — acrescentou Eleanora, olhando para a fila que levava à mesa de autógrafos. — Ainda mais nesta época do ano. Estive em muitos eventos onde apenas dois homens e um cachorro apareceram, e eram funcionários. Nem um único membro do público pagante presente.

Laura reconhecia esse tipo de sessão de autógrafos; Henry a mandara ir a uma quando ela sugeriu a realização de um evento pela primeira vez. Ela estava determinada a fazer melhor e fez. A livraria era muito apropriada para isso, tendo um bom tamanho que permitia a liberação do espaço necessário. Ela tentava fazer alguma coisa todos os meses, para que a livraria fosse considerada um lugar legal para um bom programa noturno.

— Eu tenho uma enorme base de dados da nossa clientela e escolho as pessoas a dedo — disse ela. — Se achar que alguém vai gostar do livro, eu convido pessoalmente. Elas quase sempre vêm. Eu também dirijo um clube de leitura. Dirigia. — Ela suspirou ao se corrigir. — Espero que tenha continuidade quando a livraria fechar. Realmente espero.

— Você me parece um tesouro. Tenho certeza de que outra livraria irá agarrá-la imediatamente. É uma tristeza que esta vá fechar. Suponho que esteja ameaçada pelos supermercados.

Laura fez que sim.

— E Henry quer se aposentar.

Eleanora Huckleby pegou uma garrafa de vinho na mesa e serviu um pouco na taça dela e na de Laura.

— Até o vinho é bebível.

— Eu adoraria encontrar outra livraria, mas teria que ser uma independente e ativa como essa — prosseguiu Laura. — Não sei se conseguiria me adaptar sem toda a autonomia que Henry me dá. Ele tem sido ótimo; eu tenho permissão para pedir mais exemplares dos livros que acho que farão sucesso, ler as últimas provas dos livros antes de serem impressos, tudo que é divertido.

Eleanora bufou, possivelmente pensando em como ler provas podia ser descrito como divertido.

— Eu acho que ele fica agradecido por alguém querer lê-las. — Fez então uma pausa, apertando os lábios em um ar pensativo. — Então, quem você considera a estrela ascendente da literatura?

Laura ergueu uma das sobrancelhas.

— Além de Damien Stubbs? — Ela apontou para o cliente de sua interlocutora, que ainda estava autografando e sendo cativante.

— Sim. O que acha de Anita Dubrovnik?

O fato de Laura raramente expressar abertamente suas verdadeiras opiniões

não significava que não as tivesse. Agora, a ponto de perder o emprego e com uma taça de vinho na mão, ela decidiu falar o que pensava.

— Uma grande escritora, mas carece de força narrativa.

Os olhos da mulher mais velha se estreitaram, concordando.

— Quem mais você tem lido ultimamente?

— Bertram Westlake?

As mulheres trocaram olhares especuladores.

— Tem seu mérito, mas é entediante — disse Laura, com firmeza.

— Oh, Deus! Que alívio encontrar alguém que concorda comigo. Quer dizer, a escrita é fabulosa, mas o que aconteceu com o enredo? Certo, e que tal Janice Hardacre?

— Bem, eu adorei *A alma gêmea*, mas não gostei de nenhum dos outros.

— Nem eu. E aquele último não acabava nunca.

— Foi candidato a um prêmio — observou Laura.

— Só Deus sabe por quê...

Elas conversaram sobre livros, criticando duramente as obras-primas atuais da literatura e se desmanchando em elogios aos heróis desconhecidos que vendiam menos de mil cópias, até que a mais velha das agentes de relações públicas da editora chegou para falar com Eleanora.

— Cinquenta exemplares vendidos! — Ela se virou para Laura. — Este evento foi ótimo. Henry me disse que foi você que organizou a maior parte. Genial! Muitíssimo obrigada! — Então voltou-se para Eleanora. — Agora estamos pensando em ir para o restaurante, se você estiver pronta.

— Humm. Posso levar uma convidada?

— É claro! Reservei uma mesa enorme. Quem você quer levar?

— A Laura aqui.

Com sua timidez habitual retornando de repente, Laura se sentiu totalmente desconcertada.

— Não. Não, eu não posso ir. É uma gentileza incrível de sua parte me convidar, mas há tanto a fazer aqui. — Ao longo dos três anos em que organizara os eventos literários, ela nunca fora convidada para ir jantar com o autor depois. Seu lugar era nos bastidores, fazendo as coisas acontecerem. Era onde se sentia mais confortável. Conversar com uma porção de estranhos não era sua praia. — Preciso ajudar a arrumar as coisas. Lavar as taças, guardar as cadeiras...

— Não se mexa! — disse Eleanora com firmeza e foi andando a passos largos na direção de Henry.

— É melhor não se mexer — aconselhou a relações-públicas. — Ela é conhecida como a megera do ramo. É mais fácil fazer o que ela manda, mesmo. Por falar nisso, eu sou Emma. Emma Bennet.

— Mas não consigo imaginar por que ela iria querer me convidar para o jantar.

— Talvez tenha gostado da sua companhia? — sugeriu Emma, com um sorriso no rosto, divertindo-se com a incredulidade de Laura.

Laura viu que Eleanora, seguida por Henry e seu colega, Grant, vinham na direção em que ela e Emma conversavam.

— Ela trouxe reforços — murmurou Emma. — Você não tem chance.

Seu patrão e o colega pararam diante dela.

— Você sabe muito bem que nada disso teria acontecido sem o seu trabalho duro — afirmou Henry, que era alto, meio careca e de aparência distinta. Se ele não fosse 40 anos mais velho e já casado, Laura teria se encantado por ele. — Vá e aproveite o jantar. Você merece. Eu e Grant arrumamos tudo.

— Mas realmente... — Ela mordeu o lábio. O pânico de ser retirada de sua zona de conforto, ou seja, a livraria, fez com que olhasse com desespero para o amigo.

Interpretando sua expressão, Grant balançou a cabeça, certo de que ela deveria aproveitar a oportunidade para se misturar com outras pessoas que não fossem seus colegas, para variar.

— É isso mesmo — disse ele, firme. — Vá e aproveite o baile. A Cinderela aqui vai fazer a limpeza. — Ele pôs a mão no braço dela. — Aproveite bem e amanhã me conte todas as fofocas. E não se esqueça de que amanhã vamos ao show das Sisters of Swing.

— Ah, sim. — Ela se agarrou ao braço dele por um instante.

— Vai nessa! Vai ser ótimo! — Grant, o único outro funcionário em tempo integral e seu colega mais próximo, deu um tapinha de incentivo na sua mão. Ele estava numa missão você-precisa-sair-mais com Laura e a levaria a uma boate para ouvir “uma incrível banda nova só de mulheres” no dia seguinte. Para implicar, ele a descrevia como sua “barba”, o que a fazia rir. Nada nem ninguém impediam Grant de parecer outra coisa que não fosse gay. Mas ele tinha verdadeira preocupação com os interesses dela, e Laura sabia que ele tinha razão e que deveria ir.

Agora que Laura havia sido oficialmente dispensada — ou, aos seus olhos, abandonada —, Eleanora agarrou-a pelo braço.

— Me mostre onde colocaram os casacos e pegue o seu. Vai precisar. O vento está cortante!

Em vez de um casaco, Eleanora tinha algo que parecia o cruzamento de um tapete com uma barraca de camping, que envolvia o usuário numa lã vermelha espinhenta. Não era um traje para covardes.

Percebendo a reação levemente assombrada de Laura, Eleanora explicou:

— Sempre penso que posso acampar dentro disso por uma noite inteira, se necessário. E só posso usá-lo no pior dos invernos; caso contrário, fico suando feito uma porca.

Laura sentiu que seu casacão azul-marinho era pateticamente acanhado. Ela o comprara num brechó de caridade quando estava na faculdade e ainda se encontrava em bom estado. Aliás, trabalhar numa livraria não lhe deixava dinheiro de sobra para gastar em roupas.

— Bem, então vamos — disse Eleanora. — Segure meu braço. Não consigo caminhar direito com estes saltos, mas me recuso a usar sapatilhas na minha idade. E sapatos de cadarço arruinariam minha imagem. — Ela olhou para os sapatos de Laura, que eram quase completamente baixos. — Eis a prova.

Apesar de reprovar o calçado de Laura, que era confortável, mesmo que desprovido de glamour, Eleanora falou com ela durante todo o caminho até o restaurante, pedindo sua opinião sobre todos os tipos de livros.

Laura lia muito. Morava num apartamento conjugado e a televisão era tão pequena e cheia de chuva que ela quase não a assistia. Mas lia todo o tempo: antes de dormir, enquanto comia, enquanto cozinhava, enquanto se vestia e enquanto escovava os dentes. Leria no banho se tivesse conseguido descobrir um método que não estragasse o livro. Do mesmo modo, conseguia ler qualquer coisa em qualquer lugar e, se fosse bom, apreciava a leitura. Não havia um gênero ou autor que Eleanora questionasse e Laura não mostrasse algum conhecimento. Ainda no estado de espírito temerário motivado pela perda do emprego e encontrando em Eleanora alguém que gostava tanto de livros quanto ela, Laura se permitiu falar sinceramente, sem qualquer repressão.

Eleanora estava impressionada.

— Querida, você é um fenômeno! — declarou. — Estou tão contente por tê-la achado.

No restaurante, Laura foi novamente apresentada ao monstro literário Damien Stubbs. Ao chegar à livraria, ele a havia cumprimentado rapidamente e fora tão cativante quanto agora. Agradeceu-lhe por ter organizado um evento tão bom, e ela murmurou algumas palavras de elogio ao seu livro. No entanto, ele não precisava de afirmação. Ele resplandecia autoconfiança, e todos à sua volta aqueciam-se com os raios de seu sol. Ele era o jovem escritor do momento, e o mundo o amava.

Na confusão de decidir onde todos se sentariam — movimento do qual ela não tomou parte —, Laura teve a oportunidade de especular o motivo de não gostar de Damien Stubbs. Todo mundo, tanto homens quanto mulheres, parecia gostar dele. Vários motivos lhe ocorreram, mas o que lhe pareceu o mais provável foi o fato de não apreciar sua escrita. Quando lhe indicaram seu assento, ela o aceitou

com o espírito sombrio. Sou uma esnobe literária, concluiu. Minhas emoções estão mais voltadas para os livros do que para a vida real. Sentiu-se levemente deprimida, e não só porque estava prestes a perder o que parecia ser o melhor emprego do mundo. Quando foi que se tornou tão chata? E será que era tarde demais para mudar?

Enquanto todos os outros se sentaram, voltaram a se levantar, movimentaram-se e depois acabaram no mesmo lugar em que haviam começado, Laura teve tempo de ver a própria vida passar diante de seus olhos num flash. Desde a universidade, que amara, ela só tivera dois empregos, os dois em livrarias. Depois de entrar para a Henry Barnsley Books, ela não tivera desejo algum de trabalhar em outro lugar. Embora fosse geralmente tímida em sua vida pessoal, gostava de encontrar o livro certo para cada freguês. Era popular com a clientela, que costumava pedir sua ajuda se quisesse comprar um livro de presente e não soubesse qual. Alguns fregueses a convidavam para sair e, às vezes, empurrada por Grant, que trabalhava há mais tempo na livraria e era superior na hierarquia, ela até ia. Mas nunca dava em nada. Quando eles gostavam tanto de livros e de ler quanto ela, muitas vezes tinham os cardigãs manchados de sopa. Ela podia ser uma rata de biblioteca metida a sabida, mas tinha suas exigências.

Eleanora lhe entregou o cardápio. Laura não havia percebido que ela se sentara a seu lado e se animou. Pelo menos, poderia conversar com Eleanora ou, se não, ficar em silêncio, observando os outros comensais, algo que adorava fazer. Ela preferia se sentir segura, ficar observando do lado de fora da vida, a se envolver profundamente. Ainda bem que não havia ninguém do seu outro lado.

*

— Então, minha querida — disse Eleanora mais tarde —, algum plano para o futuro? Você quer ser escritora?

— Meu Deus, não! — espantou-se Laura e então, percebendo que talvez Eleanora fosse escritora e que não deveria ter soado tão horrorizada, continuou: — Desculpe, não tive intenção de ser tão veemente, mas eu odiaria ser escritora. Gosto de me perder nos livros de outras pessoas, mas realmente não quero escrever um.

— Que alívio! — respondeu Eleanora. — Senti que devia perguntar, mas fico realmente satisfeita. Algum outro plano para um emprego lucrativo?

— Na verdade, não. — Ela suspirou. — Nem tive tempo para pensar no assunto e ainda tenho uns dois meses antes de ficar só com o seguro-desemprego. Tenho certeza de que vou achar alguma coisa.

— Você não parece ter tanta certeza.

Laura tentou esclarecer.

— Tenho certeza de que não vou passar fome... Sempre há empregos para quem queira trabalhar... Mas é improvável que eu encontre alguma coisa que envolva livros, o que eu adoro. Pelo menos, não nesta cidade.

Eleanora estreitou os olhos, pensativa.

— Eu posso arrumar alguma coisa.

Laura se virou para ela, sem ter certeza de que ouvira direito.

— Pode?

Eleanora se inclinou.

— Humm, algo incrivelmente emocionante!

A centelha de esperança de Laura se apagou. Ela não era do tipo “incrivelmente emocionante”. Não seria a pessoa certa para o trabalho. Era provável que envolvesse marketing, ou iniciar um negócio do zero — nada a ver com ela.

— Bem, não quer saber o que é? — questionou Eleanora, comendo uma fatia de tomate com queijo feta.

Laura espetou uma azeitona preta com o garfo.

— É claro. É muito gentil da sua parte se interessar — agradeceu, na esperança de que Eleanora não ouvisse sua apatia.

— Na verdade, é mesmo — concordou Eleanora, talvez levemente aborrecida com a reação morna de Laura. — E se não fosse também do meu interesse, eu não me daria ao trabalho. Sou ocupada demais. Mas veja do que se trata.

Naquele instante, um batalhão de garçons invadiu a mesa, levando a salada grega e a *taramasalata* e substituindo-as por pratos crepitantes de mussaca, sinistras porções de peixe e mais garrafas de vinho.

Enquanto tudo isso acontecia, Laura preparou uma recusa educada e elegante para qualquer coisa que Eleanora fosse sugerir. Achava que essa mulher, colorida feito um papagaio, não poderia lhe oferecer algo que a interessasse. Elas eram diferentes demais.

— Quero que você organize um festival literário! — anunciou Eleanora, supondo que isso seria recebido com palmas e gritinhos de satisfação, como se ela fosse um mágico que tivesse acabado de tirar um encantador coelhinho da cartola. — Bem, ajudar a organizar, por assim dizer.

As imagens dos grandes festivais — Cheltenham, Hay, Edimburgo, com suas estrelas, muitas das quais famosas por coisas bem diferentes de escrever livros — lhe deram uma sensação de fraqueza.

— Não acho...

— Mas não é um festival literário comum. — Eleanora agitou a mão cheia de anéis, como se fosse o tédio que deixasse Laura em dúvida. — Haverá um

festival de música acontecendo também. É na casa da minha sobrinha.

— Ah. Uma casa grande — comentou Laura. Por um instante, sua imaginação caprichosa foi distraída pela ideia de um sobrado de dois cômodos com um grande nome da literatura em um deles e, no outro, uma banda descoberta num programa de calouros.

— Imensa. Uma monstruosidade, um fardo pesado nas costas deles, mas encantadora, é lógico. Eles estão tentando fazer com que ela se pague para poderem ficar com ela. O festival de música pode contribuir com isso, mas minha sobrinha, Fenella, quer um festival literário também; seria um diferencial.

— Acho que já existe um festival que combina...

— Isso não significa que eles também não possam fazer um, não é?

— Claro que não. Eu só estava dizendo...

— O lado da música está indo bem, mas eles não têm ninguém que cuide do festival literário. Você seria perfeita.

Laura fez um movimento negativo com a cabeça. Ela não era o tipo certo de empreendedora, de mulher agressiva que conseguia extorquir patrocínios de grandes firmas para megaeventos destinados a ex-presidentes que haviam escrito autobiografias pelas mãos de ghost-writers.

— Acho que não.

— Por que não, meu Deus?

Por que Eleanora — obviamente uma mulher muito inteligente — não entendia?

— Porque eu nunca fiz nada disso antes. Nem saberia por onde começar!

Eleanora esperou um instante e então baixou a voz e falou devagar, como se estivesse se dirigindo a uma criança desorientada ou a um cavalo assustado.

— Mas, meu bem, você *fez* isso antes! O que acha que uma sessão de autógrafos é? Você leva os autores lá, faz eles falarem, garante que o público compre os livros deles. É a mesma coisa!

— Mas para os eventos da livraria nós não precisamos de muito lucro, nem alugar um local, nem nada.

— Veja, eu posso notar que perder o emprego derrubou sua confiança. É compreensível. Mas não recuse essa oferta até pensar bem no assunto. Fen me disse que haverá uma espécie de reunião em Somerby... Espere aí, já te digo quando será. — Eleanora tomou um bom gole de vinho e começou a revirar sua bolsa, que lembrava a de Mary Poppins: era enorme e talvez contivesse até uma lanterna. Tirou de lá uma agenda Filofax do tamanho de uma bíblia e a folheou. — Semana que vem, às duas da tarde. Em Somerby. Sabe onde fica?

— Não — respondeu Laura com firmeza, embora uma parte dela quisesse descobrir. Apesar de suas reservas, que eram fortes, ela sentiu uma pontada de

interesse. Qualquer coisa relacionada a livros provocava isso nela.

— Direi a Fenella que te passe um e-mail com alguns detalhes. Você tem e-mail?

— Bem, tenho o da livraria.

— Você vai precisar de um laptop. Melhor comprar um com o dinheiro da demissão.

Laura se aborreceu internamente. Não gostava que lhe dissessem como gastar o dinheiro da demissão, cujo valor sequer havia sido especificado até o momento. Talvez precisasse pagar a conta do gás ou o aluguel com ele.

Eleanora não seria uma grande agente literária se não soubesse como ler a linguagem corporal ou fazer as pessoas aceitarem desafios.

— Você pode também ir apenas à reunião, pelo menos. Se sua outra única oportunidade de emprego é encher as prateleiras de um supermercado...

Lutando para manter sua reação original, a de que dirigir um festival literário não era o que queria fazer, Laura insistiu em seu argumento sobre os aspectos práticos.

— Essa não é minha única oportunidade de emprego e estou trabalhando na livraria nos próximos dois meses!

— O que mais você vai encontrar que envolva livros, a não ser outro emprego como vendedora em uma livraria?

— É, eu sei que preciso ampliar minha busca, mas talvez isso seja uma coisa boa.

— Você quer mudar de casa, assim como mudar de emprego?

Laura estremeceu visivelmente. Seu apartamentinho não era um palácio, mas podia ser muito pior e, o mais importante, ela podia pagar por ele.

— Na verdade não, mas acho que terei que fazer isso.

— Então é muito melhor se demitir enquanto há tempo. Organize o festival para minha sobrinha e não precisará se mudar. Poderá morar lá mesmo, há muitos quartos. E eu tenho certeza de que vai se sair brilhantemente bem.

— Eu posso ser capaz de organizar um evento numa livraria, mas não poderia fazer o resto, como calcular o tamanho do toldo que eu precisaria para o festival. Não há nada pior que um toldo para duzentas pessoas com apenas vinte embaixo. — Laura já tivera essa experiência, que a deixara apavorada.

— Você não vai precisar fazer esse tipo de coisa — garantiu Eleanora, confiante. — Há outros que podem fazer isso. Nós... eles... precisam de você pelo seu conhecimento de livros e autores.

Tentando reprimir o interesse que essa declaração lisonjeira havia provocado, Laura indagou:

— Vão pagar bem?

Era provável que a resposta fosse negativa e aí ela poderia simplesmente dizer não. Eleanora era o tipo de mulher que entenderia essa abordagem prática.

Dessa vez a franca Eleanora não respondeu de imediato. Em vez disso, ficou mexendo nos talheres por um segundo.

— Deve haver algum tipo de remuneração, imagino. Para ser bem honesta, não tenho certeza.

Enfim, Laura pareceu pisar em terreno firme, embora não se sentisse tão confortável quanto tinha imaginado.

— Bem, isso é fundamental. Eu não tenho condições de trabalhar por nada.

Ela ficou meio triste por ter se livrado da proposta com tanta facilidade, mas logo deixou para lá. Não ganhava exatamente seu peso em ouro trabalhando na livraria, mas pelo menos pagava suas contas e não podia ser imprudente, concordando com algo com base em uma remuneração ainda não estipulada.

— Mas você mesma disse! Ainda tem o emprego na livraria por dois meses! E todos os grandes festivais são organizados, na maior parte, por voluntários.

— Não posso me dar ao luxo de ser voluntária, preciso de trabalho remunerado — lembrou-a gentilmente.

— Como eu disse, isso você tem.

— Mas Sra...

— Eleanora.

— Eleanora... — continuou ela, não muito feliz de chamar essa mulher que mal conhecia apenas pelo primeiro nome. — Eu sou paga para trabalhar numa livraria, o que significa que preciso estar lá, fazendo meu trabalho.

— Ah, seu patrão te dará folga para organizar o festival! Tenho certeza. Ele pareceu ser muito legal.

Era provável que ela tivesse razão quanto a isso, Laura reconheceu. Henry seria o mais prestativo possível e lhe daria o máximo de folgas necessárias se isso envolvesse um trabalho pago. Mas ela não faria se não envolvesse dinheiro. Seria uma grande tolice e uma injustiça com Henry. Pegou a taça de vinho ao pensar no que seus pais diriam se ela admitisse estar trabalhando por menos ainda do que ganhava atualmente. Eles ainda não lhe haviam perdoado por fazer Letras na faculdade em vez de estudar algo que lhe desse um emprego que pagasse “direito”.

“Toda aquela dívida com o crédito estudantil”, tinham dito, “e você nunca será capaz de quitar!”

Quando Laura disse a eles que se seu salário fosse muito baixo ela não precisaria quitar a dívida, eles não ficaram nem um pouco impressionados. Nem ela, na verdade. Não gostava de dever ao governo, mas ainda assim não iria estudar para ser contadora.

— Apenas vá à reunião — sugeriu Eleanora. — Caso seu patrão não queira te dar folga, eu falo com ele. Quando você vir a casa e conhecer minha sobrinha, vai querer fazer isso. Eu juro.

— Então é melhor eu não ir — murmurou Laura. Eleanora não ouviu, e Laura realmente não tivera intenção de que ela escutasse.

Capítulo 2



— Então — começou Grant no dia seguinte, antes mesmo de tirar o casaco —, você se sentou ao lado do garoto prodígio? — Eles estavam no depósito, que também funcionava como sala dos funcionários, no porão do prédio.

— Ah, você quer dizer Damien? — Como sempre, Laura chegara cedo e acabara a arrumação que Henry e Grant prometeram que fariam antes de descer e pôr a água para ferver. — Não. Ele ficou cercado pelas jovens que trabalham no departamento de publicidade.

— Está com ciúmes? — perguntou Grant, despejando meio vidro de café solúvel numa caneca. Ele era o tipo de pessoa que estava sempre interessado em saber como todos se sentiam. Laura costumava lhe dizer que ele deveria abandonar a venda de livros e ser psicólogo; seria o emprego ideal para ele.

Ela balançou a cabeça, espremendo o sachê de chá de hortelã na lateral da caneca com uma colher.

— Não. Ele não é o meu tipo.

— Então, qual é o seu tipo?

Grant derramou a água quente no café.

— Para falar a verdade, eu não sei. — Laura recolheu o saquinho de chá com a colher e o jogou no saco de lixo que acabara de trocar. — Não gosto de quase ninguém.

— Deve fazer uma ideia. Se eu for te ajudar a encontrar um namorado, preciso saber o que procurar.

Laura riu.

— Eu não quero que você encontre um namorado para mim. Eu mesma encontro, se quiser alguém!

Grant deu um gole no café com uma careta de repugnância.

— É claro que você quer um namorado, meu bem, todos queremos. Só preciso saber o tipo. Cachimbo e chinelos? Bem-vestido? Iogurte-tricô-e-reciclador-dedicado? Um ciclista de verdade?

— Acho que a palavra que você quer é ciclista.

— Às vezes você é tão pedante, Laura. E deve fazer ideia do seu tipo básico.

— Ah, eu não sei. — Eles já haviam tido essa conversa outras vezes e nunca levaram a lugar nenhum. Embora ela não tivesse a ambição específica de se tornar uma solteirona solitária com um gatinho, às vezes realmente sentia que isso era inevitável. Suspirou. — É melhor a gente subir. Está quase na hora de abrir.

— Sem pressa. — Grant revirava uma lata de amanteigados que sobrara do coquetel. — Eu preciso tomar o café da manhã e todo mundo está nas liquidações, comprando bugigangas ou devolvendo as que ganharam no Natal — argumentou ele, franzindo o cenho. — Vejo que sua mãe continua lhe dando calças de presente de Natal e você continua trocando.

Laura olhou para suas calças pretas novas.

— Minha mãe não consegue entender por que eu prefiro usar roupas que precisam ser passadas a ferro em vez dos maravilhosos tecidos sintéticos, tão fáceis de se cuidar. Ela não entende nada de estática e não sabe por que não é legal gerar eletricidade enquanto se caminha depressa.

Grant riu.

— Em alguns círculos é, meu bem. A minha, pelo menos, parou de me dar blusões de golfe com estampas xadrez. — Lançou um olhar depreciador para o blusão dela.

— Eu sei que preto é sem graça, mas as roupas ficam imundas aqui. — Ela deu um sorriso torto. — Talvez eu use um belo macacão de náilon no meu próximo trabalho.

— Você e eu, gatinha! Então, vai abrir o lugar ou não?

Laura subiu até a loja. Henry entrou no momento em que ela virava o aviso de “Aberto”.

— Bom dia, minha querida — cumprimentou ele, como sempre fazia. — Como foi ontem à noite? Eleanora Huckleby é uma figura, não é?

— Com certeza. Ela...

— Quer que você organize um festival literário, eu sei. — Ele tirou o chapéu e o jogou habilmente na direção da fileira de cabides, onde ele pousou prestativamente. — Ela me ligou. Bem cedo.

Laura estava acostumada com o truque do chapéu, mas isso era surpreendente. Henry não era o tipo que fazia qualquer coisa “bem cedo”. Era por isso, afirmava ele, que decidira ter uma livraria. Ela se sentiu imediatamente culpada.

— Ah, meu Deus! Não posso acreditar!

Henry balançou a cabeça, sorrindo para ela.

— Não é por falta de tenacidade que ela é uma grande agente literária, isso com certeza. Portanto, se você precisar tirar uma folga para essa reunião, pode tirar. E se decidir ir em frente e realmente quiser ajudar a organizar o festival

literário, insisto em fornecer os livros.

Ele estava sendo tão generoso que Laura não conseguiu deixar de sentir uma pontada de culpa.

— Mas e se o festival literário acontecer apenas depois do fechamento da livraria?

— Ainda terei meus contatos e acho que um evento como esse seria divertidíssimo!

Será que todo mundo estava decidido a envolvê-la naquilo, ela concordando ou não? Com certeza pareciam estar conspirando para eliminar qualquer possível objeção que ela pudesse ter. Talvez devesse se sentir agradecida por acreditarem tanto nela. Agora, só lhe restava enfrentar a visita mensal aos seus pais.

— Então, como foi? — perguntou Grant ao cruzar a porta de Laura apenas uma hora depois de ela ter chegado do que se comprovara mais uma visita frustrante à casa dos pais. Pelo menos ela podia pensar em sua saída com ele para não perder o ânimo. Grant também acabara de fazer uma visita obrigatória à sua tia.

— Ah, legal, sabe como é. Tranquilo.

— Então você não contou sobre o fechamento da livraria?

— Não. Achei melhor esperar até ter alguma outra coisa alinhavada. Você sabe como eles são. Meu pai pode insistir que eu faça um curso de contabilidade. Você contou para sua tia?

— Ahã, mas como ela não é minha mãe, eu senti que dava para contar. Ela me ofereceu dinheiro, caso eu precisasse.

Laura sorriu. Grant sempre passava por crises de consciência quando sua tia lhe oferecia dinheiro, embora às vezes aceitasse.

— Então, você aceitou dessa vez?

— Claro que não! Não estou precisando agora. Se ficar desempregado por séculos, talvez aceite. — Estalou a língua. — Não olhe para mim desse jeito! Sou o único parente dela, e ela é cheia da grana. Ela gosta de me dar dinheiro!

Rindo, Laura o conduziu para dentro de seu apartamento e fechou a porta.

— Eu sei disso e não sou eu quem acha que você não devia aceitar o auxílio dela. Ela tem mais dinheiro do que consegue gastar, e você é o único sobrinho. Não acho que você deva se sentir culpado, nem um pouco. Ei! Por que não pede a ela uma bolada e abre sua própria livraria? Aí nós dois voltaríamos a ter um emprego lucrativo!

— O que faz você pensar que eu contrataria você?

— Porque eu sou a melhor, e você me contrataria sim.

Grant suspirou.

— Tá bom, verdade, mas não gostaria de pedir muito dinheiro. Ela pode

precisar para ter uma enfermeira em casa ou coisa parecida. Vou ficar bem, de qualquer modo. Não me importo de trabalhar numa grande rede de lojas. — Sua atenção vagou do seu possível próximo emprego para a roupa de Laura. — Sinto muito, meu bem, mas você não pode usar isso.

— Por que não? Pensei em usar uma saia, para variar, para parecer um pouco mais chique. Para nossa noitada.

— Bem, você está parecendo uma atriz de teatro amador vestida de secretária, só que não tão sexy.

Laura estava acostumada à reação menos que entusiasmada de Grant às suas roupas.

— Muito obrigada pelo seu voto de confiança. Eu também te amo.

— Não banque a ofendida. Na verdade, você está quase bem, só precisa usar algo um pouco mais ousado, ou calças.

Laura jogou as mãos para cima, expressando sua incrédula frustração.

— Geralmente você quer que eu deixe de usar calças! Mas na verdade eu derramei algo nas minhas calças pretas ontem no restaurante e é por isso que estou de saia.

— Eu achava que você tinha cinco calças pretas, seis desde o Natal. — Estava bem claro como ele se sentia em relação ao traje básico de uma mulher que trabalha.

— Tudo sujo ou usado demais para ser usado, se é que você me entende.

Grant suspirou.

— Bem, chega de jogos de palavras. Você tem uma saia que dê para dançar?

— Dá para me mexer com essa.

— Não estou falando em se mexer, falei dançar. *Lindy hop*, para ser mais preciso.

— Por quê? Nós vamos ouvir uma banda. Não precisamos dançar se não quisermos. Geralmente é voluntário.

— Mas é numa boate. Uma noite de *lindy*.

— Grant, por que você não me disse isso antes de eu concordar com o programa? — resmungou Laura. — O que é *lindy hop*, afinal?

— É uma dança. Um pouco como *swing* ou rock, mas com mais passos. Você vai descobrir, de qualquer jeito. E eu não falei porque sabia que você não iria concordar em ir. Agora que estou aqui, posso forçar você a se enfiar em uma roupa melhor e depois a entrar no carro.

A ideia de Grant enfiando-a em um par de calças a fez relaxar e rir. Afinal, roupas quase não faziam parte de sua vida e ela não se importava com o que vestia. Toda a coisa do *lindy hop* não passava de outra tentativa de agitar sua rotina. Embora ela ficasse bem feliz sacolejando na cozinha, a sós, não

costumava fazer isso em público. Por outro lado, talvez já fosse hora de fazer as coisas de outro modo. Certamente já fazia muito tempo que Grant vinha tentando obrigá-la a fazer isso.

— Então é melhor você vir e dar uma olhada no meu armário.

— Eu esperava que você fosse dizer isso. E parabéns por não jogar seus saltos agulha em mim e empacar feito uma mula.

— Eu teria feito isso — confessou Laura — se estivesse usando salto alto.

Grant soltou um grunhido.

— Mas, sério — continuou Laura. — O evento de ontem à noite me fez perceber o quanto eu sou paradona. Preciso me abrir para novas experiências.

Grant fez que sim; era óbvio que concordava inteiramente com ela.

— Mas você sempre foi assim ou é só desde que começou a trabalhar numa livraria?

Recusando-se a se sentir ofendida com a confirmação de que era tediosa, ela ponderou.

— Acho que sempre fui o que você chamaria de bem paradona. Eu tinha amigas na faculdade, é claro, mas não saía muito, a menos que fosse arrastada.

Grant estalou a língua.

— Que desperdício!

— Sério, era uma felicidade enorme não ser censurada por ler tanto, eu só... Bem, eu lia a maior parte do tempo e fazia os trabalhos, é claro.

—E você disse que tinha amigas? — perguntou ele, sem ocultar o ceticismo.

— Sim! Eu sempre estava a postos para tirar a roupa da máquina de lavar, sempre tinha leite, aspirinas e podia fazer um trabalho rápido se alguém precisasse de um no último minuto. — Ela riu. — Mas eu ficava danada se elas tirassem uma nota melhor que a minha.

— Elas usavam você! — Grant estava indignado.

— Não. Bem, um pouco, mas eu não me importava. E, como eu disse, elas realmente me carregavam para os lugares de vez em quando. A gente se divertia muito juntas. Só que eu preferia ficar e ler a me exaurir falando alto com um monte de gente bêbada.

— E namorados?

— Tive alguns. Nunca deu em nada. Grant, eu tenho certeza de que a gente já falou sobre tudo isso quando eu cheguei à livraria e você me fez o seu interrogatório-padrão.

— Talvez, mas tudo foi obviamente tão entediante que me esqueci. E eu não interrogo as pessoas. Simplesmente me interesso pela condição humana.

— Ou seja, é um fofoqueiro.

— Certo, fofoqueiro. Agora vamos dar uma olhada aqui. — Ele abriu a porta

do pequeno armário, esperando o pior. — Laura, todas as suas roupas são pretas ou brancas?

— A maioria. Minhas roupas de verão estão numa sacola de plástico em algum lugar. Aqui. — Ela puxou a sacola de baixo do armário. Grant a despejou no chão, como se estivesse separando roupa para lavar.

— Você realmente deveria me deixar vir aqui e dar uma olhada nisso tudo — murmurou ele, jogando as roupas para trás como um assaltante exigente.

— Eu deixaria se você fosse um desses consultores de moda da TV.

Ele parou.

— Eu achei que você nunca assistia à televisão!

Ela riu, satisfeita com a surpresa dele.

— Não assisto mesmo, mas fui até a casa de uma das mulheres do grupo de leitura com um volume do livro do mês e ela estava assistindo ao programa. Ela me convenceu a ficar e assistir também. Muito corajosas, todas aquelas mulheres. Você acha legal ficar elegantemente sentada nua numa vitrine?

— Olha, eu consigo pensar em coisa pior, mas posso ver que, para você, seria uma tortura.

Por fim, ele encontrou uma saia longa, rodada, de bordado inglês cor de creme, um cardigã preto de decote V e um cinto preto.

— Está bem bonito, mas ainda muito monocromático — ponderou ele. — Onde estão suas joias?

Laura abriu a gaveta da penteadeira, mostrando suas poucas peças, a maioria presentes das amigas de faculdade e um colar de pérolas deixado para ela por uma tia. Grant revirou tudo, dispensando.

— Que tal lenços, cintos, coisas assim?

Eles estavam perdidos em meio às roupas íntimas, mas ele remexeu tudo até encontrar um lenço que estivera em volta de um chapéu que Laura comprara por necessidade na última vez que saíra de férias com seus pais, muitos anos antes.

— Aqui. — Ele o amarrou em volta do pescoço dela. — Ficou legal, mas o cabelo precisa ser preso num rabo de cavalo mais alto. E a gente precisa desamassar um pouco...

— O quê? Meu cabelo? Eu sei, o problema é conseguir deixar ele liso...

— Não seu cabelo! Eu gosto desse *look* encaracolado, frisado, é uma graça. Não, eu quero dizer a saia! Você tem um ferro?

Ela fez que sim com uma expressão presunçosa.

— Outro motivo para ter amigas no alojamento estudantil era que eu tinha um ferro e sabia usar.

— Não é de admirar que você tenha ganhado o Miss Simpatia por três anos seguidos.

Laura deu uma risadinha.

— Como você pode saber que eu não ganhei? Eu era popular. Às vezes, as pessoas preferem alguém um pouco mais quieta.

— Que saiba passar a ferro.

Ciente de que não convenceria Grant de que não gastou todo o seu tempo na faculdade lendo e passando a ferro as roupas das amigas — ou de que, se tivesse sido assim, ela teria gostado —, Laura disse:

— Minha mãe me fazia passar toda a roupa.

— É uma habilidade útil — comentou ele, recusando-se a ser solidário com essa potencial história de crueldade infantil. — Eu faço isso enquanto você se penteia.

— Você é terrivelmente mandão — objetou Laura, pegando a tábua de passar.

— Eu sei. É por isso que sou gerente da livraria e você não.

— Não tenho certeza se ter uma assistente em tempo integral e duas em meio expediente tornam você o dirigente de um vasto império...

— É claro que sim. Agora se apresse, não queremos perder a primeira apresentação.

Os esforços de Laura com o cabelo resultaram num rabo de cavalo estilo anos 1950 e uma porção de fios caídos, formando uma aura em tom dourado escuro em volta da cabeça.

— Não ficou muito arrumado.

— Não é para ficar arrumado! É para ficar meio descontraído. Não precisa parecer a Sandy em *Grease*.

Laura parou de tentar alisar o cabelo.

— Grant, eu não me importo de usar a roupa, mas não vou dançar *lindy hop*. Você sabe disso, não é?

Grant sorriu.

— Vamos lá. Vai ser uma noite e tanto.

Eles foram até o ponto de táxi no fim da rua. Grant iria dormir no sofá de Laura naquela noite; assim poderia beber.

— Espero que não seja o tipo de lugar em que a gente precise encher a cara para sobreviver à noite — resmungou Laura.

— Você já encheu a cara? — perguntou Grant.

— Não, não com frequência — disse Laura, humildemente. — Eu sou realmente maçante!

A boate já estava cheia e agitada quando eles chegaram. Desceram as escadas até o porão, e Grant pagou as entradas. Uma banda estava tocando músicas antigas maravilhosas, e Laura batia o pé mesmo depois de ter jurado que não iria dançar.

Grant comprou uma taça de vinho e colocou na mão dela.

— Vamos ver se encontramos um lugar para sentar antes da entrada das garotas.

“As garotas”, ele havia lembrado no caminho, eram a banda chamada Sisters of Swing, sobre a qual ele buzina em seu ouvido nas últimas duas semanas. Elas cantavam números tradicionais de *swing* e Grant estava louco para vê-las ao vivo.

Laura seguiu o amigo, que ia em direção a um agrupamento de mesas e cadeiras, absorvendo o que acontecia em volta. Todos os tipos de pessoas, usando uma variedade de roupas, dançavam freneticamente. Assumindo com facilidade seu papel favorito, o de observadora, ela achou a multidão fascinante. Havia homens jovens dançando com mulheres bem mais velhas e mulheres jovens dançando com homens mais velhos, não porque houvesse alguma coisa entre eles (disso ela tinha certeza), mas porque sabiam dançar bem. A idade não era uma barreira; dançar era tudo.

Grant achou duas cadeiras e eles se sentaram; Laura sentia-se incapaz de parar de observar a cena que ocorria em volta. De vez em quando, alguém do palco dava instruções para que todos parassem e então dizia se eram os homens ou as mulheres que deveriam encontrar um novo parceiro de dança. Laura estava fascinada.

— Olhe só os sapatos! — exclamou Grant, apontando para um par de sapatos marrom e branco.

Depois que eles localizaram o primeiro par, perceberam que as mulheres estavam usando sapatos semelhantes, com a diferença de terem salto e uma tira em T. Havia também o que até Laura conhecia como sapatos de jazz, sapatilhas de balé (pareciam meio vulneráveis), calçados para sapateado e os comuns de rua.

— Que divertido! — disse ela, surpreendendo a si mesma.

— Que bom que você ainda consegue reconhecer diversão! — implicou Grant, e então sua serenidade acabou. — Oh Deus, acho que a gente realmente vai ter que fazer isso.

Laura se virou para onde ele estava olhando e viu uma moça decidida vindo em direção a Grant. Divertindo-se muito com a ideia de seu amigo gay ser conduzido por uma jovem, ela não percebeu o homem que vinha em sua direção. Antes que se desse conta do que estava acontecendo, ela se viu puxada pelas mãos e posta de pé. Seu par em potencial tinha mais ou menos sua idade, com cabelos encaracolados e cílios curvados. Ele usava calças *baggy*, uma camiseta listrada, aparelho nos dentes e um chapéu fedora equilibrado mais para trás da cabeça.

— Oi! — cumprimentou ele. — Como é seu nome?

— Laura! Mas eu só vim para ver a banda!

— Então, dança?

Ela meneou a cabeça como quem diz não, mais por hábito que qualquer outra coisa.

— Ah, não, já disse, só estou aqui por causa da banda.

— Bobagem. Vem!

Pela insistência de seu parceiro, Laura acabou indo. A princípio, só conseguiu ficar parada, perplexa, mas então lhe vieram à mente algumas lições de dança que uma amiga de sua mãe lhe dera havia alguns anos. Em seguida, ela começou a curtir a sensação de irreverência e diversão que a música e a dança lhe provocavam. Seu parceiro não parecia se importar que ela estivesse meio que inventando o que fazia. Ela se flagrou girando, agarrada, empurrada, trazida de volta, tudo em minutos. Quando teve permissão de se sentar de novo, estava exausta.

— Muito obrigada! Foi superdivertido.

— Você devia vir com mais frequência — comentou seu parceiro de dança. — Tem muito talento!

— Eu não acho. Eu realmente...

— ... Só vim para ver a banda — completou ele. — Eu sei. Aliás, eu me chamo Jim. Vou procurar por você na próxima vez.

Embora ela finalmente tivesse conseguido dispensá-lo, tinha gostado da sensação de ser escolhida e de dançar.

— Olha só! Isso foi inesperado! — comemorou Grant enquanto eles bebericavam o vinho, desejando que fosse água. — Nós dois fomos rebocados! E eu nunca pensei que veria você numa pista de dança, sendo jogada de um lado para o outro por um cara forte.

— E a mesma coisa vale para você, viu?

— Mas infelizmente o meu par não era um cara forte! Eu disse a ela que era gay, mas ela respondeu que já sabia. — Ele fez uma pausa. — Acho que a banda vai entrar logo. É melhor ir até o bar rapidinho.

Reconhecendo a deixa, Laura se pôs de pé.

— Mais do mesmo?

Ele concordou.

— E um copo d'água.

Houve mais umas três músicas bem agitadas, durante as quais Grant e Laura ficaram sentados, principalmente para descansar os pés, e então três moças entraram no palco. Usavam saias rodadas de tule, com cinturas justas e corpetes.

Todas estavam com um penteado estilo colmeia cor-de-rosa, e a do meio tinha uma flor enorme atrás da orelha. Estavam fantásticas e pela primeira vez naquela noite as pessoas pararam de dançar e se viraram para o palco.

— Tivemos sorte de conseguir cadeiras — afirmou Grant, depois que as luzes diminuíram e as cantoras ficaram sob os holofotes.

Elas começaram com “The Boogie-Woogie Bugle Boy” e todo mundo começou a bater palmas e dançar no ritmo da música. Várias canções animadas se seguiram e, apesar do medo que sempre lhe afligia de bater palmas na hora errada, Laura se soltou, acompanhando o ritmo.

Então a música se aquietou, e a líder da banda, a moça com a flor atrás da orelha, começou a cantar “Smoke Gets in Your Eyes”. A isso se seguiu algo igualmente triste e romântico, levando Laura a um estado incomum de nostalgia. Ela começou a pensar na própria vida amorosa, agora já muito distante no tempo. Na verdade, só houvera um pretendente mais sério. Por que aquele relacionamento não havia passado de uns drinques e um amasso, que não durou o suficiente para ele, mas que foi o máximo que Laura conseguiu tolerar? Ou ela era jovem, ou simplesmente não o amava. Mal conseguia se lembrar do nome do sujeito.

Enquanto sua mente vagava, ela se flagrou pensando em de que forma uma sutil mudança, como saber que perderia o emprego, podia desencadear outras pequenas mudanças. Ela ainda tinha um trabalho, não estava desempregada, mas desde que soubera que iria perdê-lo, falara com Eleanora com muito mais liberdade do que teria falado normalmente e havia sido convidada a organizar um festival literário. Depois, saiu com Grant, e em vez de apenas ouvir a banda, ela se levantara, fora dançar e realmente se divertira. Era provável que houvesse um nome científico para isso, como a teoria de que uma borboleta que bate as asas no Brasil provoca um furacão em algum outro lugar bem distante. Talvez ela apenas devesse aceitar seu destino e seguir em frente, como Grant diria. Afinal, ir à reunião do festival não significava que ela tivesse que concordar em ajudar a organizá-lo.

— Você está bem, gata? — perguntou Grant quando a banda voltou a tocar e as pessoas retornaram à pista, se soltando. Ela ainda olhava para o palco, pensativa.

— Ah, sim, tudo bem.

— Mais uma bebida?

— Você diria que eu estou terrivelmente triste se eu dissesse que quero ir para casa?

Para variar, Grant aceitou isso sem qualquer comentário, mas no táxi ele disse:

— Você foi superatenciosa comigo, hein? Andou pensando no lance do

festival literário?

— Sim, andei sim.

— E?

— Acho que vou à reunião, afinal.

— Bom para você. Tá vendo? Um pouco de *lindy hop* e você é outra mulher!

Capítulo 3



Laura usava seu terninho de entrevistas, que agora estava um pouco apertado nos quadris. Era o dia da reunião. Todo mundo na livraria estava na torcida, talvez temendo, ela desconfiava, que ela recuasse. Henry lhe dera a tarde de folga, recomendando que a usasse bem, e Grant havia oferecido o carro. Agora ele saía pelos fundos da livraria para ajudá-la a tirar o veículo de lá.

— Faz eras que não dirijo, Grant — confessou Laura, subitamente nervosa. — A última vez foi quando eu estava com os meus pais e papai quis que eu dirigisse na volta de um restaurante.

— E você não bateu em nada?

— Não, mas eu estava a caminho de casa! Poderia andar vendada de bicicleta por aquelas ruas!

— Todas as ruas são parecidas, na verdade, e você já fez suas aulas práticas.

Laura fez que sim.

— Eu sei.

— Agora me diz: o pânico apagou sua memória?

Ela meneou a cabeça, tentando se desfazer do pânico que a acometia com uma frequência alarmante.

— É natural estar nervosa. Isso é algo importante! Eu nunca vou a reuniões, e antes que você diga qualquer coisa, quando nos reunimos na sala dos funcionários não conta. Aquilo é bem diferente.

Grant fez o máximo que pôde para tranquilizá-la, mas como ela tinha passado a semana se lamuriando, era óbvio que ele estava começando a se cansar daquilo.

— Apenas respire fundo, vai dar tudo certo.

— Mas imagine se essa Fenella é como a tia? Inspirar medo tende a ser hereditário.

— Laura, querida, você é como seus pais? Não. Pronto, eis a prova.

— Mas nem sempre a genética funciona desse modo.

— Portanto Fenella será uma mulher perfeitamente legal. Ela pareceu legal ao

telefone, não foi?

— Sim, mas...

— Nada de “mas”. Entre aí e vá embora, menina! — disse ele. — Ele tem seguro para qualquer motorista. E você está assegurada se eu lhe dei permissão para...

— Eu ficaria mais tranquila se tivesse uma carta dizendo que você me deu permissão, ou coisa assim.

— Ah, pelo amor de Deus! Você é certinha demais! Vá à sua reunião e conte tudo quando voltar. Lembre-se: não precisa concordar com nada se não quiser, mas eu vou querer saber o porquê! Pronto, aqui está o itinerário. — Ele lhe entregou umas folhas de papel. — Esta eu imprimi do computador, e esta é minha. Tome o mapa que Fenella enviou por fax. — Uma pausa. — Você tem um saco de dormir, um machado para gelo e uma caixa cheia de provisões de emergência, caso fique presa em algum lugar por uma noite.

A ansiedade retardara suas reações, e ela levou um nanossegundo para perceber que ele estava brincando. Ela empurrou o braço dele e entrou no carro. Então pôs os cachos para trás das orelhas e virou a chave. Grant deu um tapinha no teto e ela partiu.

Laura descobriu que gostava de dirigir o pequeno Fiat Punto dele. Era leve e rápido, e ela logo se esqueceu da preocupação de dirigir. Agora só precisava prestar atenção para não se perder. O mapa de Fenella parecia bem simples, mas à medida que ela se aproximava, todo o nervosismo voltou e ela começou a se atrapalhar, virando para a esquerda e para a direita. Mas finalmente, após um breve desvio não programado por uma cidadezinha, o lugar apareceu diante dela, num morro, como descrito nas instruções.

Somerby era de fato uma mansão adorável. Cercada por pasto, no momento devorado por alguns cavalos pitorescos, bem-protegidos do frio pelo terreno acidentado, a casa parecia um ser benigno analisando o território que governava.

Embora ainda fosse início de tarde, o dia de janeiro estava começando a fechar. As árvores nuas se destacavam contra o céu pálido, e o brilho fraco do sol dava ao cenário uma luminosidade suave, como numa antiga pintura a óleo.

Parando para se certificar de que era o lugar certo antes de entrar, Laura ficou admirando aquele cenário por alguns instantes. Ela sempre sentia que alguns dias de janeiro oscilavam entre a melancolia do inverno e o otimismo da primavera. Isso combinava com seus sentimentos: tristeza por perder seu emprego amado, mas uma agitação de esperança diante da perspectiva de algo que poderia vir a ser bem empolgante. Só era preciso ser corajosa o bastante para dar o próximo passo. Ela ficou mais algum tempo apreciando a vista, pensando no quanto conseguiria ser corajosa.

Foi então que percebeu vários carros estacionados em frente à fachada georgiana e deu uma olhada no relógio, preocupada de estar atrasada. De fato, estava em cima da hora, seu relógio confirmou, e ela gostava de ser pontual — adiantada, dizia Grant. Por isso, Laura virou o carro para o caminho que conduzia à entrada.

Encontrou um lugar para estacionar e, quando já não podia mais adiar, saiu do carro. Até aquele momento, uma reunião significava um evento informal, que ocorria na sala dos funcionários e do qual tomavam parte Henry, Grant, os funcionários de meio expediente e ela, juntos para discutir algumas coisas. Não havia pauta, todo mundo dizia o que queria e ninguém anotava nada. Funcionava bem. Laura sabia que isso seria diferente. Era provável que aquilo fosse estraçalhar seus nervos, se é que haviam sobrado nervos a estraçalhar; só a viagem a tinha deixado acabada!

A campainha soou, e a porta foi logo aberta por uma jovem loura de camisa bufante, calças de veludo enfiadas num fabuloso par de botas de camurça verde claro que iam quase até as coxas e uma expressão preocupada. Ao ver Laura, ela sorriu e pareceu um pouco aliviada.

— Você deve ser Laura Horsley?

— Sou. Fui a última a chegar? Acabei me perdendo quando já estava próxima.

— Não, ainda faltam umas duas pessoas. Entre. — Ela fechou a grande porta de carvalho e conduziu Laura a um vestíbulo amplo onde havia uma escadaria majestosa. Laura tentou não se sentir muito intimidada. Tudo era tão grandioso.

— Eleanora me falou tanto de você — continuou a mulher. — Ela dá medo, não dá?

— Bem...

— Um coração de ouro, é claro, mas dura feito pedra, às vezes. Ela tem alta estima por você, e é muito observadora.

— Ah, não. Agora eu vou ter que me mostrar à altura das expectativas dela!

A mulher deu uma risadinha.

— Tenho certeza de que isso não será problema. Você quer ir ao banheiro ou alguma outra coisa ou podemos ir lá para cima onde é a reunião? Aliás, eu sou Fenella. A ideia maluca de fazer um festival aqui foi minha. — Ela olhou para trás para ver se Laura a seguia pelas escadas. — O problema de ter uma casa desse tamanho é que a manutenção custa muito caro. Ela precisa se manter, e se for necessário fazer mais reformas, o que acontece o tempo todo, teremos que fazer um evento grande. Na maioria das vezes, organizamos festas de casamento. Aqui estamos.

Ela abriu a porta para um aposento com janelas que iam do chão ao teto e, Laura imaginou, uma vista fantástica. Havia uma mesa enorme no centro, com

cadeiras em toda a volta, a maioria ocupada; as vozes reverberavam pelo piso de parquê conforme a conversa prosseguia, animada. Laura umedeceu os lábios, que subitamente ficaram secos, certa de que nunca conseguiria falar nada se eles continuassem assim.

Bem quando Fenella estava prestes a apresentá-la, a campainha tocou e ela lançou um olhar preocupado para Laura.

— Você se importa se eu for atender? Desculpe por abandoná-la.

— Não, tudo bem — disse Laura, sentindo-se tudo, menos bem.

Quando Laura entrou, uma jovem, que lhe pareceu familiar, havia erguido o olhar e, em seguida, as sobrancelhas em um cumprimento. Ela acenou.

— Outra garota — chamou ela do outro lado da mesa. — Que alívio!

Laura jamais pensara em si mesma como “garota” e descobriu que gostava desse novo status. Acenou de volta.

— Encontre uma cadeira vazia — aconselhou Fenella. — Aqui, entre Rupert e Johnny. Eles vão cuidar de você. Rupert é meu marido. Johnny é um amigo. Agora eu preciso ir atender a porta. — Ela saiu apressada, contribuindo para o alvoroço que havia na sala.

Os dois homens abriram um sorriso simpático, e Rupert, de jeans e um velho casaco de *tweed*, levantou-se e puxou uma cadeira para Laura. Ela se sentou, pensando no tempo que levaria para poder voltar para casa. Não havia como dar qualquer contribuição útil a uma reunião como essa. Ela só ficaria sentada, quieta, escutando. Johnny, de jeans preto, camiseta e um cachecol de caxemira em volta do pescoço, lhe serviu água e estreitou os olhos para ela em forma de cumprimento. Ele era jovem e usava um brinco que, na opinião de Laura, parecia mais um aparelho auditivo. Como todos os outros, exceto Fenella e Rupert, usavam algum tipo de terno, inclusive a própria Laura, ele pareceu um bem-vindo sinal de informalidade.

— O Hugo vem? — perguntou Rupert quando Fenella voltou, seguida por uma jovem bonita, que carregava uma pilha de arquivos e se desculpou pelo atraso, mas apesar disso transpirava eficiência.

— Não. Ele está trabalhando.

A jovem se sentou e organizou a papelada em pilhas arrumadas, fazendo contato visual com todos. Ela parecia sintetizar tudo que Laura não era: extrovertida e absolutamente segura. Tem um sorriso simpático, pensou Laura, e não deve ser muito mais velha que eu, mas mesmo assim ela me assusta.

— Certo — disse o homem sentado na cabeceira. — vamos começar?

Todo mundo se ajeitou e tossiu, concordando.

— Sugiro que a gente se apresente e diga qual é o nosso papel nisso tudo — continuou ele. — Fen, que tal se usássemos crachás?

Fenella pareceu apavorada por um instante, até que a mulher que chegara por último respondeu:

— Eu tenho alguns! — Ela puxou um pacote. — Mas vocês mesmos terão que escrever neles — acrescentou. — Não pude fazer isso antes porque não sabia quem viria.

— Nós geralmente não fazemos esse tipo de reunião — murmurou Rupert. — Eu prefiro a mesa da cozinha e algumas garrafas de vinho.

Johnny, a quem esse comentário foi dirigido, riu:

— Humm. Eu sei. Já fui a algumas dessas.

Rupert sorriu para Laura na tentativa de incluí-la na conversa, mas não ajudou muito. O atraso provocado pela procura de canetas e para que as pessoas escrevessem seus nomes adiou o momento em que Laura precisaria se apresentar para uma sala cheia de estranhos, e foi muito bem-vindo. Mas ela teria que acabar fazendo isso, além de pensar num papel para si mesma quando achava que não tinha nenhum.

Ela captou o olhar da moça que a cumprimentara, e que agora assumia uma expressão de solidariedade. Em retribuição, Laura ergueu as sobrancelhas e ficou pensando por que achava que a reconhecia.

— Ok — começou o homem na cabeceira. — Eu sou Bill Edwards e vou organizar as coisas. Vamos pela esquerda.

— Sarah Stratford — apresentou-se a mulher que trouxera os crachás. — Estou aqui porque Fen achou que eu seria útil. Não tenho muita certeza disso.

— Você já foi útil — disse Fenella. — Trazendo os crachás.

— Se a gente puder continuar — interrompeu Bill Edwards, reprimindo qualquer inclinação à conversa.

— Desculpe — murmurou Fenella.

Laura sentiu que o homem estava sendo impertinente. A casa era de Fenella, assim como o festival; ela deveria ter permissão para no mínimo abrir a boca.

— Eu sou Dylan Jones, representante das Indústrias Alcan.

Ele deu a impressão de que se apresentar para centenas de pessoas era tudo o que fazia ao longo de um dia de trabalho e fez Laura sentir que já devia ter ouvido falar das Indústrias Alcan, que ela desconhecia.

— Monica Playfair — anunciou aquela que havia se autodenominado uma das “garotas”. — Estou aqui para animar as coisas!

Ela deu a impressão de que seu papel era essencial. Ergueu as sobrancelhas de modo conspirador para Laura, que se permitiu sorrir em retribuição.

— Eu sou Tricia Montgomery, estou aqui em nome de Eleanora Huckleby. — Tricia parecia confiante e sorriu para todos em volta da mesa. — Ela não pôde vir.

Laura não conseguiu decidir se estava contente por Eleanora estar envolvida no projeto ou não. E por que Eleanora não mencionara que sua assistente viria? Contudo, se não fosse preciso trabalhar diretamente com ela, talvez não fosse tão ruim. Tricia parecia bem menos audaz que sua chefe.

— Eu sou Fenella Gainsborough. Eleanora Huckleby é minha tia, e para começo de conversa, a ideia maluca desse festival foi minha. — Fenella despejou tudo apressadamente, como se estivesse confessando seus pecados a um grupo de autoajuda.

— Jacob Stone — disse o homem à direita de Fenella, que só declarou seu nome, sem tentar interagir com a plateia.

— Eu sou Rupert Gainsborough, também responsável pela ideia maluca. — Fenella sorriu para ele, obviamente agradecida pelo apoio.

Era sua vez agora. Ela pigarreou e pensou em Grant encorajando-a.

— Eu sou Laura Horsley e não tenho certeza do motivo que me trouxe aqui, mas me pediram para vir e eu vim.

Embora soubesse que Grant se envergonharia dela, não conseguiu dizer que Eleanora Huckleby tinha achado que ela poderia dar sua contribuição.

— Johnny Animal. Estou encarregado do lado musical. Conseguir artistas, coisas assim.

— Nome artístico — murmurou Rupert.

Bem, ele podia ter um nome tolo e ser muito jovem, mas tinha um ar muito confiante, considerou Laura.

Agora que todos haviam se apresentado, eles começaram a jogar conversa fora outra vez. Sarah distribuiu blocos de papel e as pessoas que não haviam escrito seus nomes antes o faziam agora. Bill Edwards olhou em volta e, temendo já ter perdido o controle da situação, tossiu e deu uma batidinha no seu copo d'água.

— Posso declarar essa reunião aberta? — perguntou ele.

— Se precisar — murmurou Johnny para Laura, e ela sorriu.

— Bem — disse Bill —, estamos todos aqui? — Olhou em volta. Era óbvio que adorava controlar uma sala cheia.

Todos fizeram que sim.

— Então, podemos ouvir um relatório da parte musical?

Várias pessoas começaram a falar ao mesmo tempo. Bill ergueu seu bloco e acenou até que todos parassem.

— Por favor, um de cada vez, e só falem por intermédio do presidente desta reunião!

Johnny Animal pareceu confuso por um instante e depois falou.

— Você quer que eu fale sobre a parte musical?

— Sim, por favor — respondeu Bill, tomando notas.

Laura cogitou o que diabos ele poderia estar anotando e observou que, a julgar pela fisionomia, Sarah se perguntava a mesma coisa.

— Não sei bem como é falar por intermédio de um representante, mas temos alguns grandes nomes contratados... Ou quase. É sempre difícil fazer as pessoas se comprometerem.

— Não é? — murmurou Monica, que em retribuição recebeu uma expressão fechada do presidente da reunião.

— Então, quem você conseguiu... Desculpe... — Rupert olhou para o presidente. — Senhor presidente, posso perguntar quais bandas realmente concordaram em vir?

— Os Caped Crusaders — disse Johnny. Houve silêncio quando obviamente ele achou que deveria haver aplausos, ou pelo menos murmúrios de aprovação. — Eles estiveram em Glastonbury ano passado.

— Ah, sim — comentaram algumas pessoas quando a lembrança deu o ar da graça. Laura concluiu que talvez fosse a única pessoa ali que nunca estivera em Glastonbury. Bem, ela e Bill Edwards.

Johnny mencionou algumas outras bandas e, no fim das contas, a parte musical do festival começava a tomar forma. Laura desenhava rosas em seu bloco, decidida a se desculpar com Fenella assim que possível e dizer que não poderia comandar a parte literária do festival, não se precisasse sempre falar por intermédio de um representante em encontros daquele tipo.

— Então — disse Bill Edwards, depois de ter preenchido dois lados do papel tamanho A4 com notas, enquanto Laura tinha uma bela pérgula em andamento —, e a parte literária?

Fenella pigarreou, olhando para seu bloco vazio com ansiedade e depois para o presidente. Laura parou de rabiscar, ficando logo nervosa, como se a pergunta tivesse sido feita diretamente para ela, mesmo que ainda não estivesse envolvida. Provavelmente nunca estaria.

— Posso falar sobre isso? — perguntou Sarah, para alívio de Laura.

— Ah, por favor — assentiu Fenella, aquietando-se em seu assento, também com óbvio alívio.

— Como todos vocês sabem, ou talvez não saibam, essa ideia foi de Fenella e é brilhante! Muita gente não viria a um festival de música, mas acrescente grandes nomes da literatura e elas virão em manadas. Pensem em Cheltenham, Edimburgo, Hay-on-Wye.

— Prefiro pensar em Glastonbury — murmurou Johnny Animal e levou uma cutucada de Fenella.

— É um enorme potencial de mercado — continuou Sarah —, mas o que precisamos é de um patrocinador. — Ela olhou em volta, sorrindo de um modo

que convidava as pessoas a serem voluntárias. — Bill? — Ela olhou esperançosa para o presidente.

— Só estou aqui para manter a ordem, como vereador local — vociferou ele. — Não estou dizendo que não irei conseguir que a Câmara patrocine um pequeno anúncio ou um pequeno evento, mas não posso gastar o dinheiro dos contribuintes, ou pelo menos não muito.

Algo na expressão de Sarah fez Laura concluir que ela não estava muito surpresa com isso. Sarah voltou sua atenção para Tricia Montgomery.

— Precisamos de autores de alto gabarito para atrair bastante gente.

Laura continuou calada, absorvendo tudo. Se eles contavam com a experiência de Tricia e de Fenella na organização, certamente não precisariam dela, calculou.

— Farei o melhor que puder, é claro — garantiu Tricia. — Como a agente renomada que é — ela fez uma careta —, Eleanora tem todos os contatos. É provável que consiga convencer Damien Stubbs a vir, e Amanda Jaegar...

— Quem? — questionou o presidente da mesa, falando em nome de muitos.

— Nomeada para o Orange — explicou Laura automaticamente, esquecendo-se de que não queria chamar atenção para si, mas perdendo o controle. Afinal, eles estavam no território dela. — Não devia ter ganhado no ano passado, muita gente achou.

Tricia sorriu para ela.

— E Eleanora achou... Nós estávamos esperando que a Laura aqui nos conseguisse autores em quem pudéssemos nos basear.

Em pânico, Laura largou o lápis ao perceber que todos estavam olhando para ela e se amaldiçoou por abrir o bico sobre Amanda Jaegar. É isso que acontece quando se banca a sabichona.

— Eu realmente não tenho certeza... — balbuciou ela. — Quer dizer... Não tenho experiência...

Sarah a interrompeu delicadamente.

— Vamos apenas discutir o que gostaríamos, promover para nós mesmos o cenário dos sonhos e então ver o quão perto disso conseguimos chegar?

— O trabalho dela é organizar casamentos — murmurou Rupert.

— Ela parece muito eficiente — comentou Laura, pensando com alívio que, com Sarah no barco, ela não seria realmente necessária. Iria se desculpar e sair. Eles seriam bem-sucedidos sem ela.

A discussão continuou, sem produzir qualquer resultado, até que Fenella se levantou.

— Certo! Hora do chá! Vamos descer para a cozinha, todo mundo. Eu tenho sanduíches, bolos e pães e tudo precisa ser comido.

Houve um momento de “condescendência” e “essa reunião está suspensa” por

parte de Bill e então uma debandada. Nas escadas, Laura ficou ao lado de Monica.

— Que chatice, hein! — reclamou Monica. — Acho que vai ser incrível quando realmente acontecer, mas até lá... Nossa!

— É estranho, mas eu acho que já conheço você — disse Laura. — Você aparece na TV?

— Não com frequência. Tenho uma banda.

— Ah! — gritou Laura. — Agora eu sei por que a reconheci, só que você não tem cabelo rosa! Eu a vi no palco! Você é genial!

— Onde é que nos viu?

Laura falou do lugar.

— Foi duas noites atrás. Eu amei!

— Ah, que bom. Legal encontrar uma fã. Nós vamos participar desse festival. Johnny que arranjou. Uma coisa diferente. E eu disse que também ajudaria se eles precisassem.

— Talvez vocês pudessem fazer algo na parte literária também. Sabe, alguém... Um ator, por exemplo... Lendo um trecho de um livro, e a sua banda tocando uma música que combinasse. — Então Laura se lembrou de que não participaria do festival e, portanto, não deveria ter ideias. Embora tivesse que admitir que estava começando a pensar que se envolver não seria uma ideia tão impossível, afinal.

— Legal! — elogiou Monica. — Isso parece ótimo! Algo como Philip Marlowe seria o máximo! A gente poderia fazer uns números mais suaves, meio etéreos, para acompanhar. Poderíamos conseguir uma máquina de fumaça para dar uma atmosfera de boate.

Parecia mesmo muito bom, mas quando elas chegaram ao térreo e as escadas para a cozinha eram muito estreitas para conversar, Laura não se sentiu obrigada a explicar que não era com ela que aquilo devia ser discutido.

Fenella, ou alguma outra pessoa, havia servido uma mesa maravilhosa, à moda antiga, na melhor tradição dos clubes esportivos — na verdade, de qualquer lugar onde sanduíches e bolos pudessem ser reconfortantes. Havia um recipiente grande para o chá e um enorme bule de café.

— Isso é incrível! — comentou Laura, ao ficar ao lado de Fenella. — Achei que, com sorte, eu poderia encontrar uns biscoitos murchos de maisena.

— Quando recebo um monte de gente, gosto de me defender com bastante comida. Mas não fui eu que fiz tudo isso, só alguns dos bolinhos. Os cachorros vão comer o que sobrar. Deixei todos trancados por causa da reunião.

Johnny falou de boca cheia, segurando um prato abarrotado.

— Se depender de mim, os cachorros não ganharão nada. Se você já não fosse

casada...

— Eu não me casaria com você, mas obrigada pela oferta — cortou Fenella, rindo.

Tricia Montgomery reuniu-se ao pequeno grupo que se formava perto do fogão, distante da mesa.

— Eleanora me contou que você já leu de tudo e que organizou uma noite de autógrafos fantástica para Damien — disse a Laura. — Será que ele viria? Ele gosta de festivais literários.

— Isso seria genial — comemorou Fenella, rabiscando num guardanapo. — Como é o sobrenome dele?

— Stubbs — respondeu Tricia. — Mas Eleanora ficou realmente impressionada com você, Laura. Disse que nunca havia encontrado alguém tão jovem com tanta bagagem literária.

— Ah, que nada...

Sua autodepreciação foi ignorada.

— Não é sempre que um funcionário de livraria tem um conhecimento tão vasto de literatura contemporânea — continuou Tricia, para enorme constrangimento de Laura.

— Ah — interrompeu Fenella. — Eu não consigo ter tempo suficiente para ler, mas o que você acha da Anita Dubrovnik? Eu sei que é a escritora do momento... Como todos os outros clubes do livro do país, estamos lendo o último dela. — Fez uma pausa. — E sei que não vou ter tempo para acabar.

Laura riu.

— Eu dirijo um clube do livro na livraria e sempre digo às pessoas que venham mesmo se não tiverem lido. Muitas vezes, elas podem fazer perguntas que realmente impulsionam a discussão.

— Duvido que eu possa fazer isso eternamente — disse Fenella. — Então? Dá para me arranjar uma cola?

Laura se viu fazendo críticas resumidas de todos os últimos livros da lista dos mais vendidos e percebeu que estava feliz por ser o centro das atenções, algo muito incomum para ela. Talvez fosse a atmosfera relaxante da cozinha, pensou, distante de toda aquela formalidade forçada lá em cima.

Jacob Stone, que não abrira a boca até então, foi até o grupo delas. Ele era baixo e atarracado, mas tinha presença. As pessoas pareciam escutar quando ele falava, e como ele não o fazia com muita frequência, criava certo impacto quando decidia se manifestar. Agora, segurando uma caneca de chá numa das mãos e um pedaço de bolo na outra, ele perguntou:

— Você conhece Dermot Flynn?

— Ah, conheço — respondeu Laura, genuinamente entusiasmada. — Ele é

brilhante. Ele foi...

— Traga-o para o festival e eu o patrocino, com qualquer soma que seja necessária — declarou Jacob Stone, cortando seu ímpeto de entusiasmo.

Laura engoliu em seco, a boca subitamente ressecada. Esse homem pensava que ela o conhecia pessoalmente. Talvez fosse seu autor predileto, mas ela não o conhecia, não mais do que conhecia Shakespeare, apesar dos muitos trabalhos que fizera sobre ele. Ela precisava explicar.

— Áhh...

— Ah, isso seria maravilhoso! — disse Fenella, sem perceber aquela curta interjeição. — Nem posso lhe dizer o quanto ficaríamos agradecidos. Não podemos fazer isso sem um patrocinador e... Bem, é difícil conseguir um — acrescentou, de repente parecendo um pouco acanhada.

— E eu era o único milionário que você conhecia? — sugeriu Jacob Stone.

— Sim, é verdade, mas nós ficaríamos superempolgados...

— Se Dermot Flynn vier, ficarei orgulhoso de apoiar.

— Mas... — Laura tentou interromper. Agora todo mundo parecia pensar que ela o conhecia. Ela precisava pôr um ponto final nisso. — Eu não...

— Ele é um dos agenciados de Eleanora. Absolutamente cativante, mas quase impossível de se administrar. — Tricia Montgomery dava a impressão de que queria muito estar lá fora, fumando um cigarro. — Você não vai conseguir que ele venha ao festival, a menos que ele fique muito a fim.

— Eu não quis dizer que o conhecia pessoalmente — explicou Laura, finalmente conseguindo falar. — Falei que conheço seu trabalho e acho que ele é genial.

— Ah, ele é mesmo! — concordou Tricia. — Mas é um *enfant terrible*. Como eu disse, é difícil administrá-lo, e nós achamos que ele está estabelecendo um recorde de atraso em seu último livro. Já se passaram *anos* do prazo.

— Como eu disse, minha condição é a presença dele aqui — insistiu Jacob Stone, num tom de quem não aceitaria argumentos. — E sem querer ser cruel, se ele não vier, vocês terão que procurar outro patrocinador. — Então ele se virou e saiu andando.

Todos tomaram fôlego ao mesmo tempo e depois começaram a falar com Laura, que só queria pôr as mãos no rosto e se esconder. Só com muita força de vontade conseguiu não fazer isso.

— Se você conseguisse convencê-lo a vir seria um tremendo trunfo — falou Tricia. — Todos os formadores de opinião do mundo literário virão. Eu sei que haverá muitos outros escritores, mas ninguém o vê há anos. Seria incrível.

— Oh, Laura, por favor. Eu imploro! Tente trazê-lo. Precisamos do dinheiro. Só Deus sabe quem conseguiremos como patrocinador se Jacob Stone não abrir

a mão! — reforçou Fenella. — Se tivéssemos escolha, não o teríamos procurado, ele é tão excêntrico. — Ela se virou para Laura, num tom levemente acusatório. — Você disse que o conhecia!

Será que ninguém a havia escutado?, pensou Laura, frustrada.

— Eu conheço o trabalho dele! Como Shakespeare! — soltou num tom agudo.

— Isso sim que seria um trunfo — gracejou Rupert, piscando para Laura —, trazer o Shakespeare junto. — E pôs um *cupcake* em sua mão.

— Dizem que ele é lindo, é verdade? — perguntou Monica.

— Quem, Shakespeare? — perguntou Fenella.

— Não! Dermot Flynn! — corrigiu Monica.

Todos olharam para Laura, como se ela fosse a especialista oficial em Dermot Flynn.

— Ele era quando jovem, julgando pelas fotos — admitiu Laura, pensando se as pessoas iriam parar de esperar coisas dela se ela pusesse o bolinho inteiro na boca.

— E Eleanora me contou que ele está participando de um pequeno festival na Irlanda, num lugar chamado Ballyfitzpatrick — acrescentou Tricia, pegando um *cupcake* da mão de Rupert e tirando o papel que envolvia o bolinho.

— Ah — soltou Monica, parecendo surpresa.

— Acho que ele mora lá — explicou Tricia. — E não acredito que seja realmente um festival literário, só uns amigos que se reuniram e montaram alguma coisa — continuou ela, para depois dar uma mordida no bolinho.

Laura viu uma rota de fuga.

— Ah, bem, então vocês só precisam fazer a Eleanora convidá-lo a vir a esse aqui. Vai ser pequeno e agradável, ele deve aceitar. — Ela passou o pepino adiante sem cerimônias.

Tricia deu uma risada sonora.

— Mas como se comunicar com o homem? Ele não abre cartas, e-mails nem atende o telefone ou retorna ligações. Eu já disse, ele é um pesadelo!

— Então como foi que você descobriu que ele está participando desse festival? — perguntou Monica. — Se ele não se comunica nem nada?

— Eleanora estava procurando por outra coisa e isso apareceu na internet. É um evento de música, poesia e comida irlandesa, um troço assim.

— Parece legal! — exclamou Monica, cheia de entusiasmo. — Mas quem é que faz um festival literário no inverno?

Fenella ignorou o comentário enquanto se dirigia a Laura.

— Você só precisa ir até esse lugar e pedir que ele venha até aqui — insistiu ela. — Se esse for o único jeito de conseguir que ele participe...

— Grande ideia! — elogiou Monica. — Eu vou com você. A gente vai se

divertir à beça!

Só por um segundo, Laura ficou tentada. Monica era tão divertida, sua confiança e alegria de viver eram contagiantes. E fora sua música que fizera Laura pensar mais a fundo na vida. Por alguma razão, elas tinham um vínculo. Mas então ela se deparou com a realidade.

— Vocês não estão entendendo...

— Mas você já organizou um monte de eventos literários na sua livraria — disse Fenella, parecendo indignada.

— Sim — começou Laura, em uma tentativa de se explicar —, mas quando fiz isso, escrevi cartas formais através do editor ou agente. Foi o departamento de publicidade que decidiu se eles iam ou não e quando. Era tudo com eles. Eu não precisei visitar os escritores pessoalmente! — Ela se virou para Tricia, buscando apoio, sentindo que as coisas estavam outra vez ficando fora de controle. — Qual é a editora dele? Peça que o convidem.

— Faz anos que ele não tem contrato, e se não responde a Eleanora, que é um osso duro de roer, pode acreditar, ia ignorar completamente o departamento de publicidade.

— É da minha tia que você está falando — lembrou Fenella —, mas tem razão: ela não é fácil.

— Então é preciso ir à Irlanda e trazê-lo — concluiu Monica. — Como um são-bernardo que sempre salva seu dono.

O ridículo da situação tomou conta de Laura e ela começou a rir.

— Eu não sou nenhum são-bernardo, nem sequer um labrador. Não busco nada.

— Mas seria tão divertido! — continuou Monica, rindo também. — Eu vou com você. Vai ser uma loucura!

Fenella pareceu sentir que Laura titubeava; ir a qualquer lugar com Monica seria definitivamente diferente.

— Oh, meu Deus, muito obrigada! — Sem qualquer pudor, Fenella deu sua última cartada. — Nem posso dizer o que isso significa para mim. E é obvio que nós vamos pagar a ida de vocês até lá...

— Mas suponhamos que eu vá e ele se recuse a vir? — Embora ainda rindo, Laura estava sentindo a forte pressão.

— Pelo menos você vai poder dizer que fez o possível — respondeu Tricia.

— Meu Deus, garota! — disse Monica com firmeza. — Você acha que ele vai conseguir resistir? Os irlandeses são todos uns mulherengos incorrigíveis. Ele vai se forçar a fazer qualquer coisa por nós!

— Diga apenas que vai tentar — pediu Tricia. — Talvez mesmo assim Jacob Stone patrocine o festival se você der o máximo de si.

Fenella balançou a cabeça.

— Acho que não. É o tipo de homem que faz o que diz.

— Como foi que ele conseguiu ficar milionário? — perguntou Tricia, o que agradou Laura; ela não queria perguntar, mas adoraria saber. Ficou contente também que a discussão tivesse se desviado dela.

— Diamantes industrializados — explicou Fenella. — E ele é tão duro e resistente quanto um desses.

— Então como é que você conseguiu fazê-lo vir à reunião? — Tricia estava obviamente intrigada.

— Bem, ele tem uma ligação com a família do Rupert e, embora não tenha feito faculdade nem nada disso, é grande fã de literatura. Lê os resumos de todos os indicados para o Man Booker do ano, esse tipo de coisa. Era a escolha natural quando estávamos procurando um patrocinador. — Ela se virou para Laura. — É por isso que é tão importante que você consiga trazer Daniel O’Flaherty ou quem quer que seja.

— Dermot Flynn — corrigiu Laura, com um suspiro.

Monica já decidira.

— Nós iremos à Irlanda e o traremos. — Ela fez uma pausa, olhando para Laura. — Eu te dou ingressos para o nosso próximo show se você concordar.

Laura olhou para Monica, pensativa. Os ingressos seriam um bom presente para Grant, e ela lhe devia algo por emprestar o carro.

— Por que você está tão animada?

— Eu realmente quero ir. — Hesitou por um instante. — Eu tenho um negócio meio inacabado por lá. — Ela enfiou o braço no de Laura de modo amigável. — E vai ser divertido, pelo amor de Deus! — emendou com um sotaque irlandês forçado, fazendo todo mundo rir.

Laura sentiu que havia lutado ao máximo e não conseguia mais. Ergueu as mãos, se rendendo.

— Está bem, vou fazer o possível. Mas não prometo nada.

Fenella se inclinou para a frente e deu-lhe um abraço.

— Você é uma preciosidade! Muitíssimo obrigada! Vou fazer o Jacob Stone pagar pelas passagens de vocês.

— Férias de graça em janeiro — disse Laura. — Na Irlanda. Como eu posso resistir?

Capítulo 4



— É supergentil da sua parte vir comigo — disse Laura a Monica enquanto elas esperavam dentro do Fusca (um carro que, segundo a artista, combinava com sua imagem de cantora de uma banda da década de 1940) para entrar na barca. — Ainda mais numa hora dessas.

Eram duas horas da madrugada e elas estavam muito cansadas.

— Isso significa que vamos dirigir com a luz do dia quando chegarmos no outro lado — afirmou Monica. — E eu queria vir. Você nunca teria vindo sozinha, e eu já te falei que tenho motivos pessoais para estar aqui. Além disso... — Ela se calou, franzindo um pouco o cenho, como que pensando na melhor maneira de expressar seus pensamentos. — Tem algo em você que eu gosto. Acho que se não fosse tão fechada, seria muito divertida.

Laura riu.

— Algumas pessoas acham que eu sou bem divertida mesmo fechada assim. — Provavelmente Grant era o único que se encaixava nessa categoria, mesmo que ele também estivesse tentando fazê-la sair da própria toca, mas ela sentiu que devia protestar um pouco contra o elogio torto de Monica.

— Tenho certeza, mas eu acho que você seria muito mais divertida se saísse mentalmente de trás do balcão de uma livraria.

— Andou falando com o meu amigo Grant? — perguntou ela, desconfiada.

Monica riu.

— Não. Ainda não o conheço. — Um homem saiu das sombras e fez sinal para que elas avançassem. — Graças a Deus, é a nossa vez agora. Espero que não nos coloquem num lugar ruim. — Lentamente, ela avançou com o carro.

— Como você sabe tanto sobre *ferryboats*? — perguntou Laura, contente por não ter que dirigir o carro numa escuridão infernal e interpretar os sinais dos homens de casacos fluorescentes que andavam de costas rapidamente.

— Eu costumava dirigir uma van antiga, levando a banda — explicou Monica, parando no fim de uma fila de veículos. — *Ferryboats* não são um problema.

Fenella insistira que elas reservassem uma cabine, mesmo que apenas por um curto período. Afinal, Jacob Stone estava pagando e podia arcar com isso. Se ele exigiria o dinheiro de volta caso elas retornassem de mãos vazias, por assim dizer, ainda era um mistério.

— Nós pensaremos em algo a dizer a ele quando nos encontrarmos para a primeira reunião de fato — dissera Fenella, de modo displicente. — Contanto que vocês façam o melhor possível, não haverá problema. — Em seguida a despreocupação a abandonou. — Vocês percebem que precisamos fazer com que Dermot Flynn confirme o quanto antes? Caso contrário, teremos que encontrar não só outra estrela literária, mas outro patrocinador, e esse só Deus sabe onde vamos achar.

Laura tinha concordado.

— Só podemos dar o melhor de nós, mas faremos isso, prometo. No entanto, caso eu não consiga tirar folga no trabalho, Monica terá que ir sozinha.

Contudo, ela não escaparia dessa facilmente. Henry quase a havia empurrado porta afora.

— A época depois do Natal é sempre tranquila, e Brenda pode fazer algumas horas a mais, se ficar movimentado.

Como essa desculpa para não viajar não funcionou, Laura foi visitar os pais, sentindo que já era hora de saberem de sua situação de desemprego iminente. Ela e Grant discutiram a visita antes de sua ida. Essa era uma das coisas que os uniam: a tia de Grant nunca tinha ouvido falar em homossexuais, e os pais de Laura ainda a repreendiam por ter se formado na universidade e acabar trabalhando numa loja. O fato de ser uma livraria não fazia diferença.

— Pelo menos a gente ainda pode pensar na nossa noitada — dissera Grant, que uma vez tinha levado Laura para conhecer sua tia e dar a impressão de que tinha uma namorada.

— É, e minha mãe vai me mandar para casa com um bolo de frutas, já que ela ainda acha que eu sou uma estudante.

— Humm. Acho que tive uma overdose de bolo de frutas no Natal, mas traga de qualquer modo.

Seus pais a receberam do modo contido de sempre. Ficavam contentes por vê-la, mas suas visitas mensais atrapalhavam um pouco a rotina deles.

— Olá, minha querida — cumprimentou sua mãe, beijando-a. — O jantar não vai demorar. Vá assistir ao noticiário com seu pai, e eu chamo vocês quando estiver pronto.

— Eu ponho a mesa para você — prontificou-se Laura, sentindo uma onda de amor pela mãe. Muitas vezes ela podia se sentir uma estranha no ninho, mas sabia que sua mãe fizera absolutamente o melhor que podia por ela. Não era

culpa de ninguém que Laura sempre havia sido diferente dos pais.

— Você não se importa de comer na cozinha, não é?

Enquanto ela enchia uma jarra com água, Laura se perguntou por que sua mãe tinha pensado que ela poderia se importar. Era uma copa-cozinha e eles sempre comiam ali.

— Espero que eu não seja considerada uma visita a ponto de você achar que deveríamos comer na sala de jantar. — Laura encontrou o jogo americano na gaveta e o distribuiu.

— Bem, nós não a vemos com muita frequência.

— Eu sei e sinto muito, mas nem sempre é fácil vir até aqui.

Sua mãe crispou os lábios.

— Tenho certeza de que você poderia conseguir um emprego numa livraria um pouco mais perto de casa.

— Bem, sim. Na verdade, tenho uma novidade. Mas acho que vou esperar até o papai estar aqui, para não ter que contar tudo de novo.

— Não acredito que você vai vagabundear na Irlanda quando devia estar procurando por outro emprego! — declarou seu pai um pouco mais tarde, largando o garfo e a faca para dar ênfase às palavras.

— Esse festival literário pode acabar sendo uma grande oportunidade — protestou Laura, baixinho. — Você sempre disse que era um desperdício eu trabalhar numa livraria. Eles ficaram impressionados com o meu conhecimento de literatura contemporânea.

Isso só serviu para lançar seu pai num repetitivo embate sobre diplomas de Letras e um “conhecimento de literatura contemporânea” ser total perda de tempo. Sua mãe também não havia se entusiasmado muito com a coisa toda. Laura acabou indo embora o mais cedo possível, contente por ter combinado de se encontrar com Grant mais tarde.

Grant aproveitou para reiterar a oportunidade que isso significava para ela.

— Você precisa abrir as asas, ter novas experiências! Eu sei que você acha que só quer encontrar outra livraria como a do Henry e se enterrar nela para sempre, mas não é nada disso! Você deve seguir seus sonhos! Que, por sinal, seriam...? — acrescentou ele, verificando se ela tinha algum.

Laura respirou fundo, tomando fôlego.

— Bem, na verdade, eu sempre quis trabalhar como editora. Não creio que esse festival vá me levar a algo assim, mas serviu para abrir meus olhos sobre a existência de outras oportunidades relacionadas a livros.

— Fantástico! Vamos tomar outro Baileys para celebrar.

Assim, apenas uma semana depois, Laura e Monica se encontravam numa barca rumo à Irlanda.

*

Agora Monica e Laura estavam num café na pequena aldeia de pescadores na costa oeste da Irlanda, onde ocorria o “Festival Cultural” que elas tinham ido ver. Passaram umas 19 horas viajando, fizeram algumas paradas, passaram horas no *ferryboat* e tiraram uma soneca num acostamento.

— Acho que eu nunca mais vou comer — comentou Monica, olhando para o prato vazio em descrença.

— Bem, com certeza hoje à noite não precisaremos comer — concordou Laura. — Agora eu sei qual é a diferença entre um café da manhã inglês e um irlandês: tamanho.

— E aquelas divinas panquecas de batata.

— E a morcela preta e branca.

As duas se recostaram nas cadeiras e acabaram de beber o chá forte, suspirando de prazer e se sentindo um pouco mais humanas novamente.

— Achei que nunca chegaríamos — disse Laura. — Até parece que faz dias que estamos viajando. — Bocejou. — Só consegui dormir quando já estava na hora de acordar de novo.

Monica estava mais otimista.

— Pelo menos o mar não estava agitado, e acho que o tempo que passamos no bar me deixou no espírito da Irlanda... Toda aquela cantoria, os violinos e a percussão. E dormir juntas nos tornou praticamente melhores amigas.

Laura deu uma risada sonolenta.

— Ahã.

— A estrada realmente cria vínculos.

Laura concordou.

— Podíamos fazer um filme. — Monica tinha razão, elas passaram a se conhecer muito bem e, por sorte, quanto mais descobriam uma da outra, mais unidas ficavam. Tinham passado metade da noite conversando. — Acho melhor ir para uma pousada e tirar um cochilo — sugeriu Laura com um bocejo demorado.

— Aí a gente fica horas dormindo, acorda à meia-noite e não consegue mais levantar. Eu sei, já fiz isso antes. Não é nada divertido.

— Está bem, vamos deixar nossas coisas lá e depois dar uma caminhada ou coisa parecida.

— Na verdade — começou Monica —, eu estou a fim de dar uma olhada no carro. O volante ficou meio estranho. É provável que não dê problema, mas se houver uma oficina, seria burrice não dar uma conferida.

— Nossa! Claro que é preciso ver isso. Mas será que tem uma oficina aqui

que saiba lidar com carros antigos?

— É claro. Não é tão antigo assim. Tenho certeza de que não há nada de muito errado com ele. Só fico meio aflita com a possibilidade de uma pane longe de casa. Tivemos algumas situações horrorosas com a van, nem te conto.

— Posso imaginar — disse Laura, aliviada por Monica, que parecia tão viajada e supercalma, ter algumas neuroses normais.

— O pessoal da pousada deve saber onde tem uma oficina.

— Espero que não leve muito tempo para acharmos uma.

— Ah, fala sério. Que dificuldade pode haver em se encontrar algo num lugar desse tamanho? É mínimo!

— Eu sei. Não consigo entender por que fizeram o festival aqui e não na cidade que fica a uns 8 quilômetros. E como pode ser tão popular a ponto de mal conseguirmos encontrar um lugar onde descansar a cabeça? — Descansar a cabeça era uma grande prioridade nesse momento.

— Talvez seja por causa do escritor de quem o patrocinador gosta tanto. Talvez ele esteja atraindo ônibus lotados até aqui.

Laura deu de ombros.

— Bem, com certeza nós viemos de bem longe para vê-lo, mesmo que com segundas intenções. Mas é um lugar charmoso, não acha?

Elas olharam em volta, para as casas pintadas com cores vivas, os carros estacionados desordenadamente e os barcos de pesca ancorados na marina. Não era bonito de um modo convencional, mas tinha personalidade.

— Ahã — concordou Monica —, e se tiver uma oficina, eu vou achar ainda mais charmoso. Vamos!

Como Monica previra, não foi difícil encontrar a pousada. Era um bangalô, localizado atrás de uma cerca viva que o protegia da rua, mesmo que não houvesse um tráfego notável. A dona era uma daquelas pessoas prestativas que davam informações sem que fosse preciso perguntar.

— Boa tarde, meninas, meu nome é Marion — anunciou ela alegremente. — Entrem, entrem. Querem tomar um chá? Venham até a cozinha. Vieram para o festival? Imagino que estejam se perguntando por que o fazemos em janeiro. — Ela fez uma pausa para tomar fôlego. — O fato é que esse lugar lota no verão, um verdadeiro ponto turístico, mas nada acontece no inverno, então eles pensaram em fazer algum festival em Patricktown... Sabem? Mais adiante?

Laura e Monica fizeram que sim e se sentaram à grande mesa de madeira.

— Bem, é de chá tradicional que vocês gostam? Se não, eu tenho Earl Grey, Lady Grey, todo tipo de chás de ervas, chinês...

— Chá tradicional, por favor — disseram as duas, em uníssono.

— Mas ele disse... O seu grande escritor, Dermot Flynn... Ele disse que não

viajaria 8 quilômetros para ir a um festival literário, então decidiram fazer aqui. É ótimo para o comércio. Vocês já tomaram chá, quero dizer um chá completo, não só uma xícara de chá?

— Sim, fizemos um desjejum para o dia inteiro lá no café.

— Ele deve ter servido um café irlandês completo, não foi?

— Serviu, mas nós só vimos uma garota.

— Ah, sim. Ela é minha sobrinha. Uma menina adorável.

Acompanhadas por uma conversa constante e amistosa, as duas foram conduzidas ao quarto. Nas palavras de Monica, o cômodo era uma pintura.

— Nunca vi algo tão deliciosamente *kitsch* na vida! É um palácio de fadas! — exclamou ela depois que a dona saiu e já não podia ouvir.

— E todo lilás — concordou Laura, um pouco menos espantada. — Acho que não ia encontrar lugar para mais um enfeite roxo, nem se a minha vida dependesse disso.

Monica se jogou numa das camas de solteiro.

— Confortável. Que tal o banheiro?

— Lilás — respondeu Laura, espiando o pequeno cômodo anexo. — Até o papel higiênico é lilás. Mas parece ter tudo, até banheira.

Seu desejo por um banho devia ter sido audível, pois Monica sugeriu:

— Por que você não fica de molho nela enquanto eu resolvo a questão do carro? Depois a gente pode sair ou simplesmente ficar aqui e assistir televisão.

Quando Monica voltou, a televisão estava ligada para as baratas, com Laura deitada numa das camas vestindo um roupão lilás, pregada no sono.

— Não há nada como ir para a cama cedo para ter vontade de se exercitar! — afirmou Monica.

Laura bebericou o chá que a amiga lhe trouxera na cama.

— Então você não acordou à uma hora da madrugada, afinal?

— Não. Além disso, o sol está brilhando, e como os dias são muito curtos, é melhor a gente sair e aproveitar!

— Você conseguiu ver o problema do carro?

— Consegui! Um senhor muito bonzinho vai consertar hoje. Não fica pronto até amanhã, mas tive uma ótima ideia para passarmos o tempo.

Não fazia muito tempo que Laura conhecia Monica, mas havia um letreiro escrito “segundas intenções” em néon bem na testa dela.

— Qual?

— Enquanto procurava a oficina, passei por um lugar que aluga bicicletas. Como eles não têm muitos fregueses no inverno, me ofereceram duas por uma pechincha.

— Bicicletas.

— É!

— Você notou que descemos uma longa ladeira até a aldeia? Aonde quer que a gente vá, vai ser preciso subir uma longa ladeira na volta.

— É um bom exercício.

Laura ocultou o sorriso atrás de outro gole de chá. Logo descobriria qual era a segunda intenção.

— Tudo bem então.

Conhecendo Monica como agora, Laura desconfiou de que se tratava de um homem.

— Você quer ir a algum lugar em particular? — perguntou ela cerca de duas horas depois, quando, cheias de um desjejum irlandês que incluiu várias xícaras de chá, elas empurravam as bicicletas morro acima, saindo do vilarejo.

O lugar que alugava bicicletas deu-lhes um mapa, capacetes e roupas sinalizadoras, não muito atraentes, mas extremamente práticas. O mapa estava meio amassado, mas Monica o tinha estudado atentamente antes de saírem.

A cantora não respondeu.

— Quando a gente anda de bicicleta, o truque é calcular a distância em cerca de 3 quilômetros por hora e depois multiplicar por três. Geralmente funciona se acrescentarmos meia hora.

— Faz anos que não ando de bicicleta.

— Tudo bem. Nunca nos esquecemos de como se anda de bicicleta — garantiu Monica. — É igual a...

— Deixa eu adivinhar... andar de bicicleta? — resmungou Laura ao subir no assento. Ela empurrou os pedais e avançou alguns centímetros, bamboleando um pouco. — Não sei se vou conseguir aguentar as ladeiras.

— Vai sim.

— Vou se você me contar o que está tramando. Não vou ter um infarto aqui sem saber por quê.

Monica se permitiu arfar um pouco.

— Um dos motivos para eu ter insistido na nossa vinda até esse buraco escondido era porque ele fica pertinho... Bem, a uma pedalada de distância de outro buraco escondido que eu realmente quero visitar.

— Por causa de um homem — afirmou Laura.

— Eu te falei isso ou você adivinhou?

— Talvez sejamos melhores amigas há pouco tempo, mas acho que já conheço você bem o bastante para adivinhar essa.

Monica tentou parecer ofendida, mas sem muito esforço.

Elas pararam de falar enquanto subiam mais alguns metros. Quando ficou um

pouco mais plano e Laura teve fôlego suficiente, explicou:

— Você me deu uma pista. Na reunião. Disse que tinha um negócio inacabado.

— Eu disse? Bem, tenho mesmo, e o nome dele é Seamus. Ele é um amor. Eu o conheci num show ano passado. Trocamos e-mails e cartões-postais por algum tempo e depois eu simplesmente não tive mais notícias. Quero saber o que aconteceu com ele.

Apesar de toda sua eficiência e natureza prática, Laura tinha um forte traço de romantismo. Ela podia não ter tido uma vida amorosa significativa, mas lera pilhas de livros de ficção romântica ainda muito nova, e eles haviam deixado uma marca em sua vida.

— E você estava apaixonada por ele?

— Não, isso não. Provavelmente obcecada. Ele é alto, moreno, de olhos azuis.

— Monica parou a bicicleta por um instante para pensar melhor. — Digamos apenas que ele está na minha lista de afazeres.

— Como assim? — Laura ficou confusa. Estava começando a transpirar e cogitou se isso não estava afetando seu cérebro.

Monica deu de ombros.

— Ah, sabe como é. — Ela fez uma pausa e olhou para a amiga que estava um pouco atrás. — Vai dizer que você não tem uma lista de *afazeres*?

— Quase sempre, mas não inclui homens.

— Não? A minha só inclui homens.

Laura sentiu uma súbita inveja. Sua lista era do tipo trivial: “faxina”, “ligar p/ casa”, “comprar desinfetante de privada”, tudo que mantinha sua vida nos trilhos. A de Monica não tinha nada disso, provavelmente começava com George Clooney, passava por Harrison Ford e ia até Jeremy Clarkson.

— Mas você não está apaixonada?

A ideia era obviamente ridícula. Monica riu.

— O que há com você e o amor? Não! Quero descobrir se ele é tão bom de cama quanto parece. Laura, por que está me olhando assim? Nunca imaginou alguém sem as calças?

— Não — ofegou ela. — Na verdade não. — Ela deu uma pequena corrida morro acima, tentando emparelhar com Monica, que era mais alta e obviamente estava em muito melhor forma.

— O quê? Nunca? Eu nunca iria para a cama com alguém por quem não sentisse muita atração.

Houve uma pequena pausa antes que Laura dissesse:

— Nem eu.

Monica insistiu com jeito alegre.

— Então está certo. Mas não acho legal ir para a cama com alguém só porque a pessoa está ali ou porque a gente precisa de uma carona para casa ou coisa parecida.

— Eu não saberia dizer... — murmurou Laura. — Eu sou...

— Espera aí. — Monica parou de repente e se virou. — Você está me dizendo o que eu acho que está?

— Não sei. Espero que não. — Laura ofegava ao emparelhar com a amiga e lamentava sua necessidade momentânea de confessar algo de que não se envergonhava, mas que a tornava um pouco incomum e possivelmente estranha. Monica a olhava com curiosidade.

— Quando você diz que “não saberia dizer”, isso quer... Você é... virgem? Quer dizer... Nunca foi para a cama com um homem?

— Eu sei o que significa ser virgem.

— E você é?

Monica não parecia estar julgando-a.

— Sou — admitiu Laura, constrangida. Não que fosse tão errado ser virgem, mas era esquisito. Ela enxugou a testa para não ter que ver Monica encarando-o.

— Que idade você tem? — Monica não tinha o olhar fixo nela, mas parecia curiosa.

— 26.

— Nossa! — exclamou Monica, impressionada. — E esperou todo esse tempo!

— Eu não estava esperando, simplesmente não aconteceu.

— Bem, eu acho muito legal — disse Monica após uma pausa. — Estranho, mas legal.

Ela partiu morro acima outra vez e Laura foi atrás.

— Não é nada de mais. É que eu realmente acho que devia ser com a pessoa certa para mim.

— É claro — concordou Monica, hesitante. — Acho adorável que você não fique transando por aí como eu.

— Você faz isso?

Era óbvio que Monica era o que seu pai despreveria como “fácil”, mas ao mesmo tempo ela não parecia desprovida de moralidade.

Monica deu de ombros.

— Bem, na verdade não, mas não fico me segurando, sabe como é. Sempre tomo cuidado, sempre uso camisinha, me certifico de gostar um pouco do cara e de não querer apenas tirar as calças dele. — Ela fez uma pausa. — Mas do seu jeito é melhor, tenho certeza.

— Não foi exatamente uma questão de escolha.

Monica ficou pensativa.

— Ou talvez você pudesse fazer muito pior e ir para a cama com um amigo, só para acabar logo com isso.

Laura balançou a cabeça.

— Não estou supervalorizando isso; ser virgem não interfere na minha vida. Além disso, meu melhor amigo é gay.

— Ah, o Grant? Bem, talvez você encontre outro homem legal com quem seja bom e seguro fazer isso.

— Talvez.

Porém, por mais que ainda ser virgem a fizesse se sentir estranha, ela não queria lidar com a questão de um modo tão pragmático. As coisas tinham acontecido dessa forma, e ela nunca sentira a necessidade de se livrar da situação como se fosse um móvel antiquado.

Laura foi andando a maior parte dos quase 5 quilômetros até o vilarejo, mas tinha a expectativa de deslizar encosta abaixo na volta para Ballyfitzpatrick. Fazia muito tempo que ela não se exercitava tanto, mas, apesar de consciente do despreparo físico, estava gostando da sensação de ter todos os músculos trabalhando, e toda aquela energia fazia com que se sentisse feliz.

— Você precisa admitir, a vista é absolutamente deslumbrante! — disse Monica, que estava acostumada a pedalar e, ao contrário de Laura, ofegava pouco.

— Ah, sim, é incrível.

Elas estavam em cima de um penhasco, olhando para o mar, reunindo energias antes de sair à caça do Objeto de Desejo de Monica. O sol brilhava como diamantes nas ondas. O céu estava azul-claro e parecia cintilar com a possibilidade de uma geada. A relva no alto do penhasco estava bem baixinha, ainda verde, apesar de ser inverno. Atrás delas encontrava-se uma fila de casas caiadas. Depois que Monica parou de suar, o plano era bater na porta de seu possível amante. Laura tinha planejado ficar e admirar a vista, mas ainda não havia contado a Monica. Não sabia como ela aceitaria isso.

— Na verdade — disse Laura —, acho que vou me deitar aqui.

Ela fez isso e foi maravilhoso. A longa caminhada morro acima a havia aquecido, e o sol no rosto frio a fez pensar no verão. Talvez essa viagem não fosse uma batalha perdida e, se fosse, o melhor a fazer era aproveitar. Grant sempre dizia que ela levava a vida muito a sério. Bem, talvez ela parasse de fazer isso e se deixasse levar pela maré. Embora fosse muito possível que ele não ficasse tão feliz por ser obrigado a arranjar alguém para substituí-la na livraria só para ela tomar um pouco de sol.

Monica se deitou ao lado de Laura.

— Ah, que felicidade, não é? Se eu dissesse às garotas da banda que passei metade da semana deitada no alto de um penhasco na Irlanda em janeiro, elas achariam que eu enlouqueci.

Laura deu uma risada e com olhos semicerrados ficou observando um pássaro cruzando o céu.

— Não acha que elas já estão sabendo disso?

— Humm, é bem provável.

— É engraçado: todas as pessoas que eu conheço me acham supersensata, exceto meus pais, é claro — admitiu Laura, sonolenta. — Você precisava ouvir meu pai quando eu disse que vinha para a Irlanda. Ele acha que eu devia aproveitar qualquer folga possível para procurar um novo emprego.

— Bem, de alguma forma, você está aproveitando. O festival é um novo emprego.

— Humm. Não exatamente bem-pago.

— Eu não vou ganhar absolutamente nada. Mas nem ligo. As Sisters of Swing ficarão em destaque no festival e isso — ela apontou para o dia claro de inverno em volta — é muita curtidão.

— Acho que meus pais jamais entenderiam o conceito de “muita curtidão”.

— Minha nossa, eles deviam estar agradecidos por você ter um emprego e não estar encostada.

—Do que está falando?

— É assim que eles se referiam a quem vivia do seguro-desemprego aqui. Um cara do *ferryboat* me falou. E estou praticando. Posso acabar indo para casa com um duende irlandês.

Laura deu uma risada.

— Eu prefiro homens um pouco mais altos.

— Humm! Exigente, você, hein?

— Eu não sou exigente, só estou procurando o cara certo.

— Grande erro. O cara do momento é muito melhor. Acredite em quem tem experiência.

Laura riu. Descobriu que, de algum modo, ficar deitada sob o sol fazia as pessoas rirem. Quando finalmente Monica decidiu que já não se sentia como uma mulher fácil, decretou que estava na hora de as duas levantarem. Tendo se esquecido da decisão de deixar Monica sozinha na perseguição de seu objetivo, Laura se ergueu também. Elas tiraram o capim das costas uma da outra, pegaram as bicicletas e seguiram para o vilarejo.

O lugar parecia um cartão-postal de tão bonitinho, com suas casas caiadas em torno da enseada. Aqui as cores berrantes de Ballyfitzpatrick não tinham lugar

— devia haver algumas regras ali, mas o efeito era lindo. Mesmo em janeiro, parecia o destino perfeito para férias. Os telhados já não eram de palha e os barcos no ancoradouro eram todos modernos. Havia um homem sentado, consertando redes sob o sol.

— Ele é pago para deixar o cenário pitoresco — disse Monica.

— Está fazendo seu trabalho muito bem — elogiou Laura. — Parece perfeito.

— E se não conseguirmos achar a Cove Road, podemos perguntar a ele, mas acho que tudo isso é a Cove Road, então só falta encontrar a casa certa.

Foi incrivelmente fácil de achar, e só na soleira da porta foi que Laura percebeu o ridículo da coisa toda e começou a rir.

— Ah, Monica, sinto muito, mas eu não posso fazer isso. Você vai ter que se virar sozinha. — Mal conseguia falar. — É simplesmente muito ridículo. Fizemos todo esse caminho de bicicleta, pelo amor de Deus, só para encontrar um homem que talvez nem more aqui. Somos adultas, não adolescentes de 13 anos! — Ela teve outro acesso de riso e cruzou as pernas, só para garantir.

— É mesmo, Laura? Eu achei que você fosse a sensata entre nós duas! Eu sou a leviana, você é a sensata, esses são nossos papéis. Temos que nos manter assim.

— Desculpe. — Laura explodiu numa risada. — Simplesmente não posso bater na porta e dizer “O Seamus pode sair para brincar?” Não dá! E não posso ficar atrás de você enquanto faz isso. — Ela tomou fôlego e, enfim, conseguiu se controlar. — Já sei, pelo menos vamos tirar as bicicletas de vista. Eu fico cuidando delas e você faz isso sozinha.

— Não seja boba! — Monica estava indignada. — Eu vou parecer tão triste!

— Não mais do que se ficarmos as duas aqui, dando risadinhas e segurando as bicicletas como se fôssemos colegiais. Afinal, o que você vai dizer? “Nós estávamos passando e então pensamos em fazer uma visitinha”?

Monica bufou, irritada.

— Bem, por que não? É verdade!

— Não é não. Nós pedalamos por quilômetros, não estamos “só passando”. — Ela fungou, encontrou um pedaço de lenço de papel e assoou o nariz. — Tá bom, parei de rir. Vai em frente, faz papel de boba, eu farei o mesmo ao seu lado.

— Obrigada, Laura, você é uma boa garota.

Monica levantou a aldrava e bateu com força. Ninguém atendeu.

— Bem, e agora o que fazemos? — perguntou ela, depois de um minuto e outra batida.

— Anote o número do seu celular num papel e deixe na caixa do correio. Embora talvez seja necessário escrever um textinho para lembrá-lo de quem você é — sugeriu Laura.

— Imagina! Ele vai se lembrar direitinho de quem eu sou, mas o número do celular é uma boa ideia. Ah, será que ele vai funcionar aqui na Irlanda?

— O meu funcionou. Eu liguei para a livraria enquanto você estava no banheiro. Vamos logo, eu quero voltar para a pousada. Acho que vou precisar dar uma descansada antes de hoje à noite.

Ela se deu conta de que se sentia ligeiramente ansiosa, mas deixou isso de lado. Estava aproveitando e não queria que nenhum nervosismo relacionado à noite estragasse essa deliciosa sensação de liberdade.

— Peso leve — murmurou Monica, escrevendo.

Mesmo estando exausta, Laura continuou rindo durante o caminho de volta.

— Nunca mais vou andar de bicicleta — disse ela quando finalmente chegaram à pousada. — Na verdade, acho que nunca mais vou conseguir me sentar confortavelmente.

— Pare de reclamar. Foi só descida o caminho todo.

A dona da pousada providenciou um enorme prato de sanduíches com um imenso bule de chá forte. Elas comeram até as migalhas e terminaram com o bule. Aos sanduíches, se seguiram dois tipos de bolo, ambos caseiros e absolutamente deliciosos.

— Não posso acreditar que comemos tudo isso! — exclamou Laura enquanto iam do refeitório para o quarto. — Vou precisar de um antiácido ou algo do tipo.

— Boa ideia — disse Monica. — Melhor dica: antes de uma balada, tome um Antak, para não vomitar depois.

Com a mão na maçaneta da porta, Laura estancou.

— Monica, nós não vamos a uma balada. Vamos implorar aos pés de um grande escritor e convencê-lo a ir ao nosso festival literário. Vomitar não está na lista de afazeres.

Monica riu, obviamente não convencida. Mas agora que estava quase chegando a hora, Laura de repente sentiu o peso da responsabilidade de garantir a presença de Dermot Flynn. Era sua missão. Ela queria tanto fazer desse projeto um sucesso. Ajudar nesse festival literário era sua primeira investida fora da livraria desde que saíra da universidade. Caso fracassasse, ela se sentiria menos capaz de tentar qualquer outro desafio. Além disso, tinha motivos pessoais para querer conhecer Dermot Flynn e levá-lo ao festival: ele era seu escritor vivo favorito. Como será que se sentiria se ele fosse um grande exibido, feliz por se vangloriar com as conquistas do início da carreira? Ver em carne e osso o homem que há anos é adorado por meio de sua escrita era um negócio arriscado!

Depois de muita discussão, as moças decidiram se vestir informalmente, de jeans e suéter. Monica pôs uma pashmina para se aquecer na caminhada até o local do evento e Laura usou um cachecol de cores vivas, mas sem qualquer

estilo, que uma tia tinha lhe dado num Natal.

O evento, como Laura o chamava, ou “o negócio”, como dizia Monica, era no único edifício grande do vilarejo, e qualquer dúvida que elas poderiam ter se dispersou com a multidão que se encaminhava para lá, muitas pessoas claramente saindo do pub.

— Não posso acreditar na quantidade de gente que está indo! — comentou Laura, assustada. — Seria incrível se conseguíssemos uma multidão dessas para ele na Inglaterra. Se tanta gente veio de tão longe para vê-lo, imagine quantas iriam se ele estivesse lá.

— Sem dúvida! Toda essa gente não pode ser daqui.

Mas então houve uma onda de pessimismo.

— Mas se ele se recusou a participar de um evento praticamente no quintal de casa, não vai querer ir ao nosso festival, vai? Mesmo que eu consiga me aproximar dele o bastante para perguntar.

— Não desista! Além disso, você quer vê-lo de qualquer modo, não é?

Laura concordou que queria. Sentiu um aperto no estômago diante da perspectiva. Na faculdade havia amado tanto seus livros — e só eram dois —, que os sabia quase de cor. E a foto do autor na orelha era impressionante: um jovem com cara de mau e temperamental vestindo uma camiseta preta. Enquanto suas colegas de turma eram apaixonadas por músicos, Laura costumava ficar contemplando a foto de Dermot Flynn.

O problema era que isso havia sido há alguns anos, e a foto já não era nova à época. Ela ainda adorava os livros dele e sentia que eram das coisas mais ternas e eróticas que já lera. O que a apavorava era a possibilidade de seu herói ter se transformado num gordo careca, em substituição ao talento jovem e brilhante que tivera.

Mesmo assim, se isso tivesse acontecido, seria triste, mas não partiria seu coração, concluiu Laura conforme ela e Monica se juntavam à aglomeração. Um pouco mais desesperador era o fato de que ele não saía de seu vilarejo; ela teria que voltar para a Inglaterra de mãos vazias.

Os ingressos não eram numerados e Laura estava se resignando a ficar de pé no fundo, atrás de centenas de pessoas, mas Monica tinha longa experiência em shows sem assentos e foi costurando o caminho até a frente. Laura a seguia, constrangida e se desculpando conforme avançava.

Elas encontraram um lugar perto do palco e, embora tivessem de ficar em pé, pelo menos podiam se apoiar na mesa de autógrafos que havia sido montada.

— Que horas ele deve chegar? — perguntou Monica.

— Devia ter chegado há uns dez minutos. Está atrasado.

— Ah, não diga que ele está atrasado — disse um sujeito simpático que se

apoiava na mesma mesa. — Eu vou conseguir uma bebida para a gente passar o tempo.

— Ah, não...

— Sim, por favor — respondeu Monica, com firmeza. — Seria ótimo.

— E o que vocês tomam?

— Melhor alguma coisa com pouco álcool — aconselhou Monica. — Nunca conseguiremos chegar ao banheiro.

— Já volto — garantiu o homem, e começou a abrir caminho entre as pessoas até o bar.

— Nós nem sabemos o que ele vai trazer — protestou Laura.

— Essa é a alegria de viajar — afirmou Monica. — Surpresas.

— Acho que finalmente estou pegando o jeito da coisa — falou Laura, lamentando-se. — Sempre levei uma vida tão resguardada.

O homem entregou a cada uma delas um copo de um líquido amarronzado. Laura pegou o dela, imaginando se eles vendiam conhaque em outro tipo de copo ou se aquilo acontecia apenas naquele lugar. Só que não era conhaque, era uísque, e muito bom.

Depois de observar as expressões no rosto de Laura, que foram da percepção horrorizada do que estava bebendo à satisfação conforme o líquido abrasador a aquecia, Monica disse:

— Podemos muito bem nos considerar bêbadas do jeito que somos.

Laura se perguntou quanto tempo levaria para que Monica começasse a falar com sotaque irlandês.

— Então, garotas — começou o homem que lhes comprara as bebidas. — O que estão fazendo por essas paragens em janeiro? Só vieram para ver o cara? — Ele gesticulou para uma velha foto de publicidade fixada numa cartolina surrada.

— É — admitiu Laura, bebericando e começando a sentir o efeito do álcool.

— Ele é genial, não é? É um baita sujeito, mas vou avisando, ele se atrasa para as coisas quando não está realmente a fim.

— Ah.

— Mas tudo bem, vocês vão se distrair com o burburinho.

Laura se surpreendeu ao descobrir que era verdade. A atmosfera estava ruidosa com as conversas, risos, as pessoas se espremendo para passar com bebidas. O público numeroso ajudava a aumentar o pouco calor provido por dois aquecedores antigos e deixava o clima ainda mais aconchegante.

Laura enfiou alguns euros na mão do autodenominado acompanhante, que trouxe mais bebidas, e o tempo passou rapidamente.

Uma hora depois do horário marcado, um alvoroço teve início no fundo da sala e foi aumentando. Ele se propagava em torno de um homem alto, vestindo

um blusão surrado, jeans pretos e botas. Dermot Flynn chegara. Por um instante Laura se perguntou se ele estava com as mesmas roupas que usava em sua foto publicitária, mas concluiu que ele simplesmente vestia muito preto. O escritor pulou no palco sem usar os degraus raquíticos, virou-se e cumprimentou a plateia. Ergueu as mãos, pedindo silêncio e sorriu.

Laura não só viu como sentiu seu sorriso. Era como uma lâmpada de zilhões de volts. Talvez o uísque tivesse algo a ver com isso — ela percebeu que já estava no terceiro —, mas era verdadeiramente deslumbrante.

— Senhoras e senhores! — Dermot Flynn teve que gritar para abafar a algazarra e os aplausos que o receberam. Finalmente, a multidão se aquietou, exceto por alguns assobios. — Senhoras e senhores — repetiu ele. — Será que vocês vão ficar quietos?

Ele realmente tinha um sotaque, notou Laura, mas não era forte.

Todos riram.

— Agora vou ler para vocês, mas não responderei perguntas.

Laura sentiu um instante de pânico. Isso era uma má notícia.

Como ela lhe pediria para ir a Inglaterra se ele não iria responder perguntas?

— Responderei as perguntas amanhã, quando os bêbados não estiverem aqui.

Laura sentiu um enorme alívio e depois se deu conta de que provavelmente era uma das bêbadas. Decidiu não beber mais. Agora Monica segurava um copo de quase meio litro, que continha um líquido laranja néon que ela disse ser suco de laranja. Mesmo admitindo ser ingênua, Laura achava que isso era improvável. Ela havia decidido ficar com o que conhecia: uísque.

A voz dele era como *tweed* de seda, áspera, suave e marrom-escura, a coisa mais sexy que Laura já tinha ouvido em sua vida.

— Boa noite, pessoal.

— Boa noite — rugiu a multidão de volta. Esse evento era diferente de qualquer outro que Laura já havia frequentado.

— Que gentileza vocês aparecerem — continuou Dermot. — As pessoas andam me perguntando por que eu mesmo apareci, mas vocês me pediram, então eu vim. Escrevi esses livros há muito tempo e vou ler trechos de ambos. Depois vou falar sobre como eles foram escritos. — Ele fez uma pausa, pigarreou e começou a leitura.

Ela sabia de cor as palavras do trecho de abertura do primeiro livro — o best seller que havia chocado o mundo literário. Dermot Flynn tinha apenas 20 anos quando escreveu essa obra-prima, que ganhou todos os prêmios literários possíveis.

Ela estudara seus livros — eram apenas dois — na faculdade e entre todos os títulos que lera desde então, e haviam sido muitos, esses eram seus dois

favoritos.

Laura não era a única pessoa extasiada. Ele tinha uma voz muito bonita. Escutá-la era como ouvir um instrumento musical tocando a mais bela peça. Quando ele acabou, os aplausos foram ensurdecadores. Depois, ele falou sobre seus livros, sobre a saudade que sentiu de sua casa, de sua terra, de sua cultura e de sua geografia quando morou no exterior por algum tempo e sobre como só conseguiu encontrar alívio na escrita.

Laura bateu palmas até as mãos arderem. Bateu os pés e talvez até tenha dado uns gritinhos. A plateia o tratava mais como uma estrela do rock do que como escritor; o evento foi a coisa mais arrebatadora que ela já havia experimentado. A sensação era de estar flutuando, e ela não queria que aquilo terminasse. Ele era tão maravilhoso quanto ela tinha imaginado. Quando ele desceu do palco num salto, a sensação foi de que um feitiço havia se rompido de repente.

Capítulo 5



— Vamos — chamou Laura. — Vamos ao pub.

Monica olhou para ela, intrigada.

— Vamos? Tem certeza?

Ciente de estar se comportando de maneira atípica e de que provavelmente isso era provocado pelo álcool, ou por tudo, Laura explicou:

— Eu sei que já bebemos demais e que eu estou exausta e deveria ir dormir, mas ainda não estou pronta para encerrar a noite agora.

— Mas Laura! — Monica estava se divertindo, surpresa. — Nós tivemos um longo dia. Amanhã ele vai fazer outra apresentação.

Laura meneou a cabeça.

— É difícil explicar, mas preciso pedir o grande favor agora, antes que perca a coragem. — Ela fez uma pausa, pensando em como expressar seus sentimentos por Dermot sem parecer totalmente enlouquecida. — Eu estou me sentindo superempolgada e sei que isso não vai durar.

— Está bem — concordou Monica. — Mas vai ser difícil chegar perto dele.

— Eu sei. — Ela quase disse a Monica que só observá-lo bebendo, mesmo que separada por dúzias de pessoas, seria o suficiente. A sensatez podia esperar até sua volta à Inglaterra. Ali, ela não queria perder um minuto dele, nem que fosse apenas para admirá-lo do outro lado de um salão lotado. Seduzida pelo romantismo da localidade, pela beleza da escrita dele, o encanto de sua voz, ela sentia como se estivesse em outro mundo, um mundo que tinha sido borrifado com o pó de pirlimpimpim das fadas, e não queria que a sensação acabasse. Uma noite encantada já havia começado.

Nem toda a plateia foi ao pub; na verdade, Laura viu dúzias de pessoas se dispersando na escuridão, mas ainda havia muitas seguindo pelas ruas estreitas até o pub do vilarejo. Era um edifício comprido e baixo que parecia ter a mesma extensão de um aglomerado de várias lojas. Mesmo assim, estaria apinhado.

O cheiro de turfa queimada foi a primeira coisa que elas sentiram durante a batalha para entrar. O balcão do bar estava bem visível e atrás dele havia três

rapazes, pelo menos, pegando copos, enchendo-os de uísque e entregando-os em troca de dinheiro com uma velocidade e precisão impressionantes.

Laura não tirou os olhos de sua presa, perguntando-se se isso a tornava uma *stalker* ou apenas uma fã. Como ele era muito alto, ela conseguia acompanhá-lo em suas voltas pelo aglomerado de gente no bar principal, onde alguém gesticulava para um copo com um líquido preto que fora pedido para ele. O pub parecia compreender vários cômodos pequenos de madeira; a nicotina, atualmente ilegal, tinha manchado as paredes com um castanho aconchegante. Chegara seu momento. Teria sido mais fácil ter feito um desvio por um dos ambientes nas laterais, mas ela estava decidida a não perdê-lo de vista agora.

Laura o observou liquidar a maior parte do que supôs ser cerveja escura num gole. Inclinou-se para Monica para perguntar se ela achava que “a bebida da casa” se referia à cerveja escura.

Monica deu de ombros, se esforçando para ser ouvida em meio à balbúrdia.

— Precisamos chegar mais perto dele. Você não pode convidá-lo para o festival daqui — disse ela.

Dermot estava claramente a pleno vapor, conversando, rindo, gesticulando com seu copo, que, de algum modo, estava cheio de novo.

A timidez habitual de Laura voltou, e com mais força. De súbito, a ideia de realmente falar com seu herói era muito assustadora.

— Bem, ele não vai concordar, vai? — gritou Laura. — Não faz sentido! Vamos tomar um suco de laranja ou algo assim, rapidinho, e ir embora.

Monica não aceitaria isso.

— Você nos trouxe ao pub. Precisa completar a missão. Não pode fazer toda essa viagem até aqui por nada. Vem comigo.

Com a habilidade que Laura admirara antes — um sorriso aqui, um “desculpe” ali e umas duas piscadas sugestivas —, Monica passou pela multidão, chegando ao destino.

Laura apressava-se atrás dela, sorrindo e se desculpando em seu rastro, sem ousar ficar para trás e se separar da amiga.

— Oi, Dermot! — gritou Monica. — Tem alguém aqui ansiosa para te conhecer.

— Oi! — cumprimentou Laura, tentando sorrir. Agora que estava bem perto, ela podia ver que ele era ainda mais bonito do que em sua foto de 15 anos atrás. Seu cabelo continuava encaracolado, os cílios curvos, mas agora suas feições estavam mais definidas, traços e sombras que o definiam como um homem e não um menino.

— Oi — retribuiu Dermot e semicerrou os olhos, levemente pensativo. — Você não estava na apresentação? Acho que eu a vi lá no canto.

— É mesmo? — Dessa vez seu sorriso foi espontâneo e totalmente incrédulo. Ela deu uma risada, satisfeita por sua tática antibajulação ter funcionado tão bem quanto a de qualquer outra garota, embora ela o tivesse em tão alto conceito. Não havia como ele tê-la visto no meio daquela multidão.

— Mesmo. Eu notei esse seu cabelo encaracolado e o nariz um pouco vermelho.

Ela levou a mão ao nariz?

— Está vermelho?

Do cabelo encaracolado ela sabia. Deixara a chapinha em casa e seu cabelo reagira ao ar marítimo do modo exuberante de sempre.

— Um pouco, mas para ser honesto eu só vi isso agora.

Ela se sentiu corar, esperando que o calor do salão justificasse o rubor. Estava quente e havia muitos suéteres de lã irlandesa, o que provavelmente elevava a temperatura tanto quanto o fogo.

— Não sei como você pode ter me visto no meio daquele monte de gente...

— O fato é que eu vi — retrucou ele, possivelmente sentindo que ela não sabia como terminar a frase.

Agora Laura ficou aflita de que ele pudesse ter visto sua fisionomia de adoração também.

— Muito bem — disse ela, sem graça, repreendendo-se por ser completamente inapta na arte da conversação logo agora que tinha a atenção dele.

Laura esperava que ele se virasse e falasse com alguma das outras pessoas que o cercavam, todas querendo um pedaço do grande homem. Ele parecia conhecer a todos. Mas não foi o que fez.

— Então, você leu meus livros?

— Sim, os dois — respondeu ela.

Para sua consternação, ele se contraiu, embora fosse a última coisa que ela quisesse provocar.

— Se você for falar desse jeito — disse ele — vou procurar outra pessoa com quem conversar.

Como ele não se mexeu, ela teve coragem de dizer:

— Eu só disse...

— Eu sei o que você disse. — Suas palavras eram um ponto final naquele assunto. — Por que vocês duas não estão bebendo? — Antes que uma delas pudesse responder, ele pediu: — Charles, dá para tomar uma providência?

Charles assentiu e sorriu.

— Já vai.

Ele já estava indo para o bar antes que qualquer uma delas pudesse pedir um

suco de laranja. Seria álcool, e Laura aceitou o fato. Só daria uns goles.

— É muita gentileza do seu amigo conseguir as bebidas — afirmou Laura. — É óbvio que... — Ela ia dizer que elas pagariam, mas Dermot fez um de seus gestos amplos.

— As bebidas são por minha conta hoje — anunciou ele.

— Ah, obrigada.

O silêncio seguinte pareceu divertir Dermot, mas estava matando Laura. Monica decidiu tirá-la daquela infelicidade.

— Laura quer te pedir um favor — explicou ela.

— Laura? Que nome bonito. O que significa?

— Tem a ver com louros. Podemos continuar?

Dermot Flynn deu uma risada. Seu riso era tão sexy quanto sua voz, notou Laura com alguma indiferença. Era como estar diante de um tigre ou coisa assim. Fascinante, mas nada a ver com ela.

— Então, que favor é esse? — perguntou Dermot, dando um gole na bebida, que parecia um melado preto.

Laura queria que Monica não tivesse falado nada.

— Não vou pedir porque sei que você vai se recusar. Não adianta.

— Talvez não. Você não tem certeza. — Ele parecia estar se divertindo.

— Tenho certeza sim — insistiu Laura, inconscientemente falando com o sotaque local e oscilando um pouco. Apoiou-se num banco de madeira para não perder o equilíbrio.

— Por que tem tanta certeza?

Laura se sentia frustrada. Isso era constrangedor e uma burrice; como queria estar de volta à pousada num passe de mágica!

— Apenas tenho. — Ela não queria falar do comentário da dona da pousada sobre ele não querer ir a um festival literário numa cidadezinha a 8 quilômetros dali. Ele já devia estar pensando que ela era uma idiota.

— Peça mesmo assim.

— Você devia pedir mesmo — acrescentou Monica, a frustração evidente. — Nós viemos de longe.

Naquele momento dois copos de uísque apareceram e foram entregues às moças. Laura havia decidido que não iria mais beber — já estava sentindo os efeitos do álcool —, mas ficou tão agradecida pela interrupção que disse:

— Muito obrigada. — E tomou um gole generoso.

— Pega leve — murmurou Monica. — Esse negócio é forte. — Como uma adolescente contrariada, Laura apenas riu e deu outro gole.

— Então, o que você ia me pedir? — Dermot insistia veementemente para que ela pedisse o favor.

É uma coisa engraçada o que ocorre com o álcool, concluiu Laura, sentindo-se fora da realidade. A pessoa está perfeitamente bem, sóbria, então toma outro gole e fica totalmente fora de si. Embora racionalmente ela soubesse que não era uma coisa boa, naquele instante a sensação era ótima. Sua percepção pareceu ficar muito clara. Ela se sentiu ousada e confiante.

— Está bem, então lá vai. — Laura sorriu, subitamente amando o mundo. — Você iria a um festival que estou organizando na Inglaterra? — Então, antes que ele pudesse responder, ela acrescentou rapidamente: — Não? Bem, eu disse que você se recusaria.

Talvez ela tivesse, de repente, entendido o sentido da vida, mas não era tola. Sabia reconhecer quando era derrotada.

— Mas eu não me recusei. — Dermot olhava fixamente para ela. Seu olhar era direto e muito perturbador.

— Mas vai. — Laura tinha certeza do terreno em que estava pisando, embora o chão parecesse oscilar um pouco sob os pés. Outro gole de uísque e de repente ela sabia tudo.

— Não vou não — retrucou ele, os olhos estreitos, a boca levemente contorcida num canto.

— Eu disse! — falou Laura, e então se virou para Monica. — Podemos ir embora agora. Na verdade, acho que devemos ir.

Monica a observava com ansiedade. Ela parecia estar a quilômetros de distância. Laura lhe deu um sorriso torto e ergueu o copo.

— Pode nos conseguir água, por favor? — Monica se virou para Charles, que circulava pelo pub, prestativo.

— Duas águas a caminho — disse ele.

A cabeça de Laura começou a flutuar. Era agradável, mesmo que estranho. Ela sorriu para Dermot. Ele era tão completamente encantador! E estava falando com ela. Por quê? Mas ela teve dificuldade de entender o que ele dizia. Laura se aproximou e se concentrou nos lábios dele.

— Eu não disse que não iria ao festival literário — explicou Dermot, pausadamente. — Eu disse que não me recusaria.

A clareza incomum de Laura a abandonara. Agora ela estava muito confusa.

— O quê?

Naquele momento, Charles chegou com dois copos d'água.

— Beba — disse Monica, enfiando um deles na mão de Laura. — Ou vai querer morrer amanhã de manhã.

— Ela tem razão — acrescentou Charles.

Obediente, Laura bebeu a água. Pareceu deixá-la mais embriagada ainda, mas ela achou bom perceber que estava bêbada. Antes que Laura pudesse novamente

achar que sabia tudo, Dermot começou a falar outra vez, e ela se concentrou em seus lábios.

— Eu vou ao festival que você está organizando na Inglaterra — disse ele. — Com uma condição.

Ela estava fazendo o maior esforço para se concentrar, tentando reunir seus neurônios dispersos. Estava ali para conseguir levar Dermot ao festival. Ele estava pedindo algo. Tudo bem. Ela concederia. Falando com cuidado, disse:

— Tenho certeza de que qualquer coisa que a gente possa fazer para...

Ele estava olhando para ela daquele jeito enervante outra vez. Realmente, tinha os olhos mais incríveis, e a boca e...

— Eu vou com uma condição: se você for para a cama comigo. — Ele sorriu ao lançar o desafio.

Laura piscou. Não era possível que ele realmente tivesse dito isso. Ela devia ter entendido mal. Havia algo de errado com sua audição, assim como com seu equilíbrio. Ela procurou por Monica para confirmar, mas viu que ela e Charles tinham ido para um dos outros ambientes. Ela estava sozinha com Dermot, exceto por cerca de trinta outras pessoas. Teria que se virar sozinha, e é claro que não tinha ouvido mal: Dermot dissera que ela teria que transar com ele para fazê-lo ir ao festival. Ela pensou no assunto. Queria transar com Dermot Flynn? Sorriu. Não precisava pensar duas vezes, o que era ótimo, já que seu estado atual não lhe permitiria pensar uma vez sequer. Sim, ela queria transar com ele.

— Tudo bem — concordou ela. Por que não?

Dermot a fitou nos olhos mais uma vez e algo aconteceu dentro dela. Que sentimento era esse? Sua parte romântica, amante de poesia, queria que fosse amor, mas ainda restava a Laura bom senso suficiente para perceber que era a luxúria que mexia com ela. Essas duas emoções lhe eram praticamente desconhecidas.

Ela estava vagamente ciente de uma voz fraquinha enterrada lá no fundo dizendo que provavelmente ela se arrependeria do que tinha acabado de dizer, mas foi afogada com outro gole de uísque. Naquele momento, sabia que não havia outra coisa no mundo que ela quisesse mais.

— Ora, ora, olha só que legal — disse ele devagar, erguendo uma sobrancelha.

Outra bebida foi colocada em sua mão e ela deu um gole. Monica apareceu, murmurou que tinha sido convidada para tocar algo e desapareceu de novo, seguindo para um dos ambientes do pub. Laura não tinha muita certeza de como o ousado *swing* americano de Monica se encaixaria nos instrumentos irlandeses tradicionais que ela já tinha ouvido no pub, mas isso não era problema seu.

— Então, me conte — falou Dermot. — Como uma menina tão nova foi

acabar organizando um festival literário?

— Eu tenho 26 anos. Antes de ter a minha idade, você já havia escrito dois romances de sucesso.

— Verdade, mas você não respondeu à minha pergunta.

— Para ser honesta, não tenho bem certeza. Fui meio que aliciada. Trabalho com venda de livros.

— Continue.

— Bem, eu conheci uma agente — subitamente, ela se lembrou que Eleanora Huckleby era a agente dele e, numa fração de segundo, decidiu não mencionar isso. Flagrou-se respondendo de modo confiante. Bem, hoje ela realmente se sentia confiante: a Laura confiante e inteligente. — Nós começamos a conversar e ela descobriu que eu tinha mais bagagem literária que muita gente por aí. É lógico, trabalhando numa livraria, eu tenho acesso a todos os lançamentos, antes mesmo que sejam lançados de verdade. Não preciso pagar pelo meu hábito de ler.

Ele deu uma risada.

— Me parece que você está tendo que pagar agora, ao organizar um festival literário.

Laura retribuiu a risada.

— Não é tão ruim. Por que não gosta de festivais literários?

— Como sabe que eu não gosto?

— A dona da pousada nos falou. Ela disse que você se recusou a viajar 8 quilômetros e este é o motivo pelo qual o Festival Cultural está acontecendo em Ballyfitzpatrick e não em Patricktown. — Agora ela havia admitido tudo. — Então, por quê?

Ela queria e precisava saber e não queria que ele saísse pela tangente falando de donas de pousada ou mexericos.

— Fiquei de saco cheio deles há alguns anos, quando lancei meus livros. Não quero voltar a festivais agora.

Laura se forçou a pensar em como se sentiria caso dormisse com ele e depois ele se recusasse a ir ao festival. Sentiu-se aliviada ao descobrir que levá-lo à Inglaterra para conseguirem um patrocinador não era a razão por trás de seu desejo de ir para a cama com Dermot — caso ele falasse realmente sério, o que ela duvidava. Um homem como ele deixava as pernas bambas.

— Mas você se apresentou. Nesse festival agora. — Ela estava se esforçando muito para se expressar e ficou satisfeita por parecer tão sóbria.

— O lugar fica morto no inverno. É aqui que eu moro e seria grosseiro não fazer um evento que encha os pubs e todas as acomodações sem muito... Bem, honestamente? Sem nenhum esforço.

Laura deu um gole.

— Acho que estou bebendo uísque puro.

— Não vai te fazer mal algum.

Laura deu uma risada de arrependimento, ciente de que a bebida já devia tê-la posto numa encrenca, se é que já não havia lhe feito mal. Ela não conseguia saber o que culpar pelo que estava a ponto de fazer: o uísque ou seu tesão desenfreado.

— Então, o que andou lendo ultimamente que a deixou empolgada?

— Bem... — Entusiasmada, ela começou a discorrer sobre um escritor premiado recentemente e uma nova escritora de ficção feminina, além de vários outros livros de que tinha gostado. Estava orgulhosa da lucidez que demonstrava, pelo menos aos próprios ouvidos.

Ele contrapôs com livros e filmes que havia apreciado, só que, logicamente, era muito mais crítico até que Laura, que sempre havia se considerado exigente. Enquanto falava, ela percebeu a atenção dele vagar. Lembrou-se de que nenhum homem escritor conseguia resistir e não falar de sua obra — algo que Henry, da livraria, lhe dissera quando ela começou a organizar eventos.

— É claro — disse ela — que todos nós estamos esperando outro livro seu.

Houve uma pausa e então ele tirou o copo da mão dela.

— Acho que está na hora de levar você para a cama.

Seus reflexos estavam lentos por causa da bebida forte, e Laura levou uns segundos para entender o que ele dissera. Ela forçou o cérebro a se concentrar e a recusar com educação. Não adiantou. Ela queria ir para a cama com ele e estava decidido. Deu-se conta de que não havia acreditado de fato que ele falava sério, de que só gostava de flertar com ele. Mas gostava ainda mais da ideia de transar com ele. Deixou de lado qualquer sensatez restante e concordou.

Ainda retendo alguma sanidade, ela mandou um torpedo para Monica, não dizendo aonde iria, mas com quem, confiante de que alguém daria o endereço à amiga caso fosse necessário. Acrescentou também: “Eu realmente quero isso”, para evitar que Monica corresse para resgatá-la. Ela sabia que Monica gostaria de ter uma discussão mais profunda sobre o que Laura estava prestes a fazer, sua motivação e as consequências. Mas se Monica apenas dissesse “Você tem certeza?”, ela poderia mudar de ideia. E Laura realmente queria perder a virgindade com seu escritor favorito (que por acaso era o homem mais atraente do planeta). Talvez ela nunca mais tivesse outra oportunidade de realmente viver e não queria ser convencida a sair dessa.

Eles levaram algum tempo para sair do pub, Dermot precisou se despedir de vários modos de uma porção de pessoas. Mas ninguém parecia nem um pouco surpreso por Laura estar indo com ele. Ela percebeu que provavelmente ele

poderia ter conseguido qualquer mulher que quisesse naquele pub, naquele momento; mesmo que todos pudessem ter se perguntado sobre sua escolha, o fato de ele estar indo para casa acompanhado era previsível.

Eu sou apenas uma numa longa fila de mulheres, disse a si mesma durante a última despedida. Mas tudo bem. Os poetas são mulherengos. Pelo menos isso significa que ele vai saber o que fazer. A expectativa e o medo aumentaram seu desejo. Lembrou-se de ter lido que era assim mesmo, mas não conseguia lembrar onde. Vai dar tudo certo, disse a si mesma, e se não der, é algo para contar aos meus netos. Então ela riu, imaginando a cena improvável de sua avó lhe contando sobre seu primeiro encontro sexual.

Finalmente, eles estavam lá fora no ar frio. Ela tropeçou e ele segurou seu braço. Será que eu conto que sou virgem?, cogitou, e decidiu que não. Poderia ser um empecilho. Tornaria a coisa toda muito importante. Quero fazer sexo com ele por todos os motivos certos e errados, lembrou a si mesma. Não quero que ele se sinta mal com isso.

Ela mal se deu conta do curto trajeto até a casa dele. No caminho até a entrada, ele deu passos mais largos de propósito, abriu a porta e gentilmente a empurrou para dentro. Antes que ela conseguisse absorver qualquer coisa, ele já a abraçara e beijara. Era um especialista, ela concluiu, os joelhos quase cedendo à medida que o uísque e o desejo os atingiram ao mesmo tempo. Eu tomei a decisão certa, pensou. Minha virgindade está segura nas mãos deste homem! Será que é isso que eu quero dizer? Seu cérebro parecia estar girando, desconectado de qualquer coisa que fizesse sentido. Ela decidiu parar de pensar até mais tarde; agora, queria aproveitar cada momento.

Sem soltá-la, ele a conduziu até o quarto e continuou beijando-a. Segurava-a bem apertado. Sua mão foi da cintura até as nádegas e ela se deu conta de nunca ter desejado a mão de ninguém ali — estranho que um toque íntimo pudesse ser tão horrível feito pela pessoa errada e tão maravilhoso pela pessoa certa.

— Você precisa usar o banheiro? — murmurou ele, com a boca enfiada em seu cabelo, enroscando os dedos nos cachos.

— Não, obrigada — murmurou ela em resposta, sabendo que, se parasse, poderia perder a coragem. Não era isso que tinha intenção de perder. Com ternura, ele desabotoou o casaco dela e o tirou. Por baixo, ela usava uma peça de sua coleção de blusas pretas de decote V, que foi levantada e puxada pela cabeça. Agora ela estava diante dele com uma camiseta de alças e calças pretas. Uma parte dela registrou que eram as mesmas roupas que usava para trabalhar e sentiu que isso era meio estranho. Mas Dermot não parecia se importar com sua vestimenta; só pretendia tirá-la. Ele encontrou o fecho no cóis da calça dela, depois o zíper e então a despiu. Ele a empurrou suavemente para a cama e deu

uma risada.

— Você está de meias!

— É claro — disse ela, confusa. — Qual é o problema de usar meias? Imagino que você também esteja usando.

Ele abriu o zíper das botas de cano curto dela, que se juntaram ao resto das roupas no chão. Devia ser uma sensação estranha estar só com a roupa de baixo na companhia de um homem que não conhecia, mas estava tudo bem, ótimo. Sexy.

Ele ficou de pé olhando para ela, deitada de sutiã e calcinhas. Ainda estava todo vestido.

— Você é linda, sabia?

Laura deu uma risadinha. Provavelmente ele dizia isso para todas. Ela não se importava. Queria que ele a tratasse bem, da mesma forma que tratava qualquer uma de suas outras garotas.

— Vá para baixo do edredom, você está tremendo — sugeriu ele, com um ar terno e divertido enquanto tirava a roupa.

Debaixo do edredom, Laura o observava. Seu corpo estava em forma e era bem musculoso. Podia ser escritor, mas era óbvio que não passava o dia todo sentado à escrivaninha. Quando as cuecas caíram, ela fechou os olhos. O quarto girava como se ela estivesse num carrossel, e Laura rapidamente abriu de novo os olhos.

Ele apagou a luz do quarto e acendeu a da cabeceira. Então abraçou Laura.

A sensação da pele dele na sua era como seda. Ela fechou os olhos novamente, apesar do quarto girando, e se abandonou ao prazer de estar nos braços de Dermot enquanto ele se livrava do sutiã e das calcinhas. Miraculosamente, qualquer nervosismo que ela podia ter sentido parecia ter escapado junto com suas inibições. Ele a puxou para si e começou a afagar suas costas, o tempo todo soprando palavras carinhosas com sua voz grave e sexy. Depois, apoiado nos cotovelos, ele beijou o rosto dela, bem de leve, mais um suspiro que um beijo, nos olhos, nos lábios, nas faces e dali para o pescoço, logo atrás da orelha.

Ela deu um profundo suspiro e se aconchegou mais nele. Só então ele tocou os seios e os beijou. Agora a mão se movia pelo corpo, uma carícia com a leveza de uma pena, provocante de tão doce. Ele tinha acabado de descobrir que a parte de trás de seus joelhos era especialmente sensível quando disse:

— Desculpe. Eu já volto.

Ela suspirou em êxtase e desmaiou.

Laura acordou e o encontrou roncando ao seu lado. Sentia-se péssima: tinha sede, e sua cabeça estava a ponto de explodir. Foi tomada de pânico. O que tinha

feito? Como havia acabado nua na cama com um homem nu? Saltou para fora da cama, à caça de suas roupas. Estava tonta, sem saber se ainda estava bêbada ou se o mal-estar era por conta da ressaca.

Encontrou as calças e as meias em diferentes cantos do quarto. Ao tentar fazer com que suas pernas e pés se enfiassem dentro delas, ondas de pânico a dominaram. O que ela tinha feito?

Temendo que Dermot pudesse acordar, ela tentou reunir o que conseguia lembrar da noite anterior enquanto vestia a camiseta. O evento de Dermot estava bem claro em sua mente. Depois ela se lembrou de arrastar Monica para o pub e de parte do que acontecera lá, mas como ela acabara no quarto de Dermot Flynn, nua, com ele ao seu lado na cama?

Ela teve flashbacks terríveis enquanto vestia o casaco — alguma lembrança remota de ele dizer que iria ao festival se ela fosse para a cama com ele. Será que ela realmente havia concordado? Claro que não! Por mais que o admirasse e se sentisse atraída por ele, jamais concordaria em transar com ele. Concordaria? Isso a tornaria pouco melhor que uma prostituta! Nem ousou olhar para a forma adormecida na cama. Se não pudesse vê-lo, talvez ele não existisse: era tudo uma fantasia de sua imaginação hiperativa. Mas ela sabia que ele era real. Ah, por que tinha bebido tanto? Sua mãe estava certa sobre a bebida demoníaca. Esse pensamento levou um rápido sorriso aos seus lábios até a realidade da situação voltar com tudo. Precisava se lembrar do que tinha acontecido na noite anterior.

Ela se lembrava de se sentir atraída por ele. Lembrava-se dele tirando sua roupa e do prazer que sentira. Quando fechou as calças, perguntou-se se algum dia já havia sentido o mesmo com aquela peça de roupa em particular.

Olhou o relógio, mas estava muito escuro para ver as horas. Ela teria que voltar para a pousada, na esperança de conseguir acordar Monica para que ela abrisse a porta. Ainda bem que era uma casa, e a janela do quarto era nos fundos. Se ela fosse atacada e arrastada para o mato por um estuprador que estivesse passando por ali, a culpa seria apenas e unicamente sua.

O Santo Patrono das Mulheres Burras a guiou de volta pela rua e ao longo da alameda onde ficava a pousada. Laura tinha um péssimo senso de direção e sabia que só a intervenção desse ser divino conseguiu levá-la até lá. Agora sua cabeça começava a clarear um pouco; ela analisou a estrutura da construção e calculou onde era o quarto delas. Seguiu pela lateral da pousada na ponta dos pés e bateu na janela.

Felizmente, Monica tinha sono leve. Uma cabeça desgrenhada apareceu atrás das cortinas.

— Laura! Que diabos você está fazendo aqui?

— Ah, só me deixe entrar, Monica, por favor!

— Certo. Vá para a porta da frente e verei o que posso fazer. — Minutos depois, Monica se juntava a ela, sussurrando. — Você tem sorte de eles não serem do tipo que têm alarmes contra assaltantes.

— Estou me sentindo uma assaltante. Pior.

— O que aconteceu?

— Não sei. Nada. Acho. Dá para gente falar sobre isso de manhã?

— Tudo bem. Vá para minha cama; está quente e você está tremendo feito vara verde. Mas de manhã vou exigir uma narrativa detalhada.

Laura só queria se enfiar na cama em busca de esquecimento, mas Monica foi firme.

— Tome — disse ela, segurando um copo. — Tem um troço aí para te hidratar. Vai se sentir menos destruída amanhã se tomar isso.

Laura tomou, mas à medida que mais lembranças chegavam em detalhes, ela sentiu que não seria a ressaca que a faria sentir como se a morte fosse uma opção atraente.

— Olha o chá! — anunciou Monica, cruelmente alto, na manhã seguinte. Ela estava toda vestida e arrumada, parecendo em grande forma.

— Meu Deus! — resmungou Laura. Ela bocejou, resmungou de novo e depois se sentou e pegou o chá.

— Como está se sentindo?

Laura pensou.

— Melhor do que deveria, é provável. Pelo menos fisicamente.

— Quero saber de todos os detalhes mais tarde, mas agora é melhor a gente tomar o café da manhã.

Laura, que não estava com vontade de comer nada, sentiu-se um pouco melhor depois de meio litro de suco de laranja, um enorme desjejum irlandês e várias canecas de chá, além de dois analgésicos potentes. Monica a enfiou-a em suas roupas mais quentes, vestiu as próprias e arrastou-a para uma caminhada.

— Certo, agora me conte tudo. Foi maravilhoso? A primeira vez pode ser complicada, mas pelo menos um homem daqueles sabe o que está fazendo.

Laura se lembrou de ter pensado isso na noite anterior.

— Então? — insistiu Monica. — Você precisa me contar tudo. Essa é a primeira regra da Lei da Amiga.

— Nunca ouvi falar na Lei da Amiga — protestou Laura.

— Acabei de inventar, mas mesmo assim você precisa me contar. Não me esconda nada.

— Não estou escondendo. Só estou tentando me lembrar.

— O quê? Com certeza você não estava tão fora de si, não é?

— Eu sei que bebi um pouco demais. Devo ter bebido, caso contrário jamais teria ido para a casa dele. Embora...

— Hora da confissão — disse Monica, interpretando com precisão a pausa súbita. — Você estava descaradamente atraída por ele. Eu teria ido para a casa dele depois de um copo de refrigerante. Ele é uma coisa!

— O quê?

— Modo de dizer. Vamos sentar naquele banco lá? Não tive uma boa noite de sono.

— Ah, nem eu.

Laura sentia calafrios e não sabia se eram causados pelo frio, pela ressaca ou pelos acontecimentos da noite anterior. Agora ela se lembrava exatamente do quanto desejara ir para a cama com Dermot Flynn. Lembrava-se de como havia decidido que, entre todos os homens do mundo, era ele que devia tirar sua virgindade. E embora a luz do dia estivesse terrivelmente fria e ela não se lembrasse de já ter se sentido pior, não tinha mudado de ideia. De fato não.

— Então, foi bom? — perguntou Monica. — Nem vou perguntar se você teve um orgasmo, porque provavelmente não teve.

— Não... Acho que não.

— O quê? Não foi bom ou você não teve um orgasmo?

— Monica, eu sei que isso parece loucura, mas eu não tenho certeza se a gente fez sexo ou não.

Monica não respondeu de imediato.

— Você acha que é possível ter feito sexo e não se lembrar?

Elas chegaram ao banco e, ao se sentarem, Laura estremeceu.

— Você está sensível... Lá embaixo?

Laura reconheceu que estava.

— Mas a gente deu aquela pedalada para visitar o seu namorado.

— Mas eu estou bem. Sei que estou mais acostumada a pedalar, mas você é jovem e está em forma. Eu não diria que você fosse sentir esse desconforto. Afinal, você andou a maior parte do tempo.

— No caminho de volta, houve uns trechos bem acidentados. — Laura se virou para a amiga. — Eu realmente preciso descobrir, Monica. Preciso saber se fiz sexo ou não. Acho que é importante.

Monica deu uma risada gentil.

— Bem, é claro que é importante, mas...

— Não, estou falando sério, preciso descobrir. Não posso voltar para a Inglaterra sem saber. Não posso.

Monica assumiu um ar pragmático.

— Certo, vamos tentar analisar. Você estava sozinha quando acordou?

Laura balançou a cabeça.

— Não, ele estava dormindo do meu lado. Roncando. E nu.

— Humm... Bem, você notou alguma coisa... Humm... Descartada no chão? Sabe? Como uma camisinha?

Laura fez uma careta.

— Não, mas eu estava muito ocupada procurando a roupa e querendo ir embora o quanto antes.

Monica suspirou e fez um movimento de negação com a cabeça.

— Se você espera não ter feito sexo com ele, as coisas não estão nada boas para o seu lado. Um homem daqueles, nu na cama com uma garota, que também estava nua, suponho? — Laura fez que sim. — As chances do cara não ter finalizado a situação com você são mínimas. E sem sinal de camisinha... Muito irresponsável.

— Mas com certeza eu me lembraria, não? — perguntou Laura, olhando na direção do pub, onde toda essa triste história tinha começado. Suspirou e puxou mais o casaco.

— Não se ele te deu um “boa noite, Cinderela” — sugeriu Monica, sem rodeios.

— Ele não faria isso. Não precisaria. — Disso Laura tinha certeza.

— Nunca se sabe, meu bem. Você sabe muito pouco sobre ele — lembrou-a Monica, embora gentilmente.

— Eu escrevi a droga da minha monografia sobre ele! Sei tudo que há para saber. Além disso, onde ele iria conseguir uma coisa dessas em Ballyfitzpatrick? — Ela duvidava que sequer tivessem ouvido falar em “boa noite, Cinderela” ali.

Monica deu outra risada.

— Nisso você tem razão, mas mesmo que você seja capaz de citar os livros dele de cor, não sabe nada sobre a vida sexual dele, sabe? Charles me passou a impressão de que ele é bem mulherengo. Todo cuidado é pouco.

— Isso não aparece na biografia do autor no fim dos livros — argumentou Laura. — Você tem razão.

— Você está realmente preocupada com isso, não é? — disse Monica, tocando no braço da amiga, assumindo um ar sério.

— Bem, estou! Eu, a última virgem com mais de 21 no hemisfério norte, posso ou não ter feito sexo. Eu meio que gostaria de saber.

— Você quer ir embora? A gente poderia ir antes...

Laura fez que não.

— Ah, não. Não podemos ir antes do outro evento dele... E preciso saber se ele irá ao festival. Há mais em jogo que a minha virgindade aqui! Além disso — continuou ela em voz baixa —, não posso perder a chance de me encontrar com

ele de novo.

Monica deu um tapinha em sua mão.

— É claro.

— Mas também preciso saber o que aconteceu ontem à noite. Caso contrário, como vou poder falar com ele sobre o festival, combinar as coisas, tudo isso?

— Entendo. Precisamos descobrir. — Ela se levantou, estendendo a mão para puxar Laura. — Venha, está gelado aqui fora, vamos até o café nos esquentar.

— Mas como, Monica? Com certeza não vou perguntar a ele — disse Laura enquanto elas andavam em direção ao café onde haviam feito o primeiro desjejum irlandês, que agora parecia ter acontecido há muitos dias.

— Está bem, então eu pergunto — ofereceu Monica.

— Monica, você não pode fazer isso. Não pode ir até Dermot Flynn e dizer: “Você fez sexo com a minha amiga?” Prometa que não vai perguntar. É muito constrangedor. — Ela pensou por um instante e então lançou: — Faz parte da Lei da Amiga.

— Eu que inventei a Lei da Amiga — disse Monica com firmeza —, mas admito que é o tipo de coisa que constaria lá. Já sei, eu vou perguntar a ele, mas ele não vai saber que estou perguntando, então não vai ter problema.

— Posso não estar na minha melhor forma intelectual... Minha cabeça dói tanto que meu cérebro deve ter atrofiado, mas... De que jeito você vai fazer isso?

— Vou pensar em algo. — Monica abriu seu sorriso irrepreensível, mas Laura não se convenceu.

Capítulo 6



O segundo evento, embora à tarde, também estava lotado. Se isso fosse uma indicação da quantidade de pessoas que ele atrairia para o festival de Somerby, Laura podia perceber por que todos estavam tão afoitos para levá-lo. Talvez, disse a si mesma, seja apenas porque ele é daqui. Porém, embora uma porção das vozes ao redor fosse irlandesa, havia uma quantidade substancial de sotaques ingleses e americanos também.

Dessa vez, Laura se escondeu no fundo do salão. Piedosamente, a ressaca era um eco distante, mas qualquer coisa que tivesse — ou não — acontecido na noite anterior tornaria um novo encontro com Dermot extremamente constrangedor. Entretanto, se no fim das contas eles tivessem feito amor (nem em sua imaginação Laura considerava essa expressão correta), ela lhe cobraria a promessa. Mas que terrivelmente triste — na verdade, trágico — que ela estivesse tão bêbada a ponto de não saber com certeza se havia acontecido ou não! Imagine se ela tivesse perdido sua virgindade com o homem que queria mais que qualquer outro e não estivesse consciente? Ela sabia que seu sentimento por ele não era amor de jeito nenhum, mas sim o tipo de adoração que as jovens geralmente reservam aos cantores ou astros de cinema. Ficar inconsciente durante o processo era imperdoável.

Monica havia concordado que ficaria mais na frente para poder agarrá-lo e fazer a pergunta antes que todos fossem para o pub. Laura precisava saber o mais rápido possível, e mesmo que ela e Monica concordassem que várias cervejas facilitariam o interrogatório, a interpretação da resposta poderia ser incoerente ou levar a outras coisas. As duas chegaram ao acordo de que, por amor aos seus fígados, não deveriam passar mais tempo que o necessário no pub.

A conversa em torno do “que diabos você vai dizer?” tinha levado algum tempo.

— Que tal “Você já fez sexo com uma virgem e se fez, quando foi?” — sugeriu Monica.

Laura ficou vários segundos em choque antes de perceber que Monica estava

brincando.

— Por que ficar com rodeios, Mon? Por que não ir direto ao assunto? — Laura ria agora; o que tinha sido justamente a intenção de Monica. Mas havia um quê de histeria ali.

Ela tentou de novo.

— Que tal: “Você já desempenhou as cenas de sexo dos seus livros e, em caso afirmativo, quando?”

Laura parou de rir e ficou indignada.

— Não! Não há cenas de sexo nos livros dele que pudessem nos dar uma pista!

Monica deu de ombros.

— Desculpe, eu não li.

— Isso é mais que óbvio!

— Espere aí! Eu estou te fazendo um favor, não esqueça!

Laura se desculpou.

— Sinto muito! Estou sendo uma vaca. Fui eu que me enfiei nessa, eu mesma devia achar a saída. Por que você vai passar vergonha por mim? Se pelo menos eu não fosse tão idiota!

— Olha só, tudo bem. Você não precisa ficar se flagelando ainda mais. O cilício é tão século passado... Melhor dizendo, tão vários séculos passados! Na hora eu penso em alguma coisa para dizer, assim vai parecer mais natural.

Laura não se tranquilizou.

— Já organizei um monte de sessões de autógrafos, leituras, perguntas e respostas e também já fui a outras que não organizei e ninguém nunca, jamais, perguntou ao autor sobre sua vida sexual.

Monica não levou a sério.

— Mas eu sou uma roqueira da pesada. Posso fazer perguntas que vocês, amantes da literatura, não fariam.

Monica exibiu uma expressão despreocupada que poderia ter convencido Laura quando a conheceu, duas semanas antes, mas agora ela percebia que a “roqueira da pesada” ou, no seu caso, a “cantora de *swing* da pesada” era uma imagem que vinha junto com uma peruca cor-de-rosa e cílios postiços.

— Eu mesma devia fazer isso. Tenho certeza de que se ficar bêbada o bastante... Droga, quando fiquei bêbada antes, quase fui para a cama com ele!

— É, e você ficou tão bêbada que nem consegue se lembrar se fez sexo ou não — lembrou-a Monica com gentileza, no caso de isso ter-lhe escapado da lembrança. — Qual será a vantagem de encher a cara para conseguir perguntar e depois sequer conseguir entender a resposta ou então se esquecer de qual foi? Não, deixe comigo.

Envergonhada pela verdade disso, Laura se calou.

Embora Dermot tivesse dito que faria uma sessão de perguntas e respostas, “Você fez sexo com a minha amiga?” devia ser uma pergunta inesperada. Laura não fazia ideia se Monica conseguiria perguntar e estava pensando freneticamente num plano B. Será que não poderia pegar o e-mail dele e lhe enviar um rápido “Talvez você não se lembre de mim, mas eu estive no festival literário de Ballyfitzpatrick e é possível que tenhamos feito sexo. Lembra de algo assim? Nós fizemos ou não? Eu acho que eu devia saber...”

Não, provavelmente não. Ela precisava confiar em Monica.

Dermot Flynn deu um salto para o palco, à mesma maneira *rock star* da noite anterior. Laura suspirou. Sentiu uma mistura de enorme saudade e imenso alívio por ele talvez ser ainda mais atraente do que ela se lembrava, o que indicava que não havia sido uma impressão apenas transmitida pela bebida. Ela esperava muito, muito, não ter desperdiçado o que devia ter sido uma das experiências mais maravilhosas de sua vida por estar embriagada.

Laura sentiu as pernas ficarem bambas ao pensar no que *conseguia* se lembrar do que havia acontecido entre eles. Dermot não podia ter feito nada que ela não gostasse, caso contrário ela não sentiria essa fraqueza ao vê-lo — ou pelo menos não essa fraqueza melosa que ela estava sentindo agora, que fazia o peito palpitar. Haveria algum tipo de mágoa psíquica, com certeza. Será que poderia haver algo que seu cérebro reprimira, mas que seu corpo lembrava? Era isso que acontecia nos romances policiais.

Não havia ninguém para apresentá-lo ou para presidir o evento. Todos o conheciam e Dermot não precisava de uma babá — ela quase podia ouvi-lo dizer isso. Tinha dois livros debaixo do braço, e Laura pôde ver marcadores dentro de cada um. Alguém próximo a ela murmurou:

— Acho que ele vai fazer leituras dos dois. Genial!

— Eu vim do Canadá para ouvi-lo — comentou outra pessoa. — Iria a qualquer lugar, pagaria qualquer coisa.

— Ah, se ele lançasse outro livro! Já sei esses dois de cor! — disse a primeira pessoa.

Concordando em silêncio, mas de modo sincero, Laura mudou de posição um pouco, ficando atrás de seu vizinho quando viu Dermot esquadrihar a plateia com seu olhar. Ela esperava que ele não a notasse lá no fundo; tinha feito o maior papel de boba.

Mesmo sem muita certeza, Laura teve impressão de que ele parou ao passar o olhar por onde ela estava. Fechou os olhos... Assim ele nunca a localizaria. Ou, mais importante, ela nunca saberia se ele a havia encontrado.

Ela reconheceu o trecho lido imediatamente, mas é claro que reconheceria,

raciocinou consigo mesma. Como a pessoa agora colada em seu braço esquerdo, ela sabia quase todas as palavras de cor. Era uma cena em que o protagonista está descrevendo a mulher que ele ama ao seu melhor amigo. O herói está dizendo uma coisa, mas pensando outra. Não havia nada explícito, obsceno ou pornográfico, mas a paixão e o desejo do jovem pela mulher eram absolutamente claros. Só ouvir aquela bela voz dizendo aquelas coisas maravilhosas era o suficiente para fazê-la querer prometer que seria sua escrava sexual para sempre e nunca lhe pedir que chegasse perto do festival literário.

Quando ele parou de ler, ela precisou se lembrar de respirar. Não tinha sido a única; as mulheres em volta estavam a ponto de desfalecer. Luxúria grupal, concluiu ela; era como histeria grupal, só (felizmente) mais contida. Era preciso apenas que uma delas começasse a gritar ou jogar as calcinhas no palco, para que todas as outras seguissem o exemplo — ou pelo menos todas que não precisassem se esforçar para tirar o jeans, pulando numa perna, lutando com meias grossas. Laura ficou agradecida pelo péssimo sistema de aquecimento do local e pelo fato de que as fãs estivessem bem-vestidas para o frio.

— Certo. Perguntas? — indagou ele.

Após uma rodada de perguntas, que Dermot respondeu sabiamente com charme e franqueza, ele olhou para o relógio.

Laura começava a imaginar se Monica tinha perdido sua chance. Sua mão estava acenando havia um tempo.

— Tempo só para mais algumas...

— Aqui! Eu! — A voz de Monica cantou lá da frente. Laura podia ver que ela não compartilhava dos sentimentos de quase todas as outras mulheres ali presentes ou estava acima delas. Mas que diabos ela poderia dizer na frente de uma plateia tão grande para conseguir a informação que elas desejavam?

Monica pigarreou.

— Dizem que todos os primeiros romances são autobiográficos. Isso valeu para você?

Como, perguntou-se Laura, num frenesi, Monica conseguiria passar dessa pergunta superpadrão para “Minha amiga ainda é virgem?”? Era um absurdo! Em seguida, repreendeu-se — Monica era uma amiga que estava lhe fazendo um favor, não uma especialista em interrogatórios. Ela sabia que era tarefa sua perguntar a Dermot, mas só de pensar nisso cada uma de suas terminações nervosas teve um espasmo. Talvez nem importasse tanto se ela nunca conseguisse saber.

É claro que Dermot Flynn havia respondido essa pergunta um trilhão de vezes. Ele deu seu sorriso preguiçoso e cativante.

— Bem, você precisa lembrar que eu escrevi esse livro quando era muito

jovem. Não havia muito a ser autobiográfico.

Obviamente, Monica não se satisfez com essa resposta.

— Bem, você costumava tran... digo, dormir com todas as mulheres que via?

Laura se encolheu.

Claramente, Dermot achou graça.

— Digamos que há mais imaginação que experiência nesse livro.

— Só estou me perguntando — continuou Monica — se você é adepto do sexo seguro... — Agora ela parecia ter partido para outro caminho.

Laura engoliu em seco. Dermot pareceu confuso, assim como a maior parte da plateia.

— Quero dizer — explicou —, um monte de jovens leem seus livros...

De onde Monica tinha tirado isso? Vai ver ela havia lido os livros, afinal.

— Não vejo bem... — disse Dermot, mas Monica estava resoluta e não se desviaria de sua rota nem seria interrompida.

— Não acha importante dar um bom exemplo?

— É claro...

Monica interrompeu antes que a plateia pudesse saber se Dermot concordava com ela ou não sobre a questão do bom exemplo ou se iria dizer algo totalmente diferente.

— Quando foi a última vez que usou uma camisinha?

Tudo aconteceu de modo muito rápido e Laura quis morrer.

O silêncio caiu sobre a plateia enquanto todos vibravam de expectativa. Era uma pergunta muito grosseira, e se Laura não soubesse que sua amiga só fizera isso por ela, acharia imperdoável. E se a multidão se virasse contra Monica? Será que ela conseguiria salvá-la?

— Devo dizer — disse Dermot, nada desconcertado — que essa é uma pergunta talvez mais conveniente a um cenário íntimo, mas já que você quer saber, foi há cerca de quatro meses. Próxima pergunta?

Laura abriu caminho até a porta e fugiu. A noite estava gelada, sua amiga tinha se humilhado e ela ainda não sabia até onde as coisas tinham ido entre ela e Dermot na noite anterior. Monica logo se juntou a ela.

— Obrigada pela tentativa, Mon — agradeceu Laura antes que sua amiga pudesse se desculpar. — Eu sei que você fez o melhor que pôde. Acho que nunca vamos saber. Vamos simplesmente supor que não aconteceu nada de mais, certo?

Subitamente, uma lembrança dos acontecimentos voltou. Não parecia “nada de mais”; na verdade, tinha sido fantástico — com ou sem chegar às vias de fato.

— Não vou desistir até saber a verdade — anunciou Monica. — Você nunca terá paz de espírito se não souber. Nós vamos ao pub agora, pedimos as bebidas

antes que encha e eu farei uma pergunta complementar. É assim que a chamam, não é?

— Talvez — disse Laura desconsolada —, mas você pode fazer com que nos expulsem por assediar o astro! Você foi bem... direta lá.

Monica mordeu o lábio, possivelmente arrependida.

— Eu sei, mas tinha que ser.

— Estou me sentindo uma idiota por não notar...

Monica conteve o riso.

— Por não notar se fez sexo com um dos homens mais atraentes do planeta? Sabia que existe uma coisa chamada “estar no mundo da lua”?

Laura gemeu de frustração.

Monica lhe deu uns tapinhas tranquilizadores.

— Agora vamos tomar um trago para dar coragem... Vamos precisar!

— Achei que tínhamos concordado...

— Você quer ou não saber se ainda é virgem?

Laura confirmou e, obediente, seguiu a amiga até o pub.

O fato de Monica o estar esperando com um canecão de cerveja preta pareceu fazer com que ela subisse no conceito de Dermot, pelo menos o suficiente para que ele se aproximasse dela para pegá-lo. Laura tinha se refugiado num dos pequenos ambientes do lugar e escutava por trás de uma divisória. Elas haviam decidido que seria mais fácil se Monica o confrontasse sozinha.

— Você me pôs numa saia justa lá — disse ele. Laura ouviu o copo pousar na mesa após vários longos segundos. Consequia imaginar o movimento do pomo de adão de Dermot engolindo a cerveja. Então se lembrou de que esse era um dos caracteres sexuais secundários e parou de pensar nisso.

— Só achei que você foi completamente irresponsável — explicou Monica.

Laura se retraiu. Lá vai ela de novo. Como é que Monica conseguia ser tão grosseira? Não conseguia saber se Monica estava realmente exasperada por causa dela ou se tentava provocar uma reação.

— Mas por que diabos?

Laura podia imaginar sua indignação e não o culpou por isso... Nem pelo linguajar.

— Porque você sempre devia usar camisinha — declarou Monica. — Não só quando lhe pedem.

Era de se admirar a persistência dela, pensou Laura, mesmo que aquilo pessoalmente lhe desse vontade de morder os cotovelos de tanto constrangimento. Ela nem ousava cruzar as pernas ou se curvar para a frente; assim como estava já conseguia atrair olhares curiosos.

— Eu concordo — disse Dermot, soando bem afável. — Sempre uso.

Houve um silêncio. Laura quase podia imaginar Monica semicerrando os olhos.

— Então, quando foi a última vez?

Laura enxugou o suor que essa pergunta fez brotar em sua pele e enfiou os dedos dobrados na boca. Já nem se importava com o que as pessoas em volta pensavam do seu comportamento.

— O que, que eu usei camisinha? Ou que fiz sexo?

Laura soltou um gemido.

— Qualquer um. É de se presumir que a resposta seja a mesma.

Monica era um cão terrier quando se tratava de conseguir uma informação, percebeu Laura, e realmente desejou que ela tivesse incorporado uma raça menos tenaz. Mas será que um cocker spaniel teria dado conta do serviço? Ela estava levemente ciente de que uma combinação de constrangimento, terror, remorso e uma porção de outras emoções complexas demais para serem nomeadas estavam fazendo seus pensamentos saírem dos trilhos.

— Como eu já disse, faz uns quatro meses — respondeu Dermot. E então: — Ah, acho que entendi do que tudo isso se trata.

Subitamente apavorada por estar prestes a ouvir falarem dela pelas costas, Laura se espremeu para passar por várias pessoas e apareceu na frente deles. Não podia mais depender de Monica: precisava confrontar Dermot por conta própria.

— Sou eu — disse ela de seu esconderijo, tentando parecer o mais natural possível, como se não estivesse escondida ali todo o tempo.

— Aha! — exclamou Dermot, numa atitude que Laura considerou cruel.

Laura empurrou para o lado alguns fregueses inocentes para se aproximar de Dermot e Monica.

— Eu precisava saber se nós fizemos sexo ou não ontem à noite — disse sem fôlego, agradecida por Monica ter insistido em tomar alguma coisa e por ela, pelo menos, ter bebido um pouco de uísque.

O sorriso de Dermot foi de arrasar.

— E você não podia simplesmente ter me perguntado?

Laura engoliu em seco e balançou a cabeça.

— Muito constrangedor — explicou. — Achei que eu devia saber.

— Se você não soubesse — disse Dermot baixinho —, a culpa teria sido minha, não sua. Mas você pegou no sono e depois sumiu, obviamente pensando melhor no caso. Estou tentando não me sentir magoado — implicou ele.

— Não foi bem isso...

— Vou procurar o Charles e colocar alguma música — anunciou Monica, aliviada por ter cumprido seu dever. — Vocês dois podem se entender agora.

Ela saiu, abrindo caminho entre as pessoas, sendo seguida pelo olhar queixoso

de Laura.

— Essa mulher é um osso duro de roer — comentou Dermot, admirado.

— É uma boa amiga. Ela se meteu em problemas por minha causa. Ou pelo menos passou por um grande constrangimento.

Dermot não se impressionou.

— Bem desnecessário. Ela podia simplesmente ter perguntado. Ou você.

Laura sentiu-se mais livre do torpor e começou a rir.

— Como seria essa conversa, eu me pergunto. Eu podia ter dito: “Desculpe, Sr. Flynn, o senhor poderia me lembrar se nós fizemos sexo ou não ontem à noite?”

— Você poderia ter usado meu primeiro nome. Eu não a consideraria atrevida. Afinal, vi você nua.

Laura tentou tomar um gole de seu copo, mas descobriu que estava vazio. A ideia de que ele a tinha visto nua, de ter estado nua diante dele, era extremamente erótica e muito constrangedora ao mesmo tempo.

— Você precisa de outra bebida — disse Dermot e ergueu a mão. — Uísque para a dama.

Num passe de mágica apareceu um copo. Depois de tomar um bom gole e sentir que sobrevivera ao maior constrangimento que uma mulher podia experimentar, ela disse:

— Então, você vai ao meu festival literário?

O sorriso de Dermot fez o estômago de Laura se revirar de desejo, mas o cérebro lhe dizia que provavelmente não iria gostar do que ele tinha a dizer.

— Todos os termos e condições continuam de pé.

Indefesa, Laura olhou nos olhos dele, que estavam sorridentes, mas resolutos. Ela desviou o olhar rapidamente, passou alguns instantes mordendo o lábio e, de um modo geral, tentando fazer o chão se abrir e engoli-la. Quando finalmente aceitou que isso não aconteceria, ela disse:

— Ah, bem, ninguém pode me acusar de não ter tentado o máximo possível.

Laura tinha concordado com os termos dele uma vez, quando estava muito embriagada, mas com a sobriedade viera a sanidade, e ela não se permitiria fazer uma tolice dessas agora. Virou-se, preparada para abrir caminho e procurar Monica.

Sentiu a mão dele em seu braço.

— Espere aí, não quis dizer que não dá para negociar!

Laura se virou. Ela não havia pretendido ser esperta e blefar para que ele mudasse de ideia, mas por acaso fora esse o efeito de sua reação.

— Você quer dizer que, como tivemos algumas preliminares, levará essa parte em consideração? — perguntou ela sorrindo, ciente de que estava flertando

novamente e gostando da sensação. Nunca tinha feito muito isso, mas havia lido o suficiente sobre o assunto para perceber o que estava acontecendo. Agora que ele não se recusara totalmente a ir ao festival, ela se sentia em terreno mais firme.

— Quero dizer que vou cruzar o Mar da Irlanda para ir à Inglaterra para não participar do festival, que é mais ou menos o que aconteceu ontem à noite. — Seus olhos brilharam com maldade sensual.

— Ah bom — gracejou ela, sentindo mais confiança. — Não creio que o fato de você ter ido tão longe me ajudaria a convencer os patrocinadores a ainda nos dar o dinheiro. Pelo menos, não tanto quanto teriam dado, é óbvio.

— Ah, então era por causa do patrocínio que você queria tanto me levar para o seu festival. Eu achei que “realmente admirava o meu trabalho”. — Ele fez uma imitação irritante de voz feminina que não se parecia nem um pouco com a dela. Não estava mais flertando.

— Eu admiro... admirava... seu trabalho — disse Laura, também sem querer flertar mais. — Isso é absolutamente verdadeiro. Mas não tem produzido muito ultimamente, não é?

O diálogo estava mais especulativo agora. Por um instante ela cogitou se não tinha ultrapassado o limite.

— Você é muito cruel — disse ele, felizmente ainda se divertindo —, mas talvez eu mereça.

Laura estava ciente de que uma mulher que tivesse mais prática com homens reais, em vez de heróis literários, teria algo inteligente para dizer agora. Jane Austen, Georgette Heyer ou qualquer escritora mais jovem de chick lit teria feito esse homem implorar para ir ao seu festival literário com algumas frases concisas. Ela ficou calada.

— Olha só — continuou ele, obviamente tendo chegado a alguma decisão —, deixa eu te mostrar um pouco da paisagem rural. Vamos dar uma caminhada juntos amanhã de manhã. Então, talvez você entenda por que não tenho vontade de sair daqui, nem por um período curto.

Laura pensou. Haveria tempo: a volta para a Inglaterra estava marcada para amanhã à noite. Monica não se importaria.

— Na verdade, eu e Monica saímos de bicicleta ontem. Eu já vi a paisagem rural.

Por que tinha dito isso?, repreendeu-se. Ele estava levantando a bandeira branca.

— Vai parecer bem diferente através dos meus olhos, garanto — insistiu ele.

— Tenho certeza. — Ela ainda não se sentia preparada para ceder. Gostava de não concordar imediatamente com qualquer sugestão de um homem que estava

obviamente acostumado com mulheres obedecendo cada desejo seu.

— Mas você e Monica, vocês não são gêmeas siamesas, são?

Laura arregalou os olhos numa expressão de inocência.

— Você não quer mostrar a paisagem rural a uma mulher que te faz perguntas tão pertinentes?

Ele deu uma risada.

— Talvez você não tenha grande apreço pela minha moral, mas garanto uma coisa: eu só cortejo uma mulher por vez.

— Se elas souberem uma da outra — disse Laura, como que para confirmar.

Ele sorriu.

— Isso mesmo. Então, vamos?

Ele a estudou seriamente. Laura se sentia atraída por aquele olhar magnético, apesar da intenção de continuar calma e reservada.

— Para uma caminhada?

Novamente ela deu a impressão de querer confirmar que nada de mais estava sendo pedido, quando sabia perfeitamente que se ele tivesse lhe pedido para cruzar o Atlântico a remo com ele, ela provavelmente teria concordado.

— É só o que estou lhe pedindo... Dessa vez. Levarei o almoço — acrescentou ele, como se isso fosse encerrar a discussão.

Ela deu um sorrisinho afetado.

— Então está bem, seria muito legal.

— Muito legal? — A escolha das palavras obviamente o ofendera. — Nossa!

— Não vai ser legal, então? — perguntou ela, esperando que ele não percebesse o quanto estava se divertindo.

Dermot estreitou o olhar, as pupilas quase desaparecendo por entre as pálpebras cerradas.

— Vai ser espetacular.

Laura engoliu em seco. Sua voz era tão sexy que ela juntou os joelhos para que a perna parasse de balançar.

— Eu trago você de volta bem antes da hora de pegar o *ferryboat*. — disse ele.

— Você gosta de se exercitar, não é? — Laura se esforçou para ser vivaz. — Se é tão difícil para você normalmente, tenho certeza de que poderia conseguir um *personal trainer*.

— Olha aqui, Srta...

— Horsley.

— Você está tendo a oportunidade de ver um dos lugares mais lindos da Irlanda através do ponto de vista de...

Ela interrompeu, sorrindo, fingindo implicar, mas na verdade falando bem

sério:

— Um dos escritores mais talentosos que a Irlanda exportou em muito tempo? Seu sorriso lento e torto podia ter sido irônico, ou podia ter correspondido completamente à descrição.

— Bem, foi você quem disse. Laura fingiu ficar estarrecida.

— Você não devia concordar comigo. É tão convencido assim?

— Alguns dirão que sou, muito.

Ela levantou a mão.

— Pode me incluir nesse grupo.

Ele ergueu as sobrancelhas, reconhecendo o desafio.

— Outros diriam que um artesão deve reconhecer seu valor.

— Só os que adoram bajular você.

— Ontem você teria sido a sócia fundadora desse grupo. Meu Deus, como você estava louca para transar comigo!

Ela precisou reconhecer que era verdade, por mais que isso inflasse esse ego já imenso.

— Felizmente fui salva de mim mesma.

Ele deu uma risada.

— E talvez você consiga me salvar de mim mesmo.

Laura riu junto.

— Onde nos encontramos amanhã de manhã?

— Na esquina, perto da loja. Vamos percorrer um trecho de carro antes.

Monica deixou que Laura voltasse sozinha do pub depois de se convencer de que nada de mau lhe aconteceria. Laura queria estar disposta na manhã seguinte e sem ressaca. Embora já tivesse bebido muito mais do que era compatível com uma vida saudável, se tomasse bastante água e uma aspirina, deveria acordar bem. Nos últimos dois dias, ela havia bebido mais do que na vida inteira, inclusive quando era estudante.

Foi a vez de Monica entrar sorrateiramente no meio da madrugada e de Laura bancar a santa, embora Monica estivesse bem o bastante para se levantar e comer o desjejum gigantesco que elas não só desejavam como aguardavam ansiosamente, o que era preocupante.

— Estou com uma sensação terrível — disse Monica, enchendo um pedaço de pão com manteiga e geleia de laranja — de que uma torrada e uma banana já não serão mais suficientes para mim. Vou precisar do café irlandês completo todos os dias.

— Bem, eu preciso me alimentar bem porque vou me exercitar — anunciou Laura.

— Humm, vai é? Importa-se de ser específica sobre o exercício que tem em mente?

Laura deu uma risada.

— Para ser totalmente honesta, não acho que o exercício que tenho em mente é o tipo de exercício que vou fazer, mas tenho certeza de que vou queimar um monte de calorias, de qualquer forma.

— Quer dizer que você realmente gosta dele? — Monica a analisava com cuidado.

— Minha nossa, gosto — respondeu Laura, percebendo tarde demais que devia ter sido menos veemente. Ela sabia muito bem que estava totalmente apaixonada e também sabia muito bem que isso não levaria a nada e que era melhor começar a superar esse sentimento o mais rápido possível; logo depois da caminhada. Até então ela poderia desfrutar de algumas horas de deleite, mesmo que isso provavelmente fosse dificultar muito a parte da superação.

— Bem, te desejo sorte com ele. Ele é maravilhoso, mas não é uma cavalgada para principiantes, se você me permite uma metáfora equestre.

Laura ergueu a xícara para saudar o comentário.

— É uma ótima metáfora. Excelente.

— Mas é tarde demais, não é? Todos os meus conselhos já não servem para nada; tarde demais.

— Os bons conselhos quase sempre são assim, não é?

— Espero que sim, mas me faça um grande, enorme favor: se for para a cama com ele, lembre-se dessa vez... E tome precauções!

— Monica, é janeiro, na Irlanda. Vamos dar uma caminhada. Creio que isso dá conta de todas as precauções necessárias.

Capítulo 7



Bem agasalhada com todas as roupas sensatas que as duas tinham e um saco de balas de caramelo no bolso para qualquer emergência, Laura esperava por Dermot na esquina, como combinado. Assim que ela se convenceu de que ele tinha dormido demais e não iria aparecer, um velho Citroën apareceu e encostou ao seu lado.

— Entre, temos uma estrada pela frente.

Ela entrou, lembrando que estava num carro com um dos maiores nomes da ficção irlandesa moderna — na verdade, de qualquer ficção moderna. Decidiu começar um diário, simplesmente para poder registrar esse momento.

O carro os levou morro acima com muito mais rapidez que as bicicletas. No topo, eles seguiram pela outra estrada costeira, na direção oposta a que ela e Monica haviam tomado uma vida e várias experiências dramáticas atrás. Ao passarem pelas placas que indicavam a direção para o vilarejo que elas haviam visitado, Laura se perguntou se Monica não pegaria o carro em seu dia livre para ir ver o cara que ela estava tão a fim de encontrar. Embora tivesse lhe perguntado, Monica fora evasiva, mas parecia animada. Laura não sabia se ela tinha obtido resposta ao bilhete que havia posto na caixa de correio, mas sua amiga não era de deixar as coisas de lado. Ela aproveitaria a oportunidade ao máximo.

Laura, por outro lado, se perguntava se suas tentativas de levar Dermot Flynn ao festival dariam em alguma coisa. Será que ele só a enrolaria?

Monica o faria assinar alguma coisa, possivelmente com sangue. Se ao menos ela conseguisse ser mais agressiva, como sua companheira, tudo daria certo. O problema era que ela não conseguia.

Laura percebeu que essas divagações sobre Monica eram uma distração de sua própria situação. O que estava acontecendo com ela era quase completamente maravilhoso, mas ela não tinha certeza se conseguiria encarar isso. Só podia esperar que sua paixãoite, ou o que quer que fosse, não a fizesse agir de modo idiota outra vez, apesar de provavelmente ter se deixado dominar pela luxúria (e,

é claro, pela bebida) antes, quando havia concordado tão prontamente em ir para a cama com ele. Agora estava prestes a passar um dia com o escritor que havia admirado durante toda a vida adulta; não podia deixar que nada interferisse nisso.

No entanto, uma conversa não parecia possível. Ela tentou pensar em algum comentário descontraído — sobre a paisagem, por exemplo. Mas não parecia haver nenhum modo de descrevê-la a não ser como “linda” ou “encantadora” ou, pior ainda, “muito bonita”, e clichês simplesmente não funcionariam. Além disso, a paisagem era tão linda que conversar parecia supérfluo, invasivo até. E ela não iria falar sobre o trabalho dele. Nem sobre o seu. Então, ficou calada.

Finalmente, ele fez uma curva e entrou numa estrada estreita. A cerca viva dos dois lados carecia de cuidados e havia uma fileira grossa de capim crescendo no meio do caminho, que descia e parecia levar ao mar. À medida que seguiam, a estradinha foi ficando ainda mais estreita e as sebes, mais altas.

— Você tem certeza de que isso é uma estrada e não apenas um caminho que leva a uma fazenda ou coisa parecida? — perguntou Laura, com a ansiedade rompendo o silêncio autoimposto. — A largura mal dá para o carro.

— Leva mesmo para uma fazenda. Deixaremos o carro lá e começaremos a caminhada. Espero que você esteja com o tipo certo de calçado. — Ele deu uma olhada para os pés dela.

— É claro que estou — respondeu ela, satisfeita com suas botinas fortes, sem salto, mas ciente de estar sendo considerada uma completa cabeça de vento. Será que só porque tinha ficado muito embriagada e quase fizera uma bobagem, ele a taxara de boba? Isso seria muito injusto. Ela era inteligente e eficiente na vida real. Se ao menos ele pudesse vê-la na livraria, discutindo sobre o último fenômeno literário, organizando um evento, então ficaria impressionado.

Antes mesmo de ele estacionar o carro, vários cachorros da fazenda vieram saltando e latindo furiosamente. Laura se considerava uma amante dos animais, e qualquer cachorro que encontrava era cumprimentado com um afago e um caloroso “olá”, mas de repente não estava disposta a abrir a porta. Eles pareciam um bocado ferozes.

Parecendo ignorar a matilha voraz, Dermot saiu e foi até o porta-malas do carro. Os cachorros o cercaram. Laura se virou ansiosa no banco da frente, pensando em como conseguiria ajuda se eles o atacassem. Mas não pareciam estar atacando e, se estivessem, Dermot permanecia bem quieto. Por que ninguém aparecia para acalmá-los? Ou, se eram cães de guarda — o pátio da fazenda não ficava distante —, por que ninguém aparecia com uma espingarda para expulsar eles dois da propriedade? Com certeza alguém devia ter ouvido o barulho. Era de se presumir que Dermot realmente conhecia as pessoas e que

elas não se importariam que ele estacionasse ali. Ela havia passado a maior parte da vida em cidades pequenas e não conhecia muito bem as coisas do campo. E, pelo que constava, a Irlanda não era apenas o campo, mas um lugar completamente diferente.

Dermot deu a volta até a porta dela e a abriu.

— Venha. É hora de esticar as pernas.

Ele estava com uma mochila que tilintava um pouco.

Ela hesitou, mas antes que conseguisse forçar uma perna para fora da segurança do carro ele perguntou:

— Você está com medo dos cachorros?

— Um pouco. Uma vez fui mordida por uma collie, que não tinha qualquer motivo para me morder.

— Você quer dizer que não estava ameaçando o filhote dela nem comendo sua comida?

— É.

Dermot deu de ombros, obviamente incapaz de explicar essa aberração da natureza.

— Esses aqui podem ser uns monstrenhos barulhentos, mas não são perigosos.

Cautelosa, ela saiu do carro. Os cães a cercaram, ainda latindo furiosamente.

— Viu? Está tudo bem com eles.

Laura não achava que eles estivessem bem. Eram estrábicos e pareciam magros e famintos. Pularam para farejá-la melhor. Embora se esforçasse, Laura não conseguiu conter um choramingo.

— Vamos acabar com isso — murmurou ele e, sem avisar, colocou-a sobre os ombros e a carregou como um saco de batatas pelo trecho enlameado até o portão. Ainda mais agitados agora que seu petisco estava tentadoramente fora de alcance, os cachorros pulavam e latiam cada vez mais alto. Laura fechou os olhos, preparada para levar uma mordida a qualquer minuto. Ela sabia que não era tão pesada, mas também que devia ser uma carga considerável. Sem dúvida, Dermot estava ofegante.

Enfim ele a pôs no chão e ela abriu os olhos.

— Fique aqui enquanto eu abro isso. — Ele apontou para o portão enferrujado feito de cabos de andaime. — Vai levar um tempinho; não é aberto há anos. Eu sempre pulo.

— Eu posso pular! — ofereceu-se ela, já se sentindo patética o bastante. — Só não deixe... Ah!

Um collie pulou e deixou saliva em seu braço.

Dermot se virou para o cachorro.

— O que pensa que está fazendo, cachorro idiota? Assustando a pobre moça

desse jeito! Ela vai achar que não temos educação aqui na Irlanda... Se é que já não acha!

— Não acho — disse ela. — Só em relação aos cachorros — acrescentou em voz baixa, sentindo-se muito ridícula.

Dermot ignorou seu murmúrio.

— Tem certeza de que pode pular numa boa? Se você preferir, eu abro — Fez uma pausa. — Se bem que, considerando os sulcos, vou ter que levantá-lo bem...

Antes que ele acabasse de falar, ela pôs o pé no segundo cabo de andaime. Uma pena que suas pernas fossem um pouco curtas, o que tornava a manobra mais difícil. O que para uma pessoa mais alta seria uma simples questão de passar uma perna e depois a outra, para ela significava alguns momentos desconfortáveis presa no alto, sem conseguir ir adiante. Dermot segurava seu braço.

— Traga a perna de volta. Isso. Agora suba para o próximo cabo, assim fica mais alta. Pronto. Estou segurando.

Ela escalou o portão e acabou caindo do outro lado. A humilhação não teria fim? Agora ele vai me odiar, pensou. Sou tão urbana que nem podem me levar a um passeio no campo porque não consigo sequer pular portões sem ajuda.

— Você está bem agora? — perguntou ele quando, após um salto atlético, já se encontrava em cima do portão e depois ao lado dela, num movimento elegante.

— Estou, obrigada. Só não tenho muita prática.

— Quando foi a última vez que pulou um portão? — Ele parecia se divertir, como se esperasse que ela nunca tivesse pulado um portão antes.

— Algum tempo atrás — disse ela, tentando freneticamente se lembrar.

— Aposto que tinha uns 6 anos.

Embora tentasse contê-lo, um sorriso apareceu no canto da boca quando ela se lembrou de um feriado com a família na Cornualha.

— Eu devia ter uns 8.

— Teremos mais dois para pular. Espero que pegue o jeito.

— Com certeza vou pegar — retrucou ela, séria, mas rindo por dentro, e eles começaram a andar, Dermot num passo veloz. Eles subiram o morro. Estava um dia claro, luminoso, frio, mas ensolarado. No momento, o mar estava à esquerda deles, mas bem distante. O sol saltava das pequenas ondas como já tinha feito antes, faiscando como luzinhas delicadas à distância. O solo estava coberto pelo capim ralo. Aqui e ali, uma ovelha olhava curiosa para eles, perguntando-se quem seria louco o bastante para estar ali de livre e espontânea vontade. Laura, no entanto, estava sentindo calor. Não era fácil acompanhar o passo de Dermot, embora ela sentisse que ele estava indo devagar por causa dela. Não demorou

para que suas panturrilhas estivessem ardendo e ela precisou parar para tomar fôlego. O sangue pulsava em seus músculos como se ela estivesse tomando choques leves. Embora cansada, ela se sentia totalmente ciente de seu corpo e animada.

— Agora não falta muito. Eu quero que a gente almoce no lugar mais perfeito. Laura fez que sim, sem poder desperdiçar seu fôlego jogando conversa fora.

Eles continuaram subindo. Laura tirou o casaco e o amarrou na cintura com as mangas. Mesmo assim, continuava suando por baixo das roupas. Mas estava exultante e, embora tenha ficado satisfeita quando ele anunciou a parada, teria alegremente continuado a andar bem mais.

— Agora — disse ele, tirando a mochila das costas, pousando-a no chão e vasculhando dentro. — O que temos aqui? Um tecido impermeável para sentarmos. — Ele estendeu uma capa de chuva velha.

Ansiosa para agradar, ela se sentou, ciente de que era um pedaço de plástico bem pequeno e eles teriam que se sentar com os quadris grudados. Então, lamentando, ela se lembrou de que as outras coisas que eles haviam feito tornavam a ideia de sentar lado a lado completamente vestidos, mesmo que se tocando, absolutamente respeitável.

— Agora... — Ele tirou um saco de papel pardo e olhou para o conteúdo. — Temos ovos cozidos, mas que precisam ser descascados, sinto muito; pães, queijo, presunto e umas latas de cerveja. Tudo bem para você beber na lata?

— É claro.

— Chocolate para depois.

— Meu doce favorito. E tenho uns caramelos no bolso. Tinha me esquecido deles antes. Eram para passar o tempo da viagem, mas ela foi bem rápida de qualquer forma.

Laura percebeu que estava alvoroçada demais e tentou se acalmar. Afinal, ele era apenas um homem. Porém, deu-se conta de que, para ela, ele não era apenas um homem; era o equivalente a Seamus Heany, e quantas garotas que o tivessem estudado na faculdade iriam se sentir perfeitamente à vontade em sua presença? Provavelmente uma porção, concluiu desconsolada, mas não ela. Durante a caminhada, ela se sentira confortável com ele, mas agora que haviam parado, sentiu-se subitamente tímida e acanhada outra vez.

Ele passou um pão para ela e pegou um papel-alumínio com manteiga dentro.

— Tenho tomates e pepinos, mas não alface. Vou cortar. — Ele tirou um canivete suíço do bolso e partiu o pepino em pedaços, depois o tomate. Ele parecia ansioso para agradá-la, o que era tocante. — Então, que tal? Se você empilhar tudo dentro do pão, pode acrescentar presunto e queijo. Também tenho maionese.

— Humm, que delícia!

— Eu devia ter trazido pratos. Ou um daqueles conjuntos elegantes.

— Uma vez eu li que nunca deveríamos confiar num homem que tenha seu próprio kit para piqueniques — disse ela, relaxando um pouco e logo percebendo que se aventurara num território que teria sido melhor evitar. Também nunca deveríamos confiar num homem com uma voz maravilhosa e olhos azuis como o mar, mas ler que era uma má ideia não nos impedia de fazer isso.

— Bem, então você está perfeitamente segura comigo. — Ele olhou para ela com ar cômico.

Ela se forçou a manter os olhos nos dele.

— Então está bem.

— Então, me fale de você, Laura — sugeriu ele, após um bom tempo mastigando.

Apesar do enorme café da manhã, Laura se flagrou comendo com entusiasmo. Ao acabar, deitou-se e espreguiçou-se. O sol brilhava em seus olhos, e ela os fechou. Ouviu-o se deitar ao seu lado.

— Não tenho muito a contar. Filha única, boa aluna, fiz faculdade, consegui um bom diploma e acabei trabalhando numa livraria. E você?

— Eu era o mais novo de uma família numerosa. Levado, mas esperto o bastante para não ser descoberto. Escrevi dois romances e acabei escritor.

— Mas você também viajou, não foi? Eu me arrependo de não ter feito algo assim antes de me estabelecer.

Ele deu uma risada.

— Você tem apenas 26 anos. Não acho que possa se descrever como “estabelecida”. Tem a vida inteira pela frente para viajar.

Ela balançou a cabeça.

— Sou muito tímida para sair por aí sozinha com uma mochila nas costas. Bem, pelo menos fui, até agora — acrescentou ao pensar melhor no que tinha acabado de dizer.

— Você não precisa ir sozinha com uma mochila nas costas. Há diversos modos de ver um pouco do mundo que não envolvem carregar muito peso de um lado para o outro.

Ela riu e se sentou, olhando para os objetos do piquenique.

— É, acho que sim. Eu fiz minhas viagens por meio dos livros até agora, mas como você disse, ainda há tempo para mudar isso.

Ele se apoiou num cotovelo e a analisou. Ela sentiu o calor do corpo dele junto ao seu e foi invadida por um ardor de contentamento. Estava conversando com seu autor favorito, tendo ao fundo uma magnífica paisagem irlandesa.

— O melhor escritor do mundo não pode ser substituto para sua própria

experiência — declarou ele.

— Não, não substituto, mas pode ser algo melhor, não é?

— Como assim?

Ela gesticulou na direção da vista.

— Bem, veja isso, por exemplo. É genial estar aqui porque é formidável, realmente lindo. Mas se você estivesse descrevendo isso num livro, poderia lhe atribuir uma série de significados que uma mera pintura ou só o olhar não permitem.

Ele emitiu um som entre suspiro e risada.

— Você está falando de mim em particular ou de escritores de modo geral?

Ela deu de ombros.

— Qualquer um. Como você preferir.

— Acho que vou ficar com a opção geral. A outra é muita responsabilidade.

— Você sente o peso de sua responsabilidade como escritor? — Isso era algo que Laura sempre quisera saber.

— Um pouco. — Ele parecia não querer continuar com a conversa. — Você quer andar até um pouco mais adiante? Podemos deixar as coisas aqui e depois voltar e tomar chá.

— Ah, sim. — Ela ficou de pé. — Talvez eu aproveite a oportunidade para viajar, mas uma viagem curta.

Ele riu.

— Vamos então.

Eles foram até o topo do morro, de onde podiam apreciar uma vista um pouco diferente. O sol ainda brilhava, e o mar faiscava. Por estar olhando para o mar, tentando localizar uma ilha que Dermot dissera que às vezes ficava visível, ela tropeçou. Ele segurou seu braço.

— Tudo bem? Não torceu o tornozelo, não é?

— Não, tudo bem. — Nervosa com a proximidade dele, ela se afastou. — Aposto uma corrida até as coisas do piquenique!

Enquanto corria, tendo cuidado com onde pisava, ela pensou no motivo para ter fugido dele. Era nele ou nela própria que não confiava? Ao se deixar cair junto às coisas, ela sabia que a resposta era nela. Ela podia fazer qualquer coisa. Se Dermot lhe pedisse para ir com ele a um refúgio e sugerisse que fizessem amor, talvez ela não negasse. E não podia. Teria que ir embora em breve e já gostava muito dele para querer se arriscar a fazer algo de que pudesse se arrepender mais tarde. Conhecia-se muito bem.

— Bem, agora — disse ele ao se juntar a ela — está pronta para o chá? Tem bolo de frutas para comer junto.

— Vamos esperar. Eu não poderia comer nada agora. — Sentindo um cansaço

repentino, ela se deitou de barriga para cima e ficou escutando o mar e os sons do campo: o balir ocasional de uma ovelha, um trator distante, uma gaivota. Ao fechar os olhos, ela se deu conta de que muito raramente havia desfrutado da natureza. Geralmente teria levado um livro junto e, mesmo que tivesse apreciado os arredores, não teria se entregado do mesmo modo.

Pouco depois, Laura abriu os olhos e ficou ciente da proximidade dele. Embora ela não se movesse, ele devia ter sentido que ela estava desperta, pois disse:

— Você nunca diria que poderia tirar um cochilo ao ar livre em janeiro, diria?

Ela deu uma risadinha sonolenta.

— Não, apesar de estarmos muito bem-agasalhados.

— O que é uma boa coisa também. Mas eu não consigo acreditar que você tenha dormido do meu lado outra vez!

Ela mudou de assunto rapidamente.

— Devo dizer que este lugar é divino. Posso entender por que você não quer sair daqui, mesmo que... — continuou ela — meu festival literário só significaria ficar longe por uns poucos dias. — Ela fechou os olhos de novo por causa do sol.

Ele riu.

— Para ser honesto, não é esse o motivo. Não gosto mais de participar de festivais literários.

Sabendo que ele devia ter participado de centenas de festivais quando seus livros foram lançados, ela não precisou perguntar o porquê; é claro que havia se entediado com aquilo.

— Então — continuou ele —, por que você quer tanto me levar para o seu?

Ela gostaria de negar o “quer tanto” — detestava parecer suplicante —, mas não podia. Além disso, era surpreendentemente fácil falar deitada de costas com os olhos fechados, sabendo que o outro fazia o mesmo.

— Bem, nós só conseguiremos patrocínio se você for, só isso. Fui enviada aqui numa missão para fazê-lo ir a qualquer custo.

— Humm. Não gosto de ser indelicado...

Ela riu.

— Bem, vou fingir que acredito.

— Mas você demonstraria tanta dedicação ao dever se eu tivesse 80 anos, fosse careca e usasse dentadura?

— Não. Mas se você tivesse 80 anos, fosse careca e usasse dentadura, teria dito que iria ao festival se eu fosse para a cama com você? — Ela fez uma pausa.

— Não, não responda, não quero ouvir.

Ele ria agora.

— Você tem razão. Eu fui treinado para ser um velho indecente desde os 17.

— Eu achava que você estava treinando para ser escritor quando tinha 17.

— As duas atividades andam juntas.

Deitar de costas a deixava propensa a rir.

— Não quero saber disso. Sou uma estudante séria de literatura, uma grande fã do seu trabalho e estava muito bêbada. Além disso, sou virgem também... Eu achei...

Toda vontade de rir a abandonou. Por que tinha dito isso? Por que tinha deixado as palavras escaparem? Sua linha de pensamento era muito lógica: ia dizer que gostaria de perder a virgindade com ele por causa de quem ele era, pelo modo como escrevia. Mas isso não era o tipo de coisa que se diz às pessoas, a menos que sejam amigas muito próximas, como Monica.

Ele ficou calado por alguns segundos.

— Ah, então quando você concordou em ir para a cama comigo, teria sido sua primeira vez?

— Ahã.

Ele deu uma risadinha.

— Não é de admirar que tenha fugido.

— Eu disse que estava muito bêbada e não teria fugido se não tivesse caído no sono.

— Então, o que foi tão assustador? Ter me visto roncando feito um porco ou a ideia de que você podia ter perdido sua virgindade com um escritor irlandês maluco?

Embora ela quisesse ser totalmente sincera, não disse a ele que não havia ninguém mais no mundo com quem ela quisesse perder sua virgindade. O tom dele era implicante, e ela não tinha certeza se, para ele, aquilo era ou não apenas uma brincadeira — mesmo que muito agradável. Suas respostas seriam tão leves quanto possível.

— Foi perceber que eu estava tão bêbada que nem sabia se nós tínhamos feito sexo ou não. Fiquei chocada comigo mesma.

— Mas não comigo.

— Não. Você é homem. Tinha feito uma sugestão casual, não esperava que eu levasse a sério, não é?

Ele fez uma longa pausa.

— Como estamos sendo totalmente honestos um com o outro, vou dizer uma coisa: não levo um fora com frequência.

Ela pôs as mãos sobre os olhos, embora ele não estivesse olhando.

— Ah, meu Deus! Agora eu me sinto como se estivesse numa longa fila...

— Se serve de consolo, não faço esse tipo de proposta com a frequência que costumava fazer. Estou me aquietando agora. E sempre uso camisinha, pode

dizer à Monica.

Ela riu baixinho.

— Fico contente de saber. E acho que você convenceu Monica sobre as camisinhas. Sinto muito ela ter assediado você daquele jeito. Ela só estava tentando cuidar de mim, mas deve ter sido muito constrangedor.

— Nem um pouco — respondeu ele. Laura pôde perceber o sorriso em sua voz. — Já me perguntaram coisas piores, nem te conto.

— É mesmo? Devo dizer que você realmente não pareceu constrangido.

— Então você conseguia ver, não é? Do seu lugar lá atrás.

— Sim. Era um salão bem pequeno. — Então esconder-se lá atrás não havia funcionado.

— E eu o enchi. Não precisa dizer nada mais sobre eu ser um peixe grande num laguinho.

— Eu nem sonharia! Não tenho dúvida de que você encheria o Albert Hall se concordasse em ir até lá.

— Isso eu não sei — rebateu ele, fazendo pouco caso, e continuou: — E outra coisa: eu te juro que se nós tivéssemos transado, você se lembraria, bêbada ou não. — Uma pausa. — Você estava assim tão fora de si? Não parecia.

Ela suspirou. Estar bêbada parecia uma desculpa melhor para seu comportamento do que estar apaixonada, cativa, dominada pelo desejo — ela ainda não conseguia decidir como definir seus sentimentos por ele. Isso seria realmente ultrajante.

— Não estou acostumada a beber tanto uísque.

— É, suponho que não.

— E o fato de ser virgem não é algo que costumo contar às pessoas.

— Bem, não é nada vergonhoso.

— Não, mas na minha idade é um pouco... Bem, na verdade é estranho.

— Existe uma razão para isso?

— Não. Só nunca conheci um homem que me atraísse o suficiente.

Ela corou, rezando para que os olhos dele ainda estivessem fechados e não a vissem. Praticamente tinha dito a Dermot que encontrara nele um homem que a atraía o suficiente.

— Bem, eu também tenho uma confissão a fazer.

— Qual?

— Estou com um bloqueio criativo há quase 15 anos.

— Minha nossa! — Laura não sabia o que dizer. Era uma revelação e tanto.

— E a razão para eu contar a você é que as confissões parecem ser algo mútuo entre nós. Não que eu espere que os padres católicos, ao ouvir os pecadinhos dos paroquianos, necessariamente digam: “Não se preocupe mais com isso, eu

mesmo dou minhas espiadelas nesse tipo de revista.” Mas você dividiu algo comigo e não há mais ninguém a quem eu possa contar.

Ela se sentiu incrivelmente privilegiada, embora achasse também que as pessoas já deviam imaginar que isso estava acontecendo com ele.

— Bem, você pode entender. — Dermot parecia ansioso para se justificar. — Dois livros que saem do prelo diretamente para as listas dos mais vendidos e dos selecionados para os prêmios literários.

— E você ganhou a maioria deles.

— Pois é. — Ele pareceu constrangido. — Estão todos esperando que eu fracasse agora.

Ela queria negar, mas sabia o quanto o mundo literário podia ser cruel. Adora podar talentos.

— Sua agente sabe?

— Não, e não pode saber. Cada vez que ela me liga, eu a iludo dizendo que estou trabalhando num livro enorme, que levará anos... E está levando anos.

— Ela compra essa? — Ela tinha certeza de que Eleanora não acreditava nisso.

A risada dele foi lamuriosa agora.

— Não é questão de comprar... Ela prefere ter algo para vender.

Ela riu junto.

— Não há um único editor que não pagaria milhões ou pelo menos centenas de milhares por um livro seu.

— Eu sei. E essa grana cairia bem.

— Será que você não poderia oferecer a eles três capítulos... Não teriam que ser tão bons, afinal... E fazer com que dessem um sinal?

— Isso, mocinha — disse ele, parecendo severo —, não seria ético.

Ela suspirou.

— É, acho que não. Mas uma porção de escritores faria isso.

— Eu acho que, se fizesse isso, meu bloqueio seria permanente. A culpa deixaria as coisas ainda mais difíceis. Os irlandeses são atormentados pela culpa, sabe?

— É mesmo? — Ela não tinha intenção de parecer descrente, mas pareceu. Para atenuar, sugeriu: — Ou você poderia dar oficinas de escrita criativa. Há oficinas em lugares incrivelmente exóticos. Não acho que paguem grande coisa, mas pode ser divertido. — Ela hesitou. — Todas aquelas escritoras ávidas. Você poderia escolher. — Custou-lhe um pouco continuar falando desse modo descontraído. Ela tinha certeza de que em qualquer grupo de mulheres ele poderia escolher qual quisesse. Saber disso não facilitava as coisas para ela agora que realmente o havia conhecido e que eles haviam tido uma conversa

séria. Sabia que seus sentimentos por ele não eram mais apenas uma paixão; eles corriam o risco de se tornar os alicerces de algo muito mais forte.

— Eu faço uma ou outra palestra, mas sempre senti que essas oficinas literárias são para escritores que já não escrevem.

— De modo algum. Alguns autores bem ativos dão esses cursos porque querem dar uma retribuição ao público e gostam de incentivar novos talentos.

— Ah, você não está querendo me confundir com um desses, está?

Ela deu uma risadinha.

— Não, de jeito nenhum.

— Não deboche de mim.

— Eu não poderia nem sonhar com isso.

— Eu adoraria saber com o que você sonha — disse ele.

Laura engoliu em seco.

— Já fiz confidências demais — conseguiu dizer, soando bem formal. Ela sentiu que preferiria literalmente morrer a permitir que ele soubesse com que estava sonhando nesse momento.

Dermot riu, e eles ficaram num silêncio confortável. Ela sentiu um contentamento que raramente havia sentido antes, nem mesmo na livraria, onde sempre fora tão feliz, mas que agora parecia distante e não mais tão desejável.

Mas será que ela se sentiria assim em relação a esse promontório, a essa natureza, se a livraria não estivesse prestes a fechar? Não sabia. Não tinha mais certeza de nada. Só uma coisa era certa: ela sabia que, mesmo sendo janeiro, ela estava no lugar mais lindo da Terra. E não se tratava apenas de estar com Dermot, era algo mais.

Um pouco mais tarde ele disse:

— Sabe, eu poderia ajudá-la com o seu problema. Não aqui e agora, é óbvio, mas num recanto mais confortável.

Essa ideia foi um pouco decepcionante. Era óbvio que ele não sentia por ela o mesmo que ela sentia por ele — como poderia? Ela tinha a sensação de conhecê-lo por toda a vida, mas ele havia acabado de conhecê-la. Ela não sabia como ele realmente se sentia em relação a ela, se aquilo não passava de uma diversão, e não poderia perguntar. Soaria sério demais. Mas não podia entregar os pontos e desmascará-lo. Fosse um blefe ou não, ela não podia fazer isso, e se ele estivesse apenas sendo gentil, seria pior ainda.

— Não, obrigada. Vou ficar bem — respondeu ela e depois fez uma pausa, se esforçando para pensar em algo ao mesmo tempo leve e galanteador, para dar a impressão de que ela não estava realmente dando muita bola. — Já me acostumei a ser virgem depois de tantos anos.

Ele deu uma risada.

— A vantagem disso é a reputação.

Pensando na dificuldade que ele tinha de conviver com a reputação, ela perguntou:

— Creio que eu não posso ajudá-lo com o seu problema, posso?

Ele lhe lançou um olhar cheio de malícia.

— Se eu fosse realmente perverso, lhe diria que a virgindade de uma donzela é uma cura bem conhecida para o bloqueio criativo.

Ela piscou para ele.

— Mas você só é meio perverso?

— Na maior parte do tempo, sim.

Por um instante Laura pensou: caso realmente achasse que sua virgindade o curaria, ela a entregaria a ele? A resposta seria provavelmente afirmativa. E não só porque o mundo literário ficaria muito agradecido (não era um favor que ela poderia alardear, afinal), mas porque sob todas as suas reservas, ela realmente queria ir para a cama com ele, quase tanto quanto queria ajudá-lo. Mas o momento estava perdido.

— É uma pena, de fato — disse ela, pensando em voz alta.

— O quê? Que eu não seja explorador o bastante para exigir o sacrifício da sua virgindade?

Ela riu para negar, mas seu coração dizia “sim!”.

— Não, eu quis dizer que é uma pena que as coisas não possam ser resolvidas facilmente. Coisas como não poder mais escrever quando seu coração realmente sabe de sua capacidade de escrever como um anjo. Talvez você tenha seus problemas com as pessoas que dão prêmios literários, mas elas não os entregam a quem não sabe escrever.

— Ah, entregam sim, mas não vamos discutir isso. É hora do chá. Você, inglesa, precisa tomar seu chá, não é? Mas não se preocupe, não precisa se mexer. Está tudo preparado.

— A garrafa térmica é uma invenção maravilhosa — murmurou ela.

— Verdade, mas não faremos nenhum truque com ela. Eu trouxe minha chaleira Kelly Kettle.

Ela se sentou.

— Você o quê?

— Vocês não têm isso na Inglaterra? Com certeza estão muito atrasados por lá.

Ela o observou tirar da mochila um exemplar do *Irish Times* e um grande objeto cilíndrico dentro de um saco fechado por um cordão. Tirou o objeto do saco e começou a rasgar folhas do jornal e a preencher a coluna do meio. Depois de usar todo o jornal, tirou a rolha de cima.

— Agora vou buscar água.

Ele tirou uma latinha da mochila.

— Você pode voltar a dormir se quiser. Talvez eu tenha que me afastar um pouco para achar água.

Ela fechou os olhos. Isso era tão bom. A ideia de pegar um *ferryboat* e voltar para a Inglaterra se intrometeu em sua alegria e foi afastada. Viva o momento, disse a si mesma, usando um ditado impresso em cartões que eles vendiam na livraria. Aproveite o agora, acrescentou, citando outro cartão.

Alguns minutos depois, Dermot estava de volta. Despejou a água pelo gargalo no alto da chaleira e queimou o papel.

— Como é que funciona? — perguntou ela, fascinada e achando graça.

— O papel queimando na coluna central aquece a água no invólucro externo. Uma cópia do *Times* ou do *Irish Times* é suficiente para ferver a água. A madame terá seu chá em um minuto.

— Até onde eu me lembro, a madame não pediu chá, ofereceram a ela.

— Não venha discutir detalhes.

— Bem, claro, isso seria cruel — concordou ela.

— Você é uma garota meio doida.

O sol, que havia brilhado com tanto entusiasmo, estava enfraquecendo. Ela voltou a se deitar, embora começasse a sentir frio agora. Adorou que ele a considerasse uma garota doida, quando de fato, lá em seu país, era quase entediante de tão eficiente e previsível.

Ele pôs saquinhos de chá em canecas e despejou a água quente. O leite veio de um vidrinho de geleia.

Eles se sentaram lado a lado, segurando as canecas de chá e olhando para o mar. Algumas nuvens surgiam agora, e um vento frio começava a circular.

— Muito obrigada por ter me trazido aqui — agradeceu ela, ciente de que a despedida seria difícil. — Foi um dia maravilhoso.

— Para mim também. Você é uma ótima companhia.

Ela deu um gole no chá.

— Droga, ia me esquecendo do bolo. Tome. — Ele lhe passou um recipiente de plástico cheio de fatias de bolo de frutas. — A que horas sai o *ferryboat* mesmo? — perguntou, enquanto ela pegava uma fatia, percebendo que seu dia perfeito havia acabado.

Ela respondeu.

— Eu a levo de volta com tempo mais que suficiente para partir. E irei ao festival literário sem o seu sacrifício, se você não contar a ninguém... À imprensa, quero dizer. Não até o último instante, pelo menos. Não quero ter uma batalha com toda a publicidade.

Laura estava a ponto de chorar.

— Obrigada — disse ela, a voz meio embargada, esperando que ele achasse que fosse o vento frio que estava deixando seus olhos marejados.

Capítulo 8



— Não ligue para os cachorros, eles acabam saindo do caminho — recomendou Fenella, abrindo a porta para a vastidão de Somerby.

— Olá, cães — disse Laura, querendo saber por que encarava a matilha de Fen tão bem, apesar de os cachorros estarem barrando sua entrada, quando a matilha em uma certa fazenda da Irlanda tinha parecido tão ameaçadora. (Possivelmente porque nenhum desses cães estava rosnando, nem virando o lábio superior.) — Você tem alguns novos ou eu simplesmente não notei quando os soltou na última vez que fui embora?

— Estou com os dois terriers tibetanos da minha irmã enquanto ela está de férias. Melado e Caramelo. Não vou querer devolvê-los.

— São muito dóceis — comentou Laura, estendendo a mão para ser farejada e encontrando seis focinhos ansiosos em busca de vestígios de comida. Reprimiu um suspiro, lembrando-se de como Dermot a havia resgatado na Irlanda. Ballyfitzpatrick parecia estar a um mundo de distância. Em parte ela havia esperado ter notícias dele, um texto simpático, pelo menos, mas depois se repreendeu. Por que ele faria isso? E ela se sentia acanhada demais para ser a primeira a entrar em contato.

— Foi muito difícil conseguir a folga? — perguntou Fenella, dando um beijo no rosto de Laura e dispersando os cachorros com o pé.

— Não, Henry tem sido muito compreensivo. Assim como Grant. Mas o fato é que Henry quer fornecer os livros, e Grant quer fazer algo glamoroso para o festival.

— Ficaremos contentes com toda a ajuda que puderem nos dar.

Laura apontou para uma bolsa de pano cheia de arquivos.

— Ando superocupada desde que voltei da Irlanda.

— Ótimo! — Fenella deu um pulinho e bateu palmas. — Nem posso acreditar que você conseguiu Dermot Flynn! Jacob Stone está muito entusiasmado. Vai nos dar muito dinheiro e eu insisti que aumentássemos os seus honorários. Quinhentas libras.

— Ótimo! Obrigada.

Assim que chegara, Laura havia telefonado para Fenella com a boa notícia, dando em seguida a má: Dermot não queria que soubessem de sua aparição até o último instante. Fenella não pareceu perceber a desvantagem que isso poderia representar, e agora lhe dava um abraço apertado.

— Desculpe, eu fiquei tão empolgada com Dermot que esqueci os modos. Venha, largue suas bolsas e desça até a cozinha. Vou te mostrar seu quarto quando o aquecedor tiver tido tempo de cumprir sua função.

Laura largou a mala no chão e colocou à parte a sacola que continha uma caixa de bombons e uma planta dentro. Tinha vindo para um fim de semana de intenso planejamento.

— Quer dizer que Jacob Stone não se importou de manter Dermot em segredo pelo máximo de tempo possível?

Fenella balançou a cabeça.

— Não creio que ele se importe muito com o festival, só quer ouvir Dermot Flynn. — Fez uma pausa. — Bem, vamos descer até a cozinha e tomar alguma coisa. Rupert está fazendo o jantar. O cheiro está divino. Eu estou fazendo um pudim, que é um sorvete exótico com vinho Marsala em cima.

— Que diferente — comentou Laura, seguindo a anfitriã pelas escadas, segurando sua bolsa.

— Na verdade é uma loucura, mas prático de fazer; por isso sirvo o tempo todo.

— Não acha que devíamos começar a trabalhar antes de jantar? Afinal, foi para isso que eu vim.

— Eu sei, e você vai trabalhar muito, mas amanhã tratamos disso. De qualquer maneira, meu cérebro não funciona depois das cinco da tarde. Hoje simplesmente seja nossa hóspede e relaxe.

Em poucos minutos, o presente foi entregue, festejado, e Laura estava sentada à mesa da cozinha diante de uma grande taça de vinho e uma tigela de pistaches. Rupert tinha providenciado isso logo depois de lhe dar um abraço caloroso.

— Ah, isso é uma delícia — disse ela depois de tomar um gole. Embora superficialmente estivesse falando do vinho, na verdade comentava a recepção. Sua própria família não era de vinhos e abraços. Era mais “Oh, como vai querida?” e “Acho que é melhor pôr a água para ferver”. Ela ainda precisava contar aos pais sobre a viagem à Irlanda, mas como também não haviam feito perguntas, ela não se sentiu muito culpada. Além disso, estava cheia de afazeres desde que tinha voltado para ir visitá-los.

Depois que o marido lhe garantiu que não havia nada em que ela pudesse ajudar agora, Fenella se sentou diante de Laura.

— Então — começou ela, ávida, ansiosa para arrancar de Laura todos os detalhes. — Conte tudo. Você precisou oferecer seu corpo para convencer Dermot Flynn a vir?

Por um instante de atordoamento, Laura se perguntou como Fenella podia saber disso, mas logo percebeu que ela estava brincando. Monica, a única pessoa além de Dermot a saber disso, não teria contado nada.

Ela decidiu que a verdade seria um bom disfarce.

— Praticamente, mas você vai ficar feliz de saber que ele não aceitou a oferta.

— Sério? — indagou Rupert, mexendo a panela atentamente. — Não é essa a reputação dele. Ouvi dizer que é meio mulherengo. — Levou a colher aos lábios. — Ah, sim, o molho está ficando muito bom.

— Tirando pelas fotos, ele não precisaria se esforçar muito — comentou Fenella. — Ele é tão bonito assim na vida real?

— Ahã, só mais velho — disse Laura, cautelosa.

— Acho que os homens melhoram com o tempo, como vinho bom. Não é, Rupert?

— Você que sabe, meu amor.

— Então... — Fenella voltou toda a atenção para Laura outra vez. — O que precisou fazer para convencê-lo a vir? Há anos Eleanora diz que nem por amor nem dinheiro se consegue arrastá-lo para fora da Irlanda, mas agora ele vai dar esse curso também.

— Que curso? — Laura largou o pistache que tinha acabado de abrir e olhou para Fen.

— Ah, não ouviu falar? Não deve ter ouvido mesmo, acabou de ser organizado. É uma oficina de escrita criativa... Um concurso... Na Bath Spa University. As pessoas têm que mandar seus romances, e os dez melhores vão para o curso. Um dos outros clientes de Eleanora, não consigo me lembrar qual, devia dar o curso, mas não foi possível por algum motivo. Enfim, ela conseguiu que Dermot fizesse. — Ela franziu o cenho. — Na verdade, acho que ele se ofereceu. Ela mencionou o problema com o outro autor enquanto falava com ele sobre alguma outra coisa, provavelmente o festival, quando ele sugeriu ministrar o curso. Ela caiu para trás, especialmente porque raramente tem falado com ele, e Dermot costuma evitar as chamadas dela.

Laura se sentiu estranhamente desconcertada. Não tinha nada a ver com ela, mas de algum modo, depois de tudo que fizera para convencer Dermot a dar uma simples palestra num festival literário, sem contar tudo que havia desejado fazer, sentiu-se afrontada por ele realmente ter se oferecido para ministrar uma oficina literária, que seria um negócio muito maior.

— Devo dizer que estou um pouco surpresa. Eu precisei ir até a Irlanda para

convencê-lo a se sentar num palco por uma hora e responder às perguntas feitas por um bajulador. Uma moleza em comparação a montar exercícios, planejar um curso e tudo isso. E ele se ofereceu? Não faz sentido.

Laura realmente queria dizer que não era justo, mas não desejava parecer grosseira.

— Talvez ele tenha concluído que já que abandonaria a pátria por uma coisa, não seria tão difícil fazê-lo por duas. — Fenella franziu o cenho. — Embora o tal curso seja primeiro, pensando bem. Talvez ele venha direto para cá depois. De qualquer modo, você acha que depois de terminar o curso, ele nos deixa anunciar sua presença no festival?

— Não sei, mas se ele realmente tiver alunos, que não poderiam ser obrigados a jurar segredo, é possível que sim. — Laura ainda estava amuada e tentou se recuperar. Outro gole de vinho ajudou. — E o festival de música, como vai indo?

— Vai indo bem, acho. Temos uma ou duas bandas bem conhecidas que quase estão confirmadas. E Monica, é claro. Vocês duas se divertiram na Irlanda?

— E como! Ela é muito engraçada. Fui obrigada a alugar uma bicicleta com ela e ir caçar um antigo namorado.

— E o encontraram?

— Quando chegamos na casa dele, ele não estava. Ainda bem, levando em consideração que eu ria tanto que estava quase fazendo xixi nas calças. Depois, quando ela teve outra chance de ir até lá, não tinha ninguém também. — Laura se deu conta de que não queria explicar agora o motivo de Monica ter ficado sozinha por um dia e continuou: — Mas ela foi uma grande companheira de viagem. Fez com que eu fosse ao pub e tudo mais.

— Era um verdadeiro pub irlandês, com música e aquela gente doida? — perguntou Rupert, ainda mexendo o molho.

— Não acho que havia tanta gente doida assim — respondeu Laura.

Fenella riu.

— Parece divertido. E Dermot Flynn é um irlandês típico?

— Que ele fala meio cantado não há dúvida, mas não como os personagens daquela *sitcom* irlandesa, *Father Ted*.

— Ah, ainda bem — suspirou Fenella.

— Vocês estão planejando algum trabalho para hoje à noite? — perguntou Rupert. — Querem mais vinho ou não?

— Queremos sim — afirmou Fenella. — Decidimos que vamos começar cedo amanhã. Hoje podemos apenas trocar ideias.

— Álcool sempre ajuda nisso — comentou Rupert, servindo. — E o jantar está quase pronto.

— Vou pôr a mesa. — Fenella abriu uma gaveta e tirou os talheres. Depois,

com o cotovelo, abriu espaço em uma das extremidades da mesa, levando uma série de papéis, uma travessa de frutas, uma pilha de roupa íntima limpa que devia estar secando sobre a estufa e uma chave de fenda para o outro lado. Felizmente, a mesa era longa.

— Eu devia ter deixado tudo mais arrumado para receber você — desculpou-se Fenella, ajeitando os lugares. — Mas nunca faço isso, a menos que se tenha um grande evento. Não há muitos casamentos no inverno, portanto nunca vemos a mesa completamente desocupada até a primavera. Talvez devêssemos obrigar a família a vir para cá no Natal. Aí eu arrumaria tudo.

— Acho que nunca vi um assado tão grande — disse Laura, vendo Rupert fatiar a carne.

— Produção local, e vamos comê-lo frio por eras agora, com sopa e batata assada — disse Fenella. — Sempre sou atrapalhada para encomendar carne. Compro por peça em vez de por quilo.

— Contanto que você não seja atrapalhada em relação a organizar festivais literários... — retrucou Laura. Ela estava brincando, mas havia alguma apreensão no fundo de sua mente.

— Ah não, sou trabalhadora, focada. É só na vida doméstica que sou um pouco indecisa.

— Então pega isso aqui, indecisa — disse o marido, carinhosamente —, e sirva bastante molho para Laura.

Quando finalmente todos estavam comendo e ninguém precisou mais se levantar para pegar alguma coisa, Laura anunciou:

— Eu tive uma porção de ideias sobre coisas que podemos fazer nos dias que antecedem o festival. Um grupo de leitura, por exemplo.

— Ah, essa é uma boa ideia. Como você sabe, eu frequento um — comentou Fenella. — E tem uns dois outros, inclusive um na biblioteca.

De boca cheia, Laura fez que sim.

— Eu procurei a bibliotecária. Ela ficou bem interessada. Só precisamos escolher os autores o mais rápido possível.

— Assim vendemos um monte de livros e as pessoas se inspiram a comparecer ao evento. — Fenella espetou um pedaço de batata assada. — Vai chamar atenção. — Mastigou, refletindo. — Embora o grupo da biblioteca sempre pegue seus livros emprestados. Não é todo mundo que pode comprar um livro novo todos os meses.

A máscara de vendedora de livros de Laura caiu por um instante.

— É claro que não. Eu mesma não poderia se não ficasse com as provas promocionais feitas para as livrarias. Mas é ótimo ter a biblioteca como auxiliar.

— Poderíamos pedir algum apoio ao jornal local — sugeriu Rupert. — Todas

as instituições locais deveriam ter uma participação.

— Que tal um concurso de contos? — sugeriu Fenella, a boca cheia de cenoura.

— Mas quem julgaria? — indagou Rupert. — Perderemos muito tempo fazendo isso e, na verdade, não somos qualificados.

— Dermot — murmurou Laura, que ainda estava levemente ressentida por ele ter se oferecido para dar aquele curso e chateada consigo mesma por isso. Deu um gole no vinho, perguntando-se por que estava tão ressentida. Ele não era sua propriedade exclusiva e, afinal, não havia tirado sua virgindade.

— Encontraremos alguém — decidiu Fenella. — Tenho uma imensa lista de autores que eu gostaria de ver aqui. Um deles vai se dispor a escolher um vencedor, se não lhe dermos mais que cinco textos para ler.

— Damien Stubbs deve topa — comentou Laura. — Sem dúvida, devemos convidá-lo para o festival. Ele é bom e muito atraente. Eleanora pode convencê-lo a vir. É um dos dela.

— Espero que a gente não se esqueça de tudo isso. Ali, Rupes, pegue aquele papel e lápis.

Fenella fez umas anotações.

— Ah — disse Laura —, e um concurso de redação para crianças seria bom. Os melhores textos poderiam ser lidos em voz alta e publicados no jornal. — Pensou um pouco. — Mas será que os pais compareceriam ao evento se pudessem ver o trabalho dos filhos publicado no jornal?

— Acho que sim — disse Fenella. — Difícil prever. Mas acho que os eventos infantis interessariam o pessoal daqui. O festival seria deles também, não apenas algo que foi empurrado. — Ela mastigava, ponderando. — Não faço ideia de como entrar em contato com os escritores da minha lista.

— É por isso que estou aqui. Nós nos comunicamos com eles por intermédio dos agentes e editores — explicou Laura. — Descobrimos quem está encarregado da publicação da obra deles e fazemos a solicitação. O único problema é que pode levar algum tempo, se não houver uma pessoa indicada para fazer isso.

— Ah, que bom tê-la com a gente — comemorou Fenella. — Você conhece todos os meandros! — Após uma pausa, voltou a falar: — Quero envolver as escolas da região, fazer com que todas venham.

— Ou pode ser mais fácil fazer os autores irem às escolas — sugeriu Laura, retraindo-se diante da imagem de cinquenta crianças ou mais entrando enfileiradas no salão.

— Ou ambos — acrescentou Rupert. — Os autores vão até as escolas, fazem as crianças se divertirem a ponto de convencerem os pais a trazê-las ao evento

principal.

— Boa ideia. E não é que você é mais que um rostinho bonito? — Fenella sorriu afetuosamente para o marido.

— Onde exatamente acontecerão os eventos? — perguntou Laura, sentindo uma leve inveja da relação deles. — Obviamente, vocês não vão fazer tudo aqui. Os festivais sempre se espalham pela cidade, é claro, e a de vocês é bem pequena.

— Mas tem tamanho suficiente — declarou Fenella, defendendo seu território. — Muitos eventos acontecerão aqui, é claro, mas para Dermot ou qualquer outro grande nome, podemos alugar o cinema. Não olhe para mim desse jeito! É bem legal! E tem um estacionamento enorme ao lado. E já falei com o pessoal da igreja. Tem uma capela que não é muito usada que pode ser emprestada. Lá também há um estacionamento — acrescentou, olhando para Rupert, que obviamente era meio obcecado com essa questão.

— Então, o pastor está animado com o festival, é? — perguntou Laura. — Com certeza isso ajuda.

— Não é um pastor, e sim uma pastora, que também frequenta meu grupo de leitura.

— Excelente!

— Então temos que escolher os locais, mas Sarah... lembra? Estava na reunião... Ela vai ajudar a decidir quem deve ir aonde. Eu sou inútil para fazer cálculos e saber quantas pessoas ocupam que espaço.

— Será que um toldo aqui não seria melhor para Dermot do que o cinema? — sugeriu Laura.

— Você não gostou da minha ideia do cinema, não é? Bem, podemos ir até lá, dar uma olhada e depois decidir.

— E onde você vai acomodar todo mundo? — perguntou Laura.

— Aqui, na medida do possível. Podemos acomodar umas oito pessoas confortavelmente e, é claro, nem todos estarão aqui ao mesmo tempo. Os autores ficarão na casa, num sistema de rodízio, a menos que compartilhem o espaço, e nesse caso podem ficar em um dos chalés. Há também uma porção de pousadas, mas esperamos não precisar acomodar os autores nelas, a menos que prefiram por algum motivo.

— Quando fizermos os panfletos, precisamos mencionar as pousadas, para que as pessoas saibam que há onde ficar. Fará parte da imagem rural. “Desfrute da literatura nas belezas desconhecidas de não sei onde”...

— Nós não somos exatamente desconhecidos — protestou Rupert. — Tivemos bastante publicidade com o casamento de uma celebridade não faz muito tempo.

— Eu quis dizer a região em geral — emendou Laura. — Se as pessoas acharem o local atraente, é mais provável que queiram vir. Pense em Hay-on-Wye!

— Vamos ter um tema? — questionou Fenella. — Quer dizer, nós temos a parte musical acontecendo também.

— Exatamente ao mesmo tempo? — indagou Laura, ansiosa.

— Pensamos em dias alternados — explicou Rupert —, ou em alguns eventos musicais intercalados com alguns literários e um musical no encerramento. Ou vice-versa. Temos permissão para usar alguns dos campos.

— O que exigiu muito tato e capacidade de persuasão — acrescentou Fenella. — É só porque a atividade rural não andava muito lucrativa que consegui isso. Acho que eles imaginaram Glastonbury se mudando para cá.

— Mas as fazendas podem tirar algum lucro disso — disse Rupert. — Muitos fazendeiros disseram que poderiam alugar espaço para acampar.

— E temos alguns grandes nomes para a parte musical — acrescentou Laura. Fenella se retraiu um pouco.

— Não confirmados. É por isso que eu queria alguns grandes nomes para a parte da literatura. Mas Monica está tratando do caso. Ela cobrou todos os favores que conseguiu e fez chantagem quando isso não funcionou.

— Bem, eu não recusaria nada a ela — declarou Laura.

— E espero que não recuse outra batata assada — disse Rupert.

— Claro que não.

— Então, temático ou não? — perguntou Fenella. — Acho que não.

— O festival literário de Cheltenham sempre tem um tema — afirmou Laura.

— Eu sei, mas eles já são conhecidos. Nós somos novinhos em folha. Os autores podem não ficar muito a fim de vir.

— Acho que virão — discordou Laura, empurrando o prato para poder se expressar. — A presença de Dermot vai tornar o festival um grande evento literário, eles vão querer estar aqui. Além disso, a maioria vai se hospedar numa maravilhosa casa de campo, e há algo especial no primeiro ano de um festival. — Percebeu então que estava ficando empolgada. Deu-se conta de que gostaria de trabalhar no festival com Fen, apesar de todo o trabalho envolvido.

— Pode ser o primeiro e último — comentou Rupert.

— Talvez a gente precise dizer a eles que Dermot virá e que terão a chance de conhecê-lo. Será que ele vai se importar que a gente faça isso? — indagou Laura, ignorando o pessimismo incomum de Rupert.

— Ou será que ele detestaria isso ainda mais? — questionou Fenella. — Você o conhece, Laura. O que acha?

— Não sei! Ele pode detestar outros escritores. Já conheci alguns que

detestam. É provável que seja inveja profissional ou algo assim.

— Talvez possamos arranjar um jantar discreto para os escritores antes do evento. Ele poderá escolher quais e faremos o lance ser bem especial.

— Mas será que o custo-benefício valeria a pena? — indagou Laura. — Um jantar especial pode custar uma fortuna.

— Não precisamos nos preocupar com isso — disse Rupert. — Temos contatos.

— Acabar sem lucros ou prejuízos é só o que podemos esperar no primeiro ano — disse Fenella. — Embora o resultado final seja importante, precisamos investir para ter retorno.

— Isso soa bem corporativo — afirmou Laura, impressionada.

— Eu li em algum lugar — explicou Fenella. — Mas indo direto ao ponto, você acha que Dermot vai concordar com tudo isso?

— Se esclarecermos tudo antes... — disse Laura. — O cara não é fácil. E meio imprevisível — acrescentou, pensando em Dermot se oferecendo para dar um curso, sem nem ter sido convidado, quando todo mundo na Irlanda tinha dito a ela que ele não moveria uma palha para sair do vilarejo. — Ele pode adorar a ideia.

— Por outro lado — concluiu Rupert —, talvez a gente não deva dar tanto controle a Dermot, certo? Talvez ele nem consiga decidir quem gostaria que viesse. Acho que devemos convidar quem nós quisermos.

Na manhã de sábado, o trabalho começou para valer. Laura se sentou diante do computador e, com a ajuda de Fenella, digitou todas as ideias que haviam fluído tão facilmente quanto o vinho na noite anterior.

— Certo, agora que temos nossa lista definitiva de autores, é preciso verificar quem são seus editores.

— Como faremos isso?

— Eu trouxe algumas revistas do ramo. Elas vão ajudar — disse Laura. — Mas para ser sincera, eu conheço uma porção deles. Agora que diminuímos um pouco a lista, não deve levar muito tempo.

Os três haviam concordado que, para serem convidados, os autores deveriam *a)* ainda estar vivos (isso quando Rupert expressou um grande desejo de conhecer Evelyn Waugh) e *b)* morar no Reino Unido ou próximo o bastante para que os custos de viagem não consumissem todo o orçamento.

Depois de enviarem as cartas, que incluíam estímulos como “passar as noites numa casa de campo com hospitalidade à moda antiga”, elas passaram o resto da manhã escrevendo para escolas, convidando participantes para o concurso de contos infantis. Laura conhecia uma autora de livros infantis que poderia ser a

jurada, e Fenella conhecia uma dupla de professoras em seu grupo de leitura que poderia selecionar os finalistas.

Após o almoço, eles levaram os cachorros para uma corrida pelos campos, e Rupert aconselhou Laura sobre o tipo de carro que ela deveria comprar. Não dava para continuar pegando o de Grant emprestado; duas vezes já bastavam.

Domingo à tarde, eles foram para o que Fenella e Rupert chamavam de “pequena sala de estar”, que tinha duas vezes o tamanho do conjugado de Laura. Rupert havia acendido a lareira, e todos estavam quase cochilando diante dela. Laura fizera uma excursão pela região para poder ver alguns dos locais (pelo menos por fora), e eles acabaram almoçando no pub. Ela estava seriamente considerando a sugestão de Fenella de passar outra noite lá, indo embora de manhã cedo.

Rupert fazia as palavras cruzadas do jornal quando o telefone tocou. Ele e Fenella se entreolharam, e Fen se levantou.

— Não consigo imaginar quem ligaria a essa hora do dia.

— São apenas quatro da tarde — respondeu Rupert. — E se você atender, vai ficar sabendo quem é.

— Alô — disse Fenella, soando eficiente. — Somerby.

Laura roubou as palavras cruzadas de Rupert enquanto ele estava distraído. Depois pegou seu lápis e escreveu uma das respostas.

— Sim, isso mesmo — continuou Fenella. — Ahã, sou eu mesma. O quê? Ah. Sim. Eu tenho sim, mas posso fazer melhor que isso. Ela está aqui. Vou passar para ela. Laura? — Fenella atravessou a sala e lhe ofereceu o telefone. — É para você.

— Não pode ser — disse Laura, sem tocar o fone, mas pelo menos se levantando. — Quem é?

— Dermot Flynn. Ele me ligou para saber o seu número.

As pernas de Laura ficaram bambas, e a boca, seca. Ela ajeitou a gola da camisa polo, engoliu em seco e respirou fundo.

— Ah, certo. — Pegou o telefone como se ele pudesse explodir a qualquer momento e se afastou dos outros. Seu coração começou a acelerar por causa do nervosismo e da empolgação. — Alô, Dermot? — Era a primeira vez que falava com ele desde a Irlanda.

— Oi, Laura — respondeu uma voz que fez suas pernas ficarem mais bambas, e a boca, mais seca. Ela despencou numa cadeira que estava perto de uma pequena escrivaninha.

— Alô — disse ela novamente, desejando que houvesse um copo de água por ali.

— Uma ótima coincidência você estar aí, não é?

— Talvez. Ótima para quem? — perguntou ela, cautelosa, sem saber o que ele queria dizer.

— Ótima para mim, de qualquer forma. O motivo para eu precisar falar com você é que queria te pedir que fizesse um serviço para mim.

— Que tipo de serviço? — Laura estava meio em pânico. Já estava bastante ocupada com o festival e ainda trabalhando na livraria.

— Você ouviu falar sobre o curso que vou dar?

Ela se virou um pouco, ciente de que Rupert e Fenella faziam as palavras cruzadas como se fosse uma prova. Estavam tão atentos à tarefa que não iriam ficar escutando.

— Sim, fiquei um pouco surpresa. Eu mal consegui convencê-lo a falar no festival e agora você se oferece para ministrar uma oficina literária. Achei que não gostasse disso. — Ela tentou parecer serena, mas falar com ele era absurdamente adorável.

Ele deu uma risadinha breve, fazendo pouco caso.

— Eu não estou ministrando coisa alguma, só vou dar umas aulas.

Laura passou uma mecha de cabelo para trás da orelha para ajudá-la a pensar.

— Eu achava que as pessoas enviavam seus manuscritos e você decidia quem iria participar de acordo com a capacidade delas.

— Ah, então você está por dentro de tudo, não é? — Ele parecia achar graça.

— De jeito nenhum. Foi só o que Fenella me contou. Mas é isso, não é?

Agora ela puxava o elástico do rabo de cavalo e sacudia os cabelos encaracolados, como se isso fosse acomodar seus pensamentos embaralhados.

— É isso sim, e é aí que você entra. — Ele soava um tanto triunfante, como se tivesse resolvido um problema.

— Onde? Onde é que eu entro?

— Minha agente, Eleanora, aquela monstra velha... — Sua risada revelava que ele gostava dela, monstra velha ou não. — Ela me disse que você tem ótimo tino para ficção. Você não me contou que a conhecia.

— É, sim, eu a conheço. E sim, acho que já li bastante — respondeu Laura, hesitante.

— Então, eu queria que você lesse todos os manuscritos e escolhesse os dez melhores.

Ela engoliu em seco.

— O quê? Mas como eu iria saber? Como arranjaria tempo para isso? Estou organizando um festival literário! — Um segundo depois, ela se lembrou de que os festivais literários eram organizados por pessoas que trabalhavam em tempo integral.

— Você não está sozinha. Eleanora me contou que há uma equipe, inclusive a sobrinha dela, ou afilhada, Fenella... A pessoa com quem eu falei.

— Isso é verdade. — Laura se esforçou para parecer calma.

— Bem, então você pode me dar uma ajuda com os manuscritos. Eu pago — acrescentou.

— Quanto? — Laura percebeu tarde demais que isso devia ter parecido terrivelmente mercenário. Na verdade ela não se importava, embora realmente precisasse do dinheiro. Só queria ganhar algum tempo para pensar.

— Nós iremos calcular uma remuneração, mas provavelmente cerca de dez libras por manuscrito. Eu precisava que você pegasse, digamos, trinta, e decidiremos juntos sobre os dez melhores, pelo telefone, provavelmente, ou por e-mail.

— Está bem, então — aceitou ela docilmente. Em seguida pensou num detalhe. — Só tem uma coisa. Eu moro num lugar pequeno, só um conjugado com banheiro, na verdade. Não sei se tenho espaço para fazer tudo isso.

— Tenho certeza de que vai dar. Não se preocupe com isso.

Laura pôde notar que ele já estava cansado do assunto do curso, e seu “Não se preocupe com isso” realmente queria dizer “Eu não vou me preocupar com isso”. Bem, ele não precisava se preocupar mesmo, agora que ela havia concordado em ajudá-lo.

— Então, como tem passado? — perguntou Dermot. — Já se recuperou da viagem à Ilha Esmeralda?

O riso na voz dele não estava ajudando o atual estado de seu coração.

— É claro. Do que eu teria que me recuperar?

— Para começar, de beber copos cheios de uísque — disse ele. — Sem falar dos homens que precisou afugentar com uma vara. — Ela podia imaginá-lo recostado na poltrona, possivelmente rabiscando, divertindo-se com a provocação.

— Não precisei de uma vara. — Ela também estava sorrindo, mas não tinha certeza de que ele conseguiria perceber isso em sua voz.

— É verdade, eu estava manso feito um cordeirinho. — Dermot fez uma pausa. — Então, vou dizer a Eleanora que peça ao encarregado do curso que envie os manuscritos para você. Ficaremos em contato sobre isso.

— Eu agradeço. Acho.

Ele riu.

— É claro que você vai me agradecer. Poderá descobrir o próximo Dermot Flynn, e então o mundo ficará aos seus pés.

— Acho que um Dermot Flynn é suficiente para o mundo, obrigada — retrucou ela.

Ele deu outra risada.

— Você é uma garota encantadora, Laura Horsley, e eu estou de olho em você. Depois disso ele desligou.

Laura examinou o fone e desligou. Levantou-se, foi até o local onde Fenella tinha atendido o telefone e o colocou no gancho. Estava terrivelmente ciente do olhar de Rupert e Fenella analisando-a, desesperados para saber o que estava acontecendo.

— Ele quer que eu leia os manuscritos para o curso que vai dar e ajude a selecionar os dez finalistas. Parece que Eleanora me recomendou.

— Humm! — exclamou Rupert. — É bem mais provável que Eleanora o tenha feito concordar em dar o curso dizendo “Eu tenho uma ótima moça que vai fazer todo o trabalho sujo por você”.

Fenella olhou para o marido, pronta para repreendê-lo por difamar sua tia, mas depois, obviamente, decidiu que era bem provável que aquilo tivesse mesmo acontecido.

— Na verdade foi gentil da parte de Eleanora — afirmou Laura. — Ela sabe que eu preciso do dinheiro. Será que vão ser muitos manuscritos?

— Provavelmente — comentou Fenella. — Pelo que Eleanora disse, o concurso foi bastante divulgado.

Ao som dessa palavra, os olhos de Laura se arregalaram.

— Putz! Divulgação! A gente nem pensou nisso!

Trabalhar, até mesmo numa noite de domingo, era uma ótima atividade para fazer as pessoas se mexerem, ela concluiu, forçando uma Fenella relutante a voltar ao escritório por mais uma hora antes que Laura retornasse para casa. Dermot Flynn estava ocupando espaço demais em seu cérebro, e elas tinham um festival a organizar.

Capítulo 9



Três semanas mais tarde, Laura estava na livraria servindo vinho branco numa taça, possivelmente pela última vez. Era a festa de despedida para todos os fregueses.

— Sim, é muito triste que a livraria esteja fechando as portas — comentou ela com a mulher a quem passava a bebida, alguém que não se lembrava de ter visto na livraria, mas que obviamente a apoiava agora que havia vinho de graça. — Mas tenho certeza de que a senhora saberá lidar com isso.

— É claro, eu compro todos os meus livros nas instituições beneficentes — disse a mulher, assumindo uma expressão piedosa. — Gosto de colaborar com obras de caridade.

Atrás da mulher, Laura observou a sobrancelha lastimosa de Henry.

— Mas não com as livrarias? — perguntou Laura.

— Bem, elas são comércio, não são? — A mulher olhou para a taça vazia, querendo que Laura servisse mais um pouco como gratificação por sua virtude.

Laura segurou a garrafa firmemente ereta.

— Sim, e precisam ganhar dinheiro, como qualquer outro ramo. E como é que os autores ganhariam dinheiro se ninguém comprasse seus livros novos?

A mulher franziu o cenho. Com pena, Laura serviu um pouquinho de vinho em sua taça.

— Nunca tinha pensado nisso — confessou a mulher, e se afastou.

— Laura, querida! — Uma cliente muito amada, baluarte do grupo de leitura, veio até ela. — O que vamos fazer sem vocês?

Eram clientes como essa que tornavam a venda de livros tão prazerosa, percebeu Laura, esperando não se emocionar. Agora finalmente havia chegado a hora em que ela sentia como se estivesse perdendo uma amiga. Era o fim de uma era. Fora ali que ela talhara sua perspicácia literária. Sentia-se mais em casa naquele lugar do que em qualquer outro; era o lugar onde realmente podia ser ela mesma.

— Ah, Fiona! Não diga isso. Já está triste demais assim. Vai continuar com o

grupo de leitura, não é?

— É claro. Mas não será a mesma coisa sem você. Você já leu tanto. — Ela suspirou. — Mas vamos nos virar. — Depois de uma pausa, voltou a falar. — E você? Já conseguiu outro emprego?

— Mais ou menos. Um temporário. — Laura pegou um folheto de cima da mesa atrás dela. — Estou ajudando a organizar um festival literário, no verão. Espero que você possa ir a alguns dos eventos.

Fiona inspecionou o folheto.

— É claro que não podemos prometer o comparecimento de todos esses autores, mas alguns com certeza irão. — Laura soou um pouco mais confiante do que se sentia, ciente de que os escritores às vezes demoravam a se decidir e alguns eram conhecidos por tirar o corpo fora no último minuto. Descartou esse último pensamento negativo e sorriu para Fiona, que continuava olhando para o panfleto.

— Ah, é um pouco longe, não é?

— Bem, talvez você consiga reunir um grupo e combine de ficar por lá. É uma região muito bonita. — Ela se sentiu uma agente de viagens vendendo um destino turístico, mesmo que fosse tudo verdade. Tentou não parecer tão ávida.

— Humm, isso seria interessante, e nós poderíamos tirar uma folga das famílias. Posso levar este?

— É claro! Tome, leve vários! — Bem, ela precisava fomentar vendas, afinal. Grant chegou.

— Está indo bem, não é? Distribuí uma porção dos seus panfletos. Vamos combinar, as pessoas têm sido umas queridas, não param de falar como vão sentir nossa falta.

— Não aquela mulher lá, que está devorando tigelas de salgadinhos. Acho que nunca esteve aqui antes. — Laura tentou não parecer ressentida, mas se sentia um pouco assim.

Grant olhou para o outro lado.

— Não fale mal dela. Uma vez eu vendi um cartão de aniversário para ela. É uma daquelas pessoas que não veem serventia para nós, mas gostam que estejamos aqui.

— Compre todos os livros em instituições beneficentes — explicou Laura à outra cliente assídua, que havia se reunido a eles. — Creio que ela acha levemente imoral comprar livros novos.

— Ora, não censure os sebos beneficentes — retrucou a cliente. — Descobri muitos autores novos ao comprar os livros deles praticamente de graça. Depois acabei comprando tudo que escreviam nas livrarias!

Laura recompensou essa mulher animada esvaziando a garrafa em sua taça.

— Eu sei que você é fantástica, e realmente não me importo que as pessoas apoiem os sebos beneficentes, é claro que não. O problema é quando tentam fazer crer que são mais virtuosas que nós, que libertinamente compramos livros novos diretamente da livraria.

A mulher deu uma risada.

— Então, o que vocês vão fazer agora? — Era uma pergunta que eles ouviam com frequência.

— Bem, eu me inscrevi para trabalhar em duas grandes livrarias, mas a Laura aqui está organizando um festival literário. Folheto, por favor — disse Grant, estendendo a mão.

Laura lhe deu um.

— É claro que nem todos que constam no folheto poderão comparecer, mas...

— Ah, isso parece superdivertido! — comentou a mulher. — Que bom para você!

Elas conversaram um pouco sobre festivais e autores favoritos e se lamentaram por outra livraria independente estar fechando as portas, mesmo que fosse por escolha própria.

Enquanto enchia taças, respondia perguntas e circulava entre as pessoas — a livraria estava compreensivelmente lotada; era muito querida e estava ali havia muitos anos —, Laura sentia orgulho e tristeza. Não uma tristeza esmagadora, pois havia perspectivas adiante, mas iria sentir saudades. Era como se ela fosse jogar fora seu antigo e seguro eu, como um casaco estimado que já não serve mais.

Já passava das dez da noite quando Henry fechou a porta atrás do último retardatário: um jornalista entusiasmado da imprensa local que fez questão de fotografar todos os ângulos (e de ajudá-los a terminar o vinho).

— Foi uma grande festa — comentou Henry enquanto arrumava tudo com Grant e Laura. Os funcionários de meio expediente já tinham ido embora, após a insistência de Laura em recompensá-los por a terem substituído em seu posto na livraria nos últimos tempos.

— Foi mesmo. Uma pena que Monica não pôde vir — disse Laura a Grant enquanto reunia uma pilha de pratos de papel. — Vocês se dariam muito bem.

— Teremos outra oportunidade. — Grant deu um suspiro profundo. — Vai ser bem triste não fazer mais parte da mesma equipe.

Laura lhe deu um abraço.

— É mesmo! De repente me deu até vontade de chorar.

Ela havia conseguido controlar qualquer lágrima ameaçadora a noite toda, mas agora que estavam só eles três, ela as sentiu ardendo nas pálpebras.

— Ah, segura o choro! — pediu Henry, que não sabia lidar com toda aquela emoção. — Vocês dois vão partir para coisas maiores e logo se esquecerão dessa pequena livraria.

— Não é tão pequena — protestou Grant, soltando-se dos braços de Laura e amarrando outro enorme saco de lixo.

— E eu jamais esquecerei — acrescentou Laura. — Ela... Bem, na verdade, você, Henry... me ensinou tudo que eu sei.

— Ah, não fiquem assim tão sentimentais! — disse Henry, colocando garrafas vazias numa caixa de papelão. — Vamos todos nos falar em função do festival de Laura, não é? E eu faço questão de dar referências fantásticas de vocês.

— E não fecharemos completamente até o fim da semana — lembrou-lhes Grant. — Teremos alguns dias juntos guardando tudo.

Laura estava muito cansada ao chegar em casa após o último dia de funcionamento da livraria. Se lhe perguntassem, sim, era muito triste que a livraria estivesse fechando e não, ela ainda não tinha outro emprego de fato, mas haveria este festival de literatura e música e lhes ofereceria um panfleto mais uma vez. Mesmo com tudo isso, ela estava abalada. Na festa, havia feito tamanho alarde sobre o festival que se sentia despreparada para passar o resto da semana fazendo o mesmo. Além disso, a livraria tinha dado uma impressão de grande desamparo com suas prateleiras vazias e sem os clientes. Embora quisesse ajudar, Laura ficou contente por Henry ter insistido em que ele e Grant se encaregassem dos últimos dias de arrumação e limpeza. Não sabia se suportaria vê-la totalmente vazia.

Ela subiu as escadas para seu pequeno conjugado, abriu a porta e, antes mesmo de fechá-la, pôs a água para ferver.

Tinha acabado de dar o primeiro gole de chá quando o telefone tocou. Ela praguejou por dentro. Nunca conseguia tomar chá e falar ao telefone ao mesmo tempo, a menos que conhecesse bem a pessoa para explicar o que estava fazendo. Rezando para que fosse uma dessas pessoas, atendeu. Era a Sra. Ironside, sua vizinha do andar de baixo, que geralmente preferia telefonar a subir toda a escadaria “na sua idade”.

— Laura? — A Sra. Ironside era uma pessoa irritante, que não tinha nada para fazer e passava o tempo tomando conta da vida dos outros. — Tem uma porção de pacotes aqui para você. Quando vi que o carteiro iria levá-los embora eu os peguei. Se não, você teria que ir até os correios buscar.

— Ah, muito obrigada. — Laura ficou realmente agradecida, embora nem sempre se desse bem com a Sra. Ironside.

— Então, você virá pegá-los? São tantos. Pelo amor de Deus, o que é isso?

— Para falar a verdade, não sei. Estou descendo agora mesmo.

Ela tomou um bom gole de chá, que estava um pouco quente demais, e foi até lá embaixo. O chá estaria frio quando ela voltasse, e Laura sabia que se fizesse outra xícara não seria tão boa. Não era seu dia.

Havia quinze pacotes grandes empilhados no vestíbulo da Sra. Ironside. Seu apartamento era bem maior que o de Laura, mas mesmo assim eles tomavam bastante espaço.

— Ah, minha nossa — exclamou Laura, pensando em quantos conseguiria carregar de cada vez, já sentindo falta de seu chá. Se a Sra. Ironside fosse qualquer outra pessoa, ela poderia ter explicado sobre a bebida. — Tudo bem, vou levar o máximo que conseguir e já desço para pegar o resto.

Ela conseguiu levar cinco por vez. Três viagens, um gole de chá entre cada uma. Amaldiçoou Dermot em cada degrau da escadaria. No instante em que os viu, se deu conta de que eram os manuscritos para esse curso miserável.

Quando acabou de trazer o último lote, mal havia espaço no chão para ela chegar até a chaleira.

— Ai meu Deus! O que eu vou fazer com tudo isso? — disse em voz alta. — Não vai sobrar lugar para eu respirar!

A ideia de que alguém pudesse ter lhe enviado uma carta sobre isso a fez voltar lá embaixo para pegar a correspondência em sua caixa de correio.

Sim, havia uma carta com o timbre de uma agência literária de Londres. Ela a abriu ali mesmo, não querendo atravancar seu apartamento com mais correspondência, nem uma folha sequer. Era de Eleanora. Dizia:

“Querida, você vai receber os manuscritos a qualquer momento. Fiz com que fossem redirecionados. Quaisquer outros irão diretamente para você.”

Muito obrigada, Eleanora, pensou Laura e continuou a ler.

“Você não precisa ler cada palavra. Se não estiver gostando, pare. As primeiras páginas, ou talvez até menos, lhe dirão se eles sabem escrever. Depois só verifique a sinopse para ver se há algum tipo de enredo a oferecer. Empilhe os possíveis candidatos e depois vá selecionando.”

Ela subiu outra vez. Apesar da logística de lidar com toda aquela papelada, ela estava bem empolgada. Como Dermot havia sugerido, ela poderia descobrir o novo grande nome da literatura. Talvez isso lhe desse a oportunidade de trabalhar como editora, algo que sempre quis fazer, mas sempre sentiu que estava fora de seu alcance. Porém, era uma grande responsabilidade, e ela ficou preocupada de não ser capaz de diferenciar um bom e um mau texto. Pelo menos Eleanora havia lhe dito que não era necessário ler todo o manuscrito se não estivesse gostando, então não deveria levar tanto tempo. No último lance de escadas ela se apressou, ávida para começar, todo o cansaço esquecido com o

desafio que se encontrava à sua frente. Se não fosse capaz de fazer isso, devia comunicar imediatamente a Eleanora.

Ela descobriu que era muito fácil diferenciar um bom texto de um mau texto. Afinal, não era preciso decidir se era publicável no mercado atual, algo que ela tinha aprendido bastante com Henry. Ela só precisava decidir quem sabia escrever e quem não sabia. E duas horas mais tarde Laura percebeu que nenhum daqueles aspirantes a escritor sabia.

Alguns tinham diálogos tão forçados que poderiam ter saído de exemplos de livros de gramática. Outros tinham personagens que sequer eram desagradáveis, quanto mais envolventes; simplesmente não tinham conteúdo suficiente para ser qualquer coisa. Nenhum tinha um enredo. Ela decidiu ligar para Eleanora no dia seguinte para falar do assunto e deixar um recado, se necessário. Precisava também pensar em comprar um laptop. Havia perdido seu acesso à internet, pois o fazia na livraria, e não poderia organizar um festival literário sem e-mail.

Eleanora não estava quando ela ligou, mas retornou a chamada logo depois.

— Laura? Querida! Eles são terríveis?

— São medonhos — disse Laura. — Honestamente, para início de conversa eu tinha pensado em ler cinquenta páginas de cada um. Para ser justa, como ouvi uma jurada de um grande prêmio falar que fazia. Mas depois de umas duas, não conseguia ir adiante.

— Querida, não sue a camisa. A maioria será medonha, mas você já leu quantos até agora?

— Uns 15. Chegaram todos ao mesmo tempo.

— Só 15? Não há nada com que se preocupar. Haverá pelo menos cem.

— Cem? — Laura respirou fundo. — Você faz ideia do tamanho minúsculo do meu apartamento? Não, é claro que não faz. Desculpe. — Fez uma pausa. — Eu não preciso enviá-los de volta, preciso?

— Você está dizendo que eles não têm código de postagem reversa, encomenda-resposta, nada disso?

Eleanora se sentiu ultrajada.

— Bem, acho que a maioria tem, mas...

— Então, simplesmente cole as etiquetas e jogue-os no correio.

— Eu não tenho carro e a agência de correios fica a quilômetros de distância.

Laura não queria dar a impressão de estar irritada, mas achou que devia fazer algum tempo que Eleanora não “jogava” alguma coisa nos correios pessoalmente. Será que ela sabia que muitas agências pequenas, sem filas, haviam fechado?

— Bem, espere até conseguir alguém que lhe dê uma carona, algo assim. Essas pessoas não precisam que alguém jogue suas esperanças e sonhos de volta

na cara delas tão cedo. Dê-lhes alguns dias de esperança antes de decepcioná-las.

Pouco depois, Laura encerrou a chamada. Precisava ir dormir. Amanhã se ocuparia do carro e do laptop, que estava se tornando cada vez mais urgente. Então, ela teve uma ideia mais animadora: cem manuscritos, a dez libras cada, dariam mil libras. Bem a calhar! O dinheiro de sua demissão não duraria muito.

— Por que você não compra meu carro? — sugeriu Grant. Eles haviam combinado de se encontrar para um café uma semana depois para se aconselharem um com o outro com relação à saída da livraria. — Aí eu poderia comprar um melhor.

Eles estavam em seu café favorito, próximo à livraria. Laura não conseguiu deixar de dar uma olhada ao passar por lá. Estava vazia e, exceto pelas muitas prateleiras, se parecia com qualquer outra loja varejista. A sensação de não estar indo para o trabalho foi estranha, mas na verdade ela não havia tido tempo de se sentir muito consternada. E agora ela e Grant estavam contando as novidades e também relembrando os velhos tempos.

— Comprar carros de amigos não é uma péssima ideia? E se sair tudo terrivelmente errado? Eu posso nunca mais falar com você — disse ela.

— Vou me arriscar. Afinal, tenho uma porção de amigos. Posso me dar ao luxo de perder uma. Você, é claro, não tem tanta sorte.

— Eu tenho um monte de amigos! Você e Monica. Fen com certeza é uma amiga. Todas as minhas amigas da faculdade...

— Que estão exatamente onde? Não levam você para a balada todos os fins de semana, certo?

— Elas não são exatamente daqui, devo admitir. — Laura pensou se conseguiria mudar de assunto antes que tivesse de admitir também que todas as suas amigas da faculdade tinham altos cargos em Londres ou estavam salvando o planeta em Galápagos. — Você mantém contato com todos os seus amigos de faculdade?

Ele deu de ombros.

— Acho que só pelo Facebook. Mas eu realmente acho que sou a única pessoa normal que você conhece por aqui — insistiu ele, bebericando o café e se preparando para dar uma colherada numa fatia de torta de limão.

— Monica é normal — protestou Laura, perguntando-se se alguém que usava uma peruca cor-de-rosa para ganhar dinheiro poderia ser de fato descrita como normal.

— Eu adoraria conhecê-la. — Ele fez uma pausa. — Vou dizer uma coisa, eu te vendo o carro por 500 libras e uma noitada com Monica. Você consegue?

— A noitada com Monica, quase com certeza, mas quanto ao carro, me passe

o currículo dele e vou investigar com o meu consultor automotivo.

— Seu o quê?

— Rupert. Ele estava me aconselhando sobre o tipo de carro que devo comprar.

— Bem, eu acho que o meu passa por todos os critérios de boas condições.

— Eu sei e gosto de dirigir o seu carro, mas acho que devia consultar o Rupert, já que ele estava tão interessado.

— Então me dá um papel e eu escrevo todos os detalhes.

— Ótimo — disse Laura, pegando o papel e guardando na bolsa. — Você acha que deveríamos convidar algum autor de ficção científica para o festival ou eles são um pouco “especialistas” demais?

— Depende de quem você tem em mente.

Eles ficaram discutindo isso por algum tempo até Laura olhar o relógio.

— Agora eu realmente preciso voltar. Tenho todos aqueles manuscritos para ler e preciso ligar para o Rupert sobre o carro. Eu te ligo assim que tomar uma decisão, tá bom?

*

Já em casa, Laura decidiu verificar a situação do carro antes de voltar à sua pilha de manuscritos. Conversar com Fenella era sempre animador e também havia coisas a discutir sobre o festival.

Depois de conversarem sobre os que já haviam confirmado presença e os que elas precisavam procurar de novo, Laura disse:

— Rupert está aí? Grant, lá do trabalho, sugeriu que eu compre o carro dele. Eu o tomei emprestado na primeira vez que fui a Somerby. Rupert falou que me ajudaria a comprar um carro e eu gostaria de pedir o conselho dele.

— Bem, eu não me lembro desse, mas não tenho memória para carros mesmo. Vou passar para Rupes.

— Oi, Laura. — A voz grave de Rupert parecia curiosa. — Ouvi vocês falando sobre um carro?

Laura deu os detalhes.

— E ele faz questão de mandar fazer uma revisão e tudo o mais, então eu acho que vai ficar tudo bem — acrescentou ela, depois de terem discutido a questão.

— Na verdade, eu só queria uma segunda opinião.

— E você não quer que eu vá até aí e dê uma olhada nele pessoalmente?

— Não acho que seja necessário. Eu já dirigi o carro e gostei.

— Então parece que é o carro certo e 500 libras é um bom preço. Vai nessa!

— Genial, Rupert, muitíssimo obrigada. Agora só preciso comprar um laptop.

Laura falou de forma despreocupada, mas deu-se conta de que estava para gastar toda a remuneração pelo festival num carro. Será que um laptop levaria todo o dinheiro que havia recebido com a demissão? De repente, Dermot e sua oficina literária parecia um salva-vidas.

— Teria que ser um novo? — perguntou Rupert.

— Ah, não, acho que não. Só preciso de algo para escrever cartas e enviar e-mails.

— Os novos não são muito caros, mas não compre nada sem falar comigo. Talvez eu lhe consiga um de segunda mão.

— Ah, Rupert, você é o máximo.

— É o que todo mundo me diz — disse ele com uma risada e desligou.

Após ter resolvido a questão do carro, ela decidiu ligar para Monica. No final das contas, o dia estava servindo para falar com os amigos. Monica adorou que Laura ligasse.

— Eu tenho tanta coisa para te contar! Claro, vamos sair juntas, e pode trazer qualquer amigo seu. Contanto que possamos ter um papo de mulherzinha.

— Grant é ótimo para isso — comentou Laura, subitamente se dando conta de que não queria que Grant soubesse demais sobre o que aconteceu na Irlanda: ainda estava muito recente. Ela ainda não sabia exatamente como se sentia sobre tudo isso. O fato de Monica saber já era ruim o bastante; ela não queria mais ninguém esmiuçando seus segredos. — Então, quando é melhor para você?

Monica estava quieta, provavelmente percorrendo os olhos por sua movimentada agenda social.

— Eu tenho estado tão enlouquecida tentando confirmar bandas para o festival... — murmurou.

— Eu também. Devo ter falado com todos os departamentos de publicidade de todas as editoras, tentando fazer as pessoas confirmarem. Depois procurei o pessoal de vendas para ver se eles podem fornecer os exemplares para os grupos de leitura por intermédio de Henry. — Fez uma pausa. — E tenho todos os manuscritos para ler também.

— Manuscritos? Do que você está falando?

— Ah, é tudo culpa do Dermot — respondeu Laura, e ia explicar quando Monica a interrompeu.

— Quer saber? — Ela soava divertida e feliz. — Uma porção de coisas que aconteceu com você ultimamente é culpa do Dermot. Como não amar um cara desses?

— Para com isso! — Laura soltou um guincho. Seus sentimentos por ele estavam muito confusos. Será que luxúria combinada com um enorme afeto e

um toque de obsessão era o mesmo que amor?

— Bom, eu não o amo mesmo. Já você... — Monica fez uma pausa para que a alfinetada tivesse tempo de encontrar seu alvo. — De qualquer modo, podemos falar sobre isso quando nos encontrarmos. Que tal na sexta?

— Espere um minuto. Vou ligar para ele no celular. — Quando Grant atendeu, Laura perguntou imediatamente: — Sexta?

Por sorte ele tinha lido sua mente, como quase sempre conseguia fazer.

— Ótimo. Onde e a que horas?

Ficou combinado de encontrarem Monica num bar em um dos melhores bairros de Bristol. Grant disse que iria dirigir na volta, pois seria uma das últimas vezes que poderia. Assim que Laura lhe pagasse, o carro seria dela. Laura, no entanto, teria que dirigir na ida. Ela não tinha muita experiência em dirigir na cidade, e pensar no tráfego de Bristol a apavorava. Mas não iria deixar Grant saber — ele podia desistir de lhe vender o carro.

Enquanto isso, os manuscritos continuavam a chegar. Quando Laura não estava, a Sra. Ironside os recebia, e Laura passou a bater em seu apartamento antes de subir para o seu. A Sra. Ironside estava fervendo a água, e Laura tomou um chá com ela e conversou um pouco antes de subir com os pacotes. A relação entre elas havia melhorado, e a Sra. Ironside estava bem menos fria agora. Laura lhe falou do festival e ela ficou bem entusiasmada.

— Eu iria com certeza se Kathryn Elisabeth fosse — disse ela, mencionando uma das autoras românticas mais bem-sucedidas da atualidade.

Zelosamente, Laura anotou o nome, perguntando-se se seria educado convidar uma autora assim tão tarde.

— Ela é muito popular — comentou, em tom de aviso. — É provável que já esteja com a agenda lotada pelos próximos anos, mas sem dúvida perguntarei aos editores dela.

— Ela seria uma grande atração.

— Eu sei e vou tentar, mas... Bem, não podemos ter muitas esperanças.

A Sra. Ironside curvou os lábios, mostrando sua reprovação a essa atitude fraca.

Chegou a noite de sexta-feira, e Laura e Grant saíram para encontrar Monica. Era incrível o quanto a prática aperfeiçoava o modo de estacionar, pensou Laura quando finalmente parou o carro e o desligou, girando a chave. Não que ela tivesse conseguido encaixar perfeitamente o carro em qualquer um dos cinco espaços nos quais havia tentado estacionar, mas agora se sentia muito mais confiante: conhecia com exatidão as dimensões do veículo. Eles saíram.

— Nossa, espero que o carro fique seguro aqui! — falou Grant, verificando se

Laura o trancara, mesmo já tendo ouvido o ruído da tranca.

— Estamos em Clifton — disse Laura. — O carro não será arrombado nem roubarão as calotas aqui. Às vezes você parece uma velha!

— Olha quem fala! Agora venha. Vamos encontrar esse bar. Estou louco para conhecer Monica em carne e osso.

Monica estava sentada no balcão, conversando com o barman. Saltou do banco e abraçou Laura.

— Que delícia te ver, querida! E este deve ser Grant! Oi!

Grant e Monica trocaram beijinhos.

— Então, o que vamos beber? Laura vai tomar seu copão de uísque de costume. Grant?

— Copão de uísque? Isso não se parece com a Laura que eu conheço e amo! Monica deu uma risada.

— Você precisa vê-la quando está no exterior. Completamente louca.

— Eu vou tomar vinho branco com soda — interrompeu Laura, como se jamais tivesse tomado copos cheios de uísque nem limonada da cor de caneta marca-texto, que era como pareciam ser servidas na Irlanda. Nem, o mais importante, como se tivesse oferecido o corpo a um escritor famoso em troca de seu comparecimento ao festival literário.

— Eu quero um suco de grapefruit e limonada — afirmou Grant.

— Estou comprando o carro de Grant, mas ele vai nos levar para casa — explicou Laura quando ela e o amigo se sentaram um de cada lado de Monica no balcão.

— Comprando um carro? Você já não tem um? Não, imagino que não — disse Monica, depois de pedir as bebidas.

— O salário que pagam em livrarias, de modo geral, é ínfimo — comentou Laura, bebericando seu vinho. — Mas eu adoro... Bem, adorava meu trabalho. De verdade.

— Se você está comprando o carro de Grant, como é que ele conseguiu comprar um, se também trabalhava na livraria? — perguntou Monica.

— Eu tinha um emprego legal em computação antes de entrar para o ramo de livros — explicou Grant. — E uma pequena herança. Aí estão minhas finanças. — Rapidamente ele encerrou o assunto e se voltou para Monica. — Quero dizer a você o quanto eu adoro o seu show — disse, entusiasmado. — É fabuloso. A Laura contou como eu a arrastei para ver vocês?

— Acho que contei — murmurou Laura para si mesma.

— E pergunte se ela ficou feliz por eu ter feito isso — disse Grant, olhando para a amiga.

Laura imaginou se todas as coisas que haviam acontecido com ela

ultimamente teriam ocorrido sem Monica, e concluiu que não. E mesmo que se perguntasse se ter conhecido Dermot iria prejudicá-la em relação a todos os homens normais que viesse a conhecer no futuro, ela não se arrependia.

— Ah, claro que fiquei!

— Ah! — Monica pareceu um pouco surpresa com o fervor de Laura. — Eu também amo você. Mas, sério, eu realmente adorei ter te conhecido, porque caso contrário eu não teria ido à Irlanda e reencontrado Seamus. Essa é uma velha chama reacendida — explicou a Grant.

— Então vocês reataram? — Laura bebericou seu vinho. — Aquela pedalada agonizante valeu a pena, afinal. Conte tudo.

— Bem, alguns dias depois de voltarmos, ele entrou em contato! Tudo indica que ficou superentusiasmado com o meu recado.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou Laura, se esforçando ao máximo para não ficar com inveja. Dermot havia ligado para ela, mas só para pedir um favor.

— Faz uns dois dias.

— Mas você e Laura voltaram da Irlanda há eras — protestou Grant. — Que entusiasmo é esse?

Monica deu um tapa em Grant com a mão de unhas vermelhas.

— Ele está muito entusiasmado sim, só é um pouco desligado. Todos os irlandeses são. A gente só precisa se acostumar.

— Isso é generalizar um pouco demais — comentou Laura, embora Monica tivesse toda a razão, ao menos a julgar pelo que ela podia dizer por experiência própria.

— Ele é assim, desligado, mas também está muito a fim de fazer uma apresentação com a banda dele no festival. — Monica mordeu o lábio. — Imagine se não forem tão bons assim?

— Você ainda não viu a banda tocar?

— Não — admitiu Monica —, e para ser honesta, pelo que Seamus diz, eles são um pouco amadores.

— Só porque ele não ganha dinheiro com isso não significa que não seja bom — disse Grant, por algum motivo sentindo necessidade de defender amadores entusiastas de todos os cantos.

— Isso é muito generoso da sua parte, Grant! — elogiou Laura. — Meio atípico, devo dizer.

— De jeito nenhum. Eu sempre sou generoso. Afinal, eu disse que também queria me envolver com o festival.

— Ah, bem, eu tenho certeza de que conseguiremos encontrar um lugar para você — respondeu Laura satisfeita, pois Grant não costumava ser voluntário

para nada. — Lembre-se, é improvável que haja dinheiro nisso. Minha remuneração é simbólica, por assim dizer.

— Não preciso necessariamente ser pago — disse Grant. — Tenho o dinheiro da demissão, e minha titia querida, não se esqueça. Além disso, recebi algumas propostas das livrarias para onde enviei currículo, e quando eu começar a trabalhar, poderei participar do festival no meu tempo livre. Só quero aproveitar um pouco da diversão que vocês duas estão tendo.

— Humm, eu não diria que é exatamente diversão... Basicamente, envolve dar inúmeros telefonemas... Embora o planejamento esteja sendo divertido, e é fantástico acompanhar o processo todo desde o começo. Mas acho que ir ver os locais será legal. — Laura franziu o cenho. — É provável que você seja mais útil para a Monica...

— Como eu queria que vocês dois prestassem atenção em mim! — cortou Monica. — E se a banda do Seamus for um lixo?

— Aí eles não poderão participar — decretou Grant, simplesmente. — Não sou apenas generoso, sou firme.

— Bem, sorte a sua — disse Monica, empurrando-o, como se fossem amigos há anos.

— Sério — continuou Grant —, num festival novo, a gente não pode arcar com atuações de baixo nível.

— Que tipo de música eles tocam? — perguntou Laura, depois de ela e Monica absorverem essa constatação básica.

— Irlandesa, bem tradicional. Eu pedi que ele me enviasse um CD ou algo assim, mas ele diz que não tem. Geralmente só tocam em pubs.

— Bem, os músicos que tocaram no pub em Ballyfitzpatrick eram geniais — comentou Laura. — Acabo de ter uma ideia — acrescentou.

— Espere até passar — provocou Grant.

— Qual? — perguntou Monica.

— Foi uma ideia que tive antes, mas depois deixei de lado. Dermot tem alguns poemas, não muitos, mas ótimos. Podíamos pedir que ele os lesse e a banda de Seamus tocara música irlandesa entre um e outro, ou até baixinho, como música de fundo, enquanto ele lê.

Monica aprovou, animando-se com a ideia.

— Poderia ser bom.

— Mas o local precisa ser bem-escolhido. Não funcionaria num grande salão cheio de eco — disse Grant, sempre a voz da razão.

— Não, teria que ser num pub — disse Monica.

— O quê? Usar o pub de Somerby? — perguntou Laura.

— Existe um? — emendou Grant.

— Sim. E é uma graça, mas eu teria que ver se eles o cederiam.

— Os pubs não precisam ter licença para tocar música? — questionou Grant.

— Não sei — respondeu Laura, impaciente. — Mas, nesse caso, não podem conseguir uma? É uma ideia tão boa... Mesmo que tenha sido minha. Embora... talvez não haja lugar para muita gente.

— Aquela tal de Sarah vai saber — disse Monica. — Só estou pensando que genial seria criar aquela atmosfera na Inglaterra.

Ela estava realmente entusiasmada agora, em parte porque não teria que enfrentar a possibilidade de contar a Seamus que ele não poderia tocar no festival.

— Qual atmosfera? — indagou Grant. — Se você está pensando em salas enfumaçadas, violinos e muita bebida, a lei antitabaco já foi sancionada há algum tempo.

— Ah, você precisava estar lá, Grant! — exclamou Monica. — Tinha horas em que as pessoas que mais se divertiam eram aquelas que estavam lá fora jogando as guimbas de cigarro no lixo, mas foi incrível, não foi Laura?

— Ah, foi — respondeu ela, lembrando.

— Tem só um problema — afirmou Monica, olhando para Laura. — É provável que você precise novamente oferecer seu corpo ao Dermot para que ele faça isso.

As entranhas de Laura pareceram se encolher.

— Quero dizer... — Monica se apressou a corrigir. — Eu não estava falando literalmente, sabe como é...

Antes que Grant começasse a fazer perguntas inconvenientes, Laura precipitou-se para acobertar seus rastros.

— Foi uma metáfora — declarou ela. — Foi isso que ela quis dizer. Eu me oferecer para dormir com Dermot é uma metáfora para... Bem, dizer que eu faria qualquer coisa para fazê-lo vir ao festival. Porque é óbvio que eu não me ofereceria para dormir com ele, não é? — Certa de ter protestado demais para manter seu *status* de dama, Laura olhou para Monica em desamparo.

— Não, é claro que não — confirmou Monica. — Ninguém se ofereceria. — Ela riu, soando um pouco artificial. — Vamos tomar outra rodada!

— Ah, vamos sim — concordou Laura. — Eu pago. — Ela saltou do banco, acenando uma nota de 20 libras, quando se deu conta de que já estava no bar e podia fazer o pedido ali mesmo onde estava sentada. Podia sentir os olhos de Grant nela e sabia que teria de se explicar no caminho para casa. Será que tinha dinheiro suficiente, pensou, para se embriagar a ponto de não poder falar? Mas aonde isso a havia levado na última vez? Não, ela simplesmente teria que blefar. Grant nunca acreditaria que ela realmente tinha concordado em transar com

Dermot para fazê-lo ir ao festival. Era tão atípico. Ufa!

Felizmente, para alívio de Laura, o assunto mudou e eles tiveram uma grande noite. Grant e Monica se deram tão bem quanto Laura previra, e Monica concordou em empregar Grant — sem remuneração, é claro — como seu assistente no festival. Ele adorou.

De repente era meia-noite, hora de ir para casa.

Eles mal haviam entrado no carro quando Grant soltou:

— Você não ofereceu seu corpo ao tal Dermot para convencê-lo a vir ao festival, não é? — Agora Grant estava tão apossado do festival quanto Monica e Laura.

— Ah, qual é, Grant! — Laura sentiu que a indignação era sua melhor defesa. Ela devia saber que nada passaria despercebido a ele. — Acha que eu faria uma coisa dessas? Há quanto tempo me conhece?

Grant seguiu em silêncio por um tempo preocupantemente longo.

— Não, acho que não. De algum modo, você é meio que uma virgem profissional.

— Exatamente — disse Laura, aliviada que a penumbra do carro o impedisse de ver o quanto havia chegado perto da verdade. — Eu não jogaria fora minha virgindade ficando com um irlandês bêbado por uma noite, não é? Quero dizer, se eu fosse virgem, não faria isso! — Ela fez uma pausa, indo ainda mais fundo. — Ou mesmo que não fosse! Ah, cale a boca e dirija o carro, Grant.

O amigo lhe deu uma olhada, mas não falou nada. Laura sabia que ele não esqueceria o assunto completamente. Estava apenas esperando o momento propício. Mas ficou grata por ele não o mencionar outra vez enquanto ela arrumava o sofá para ele dormir e depois seguia para a própria cama. Ao puxar o edredom, ela sorriu. Em geral, tinha muita sorte com seus amigos.

Capítulo 10



Sentada em seu carro diante da escola, Laura tremia, nervosa. Em poucos instantes, quando os ponteiros do relógio marcassem vinte para as três, ela entraria. Estava prestes a divulgar o concurso de contos a um bando de crianças. Tinha as anotações, havia praticado diante do espelho e dito a si mesma que não importava se as crianças saíssem correndo aos gritos. Mesmo assim, continuava apavorada e não achava que imaginar sua plateia de uniforme também pudesse ajudar.

Depois disso, ela visitaria o escritório do jornal local para conversar sobre o festival. Isso pareceria uma alegre reunião social após um julgamento presidido por criancinhas. Então, mais tarde, viria a recompensa: sua conversa semanal com Dermot, supostamente para discutir os inscritos para a oficina literária. Na prática, eles falavam sobre todo tipo de coisa. Tinha as anotações de Dermot agora nas mãos, um pouco trêmulas.

Era o início da tarde de um belo dia primaveril. O ar tremeluzia com a promessa do verão, e a pequena escola de ensino fundamental de interior era do tipo descrito nos livros de Laurie Lee e outros escritores do interior como ela. Era pitoresca, provavelmente muito inconveniente e a primeira de uma série que ela visitaria. A ideia era ir ao máximo de escolas locais para fomentar interesse pelo festival em geral e pelo concurso literário em particular. Depois de fazer isso pela primeira vez, ela tinha certeza de que ficaria tudo bem e de que até iria gostar. Afinal, ela costumava fazer leituras na livraria e adorava. Mas embora sua confiança tivesse aumentado muito nos últimos dois meses, sua antiga timidez reaparecia de vez em quando, como agora. Dizer que estava nervosa era pouco.

Uma última olhada no espelho retrovisor lhe disse que ela estava bem, mesmo que parecesse ter 10 anos, e então Laura saiu do carro. Uma mulher bonita de meia-idade obviamente a estivera observando e surgiu no momento em que Laura pôs o pé na escola.

— Olá! Laura? Como vai? Eu sou Margareth Johns, a diretora. Vou levá-la ao

auditório. As crianças estão muito empolgadas com a sua vinda.

Durante o percurso até o salão, Laura imaginou se, caso vomitasse no pátio, chamariam sua mãe e lhe permitiriam ficar deitada na sala dos professores, esperando que ela viesse buscá-la. Depois, enfim, aceitou que era adulta agora e devia simplesmente seguir adiante.

Fileiras de crianças sentadas no chão de pernas cruzadas a confrontaram. Vestiam blusões de moletom azul, shorts, calças ou vestidos cinza.

— Silêncio, crianças! Temos uma visita! — disse a Sra. Johns.

Elas se aquietaram quase imediatamente. Laura esperava que levassem algum tempo para se acomodar, assim seu tempo diminuiria. Tinha meia hora para preencher, quando preferia que fossem dez minutos; ou melhor, poderia apenas ter enviado uma carta e alguns formulários para cada escola. Mas Fenella havia concluído que uma visita pessoal realmente entusiasmaria as escolas e deixaria a comunidade inspirada a apoiar o festival.

— A Srta. Horsley vai nos falar de um concurso muito empolgante. — A Sra. Johns gesticulou para que Laura fosse para o centro da sala. — Srta. Horsley!

“Não tema o silêncio”, dissera-lhe Dermot ao treiná-la para a visita. “Deixe que olhem para você por uns dois minutos.” Ele havia sido muito prestativo ao perder tempo passando a Laura tudo que aprendera sobre falar com crianças — o que já tinha ocorrido em circunstâncias surpreendentemente numerosas. Tudo indicava que Dermot adorava ir às escolas e falar com os alunos. Ela queria ser capaz de lhe dizer que correra tudo bem. Não queria decepcioná-lo. Inspecionou a plateia.

— Oi, pessoal! — disse ela, instantaneamente sentindo que isso soava errado e logo emendou: — Quantos de vocês gostam de histórias?

Uma porção de mãos se levantou.

— Nós gostamos! — disseram em coro. — Eu! E eu!

Ela levantou a mão para acalmá-los, o que pareceu ser eficaz.

— Isso é ótimo! E vocês sabem de onde as histórias vêm? — Dermot tinha dito que às vezes começava com essa pergunta.

— Livros! — Veio a resposta.

Laura anuiu, entrando no espírito da coisa.

— Isso mesmo, elas vêm dos livros, mas como é que os livros as conseguem?

Ela tinha apreciado a imagem sugerida por Dermot de livros andando por aí capturando suas histórias, e as crianças pareciam ter gostado também.

— Eles não andam por aí escutando histórias e abocanhando-as como crocodilos para pôr entre as páginas, não é? — Dessa vez não esperou que respondessem. — Não! Alguém as coloca lá. Alguém põe as histórias nos livros. Quem vocês acham que faz isso?

Ela olhou com expectativa para o mar de rostinhos ansiosos. Dessa vez queria uma reação.

— A Sra. Johns! — disse um menino sentado na frente. — Ela tem as histórias!

— Sim, essa é uma boa resposta. E quem mais? — Ela olhou com cuidado para a plateia para não deixar passar uma criança tímida que poderia ter uma boa resposta.

— Escritores? — Isso veio de uma das meninas mais velhas lá no fundo.

— Escritores, autores, sim, eles criam histórias. Mas quem mais vocês acham que pode criá-las?

Várias fileiras de crianças olharam para ela fixamente, confusas.

— Vocês! — disse Laura, de modo triunfante.

Isso provocou certo tumulto, mas Laura o amorteceu rapidamente. Começava a pegar o jeito da coisa.

— Sim, todos vocês podem criar histórias. Em breve, quando suas professoras disserem que é a hora, vocês todos irão escrever uma história. Vocês podem escrever um conto cada um, o que é mais difícil, ou podem criar uma história em conjunto com a turma. Sua professora vai decidir o que é melhor. Alguém já escreveu alguma coisa antes? — Surgiu uma floresta de mãos. — Sim! Todos vocês! Isso é ótimo! Bem, quando todos vocês tiverem escrito suas histórias e feito desenhos que acompanhem... Sabem desenhar? Maravilha! Então, depois que tiverem escrito suas histórias, devem fazer um desenho das pessoas que estão nela. Elas se chamam “personagens”. Então vamos ver, sobre que tipo de coisas vocês podem escrever? De onde vêm as histórias? Elas vêm de ideias, e as ideias estão em todo canto!

Ela olhou em volta para indicar a natureza abundante das ideias, e as crianças fizeram o mesmo, como se esperassem que elas saltassem de trás de um vaso de plantas.

— Mas embora as ideias venham de todos os cantos, precisamos procurar por elas, reconhecê-las quando as vemos! Agora... — De repente, Laura percebeu que estava com a boca seca e deu um bom gole de água no copo de papel que a Sra. Johns providenciara. Ao mesmo tempo, se deu conta de que estava gostando daquilo. — Alguma coisa boa aconteceu a alguém aqui hoje? — perguntou à sua plateia enlevada.

Um menininho quase seguiu a própria mão rumo ao céu no esforço de chamar a atenção.

— Minha cachorra teve filhotes!

— Ah, essa é uma ideia genial! Você poderia contar uma história sobre um filhote. Ou uma fada, ou uma vaca. Ou até sobre uma professora! — Isso

provocou muitas risadas. — Depois, quando vocês tiverem acabado de escrever e tiverem feito lindas ilustrações... Quer dizer, desenhos... Suas professoras irão enviá-las para mim e, se estiverem muito boas, serão lidas em voz alta para muitas pessoas, inclusive seus pais. Que tal?

A ideia foi muito bem-recebida.

— Mas antes de começarem, um escritor de verdade, um que já publicou vários livros que vocês já leram, virá até aqui falar com vocês sobre como as histórias se transformam em livros.

Alguns minutos depois, ela terminou sua palestra com uma enorme salva de palmas.

— Foi muito bom — disse a Sra. Johns. — Achei que você tinha dito que não estava acostumada a lidar com crianças.

— Bem, não com tantas ao mesmo tempo, mas um amigo me ajudou muito e acabei fingindo que estava em uma sessão de leitura, como costumávamos fazer na livraria. Pareceu funcionar.

— Muito bem, querida! E você combinou com um escritor para fazer uma visita? Isso sairia do nosso orçamento ou do seu?

— Do seu, se possível. O orçamento do festival é reduzidíssimo.

— Verei o que podemos fazer — garantiu a Sra. Johns. — O concurso de contos é excelente e serve de desculpa para lerem mais na escola.

Como ela previra, a entrevista com o pessoal do jornal foi fácil. Eles se prontificaram a dar apoio ao festival, ofereceram-se para patrocinar um dos eventos e a publicar três dos contos vencedores no jornal. Ela se viu conversando com facilidade, as respostas fluindo livremente. De algum modo, era muito mais fácil quando se falava de algo em que se acreditava.

Quando estava saindo, o jornalista perguntou:

— Você poderia providenciar as biografias e as fotos dos autores o quanto antes? Gostaríamos de fazer uma reportagem de destaque sobre quem estará no festival.

Laura parou e se virou.

— Sim, é claro. Mas sabe que ainda não encerramos os contatos? Imagine você fazer a reportagem sobre um autor e depois ele não poder vir.

— Ah, minha nossa. Isso não funcionaria!

O jornalista, com razão, não queria perder um tempo enorme pesquisando e escrevendo um artigo sobre alguém que talvez não viesse.

Laura pensou.

— Olha só, você me dá uma lista dos autores que mais gostaria de retratar e eu os procuro. Se eles acharem que haverá alguma publicidade garantida, isso

pode ajudá-los a decidir vir.

No carro ela fez mais algumas anotações e foi embora para casa, muito empolgada com a perspectiva de falar com Dermot.

— Então, como foi com as crianças? — indagou ele, assim que atendeu o telefone.

— Ah, foi ótimo! Eu segui todas as suas ideias, e quando a coisa começou a fluir, descobri que estava adorando. Enfim, talvez haja uma artista em mim.

— Mas as crianças têm algo de especial, não é? Elas não se contentam com qualquer coisa.

Tinha sido um choque descobrir que Dermot Flynn, que evitava seu público, recusava-se a fazer qualquer coisa ligada ao mundo literário e se esforçava para sedimentar sua imagem de beberrão e mulherengo, na verdade frequentava a escola local como voluntário.

— Eu não conto para muita gente — explicara ele —, não combina com a imagem.

Por um momento ela se permitiu se sentir lisonjeada por ele ter confiado nela.

— Já pensou em escrever para crianças? — Isso parecia uma coisa óbvia para ele querer fazer.

— De jeito nenhum. Difícil demais e muita responsabilidade. Se eu escrevo um livro e alguém detesta, tudo bem, a pessoa pode simplesmente deixar de lado e pegar outro. Se um autor de livros infantis produz uma porcaria, a criança que ler, ou tentar ler, pode nunca mais pegar em outro. — Estava claro que ele tinha opinião formada sobre o assunto.

Foi depois dessa conversa que Laura pensou em lhe pedir algumas dicas de como lançar sua ideia dos contos para as crianças das escolas.

Agora, após receber felicitações dele e um “Eu disse que você conseguiria” levemente presunçoso, ela seguiu para o concurso propriamente dito.

— Então, agora só preciso arrumar um jurado adequado. Já tenho uma dupla de professoras aposentadas para fazerem a primeira triagem. — Ela fez uma pausa. — Não se preocupe, não estou pedindo a você. Tenho uma escritora de livros infantis em mente. Então — continuou ela rapidamente —, como foi que você se virou com o último lote de manuscritos que eu enviei? Que tal aquele que se passa na Grécia?

— Uma pilha de lixo — respondeu Dermot.

— Quanto você leu? — Laura ficou decepcionada, era importante que ele confiasse em sua capacidade crítica.

— Não muito. Por que deveria?

— Leia mais. Fica melhor. — Ela foi firme. Depois de selecionar seus trinta

manuscritos, fazer cópias e enviá-los a Dermot um pouco de cada vez, agora ela se sentia protetora deles. Eram seus filhotes, e ela lutaria por eles, mesmo que tivessem de ser reduzidos a dez.

Dermot foi depreciativo.

— Não importa que fique melhor. Ninguém lerá até lá. Achei que você saberia disso.

Ela já o conhecia bem o suficiente para saber quando estava sendo implicante.

— Eu sei. Na edição, nós diremos ao autor para cortar os três primeiros capítulos e começar o livro dali.

— Tá bom, vou ler um pouco mais e ligo de volta. Mas é bom que melhore.

Ela desligou, sorrindo.

Depois de Laura ter lavado a louça, escrito alguns e-mails no laptop que Rupert havia conseguido para ela, cortesia de Jacob Stone, e organizado uma lista dos telefonemas a serem feitos no dia seguinte, Dermot ligou de volta.

— Ah — disse ele, sem preâmbulos —, entendi o que você quis dizer.

— Então posso colocá-lo na pilha do “talvez”?

— Tudo bem, mas se a pilha do “talvez” ficar muito grande, eu o devolvo.

— Mas podíamos fazer isso com algumas sugestões, não acha? Assim, esses escritores recebem ajuda, mesmo sem participarem do curso.

— Você é toda coração, Laura Horsley. Não sei se isso é bom.

— É bom sim. Algumas anotações editoriais podem fazer toda a diferença e, tendo chegado até aqui, eles merecem alguma recompensa. Você deu uma olhada no de Gareth Ainsley?

Era provável que esse fosse mais o tipo dele, ela concluía. Era ficção científica, supertenso, mas dava para ser lido, mesmo por alguém que não fosse muito fã do gênero.

— Sim, li sim. É bom, muito bom. Mas será que ele não vai ser um saco no curso?

— Não acho que você possa eliminá-lo baseado nisso — retrucou Laura.

— Humm. Não sei. De qualquer modo, acho que ele vai se dar bem. Não precisa da minha ajuda.

Laura pensou por um instante.

— Não me diga que você está com medo de que o Jovem Turco alcance seu sucesso, Sr. Romancista Bem-Sucedido?

Ela se sentia segura provocando Dermot pelo telefone. Não sabia como se sentiria frente a frente.

— Jovem Turco por acaso é uma expressão inglesa exótica?

— Humm, peguei do meu antigo patrão, Henry...

Dermot a cortou.

— Então, quais são os seus favoritos entre os que me enviou?

Dermot não parecia querer se estender no assunto dos Jovens Turcos e sua atitude em relação a eles.

— Todos têm seus méritos — respondeu ela cautelosa —, razão pela qual os selecionei. Mas precisamos decidir quem se beneficiaria mais com o curso. E você não pode excluir os Jovens Turcos.

— Você irá paquerá-los — acusou ele.

— É você quem vai dar o curso, não eu — retrucou Laura.

— Você será a assistente. Estará lá. Achei que soubesse.

Isso foi um leve choque.

— Achei que só estivesse ajudando com essa parte. Não sabia que você iria precisar de mim no curso propriamente dito! — Ela parecia indignada, mas seu coração comemorava diante da perspectiva de passar tanto tempo com Dermot. — Não sei nada sobre escrever.

— Ah, sabe sim.

Uma ponta de dúvida perfurou seu prazer.

— Mas eu nunca escrevi mais que uma lista de tarefas na vida!

Dermot desconsiderou isso.

— O que não significa que não sabe editar. Está fazendo isso e já leu muito mais que eu.

Como Laura sabia que Dermot havia lido pouquíssima ficção moderna, teve que concordar.

— Ah, bem, acho que posso fazer isso. Será que a universidade não vai se importar?

— Claro que não. Se eles me querem, terão que aceitar você também. Somos uma equipe.

Laura corou, feliz por não poder ser vista.

— Ah. Tudo bem. Agora, que tal a Samantha Pitville? Sei que não é a sua praia. É chick lit, esfuziante, engraçada, irreverente, mas escrita por uma mulher muito bonita. Mandeí uma foto. Está anexada no verso do manuscrito.

Ela esperou até que ele achasse a foto e a examinasse.

— Humm, não é bem o meu tipo, mas se souber escrever, eu dou uma chance a ela. Por que você enviou a foto?

— Eleanor disse que ser bonita ajudava. É uma indústria tão implacável que se dois escritores forem do mesmo padrão, faz sentido pegar o que terá boa publicidade.

— Bem, acho que isso é extremamente machista...

— Não, você não acha, não dá a mínima para o machismo. Diga, ela está dentro ou não?

— Eu lhe darei uma chance de fazer o curso. Nada mais — acrescentou ele com firmeza.

Laura ficou quieta. Ela supunha que Dermot estaria disposto a flertar com suas alunas se elas fossem atraentes e receptivas. A velha tradição de artistas transarem com suas modelos — havia semelhanças.

— Ficou surpresa com minha atitude moral?

— Um pouco. Você não dá a impressão de quem leva uma vida de castidade e trabalho duro.

— Não, bem, você tem razão. Mas porque desperdicei minha juventude, não quer dizer que acho bom que outros façam o mesmo. O que mais?

— Aquele na pasta azul.

— Ah, sim, encontrei.

— Dermot, você não lê nenhum até a gente falar pelo telefone sobre eles?

— É claro que leio. — Era óbvio que ele mentia. — Fale-me a respeito.

Ela suspirou.

— Vale a pena.

— Como assim?

— É uma escolha entre os finalistas. É literário, supersombrio e será o livro que todo mundo compra e ninguém lê.

Possivelmente avaliando os sentimentos dela em relação a esse tipo de livro, ele franziu o cenho.

— Bem, então não.

— Ah, não, vamos ficar com ele sim... Quero dizer, ela. É bom. Posso detestar, mas é digno de admiração. — Laura vasculhou seu arquivo e pegou outra foto. — Eu devia ter lhe mandado a foto dela também. Na verdade, eu pretendia fazer isso, mas me esqueci. Ela é linda.

— Você parece decidida a encher o curso de jovens encantadoras.

— Bem, eu sei que você está fazendo isso contra a vontade, então pensei em garantir que houvesse alguma compensação.

Houve um silêncio.

— Detesto admitir, mas não sei se você está brincando ou não.

Laura deu uma risada.

Capítulo 11



Fenella foi categórica.

— Laura querida, se você viesse morar aqui, neste amor de chalé que está desocupado, não só estaria à mão quando eu precisasse de você, como poderia sair do seu apartamento e economizar horrores não pagando aluguel. — Ela endireitou uma manta que tinha jogado no sofá e deu um puxão na cortina. — Eu já o teria oferecido se tivesse ficado pronto antes. Todas as nossas outras acomodações foram ocupadas. Eu não a despejarei depois até que você tenha encontrado um lugar para morar — acrescentou, prevendo a objeção de Laura.

Laura se sentiu extremamente tentada a ficar no antigo estábulo reformado. Era maio, duas semanas antes do curso e o verão estava em sua época mais bonita. Os botões de pilriteiro e cicutas irrompiam nas sebes em torno de Somerby, o sol brilhava e os pássaros cantavam. Amante do campo por natureza, o pequeno apartamento de Laura na cidade havia perdido qualquer encanto que já pudesse ter tido e morar lá significava ter que usar muito o carro. Mesmo assim ela protestou educadamente.

— Mas você vai precisar dele para acomodar um escritor ou algo do tipo durante o festival.

Fenella passou a mão pelos cabelos já emaranhados.

— Nenhum dos escritores confirmados até agora, muito menos os que não nos responderam, são tão fundamentais para nós quanto você! Pare de discutir e mude-se para cá! — Ela olhou em volta. — Embora, agora olhando bem, seja minúsculo. Serve para passar um fim de semana, até uma semana, mas caso contrário... Não sei.

— Ah, não. É grande o bastante — declarou Laura, sem demora. As duas mulheres examinaram o cômodo: numa extremidade um fogão a lenha, um sofá-cama e uma poltrona de cada lado; na outra uma pequena cozinha e uma escadaria que levava a um cômodo onde ficava a cama. — É charmoso, você sabe que é.

— Eu sei que é uma joia, só estou frisando que é muito pequeno para ficar por

mais de uma semana. Tem muito pouco espaço para as suas roupas e coisas.

— Para ser franca, eu não tenho muita coisa. Posso empacotar o que não preciso e mandar para a casa dos meus pais. Eles têm um sótão imenso. O que mais preciso à minha volta são livros.

— Bem, há espaço de sobra para eles. — Fenella olhou para a estante praticamente vazia. — As pessoas sempre deixam livros para trás quando vêm se hospedar. — Ela pareceu um pouco culpada. — Ano passado, recolhi todos os que foram deixados nos outros chalés, para ler. Preciso colocá-los de volta.

— Não se preocupe. Na verdade eu tenho um monte de livros e preciso me desfazer de muitos. Eu trago e você poderá dividi-los entre os chalés. Quantos você tem?

— Três, além deste, mas estamos sempre na expectativa de reformar outro estábulo ou coisa parecida para acomodar as pessoas.

Laura riu.

— Reformados, eles são muito mais que estábulos velhos.

— É, eu sei. Então... — Fenella ainda estava pensando nos livros. — Se você pudesse encher apenas uma prateleira, que livros escolheria?

Laura não precisou pensar muito.

— Bem, os dois primeiros de Dermot, é claro. Depois vêm dois autores que eu acompanhei durante toda a carreira. Poesia.

— Quer dizer que Dermot é tão bom quanto todo mundo diz que ele é? — perguntou Fenella.

— Sim! Ele é incrível! Eu sei que ele está deixando todo mundo maluco por não permitir que seu nome seja usado como parte da publicidade, mas o cara é realmente... bom. — “Bom” era um modo tão lamentavelmente inadequado de descrevê-lo que ela teve que sorrir.

Ao ver o sorriso, Fenella encarou a amiga, hesitante.

— Eu sei que ele é superatraente e tudo mais, apesar de, é claro, ainda não o conhecer. Mas dá mesmo para ler os livros dele?

Laura pôs a mão no braço de Fenella para enfatizar a força de seus sentimentos.

— Faça um favor a si mesma e leia. Sério! Os livros dele são maravilhosos.

— Eu tenho a obrigação de fazer isso, de qualquer forma, já que ele é nossa atração principal. — Laura ficou decepcionada por Fenella não se entusiasmar com essa tarefa, mas lembrou-se de que a leitura era algo muito subjetivo. — Além disso, é legal a gente poder se exhibir sobre os livros difíceis que leu. Bem, você acha que vai precisar de mais alguma coisa?

Depois de Laura dizer várias vezes que não precisaria de nada, Fenella perguntou:

— Você tem certeza de que Dermot virá, não é?

— Por quê? Por que pergunta? — Laura ficou subitamente preocupada. Dermot tinha dito que viria; ela supunha que viesse mesmo.

— É só por causa de uma coisa que Eleanora disse outro dia pelo telefone. Ela me avisou para não apostar todas as fichas num só cavalo no que se referia ao festival. Deu a impressão de achar que ele pode nos deixar na mão.

Laura refletiu. Dermot era muito gentil, e ela não achava que ele deixaria de aparecer quando tinha dito que viria. Mas poderia ter certeza?

Apesar de tranquilizar Fenella, agora ela estava com uma pulga atrás da orelha.

Lentamente, a parte literária do festival começava a tomar forma. Enfim os escritores confirmaram presença, e os eventos que antecederiam o festival começaram. Um grupo de escritores locais estava escrevendo contos para que o melhor fosse lido durante o festival e publicado. Um grupo de artes plásticas fazia ilustrações de obras selecionadas dos autores confirmados. Haveria uma exposição, e o maior número possível de trabalhos decoraria a prefeitura, que sediaria um dos eventos. Um poeta infantil bastante popular seria o jurado de um concurso de poemas, o que havia fomentado oficinas de poesia em todas as escolas, juntamente com as de contos. A maioria das escolas já inscrevera seus trabalhos, e as professoras aposentadas de Laura faziam a primeira seleção. A Cooperativa de Tricô e Bordado estava preparando uma colcha de retalhos tricotados ou bordados que seria rifada numa das noites. Fenella já estava decidida a ganhá-la, nem que ela mesma precisasse comprar todos os números.

O grande empecilho era a publicidade. O fato de Dermot ainda não permitir que anunciassem sua presença significava que muitos patrocinadores em potencial não estavam levando o festival muito a sério. Tinham a promessa de um grande nome e, até agora, nenhum havia sido apresentado.

Laura lhe enviava e-mails constantes explicando tudo isso, implorando que seu nome fosse anunciado, e Dermot sempre respondia negativamente.

— Faremos uma reunião de cúpula — anunciou Fenella quando Laura foi até a casa principal certa manhã e novamente deu a má notícia.

— O quê? Com Jacob Stone, Eleanora ou Tricia e todo aquele pessoal? — Embora boa parte do festival estivesse indo bem, ela se sentia meio fracassada em relação a Dermot e não queria ter que se explicar para todas aquelas pessoas.

— Ah, não. — Fenella fez um gesto desdenhoso. — Eu me refiro ao pessoal útil, divertido, como Sarah e Hugo, ele é a cara-metade dela. Talvez Grant e Monica?

Rupert entrou na cozinha e moveu a chaleira pelo fogareiro.

— Será ótimo se você quiser uma festa, caso contrário é melhor pouca gente. Por que não chama apenas Hugo e Sarah? A gente arranja alguma coisa. Quando você vai dar o curso com Dermot, afinal?

— Em breve. No final do mês.

— Só faltam duas semanas! — disse Fenella. — Bem, até lá ele deve permitir que a gente use o nome dele, com certeza!

— Mesmo assim, é quase tarde demais, no que diz respeito à publicidade — lamentou Rupert. — Maldito irlandês! Sempre tem que ser tão misterioso.

— Rupert! Você é meio irlandês, não se esqueça, e eles nem sempre... Ah, meu Deus! — Fenella parou de falar com o surgimento de uma ideia brilhante. — Eu tive um estalo! Não precisamos fazer a reunião de cúpula!

— O quê? — perguntaram Laura e Rupert simultaneamente, olhando Fenella enfiar os dedos nos cabelos, procurando por uma caneta e andando de um lado para o outro como uma formiga quando tem seu formigueiro exposto.

— Nós vamos aproveitar isso! — disse ela, brandindo a caneta e procurando um bloco em que escrever. — Vamos falar do nosso “convidado misterioso”! Vamos prevenir toda a imprensa literária de que o convidado misterioso será anunciado numa certa hora...

— Mas será que vão achar que o nosso convidado misterioso vale todo esse bafafá? — perguntou Rupert. — Quem quer que seja.

— Achariam se soubessem quem ele é — respondeu Fenella.

— Mas não sabem! — retorquiu Laura. — Não podem saber! Pelo menos até Dermot dar seu aval!

Ela ficou apavorada com a possibilidade de que, por amor ao festival, Fenella pudesse ignorar o desejo de privacidade de Dermot. Na verdade, ela poderia culpá-la se o fizesse, mas a fidelidade de Laura era para com Dermot.

— Daremos pistas fortes! — sugeriu Fenella. — Faremos Eleanora levar todo o pessoal relevante para almoçar. Os colunistas de fofocas, o *Bookseller*, todas as revistas importantes. Vai ser demais!

— Pode funcionar — concordou Rupert.

— Vai funcionar! — Fenella entregou a ele uma pilha de jornais que tinha acabado de reunir e continuou liberando espaço de um lado da mesa. — Dê um café a Laura enquanto fazemos uma lista de todos que devem ser convencidos de que temos o evento literário mais efervescente desde... desde... desde que algum grande autor fez algum evento.

Laura puxou uma cadeira, pensando rapidamente.

— Eleanora vai saber uma porção de nomes. Eu sei de alguns. Isso pode ser uma ótima ideia, Fen. — Mas Laura estava preocupada: era provável que Dermot fosse detestar aquilo, embora os tivesse praticamente forçado a entrar

nessa. Imagine se isso o fizesse recuar, como Eleanora temia? — Talvez pudéssemos deixar implícito que receberíamos J. D. Salinger.

— Ele não morreu? — objetou Rupert, juntando-se a Fen para desocupar a mesa.

— Não tenho certeza — confessou Laura.

— Bem, se você não sabe, talvez eles também não devam saber — argumentou Fenella —, e vão pensar que ele vem.

— Eles poderiam verificar na internet — interferiu Rupert. — Além disso, é melhor não prometer nada que a gente não possa trazer.

— Só espero que a gente consiga trazer o Dermot — resmungou Laura, sorrindo em seguida para deixar implícito que estava brincando, embora não estivesse. — Por outro lado — continuou ela, percebendo o olhar preocupado de Fenella —, Monica conseguiu uma apresentação para Seamus. Devíamos todos ir. Ver se serve para o festival. Nós já cogitamos a possibilidade de ter a banda dele tocando músicas de fundo para a leitura de Dermot.

Laura havia se sentado à mesa e fazia anotações no caderno que passara a levar para todo lugar. Como ela também parecia uma formiga desorientada, sua ansiedade em relação a Dermot poderia passar despercebida. Ela sentia que passara a conhecê-lo bem pelo telefone, mas Eleanora era sua agente — com certeza o conhecia melhor que Laura.

— Isso parece maravilhoso — comemorou Rupert. — É isso que queremos: tentar fazer algumas coisas em conjunto que envolvam os festivais de literatura e música.

— É provável que Dermot se recuse — disse Laura —, mas vou pedir.

— Se não fosse pelo fato de Jacob Stone estar sendo um patrocinador tão generoso e de ter sido por causa de Dermot que ele embarcou nessa, eu mandaria esse cara para o inferno! — reclamou Fenella. — Mas eu sei que você o ama, Laura, então vou calar minha boca sobre o assunto.

— Não é que eu o ame — mentiu ela com determinação —, é só que realmente admiro a obra dele.

— Tá bom, tá bom, tá bom. — Fenella olhou para seus acompanhantes. — Então, alguém mais tem ideias geniais?

— Acho que se quisermos aproveitar ao máximo a ideia de ter uma celebridade misteriosa, devemos oferecer um jantar com ela, como um agrado pré-festival, só para a nata da literatura — disse Rupert. — Faríamos a coisa bem gourmet, com um vinho decente. Laura, não me diga que Dermot não concordaria.

— Francamente, é provável que não. Ele detesta a nata da literatura. Acha que estão todos querendo lhe passar a perna. E é provável que estejam mesmo —

respondeu Laura. — Ou pelo menos, todos irão cair em cima de qualquer coisa que ele venha a escrever e destruir seu trabalho.

— Mas faz anos que ele não produz nada, não é? — indagou Rupert.

— Acho que ele está com uma surpresa na manga — disse Laura, imaginando se contar mentiras realmente faria o nariz crescer. — Mas não consigo imaginá-lo concordando com o jantar.

— Talvez não importe se ele não aparecer — sugeriu Fenella. — Afinal, nós ofereceríamos a todos uma refeição fabulosa, uma noite em nossa “mansão”. De todo modo, eles teriam uns aos outros para conversar. E não podemos continuar excluindo ideias só porque Dermot pode se recusar — continuou ela. — Teremos que contorná-lo.

— É provável que essa gente se odeie — disse Laura, subitamente soturna. — Vão ficar bêbadas e começar a brigar.

— Grande publicidade! — decretou Fenella. — Vai pôr meu festival no mapa literário!

— Nosso festival, se você não se importa, querida — corrigiu Rupert. — Quer mais café, Laura?

— Não, obrigada, já estou com energia até demais. Vou enviar um e-mail ao Dermot com o próximo lote de coisas que ele vai se recusar a fazer.

Dermot não se recusou a comparecer ao jantar literário em Somerby em sua homenagem; ele simplesmente não respondeu coisa alguma. Após três e-mails lhe perguntando, Laura parou de se dar ao trabalho. Chegou a dizer que ele poderia entrar em contato por celular se preferisse, mas de nada adiantou.

Duas semanas mais tarde, Laura parou o carro no estacionamento da universidade. Era fim de tarde. Apesar das longas conversas telefônicas, ela estava nervosa por ver Dermot em pessoa, especialmente depois de não ter notícias dele há algum tempo. Por mais que tivesse se lembrado várias vezes do quanto eles haviam se dado bem antes, ela estava certa de que desta vez o entediaria e ele encontraria outra jovem com quem sair para caminhadas, para conversar e ensinar sobre escrita, livros, filmes e música. Teria muitas para escolher, e quatro dias para se decidir por uma.

Porém, apesar de sua imaginação jogar Dermot nos braços de todas as mulheres do curso, ela estava decidida a ser mais proativa em relação a ele. Pensou em Monica, indo atrás de Seamus há alguns meses na Irlanda. Ela sabia de sua enorme admiração por Dermot, do quanto gostava dele e da atração desesperada que sentia. Faria algo a respeito. Só esperava que isso não exigisse um transplante de personalidade.

Enquanto pegava a bagagem e se dirigia à entrada principal, ela se perguntou

por que havia permitido que tantas mulheres bonitas se inscrevessem no curso. Sabendo da fraqueza de Dermot com relação ao sexo oposto, ela poderia ter arranjado as coisas de um modo um pouco diferente sem comprometer sua posição como editora. De qualquer forma, toda a questão das oficinas literárias era repleta de controvérsia. Muitos escritores achavam que eram uma total perda de tempo, declarando que a pessoa só pode aprender a escrever escrevendo. Por isso, Laura não se sentiu culpada em relação a alguns rapazes que não obtiveram vaga no curso. Tinha certeza de que eles já estavam bem-encaminhados.

Mas o verdadeiro motivo para ela ter escolhido tantas escritoras de ficção feminina era o fato de achar que esse tipo de livro necessitava de mais apoio no mundo literário. Além disso, essas escritoras eram as mais promissoras; fora com elas que Laura mais se divertira ao selecionar os candidatos. E, de um modo perverso, ela queria testar Dermot. Se ele sucumbisse a essas mulheres, ela saberia que não deveria lutar por ele ao estilo Monica. Afinal, não faria sentido bancar a tola nem se apaixonar por ele — se é que ainda não estava apaixonada — só para ficar de coração partido quando ele olhasse para cada rabo de saia.

Sem dúvida, as fotografias que elas enviaram podiam ter passado por um bom photoshop, mas Laura duvidava. Até que fosse possível retocar imagens naquelas cabines fotográficas, recebia-se pelo que se pagava. Ela tinha quase certeza de que em cerca de duas horas ela e Dermot estariam conhecendo alguém que seu pai chamaria de “gata”. E havia sido a própria Laura que a trouxera até ali.

Na verdade, ela tinha confessado tudo isso para Monica pelo telefone na noite anterior. Sua amiga fora bem enérgica.

— Pelo amor de Deus, Laura! Você é maluca! Não acredita que ele sente atração por você, então o cerca de mulheres maravilhosas para que ele possa provar que você está certa. Que pensamento distorcido é esse? De qualquer modo, ele sente atração por você. Pôs os olhos em você uma vez e te convidou para a cama.

— Não foi bem assim e, de qualquer jeito, ele estava bêbado. Provavelmente.

Esse incidente ainda era motivo de grande vergonha e de um arrependimento ainda maior por não ter transado com ele quando estava desprovida de todas suas defesas normais. Ela já havia pensado tantas vezes naquele momento que nem confiava mais na própria memória.

— Você estava bêbada; não creio que ele estivesse.

— Devia estar, mas mesmo que não, é provável que ele seja um desses homens que vai para cama com qualquer coisa que se mexa.

— Para ser justa, acho que no caso dele, qualquer mulher que mexa.

Relutante, Laura deu uma risada.

— Bem, não importa. O que estou tentando dizer é que não foi por mim particularmente que ele se sentiu atraído. Ele só sentiu desejo sexual, e eu estava lá dando em cima dele.

— Não, você não deu em cima. Apenas disse sim quando devia ter dito não. Afinal, ele não me pediu para transar com ele e sou considerada bem atraente em alguns círculos.

— Não, eu acho que se Dermot realmente estivesse a fim de mim, teria me acordado. Ele não é conhecido por se controlar. Isso só pode significar que “ele não está tão a fim de mim”, para citar *Sex and the City*.

Monica fez um ruído que indicava choque e estupefação.

— Eu não sabia que você assistia à televisão, Laura! Achava que passava o tempo todo lendo livros para se aperfeiçoar.

— Ah, para, Mon — lamuriou-se Laura. — Só estou nervosa.

— Bem, simplesmente vai nessa, é o meu conselho.

— Farei o possível.

Laura soava patética até para si própria.

— Oficina literária? Ah, bem... Sua mala está muito pesada?

O homem na recepção era simpático e loquaz.

— Não, ela tem rodinhas — disse Laura.

O homem olhou por cima do balcão para ver se era verdade.

— Bom. Seu curso é em uma parte bem afastada do *campus*. Você pode buscar o carro e estacioná-lo lá se quiser.

— Não, está bem assim. — Laura continuou a sorrir, certa de que se lembraria das informações para encontrar o prédio. Sentia que seria menos provável se perder se fosse a pé.

— Aquele setor será demolido para dar lugar ao novo bloco de ciências — continuou seu informante.

— Ah! — disse Laura. — Foi por isso que a universidade se ofereceu para abrigar o curso durante o ano letivo. Tinham alojamentos sobrando. Eu imaginei.

— Bem, disso eu não sei — respondeu o homem. Ele pegou um papel com um mapa. — Você deve ir por aqui, virar essa esquina e aqui é o alojamento. Os salões de conferência ficam aqui. Só existem dois.

— Certo. — Laura estudou o mapa, esperando não achar tão complicado quanto parecia. — Dermot Flynn já chegou?

O homem da recepção olhou sua lista.

— Ah, ele. Está num apartamento do corpo docente, para ficar a salvo de vocês, alunos.

O sorriso de Laura foi um pouco frio, mas ela não explicou que não era aluna.

— Mas ele já chegou?

Eles iriam se encontrar aquela noite e dar uma repassada no curso, encontrar algum lugar onde comer e se acomodar antes da chegada dos alunos.

O homem verificou o registro.

— Não. Algo mais que precise saber?

— Acho que não, obrigada.

Ou pelo menos nada com que o senhor possa me ajudar, como: devo usar meu vestido mais sexy (que não era muito sexy) ou devo aguardar até o curso para dar em cima dele? A ideia de dar em cima de alguém era tão engraçada, tão improvável, que ela não conseguiu controlar um sorriso ao sair andando.

Ao encontrar seu quarto e entrar, ela instantaneamente se sentiu de volta aos tempos da faculdade. Havia a cama de solteiro, o mural ainda com sobras de cartazes e horários das aulas. Lá estava a escrivaninha, testemunha de muito esforço, tédio e desespero, e a pequena estante de livros. Quando Laura estava na faculdade, seu quarto tinha pilhas bem-arrumadas de livros enfileirados pelas paredes. Havia um banheiro minúsculo com um leve cheiro de esgoto.

O lugar todo necessitava de reforma, e Laura esperava que os alunos não ficassem desgostosos por terem sido acomodados nesse bloco desmantelado. Mesmo assim, a oficina seria sensacional, e eles sequer estavam pagando para participar dela. Ficaria tudo bem. Ela percebeu que estava nervosa com sua participação nisso tudo, mesmo que fosse basicamente administrativa. Sua função seria ajudar a marcar horários para aulas particulares, verificar se todo mundo estava satisfeito com o curso e, de modo geral, fazer qualquer coisa que Dermot não considerasse parte das funções dele. Mas como não havia recebido qualquer correspondência relativa ao curso, não tinha certeza da programação. Só sabia daquilo que fora dito pelo telefone.

Providenciando para que a porta não batesse atrás dela, Laura saiu no corredor e foi andando até encontrar a cozinha comunitária. Essa, pelo menos, estava limpa, e a geladeira, ligada. Deu-se conta de que devia comprar chá, café e leite, mas podia muito bem fazer isso mais tarde.

Ao retornar ao quarto, ela cogitou se seria convidada a beber vinho tinto em copos de papel e ficar conversando até de madrugada. Ou seria considerada uma professora, como Dermot? O pior seria deter o status de uma governanta — nem uma coisa nem outra.

Encheu a chaleira e fez um chá de hortelã-pimenta. Não tinha mais 18 anos, não deixara seus pais pela primeira vez; agora era adulta. Mas, na verdade, ela realmente havia adorado a universidade e o fato de ter saído de casa. Sabia que se não fosse pela ansiedade em relação a Dermot, de reencontrá-lo e de ter de convencê-lo a fazer as coisas para o festival que ele iria detestar, ela teria amado

seu retorno à faculdade.

Estava pensando no que faria em seguida quando o telefone tocou.

— Laura? É Dermot. Em que tipo de buraco me enfiaram?

Um sorriso tomou conta do rosto de Laura só de ouvir a voz dele.

— Dermot! Você tem um apartamento especial do corpo docente. Não me diga que não está satisfeito com ele.

— Cheira mal.

Por um segundo ela se permitiu sentir apenas alegria pelo fato de o planeta conter ela e Dermot e por poder vê-lo em breve outra vez.

— Você quer que eu vá até aí ver se posso deixá-lo mais confortável?

— E como você está pensando em fazer isso? — A voz dele era zombeteira e risonha.

— Com desinfetante de banheiro e uma vassoura decidida — disse ela rapidamente, rindo também. — De que outro modo seria?

— Se isso é tudo que está oferecendo, é melhor eu tomar um banho. A que horas quer sair para jantar?

— Bem, eu estou com bastante fome.

Havia sido uma viagem bem longa de Somerby até ali, e embora ela tivesse comido um sanduíche na hora do almoço, parecia ter sido há décadas.

— Eu também. No caminho para cá passei por um pub que parece ser ótimo. Achei que podíamos jantar lá e discutir o que vai acontecer a partir de amanhã, ver se estamos em sintonia.

— Parece bom.

— Está rindo do quê? — perguntou ele.

— Como pode saber se estou rindo? — Laura teve que se esforçar para parar de rir.

— Dá para ouvir em sua voz.

Ele estava sério agora. Isso não deixou Laura menos inclinada a sorrir.

— É só que tem algo de engraçado em você falando em sintonia.

— Ah, eu acredito em sintonia. Você vai ver — resmungou ele, obviamente tentando parecer ofendido.

— É só.... Deixa para lá.

— Bem, você pode me encontrar aqui? Em mais ou menos uma hora?

— Certo. Vou encontrar seu alojamento no meu mapa do *campus*.

— Ótimo.

Laura segurou o telefone por alguns instantes depois que ele desligou. Em uma hora ela se encontraria com Dermot. Iria realmente encontrá-lo, não apenas falar com ele pelo telefone. Que máximo!

Então seu entusiasmo se apagou um pouco; que diabos devia vestir?

Vê-lo outra vez fez com que ela não parasse de sorrir. Dermot também parecia satisfeito de vê-la. Só por um instante Laura cogitou se havia mais do que só o prazer de encontrar uma amiga no olhar dele ou se era sua imaginação. Ela tinha pouquíssima experiência nisso, e embora sentisse que conhecia Dermot muito melhor agora do que quando o vira pela última vez, eles só haviam se encontrado três vezes e todas elas tinham sido há muito tempo.

Ele lhe deu um beijo no rosto.

— Ei, olá!

— Olá, tudo bem?

Ela sentiu que havia conseguido transmitir a imagem mais difícil de todas, a de “calhei de estar usando essa roupa velha, mas, olha que loucura, é uma das que caem melhor em mim, mas não, é claro, eu não a vesti de propósito”. Enquanto se trocava pelo que parecia ser a nona vez, ela tinha chegado à conclusão de que se um estilista conseguisse criar uma linha de roupas que traduzisse essa aparência evasiva, venderia tudo.

Ele ficou parado olhando para ela, sorrindo por longos segundos, e depois disse:

— Bem, vamos encontrar aquele pub então? Ele pareceu bom, e já que não sabemos como vai ser a comida na cantina, pode ser nossa última refeição decente por alguns dias.

A menos que a gente dê uma escapada e coma longe dos alunos, pensou Laura, sentindo-se imediatamente culpada.

— Acho que devíamos comer com os alunos o máximo possível. Muito do que se ensina e aprende pode ocorrer em situações informais. Eles podem se sentir mais à vontade para fazer perguntas individuais enquanto estão segurando suas bandejas do que numa sala cheia de gente.

— Você parece muito atencioso — comentou ela enquanto caminhavam juntos sem se tocar, exceto pelas vezes que ela esbarrava nele sem querer. Sentia-se contraditória ao querer que ele fosse atencioso e, ao mesmo tempo, escapasse com ela para o pub.

— Você não devia estar surpresa. Sabe que eu visito escolas com regularidade. Admito que prefiro os alunos com menos de 11 anos, mas consigo lidar com os mais velhos.

— Você não parecia tão consciencioso quando começamos a trabalhar juntos. — Ela franziu o cenho ao pensar na atitude depreciativa dele em relação a alguns manuscritos, em como ela precisara lhe chamar a atenção para que os levasse mais a sério.

— Eu virei uma nova página — respondeu ele, parecendo um pouco presunçoso. — Você devia se orgulhar de mim.

— Me orgulhar de você... Por quê?

— Ah, nada em particular, apenas pela minha virtude em geral. Agora — continuou ele, abrindo a porta do pub —, o que vai querer? Um uísque duplo seguido de cerveja?

— Vinho branco com soda, por favor. Temos que trabalhar amanhã!

Capítulo 12



Após o jantar, ele a acompanhou até o alojamento, bem até a porta.

— Está entregue, querida, sã e salva. Nos encontramos no café da manhã, garantimos que está tudo certo e então esperamos as hordas chegarem às dez. Certo?

— Certo.

— Durma bem então. Vejo você às nove. — E ele saiu a passos largos para o próprio quarto.

Laura estava muito feliz, apesar de se sentir levemente decepcionada por não ganhar um beijinho de boa-noite no rosto. A noite havia sido uma maravilhosa conversa sobre tudo: basicamente livros, mas também filmes, música, política, o planeta, além do curso; e haveria outras oportunidades para ficarem a sós.

Ele ficou encantado com o modo como ela organizara as coisas para facilitar sua vida. Cada aluno tinha um breve currículo, um resumo de sua obra e uma foto, além de notas sobre o que eles haviam discutido, tudo caprichosamente impresso. Ambos tinham pastas completas. Ele iria estudar a sua agora, disse, para ter uma vaga chance de se lembrar dos nomes das pessoas. Ela não conseguiu arrumar um jeito de perguntar por que ele concordara em dar o curso. Mas haveria tempo de sobra para isso depois. Assim como haveria tempo de sobra para dar em cima dele, do modo como Monica faria. Seria fácil. Ela se aprontou para dormir com um sorriso no rosto.

Ciente de que os alunos poderiam ter alguma dificuldade para encontrar o local do curso, mesmo munidos do mapa do *campus*, Laura tinha imprimido (cortesia da secretaria) uns cartazes bem grandes, e no dia seguinte ela e Dermot esperavam com otimismo na sala, sorrisos prontos para serem abertos no momento em que alguém aparecesse. Os dois estavam nervosos.

— Você faz a abertura e eu assumo daí em diante — disse Dermot, andando de um lado para o outro, lendo antigos avisos, abrindo e fechando armários e tirando pedaços descascados da pintura.

— Eu nunca falei em público...

— Falou sim! — objetou Dermot. — Falou para todas aquelas crianças. Em quantas escolas você foi?

— Só três, e não teria conseguido sem sua ajuda. Você devia começar.

— Não sou professor.

— Mas é escritor. É por isso que está aqui! — Por que ele não entendia a enorme atração que exercia sobre o mundo? — Além disso, seu mentiroso, você já ensinou à beça!

Ele deu uma risadinha.

— Mas não para adultos. Já te falei, sou especialista em menores de 11 anos. E você não apresentou os escritores em todas aquelas sessões de autógrafos que organizou quando estava na livraria?

Como ela havia lhe contado isso, não pôde negar.

— Eu só precisava dizer o quanto o autor era maravilhoso e como a livraria estava agradecida a todos pela presença.

— Você poderia dizer isso! Eu não me importaria nem um pouco!

Ele estava rindo de si mesmo, dela e da situação, e a olhava de um modo levemente distraído. De repente, Laura descobriu que não conseguia manter os olhos nos dele sem corar, então não olhou mais. Era estranho vê-lo tão nervoso. Tranquilizador, mas ao mesmo tempo ela não tinha muita certeza se era apenas o nervosismo em relação ao curso que o fazia olhar para ela a cada dois minutos. Isso, certamente, não a estava ajudando.

Ela se ocupou com a pasta.

— Tudo bem, eu vou cumprimentá-los brevemente, mas depois é com você. — Seria este o momento para lhe perguntar por que ele havia concordado em dar o curso? Talvez não. Talvez a resposta fosse complicada, e alguém poderia aparecer a qualquer momento.

Laura olhou para o relógio e depois para Dermot, que acabara de fazer a mesma coisa. Ainda faltavam dez minutos para as dez. Eles trocaram sorrisos pesarosos.

— Eleanora virá na última noite — comentou Laura para quebrar o silêncio ansioso. — O que é muito bom, pois ela vai dizer a eles o que é o quê no mercado se a gente não conseguir.

Dermot concordou.

— Ela pode ser bem assustadora. Eu lido com Trícia, a assistente dela, sempre que possível.

— Ah, eu conheci Trícia — Laura se perguntou se jogar conversa fora não estava deixando-os ainda mais nervosos. — Então, você tem alguma ideia para os exercícios?

— Humm. Algumas. — Ele sorriu. — Vou ficar bem depois de começar, mas sempre fico desse jeito antes de uma apresentação.

— Eu nunca ia imaginar — respondeu Laura, lembrando-se dele caminhando entre os fãs, seu pulo no palco, sua segurança de astro do rock. Ele usava um terno de linho amassado, que teria deixado qualquer outro homem com cara de bobo, mas parecia combinar com sua aparência despojada. Ele era tão incrivelmente atraente que podia usar qualquer par de jeans surrado e um blusão de moletom velho e ficar sexy. Ela concluiu que agora era uma hora boa para descobrir por que ele tinha vindo. — Mas se você fica tão apavorado, por que está dando este curso?

Ele fez um gesto de indiferença.

— Pela grana.

— Mesmo? — Ela achou difícil de acreditar. É claro que não sabia nada sobre as finanças de Dermot, mas duvidava que o curso fosse pagar o suficiente para tentá-lo se ele não quisesse algo mais. Sua própria remuneração era bem-vinda, mas não era grande coisa.

— Estou fazendo isso porque a situação me obriga. E também sob falsas alegações.

— Como assim? Está dizendo que Eleanora o obrigou? — Se ela tinha tanto poder sobre ele, por que não o obrigou a se apresentar no festival? Por que ela, Laura, havia sido enviada para persuadi-lo?

Ele deu de ombros, suspirou e retornou à escrivaninha.

— Digamos que Eleanora me falou... Bem, me lembrou que, ao ensinar, aprendemos. Ela acha que isso pode me fazer voltar a escrever.

— Achei que ela não sabia sobre o seu bloqueio.

— Ela não falou exatamente isso, mas eu sei que é o que sente. Deve desconfiar. Não é boba.

— Bem, isso faz todo o sentido! — Laura sorriu, feliz por ele estar agindo de modo positivo para superar o bloqueio criativo.

— É? — O sorriso dele foi indecifrável. — Então fico contente.

Um pouco confusa, Laura continuou.

— Então, qual é a falsa alegação?

Ele deu de ombros.

— Simplesmente não tenho certeza de que seja possível ensinar as pessoas a escrever.

— Entendo, mas deve haver algumas dicas que você pode passar. Quer dizer, qual é a parte mais difícil de aprender a escrever?

Ele deu de ombros outra vez.

— Eu nem sequer aprendi a escrever. Esse é o meu problema. Simplesmente

escrevi.

Antes que Laura pudesse reagir, a porta se abriu e os primeiros alunos chegaram.

— Olá! — disseram Dermot e Laura animadamente para o primeiro casal. Entreolharam-se, e Dermot continuou:

— Eu sou Dermot Flynn e esta é Laura Horsley. Laura fará a abertura oficialmente quando todos estiverem aqui. Nesse meio-tempo, vocês podem vir pegar seus crachás. — Ele sorriu. — Queremos começar a associar os rostos aos respectivos trabalhos o mais rápido possível, caso vocês não se pareçam com as fotos!

Satisfeita com a ausência de qualquer sinal de nervosismo em Dermot, Laura voltou sua atenção ao grupo, que agora já contava com quatro alunos agrupados em volta da mesa, procurando seus nomes. Eles pareciam muito ávidos e satisfeitos de estarem ali. Será que continuariam com o mesmo entusiasmo quando ela e Dermot começassem a detonar seus trabalhos? Pessoalmente ela sentia que, embora pudesse fazer uma boa crítica de um texto quando estava a sós com o manuscrito, talvez se sentisse diferente diante da presença do autor.

— Podem se sentar em qualquer lugar, mas não se espalhem demais — orientou ele quando outro grupinho de escritores em potencial chegou. — Haverá exercícios, e alguns deles podem envolver trabalho em grupo. É importante que todos se sintam à vontade uns com os outros, portanto, timidez não é aceitável.

Como ela teria se retraído se alguém lhe dissesse isso há alguns meses. Como sua vida tinha mudado! No ano passado, a essa hora, ela nunca teria sonhado que seria capaz de organizar um concurso de contos para estudantes, fazer entrevistas com jornais e todas as outras coisas que envolviam gerenciamento que antes a deixavam apavorada. Descobrira que, quando uma pessoa se envolve num projeto, especialmente em um pelo qual se apaixona, simplesmente vai em frente e faz o que é necessário.

Os dez escritores cuidadosamente selecionados por Laura e aprovados por Dermot haviam se acomodado nas cadeiras e conversavam em voz baixa e empolgada. Era óbvio que a admissão no curso significava muito para todos. Laura não conseguia decidir se essa empolgação era uma coisa boa ou não.

Ela fez uma rápida contagem e todos pareciam ter chegado. Ela e Dermot se entreolharam e ele fez um sinal de cabeça, indicando que ela devia iniciar a aula.

— Bem, pessoal, só quero verificar se estão todos aqui. — Ela sorriu. Após ter visto as fotos de todos e comentado seus trabalhos, ela sentia como se já os conhecesse de alguma forma. — Quando eu ler seus nomes e vocês confirmarem a presença, talvez cada um possa nos falar um pouco de si para se apresentar ao

grupo.

— Seria bem difícil confirmar nossa presença se não estivéssemos aqui — retrucou um rapaz que Laura identificou como aquele que Dermot não queria no curso, pois poderia ser um chato. Tudo indicava que ele estava certo. Ela não olhou para Dermot, mas sabia que ele a encarava.

— Bem, verdade — respondeu ela, solene, e começou a ler a lista. — Gareth Ainsley?

Para seu aborrecimento, foi o rapaz que respondeu.

— Sou eu.

— E o que você está escrevendo, Gareth? — Embora ela soubesse a partir de sua carta de apresentação e por ter lido seu trabalho, queria ouvi-lo contar para os outros.

— Não acho que limitar os escritores seja muito construtivo. Não estou preparado para rotular meu trabalho numa categoria decidida pelos editores.

Laura mordeu o lábio para ocultar o sorriso emergente. Nossa, esse cara tinha muito a aprender! Então ela se deu conta de que eles eram mais ou menos da mesma idade.

— Tudo bem, Gareth, mas nos dê uma ideia, diga o nome de um escritor cuja obra você admire e que possa tê-lo influenciado.

Relutante, ele murmurou alguns nomes, entre os quais estava o de Dermot, e Laura fez uma anotação em seu registro.

— Ok, Samantha Pitville?

— Estou aqui. Faço chick lit! — A jovem loura muito bonita fez essa declaração de modo desafiador, esperando ser vaiada.

— Não há nada errado em ser comercial — respondeu Laura. — Se você se entusiasma mais com venda do que com a aclamação da crítica, é melhor saber disso o quanto antes.

Samantha sorriu, o que acrescentou mais brilho à sua beleza.

— Eu sei, mas escrevo chick lit porque não sei escrever outra coisa. E porque gosto.

— Bom para você! — cumprimentou Dermot.

Laura quis saber se ele seria capaz de resistir a tamanha beleza. Sua única esperança era que Samantha não gostasse de homens mais velhos.

Enfim a chamada acabou e, de um modo ou outro, cada um declarou suas predileções. As mulheres mais velhas, Helen e Maggie, que disseram escrever romances policiais aconchegantes e “livros reflexivos para mulheres mais velhas”, enrubesceram ao falar, mas Laura sentiu-se orgulhosa delas.

— Bem, isso é tudo muito interessante — disse Dermot. — Agora, Laura vai fazer uma pequena introdução.

— Bem — começou Laura —, não vou falar muito, mas em primeiro lugar, parabéns por conseguirem uma vaga neste curso. É provável que saibam que havia muitos inscritos e vocês foram selecionados devido ao seu talento. — Sorriu de modo encorajador. — Mas agora talvez seja o único momento em que se sintam talentosos, pois eu sei que este curso não será fácil...

— Será que eu posso fazer uma perguntinha... Humm... Laura? — Era Gareth Ainsley, e Laura ficou petrificada. — Nós todos sabemos quem Dermot Flynn é, mas quem é você? Quer dizer, quais são as suas qualificações para ser assistente neste curso?

Dermot se levantou da escrivaninha onde estava encostado, mas Laura ergueu a mão, dispensando-o. Ela mesma lidaria com isso. Sentiu que deveria. Não queria dar aos alunos a impressão de ser inexperiente.

— Estou aqui para ajudar Dermot. Eu trabalhava numa livraria e, como passei muito tempo da minha vida lendo, agora estou organizando um festival literário. Ajudei Dermot na seleção. Portanto, se qualquer um de vocês não estiver à altura... — Olhou diretamente para Gareth, tentando fazer com que ele sentisse que podia não estar à altura. — A culpa é minha. Estamos entendidos?

Gareth olhou para Dermot e possivelmente sentiu algo de protetor e talvez ameaçador em sua postura.

— Ah, sim, claro.

— Bem, então vou entregá-los ao Dermot.

Suando um pouco, apesar do bravo enfrentamento, Laura foi para a segunda escrivaninha e sentou-se atrás, organizando sua pilha de observações sobre os alunos e pondo uma marca secreta na de Gareth.

— Olá — cumprimentou Dermot. — É um prazer tê-los aqui. Como Laura disse, houve uma competição acirrada para participar deste curso, mas isso não é nada em comparação ao verdadeiro mundo editorial. No fim da semana minha agente virá conversar com vocês. Se eu não tiver conseguido convencê-los disso, ela conseguirá. Agora eu gostaria de começar com uma sessão de perguntas e respostas e um papo geral. Fiquem à vontade para fazer comentários, se quiserem. Não somos crianças. E isso nos dará uma ideia do que esperam ganhar com o curso, além de dar oportunidade para que vocês se conheçam melhor. Quem começa?

Um rapaz levantou a mão. Dermot olhou para sua pilha de papéis.

— John? Você tem uma pergunta?

— Ok — disse o rapaz que, segundo Laura se lembrava, escrevia ficção um tanto autobiográfica, mais do gênero olhando-para-o-próprio-umbigo. — É óbvio que entrei nessa competição, mas comecei a escrever quando era estudante. Quer dizer, um monte das coisas que a gente tinha que ler era lixo. Eu

sabia que era melhor que aquilo.

— É bom ser confiante — comentou secamente uma das mulheres mais velhas.

Laura deu uma olhada em suas anotações. Havia considerado essa Maggie Jones como promissora. O livro que ela inscrevera era um pouco pessimista, mas Laura confiava que ela fosse capaz de dar um tom mais leve a ele se compreendesse isso.

— Bem, se você sabe que é bom, não faz sentido fingir que não é — retrucou John, embora tenha enrubescido um pouco.

— Autoconfiança é uma coisa de gênero — acrescentou Samantha, que não parecia carecer de tal coisa.

— Acho que você tem razão — concordou Tracy, uma jovem despachada que tinha anunciado com orgulho que escrevia histórias curtas e românticas. Segundo as anotações de Laura, eram inflamadas e sexies.

— E você quer dizer que...? — perguntou Dermot a John.

— Eu só estou conjecturando se esse curso faz algum sentido.

As palavras de John provocaram um mal-estar na sala.

— Provavelmente não — admitiu Dermot, sua fala lenta não correspondendo ao olhar crítico.

Um silêncio ansioso encheu a sala até Maggie se pronunciar.

— Tenho certeza de que todos temos muito a aprender. Eu sei que tenho. Afinal, suponho que faremos leituras uns para os outros. Quando lemos para nós mesmos sempre parece incrível.

Laura sorriu com simpatia. Ela iria contribuir e cooperar, que alívio!

— Eu preferiria apenas trabalhar no meu romance em vez de fazer um monte de exercícios que não servem para nada — interpôs John.

— Nesse caso, você não devia ter se inscrito — respondeu Laura. — Os exercícios são de extrema utilidade e vamos fazer uma porção deles. — Era tarde demais quando ela se lembrou de que ela e Dermot não haviam discutido o que fariam em detalhes. Disparou um olhar para ele, que retribuiu com uma sobrelheira erguida e a expressão divertida.

— É — concordou Maggie. — Uma porção de gente teria dado tudo para estar aqui. Se você teve a sorte de ser escolhido, deveria aproveitar ao máximo a oportunidade.

— Sim, mas...

— Escrever é uma coisa estranha, efêmera — disse Dermot, acalmando possíveis águas turbulentas. — Nunca se sabe o que vai ajudar e o que não vai. Não pretendo fazer exercícios de pontuação. Mas escrever por um tempo cronometrado sobre determinado assunto pode realmente nos ajudar a

descontrair.

Dermot foi cruel. Eles tiveram cinco minutos para escrever sobre “dinheiro”. Outros cinco para abranger a “morte”, mas dez minutos inteiros para escrever sobre “nascimento”.

Como concessão, ele permitiu que as pessoas escolhessem o que considerassem seu melhor fragmento antes de fazê-los ler em voz alta. Ele próprio fizera os exercícios e foi o primeiro.

— É para dar confiança a eles — explicou Dermot. — Quando virem o lixo que eu sou, ficarão muito mais felizes para se expor à crítica dos outros.

Mas é claro que ele não era um lixo. Laura ficou ligeiramente surpresa, pois pensava que o bloqueio criativo significasse que Dermot mal conseguia escrever a lista de compras. Porém, o funcionamento de sua mente literária ainda era um mistério para ela. E ler em voz alta ainda era um problema para a maioria dos alunos.

Na hora do almoço, todos estavam tranquilos e saíram para a cantina conversando como se realmente já se conhecessem.

— Deus Todo-Poderoso, no que eu fui me meter? — perguntou Dermot no instante em que ficaram a sós.

Laura deu uma boa risada.

— Você é brilhante nisso! Eles te amam! Apesar de eu achar que foi crueldade da sua parte me obrigar a fazer os exercícios também — acrescentou com menos alegria.

— Deixe de ser boba... Os seus foram tão bons quanto os de qualquer outro, mas eu realmente acredito que existe algum talento aí, você não?

— Com certeza. Só espero que a gente consiga mantê-los entretidos e satisfeitos durante todo o tempo.

— Tenho um plano caso as coisas comecem a se arrastar — disse Dermot. — Te conto mais tarde.

A tarde foi consumida por exercícios de textos mais longos. Seriam lidos e discutidos no bar, após o jantar. Depois do almoço, Dermot disse que se encontraria com todos mais tarde no bar para um drinque rápido antes do jantar. Tentando não se sentir decepcionada, Laura foi para o quarto trabalhar. Havia muitas coisas a fazer para o festival — uma delas era convidar todos os escritores para o jantar pré-festival de Rupert — e ela tinha prometido que leria uma das histórias românticas de Tracy. Elas haviam combinado que só mostrariam a Dermot se Laura a achasse fantástica. A tarde voou, e ela percebeu que só tivera tempo para uma xícara de chá diante da escrivaninha, ainda que, poucos instantes antes, ela tenha olhado pela janela e visto todos os alunos

reunidos no gramado, deitados, tomando sol e, sem dúvida, falando sobre escrever.

Após um banho rápido, ela chegou ao bar atrasada e com o cabelo ainda molhado.

— Ei, Laura! Você está pelo menos três drinques atrás de nós — anunciou Samantha. — O que peço para você?

— Ah, um vinho branco com soda, por favor.

— Ah, por Deus! Tome uma bebida decente. — Samantha deixou bem clara sua opinião sobre a escolha de Laura. — Pelo menos, tome o vinho puro.

Laura riu.

— Se eu puder tomar uma água também... Não costumo beber muito.

— Não é o que eu soube — comentou Dermot, os olhos perigosamente provocantes.

— Não? — disse ela alegremente. — Bem, não faço ideia de onde conseguiu essa informação.

Ela se perguntou se estava errada em confiar que ele não contaria nada sobre suas façanhas na Irlanda.

Alguém tocou em seu cotovelo. Era Tracy, a mulher cuja história ela passara boa parte da tarde lendo.

— Ah, vamos ali falar em particular — disse ela. — Só vou pegar meu vinho. — Ela ficou aliviada de ter uma desculpa para mudar de assunto.

— Então?

Tracy estava tão acanhada que Laura se apressou a tranquilizá-la.

— Não consegui largar! Fiz meu outro trabalho primeiro e pensei em ler só um pouco para poder falar com você, mas não consegui parar de ler!

No bar, Dermot foi fantástico com os alunos. Pagou bebidas a noite inteira e escutou os comentários de todos com aparente respeito e gentileza e até autografou os livros que duas das alunas lhe apresentaram com timidez. Foi especialmente gentil com as mulheres mais velhas, que careciam da impetuosidade das belas jovens ambiciosas. Era um lado dele que Laura não havia tido muita oportunidade de ver, e que lhe agradou.

— Não é fácil encontrar tempo para escrever — admitiu Tracy, sentindo mais segurança desde que ela e Laura haviam conversado em particular. — Especialmente quando se tem uma família recém-construída. Às vezes, escrever parece muito hedonista.

— Se é bom para você, será bom para sua família — retrucou Helen. — Eu realmente acredito nisso. Não é possível ser uma boa esposa e mãe se a pessoa está reprimindo a criatividade. Não acha, Dermot?

Ele sorriu e fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não tendo sido esposa nem mãe, não estou em posição de comentar, mas criatividade reprimida é uma coisa bem ruim.

Todos riram.

— Não que você saiba algo sobre criatividade reprimida também — acrescentou John, que, tendo desejado desafiar Dermot no início para se impor, agora estava tão admirado quando todos os outros. — Obviamente, você não tem problemas com isso. Em que está trabalhando no momento?

Era natural John supor que Dermot estivesse trabalhando em algo, mas Laura se retraiu. Não queria que Dermot ficasse em dificuldades desse jeito.

— Eu nunca falo sobre meu trabalho em andamento — respondeu Dermot, se esquivando habilidosamente da pergunta. — Mas a criatividade é uma senhora voluntariosa, nem sempre faz o que a gente manda.

A essa altura todo mundo já havia tomado algumas doses, e só Laura percebeu a dor em suas palavras.

— Seria possível trocarmos outra palavrinha? — perguntou Tracy a Laura. — Eu não conheço muitas pessoas que entendem o gênero como você parece entender. Acha mesmo que meu livro é publicável?

— Bem, obviamente, não sou uma especialista...

Laura e Tracy discutiram o livro até serem convocadas para o jantar. Vários alunos, além de Dermot, carregavam garrafas de vinho e, como já havia tomado duas taças, a segunda imposta por uma Tracy agradecida, Laura decidiu que não iria mais beber.

Ela não conseguiu se sentar perto de Dermot, mas podia ver que os alunos absorviam sofregamente cada uma das palavras dele. Ainda assim, estava tudo bem. Ela se contentou com seu lugar na extremidade da mesa e poderia falar com Dermot mais tarde, quando voltassem ao bar.

Mas quando todos acabaram de comer, ela se sentiu cansada demais para continuar a festa. Haveria outras noites, disse a si mesma. Tinha trabalhado muito, e fora um longo dia.

— Acho que vou dormir — avisou ela a todos, sentindo-se acanhada e uma estraga-prazeres. — Estou supercansada.

Dermot estava tão absorvido numa discussão sobre os méritos de vários gêneros que mal percebeu sua saída. Ela reprimiu certa decepção. Lembrou-se de que ele estava ali por causa dos alunos.

— Bem, eu ainda estou de pé porque tirei uma soneca — admitiu Maggie, uma das mulheres mais velhas.

— Eu também — disseram duas outras. — Aprender qualquer coisa cansa tanto!

Os dois dias seguintes do curso seguiram o mesmo ritmo. Exercícios pela manhã, escrita individual ou mais exercícios à tarde, longas sessões no bar antes e depois do jantar. Cada aluno teria uma sessão particular com Dermot. Ele mesmo organizara esse horário, embora ela tivesse sido designada para isso, portanto, Laura não sabia quando ele estaria a portas fechadas com uma escritora jovem e encantadora. Provavelmente, isso era bom. Ela tinha muito que fazer. Um turbilhão de escritores confirmara presença no festival, e como Fenella estava totalmente concentrada nos casamentos, pois o verão era uma época muito propícia a essas cerimônias, Laura estava tentando organizar os horários. Suas tardes eram ocupadas com isso e com a leitura de obras alheias. Tracy ficara tão satisfeita com sua crítica ao livro dela que agora todos queriam a opinião de Laura. À medida que o tempo passava tornou-se óbvia a apreciação de Dermot por ela e o quanto ele valorizava o que ela tinha a dizer, portanto os alunos faziam o mesmo. Embora ela tivesse dado um jeito de ir até o bar após o jantar duas vezes, em nenhuma conseguiu ficar para mais de um drinque, por mais que quisesse. E mesmo tendo planejado tanto dar em cima de Dermot, simplesmente não surgira a oportunidade. Nem ele sugerira um café rápido, em particular, com ela. Ele parecia apreciar sua presença lá, mas ela não conseguia avaliar se havia algo mais que isso.

— Ok, pessoal, mudança de planos hoje! — anunciou Dermot quando os alunos pararam de falar e prestaram atenção. — Aluguei um miniônibus e vamos passar o dia numa majestosa casa de campo. Isso dará a todos nós uma folga; temos trabalhado bastante desde que chegamos. — A súbita vontade que Laura teve de bocejar deu testemunho disso. — Portanto, vamos nos mexer imediatamente. Mas não pensem que vão simplesmente passar o tempo. Não, vão trabalhar! — Fez uma pausa para tomar fôlego. — Sob vários ângulos, escrever é como pintar. O artista olha para a vida e a traduz em alguma outra coisa. O escritor faz isso com palavras, não com tinta. Eu quero que vocês façam esboços escritos do que veem. Alguns serão de coisas físicas: um bosque, uma estátua, uma paisagem. Outros serão de pessoas e de como elas se relacionam com seu meio. E aqueles mais imaginativos... — Ele olhou para os escritores de ficção comercial. — Eu queria que escrevessem uma cena passada na mesma época da casa que iremos visitar. Poderia até ser sobre as pessoas que moraram lá. Quero quatro textos para a sessão do bar hoje à noite! Ah, e a cantina preparou almoços para viagem para todos vocês; é só ir até lá pegá-los.

Laura estava animadíssima. Ela sentia que precisava de um dia de folga da organização do festival e que, sem dúvida, ela teria uma chance de ficar algum tempo a sós com Dermot durante um dia inteiro numa casa de campo. Ela teve certeza de ver a mesma expectativa no olhar que ele lhe lançou ao comunicar a

novidade a todos.

— Como foi que você conseguiu que a cantina preparasse almoços para viagem assim, de última hora? — perguntou Laura a Dermot, na fila para entrar no ônibus.

Olhando do degrau mais alto, ele sorriu para ela:

— Não foi de última hora. Fiz o pedido na primeira manhã. Eu sabia que precisaríamos de um dia fora, para dar uma renovada. Além disso, nos dá um tempinho de folga.

Laura deu um pequeno suspiro de alegria e não se importou que Helen tivesse guardado um lugar para ela ao seu lado, impedindo-a de se sentar com Dermot. Haveria uma oportunidade de ficarem a sós mais tarde; era óbvio que ele também queria.

Laura teve vontade de tirar um cochilo durante a viagem, que foi um pouco mais longa do que previra, mas Helen queria falar sobre seu livro. Mesmo assim, Laura sentia que não precisaria ficar de pé até tarde no bar, pois estaria com Dermot a sós muito em breve. A ideia a deixou muito contente e talvez mais entusiasmada em relação ao livro de Helen do que era justificável.

O jardim era anexo a uma grande mansão que não seria visitada.

— Teríamos que pagar mais — explicou Dermot —, e quero cenas externas. Vocês podem incluir pessoas, pessoas dos dias atuais, do passado, mas usem o jardim! Quero árvores, flores. Em detalhes... Lembrem-se: “carvalho” não “árvore”. Podem ir.

Sem a restrição das ordens de Dermot, Laura se voltou para a casa. Era grande, quadrada e lhe pareceu ser do estilo georgiano. Uma enorme magnólia subia por um lado, e do outro havia hortênsias. O caminho que levava à entrada era margeado de tílias, e, quando se dava as costas para a casa, elas emolduravam a torre da igreja da aldeia vizinha. Na frente, um grande gramado seguia até o muro de pedras à distância. Uma seta pintada de verde indicava que os jardins ficavam nos fundos da propriedade. Eles foram abençoados por um belo dia, e tudo estava em sua melhor forma. Era impressionante, mas Laura se pegou pensando que particularmente preferia a grandeza mais modesta e selvagem de Somerby.

Ela ficou parada olhando por alguns momentos antes de se virar e procurar por Dermot.

Ele havia sumido! Como podia ter desaparecido tão rapidamente? Ele devia ter ido acompanhar o primeiro grupo de alunos que não parava de tagarelar e não estava se concentrando no que o cercava.

Laura vagou lentamente pelos caminhos, seguindo as setas que levavam aos

jardins. Sem demora, cruzaria com Dermot, tinha certeza.

O problema é que havia caminhos para diversos jardins: um jardim de chácara, um jardim ornamental, um jardim repleto de tocos de árvores — ou o que quer que seja aquilo —, um jardim murado e um roseiral, assim como uma horta e estufas. Ela desconfiou de que deveria haver um jardim francês além de todos esses — podia ver teixos altos e bem aparados à distância e uma faia cor de cobre coberta de flores.

Ela piscou para o sol brilhante, pensando em suas opções. A curiosidade dele poderia levá-lo ao jardim de tocos, ou talvez apreciasse estufas — ela mesma apreciava. Ou será que ele seria atraído pelos teixos e roseiras que mais pareciam estrelas contra o fundo quase roxo da folhagem? Era difícil adivinhar, então, decidindo simplesmente aproveitar o lugar, ela partiu para o jardim de chácara. Estava para chegar lá quando viu um grupo de alunos com Dermot, no final de um largo caminho gramado.

Sentindo que não poderia disparar na direção deles sem parecer pateticamente carente, como uma criança sem amigos no passeio da escola, ela pensou em tentar encontrar um modo de se aproximar sem ser vista. Uma sebe conveniente que consistia em diversas variedades de árvores e algumas trepadeiras, inclusive rosas selvagens e madressilvas, conduzia, Laura supôs, ao jardim francês onde o grupo se encontrava. Esperando não encontrar ninguém e se sentir obrigada a se explicar, ela saiu correndo e chegou à outra extremidade, vendo as costas do grupo que ia para a área do bosque.

Ofegando um pouco e começando a transpirar, ela cogitou correr para se reunir a eles, mas não conseguiu se convencer de que não pareceria patética. Por que, ah, por que Dermot não os despachava um para cada canto para trabalharem em seus textos?

Ela concluiu que correr para encontrá-los só funcionaria se ela tivesse algo de importância vital para dizer. O que poderia ser? Não poderia dizer que havia um incêndio, pois era óbvio que não havia e, de qualquer modo, eles estavam no jardim. Enxentes e enxames de gafanhotos também não faziam sentido. Que tal um habitante mais bonito do jardim, talvez uma borboleta ou, melhor, uma libélula? Enxugou a testa. Não, ela não iria parecer apenas ávida como uma escoteira, e sim uma louca, porque se houvesse uma libélula, ela não poderia estar ali, mesmo que todo mundo saísse correndo para vê-la. E se fosse algum trecho que envolvesse rosas antigas e alfazema, não haveria necessidade de correr.

Suspirando, ela foi em direção ao jardim repleto de tocos — pelo menos parecia legal.

Ela passou o resto da tarde se sentindo uma péssima detetive ao tentar

espreitar Dermot e evitando a aproximação de algum aluno. Dessa forma, se conseguisse encontrar Dermot sozinho, ela também estaria sem qualquer companhia.

Quando eles finalmente se encontraram na sala de chá, ela se dirigiu a ele de modo casual:

— Que jardim lindo, não é? Devem ser quilômetros e quilômetros. Acho que nem vi você. — Era uma mentira, mas ela não quis dizer que só o vira à distância porque ficaria implícito que o procurava.

— Ah, eu encontrei um canto bem escondido no bosque — comentou ele. — Fiquei lendo meu livro. — Vendo-a reagir, ele acrescentou: — Não, não escrito por mim. Se eu te contasse que era poesia, você me acharia impossivelmente pretensioso?

— Sim — concordou ela sorrindo, mentindo para ele. — Mas isso é bastante típico de um escritor, então eu o perdoo.

De volta ao ônibus, ela se sentou no fundo e logo caiu em devaneio. Tentar ficar a sós com Dermot era estressante demais. Se ele gostasse dela — e era cada vez mais provável que não —, *ele* poderia procurar por *ela*.

Era o último dia do curso e todos estavam ansiosos com a visita iminente de Eleanora. Embora não a conhecessem, os alunos sentiam instintivamente que seus trabalhos seriam destruídos, mesmo que Dermot já lhes tivesse dado diversas dicas. Embora não tivesse dito nada a Laura, ele podia muito bem estar matutando se sua agente não iria pressioná-lo em relação ao trabalho em andamento, o que explicaria seus temores. E Laura estava convencida de que Eleanora daria um jeito de fazê-lo anunciar ao mundo sua presença no festival. No entanto, ao pensar melhor, ela se deu conta de que talvez não fosse o caso e que ela estava absorvendo o nervosismo de todo mundo.

Eleanora chegou em grande estilo, dirigindo uma Ferrari antiga, que roncou na subida até o prédio deixando atrás de si um dispendioso rastro de fumaça azul.

Dermot estava lá para recebê-la. Ele tinha posto seu terno, que a essa altura estava tão amassado que dava a impressão de ter sido atropelado várias vezes por um rolo compressor. Laura havia tido vontade de lhe dizer que escovasse o cabelo, mas se contivera, percebendo que Eleanora, que o conhecia muito bem, não esperaria que ele estivesse elegante. Todos os outros já tinham se acostumado com sua aparência desgrehada, autoral.

Ele deu um beijo caloroso em Eleanora e disse:

— Acho que você não pode deixar o carro aí, Nellie, meu amor.

Eleanora se empertigou e retrucou:

— Não me chame de Nellie, e tenho certeza de que esse rapaz simpático irá estacionar para mim.

O “rapaz simpático” em questão era Gareth, a quem Laura particularmente se referia como o Jovem Turco. Ele ficou bem contente de agarrar as chaves que Eleanora lhe jogou. Grata por não terem lhe pedido que estacionasse o carro, Laura seguiu Dermot e Eleanora até o prédio e ao longo do corredor até a sala de conferências.

Eleanora foi cruel! Laura achava que Dermot fora bem duro, mas Eleanora foi mais. Ela desconfiava de que Eleanora fosse pôr os pingos nos is, mas ela exagerou e, além disso, pareceu se deleitar em comentar cada aspecto negativo dos textos. Disse aos alunos que as chances de conseguirem publicar seus trabalhos eram pouco melhores que ganhar na loteria. Depois continuou, dizendo que conseguir ser publicado não era tão difícil quanto continuar sendo. Se o primeiro livro não fosse um sucesso, o segundo não veria a luz do dia, e se o livro não fosse bem-editado, era melhor queimar todos num canto do pátio, pois assim chamariam mais atenção.

Ninguém caiu no choro, mas Laura sentiu que seria só uma questão de tempo.

Então Eleanora despejou a lata final de gasolina na fogueira de desalento que havia criado.

— E se você não for bonito, muito velho, muito jovem, amigo de um astro do futebol ou do diretor de uma editora, esqueça também. Se não tiver chance de ser divulgado, não será publicável.

Eleanora pareceu ligeiramente surpresa quando a sala não irrompeu em aplausos. Dermot ficou mudo, uma coisa rara nele, e fracos lamentos começaram a emanar dos alunos.

Laura se levantou. Não podia mandar todos para casa com o coração nas mãos.

— Bem, obrigada, Eleanora, foi fascinante. E não é bom conhecer logo o pior cenário? Eu e Dermot sabemos que há muito talento nesta sala e que ninguém aqui deve ser o melhor amigo de um astro do futebol nem casada com o diretor de uma grande editora... — Fez uma pausa. — Mas se forem e não tiverem nos contado, nós os mataremos depois... Nós vimos a quantidade enorme de trabalho e dedicação de que vocês são capazes e eu tenho certeza... — Ela não tinha certeza alguma na verdade, mas disse mesmo assim, ciente de que soava mais como uma diretora de escola muito entusiasmada. — Tenho certeza de que Eleanora concordaria conosco quando dizemos que talento e perseverança são mais importantes que qualquer coisa que ela mencionou. A nata vai para o topo. Vão em frente e sejam a nata! E nos encontrem no bar mais tarde.

Os aplausos não foram ensurdecedores, mas estavam lá. Assim que Laura

terminou de dizer suas palavras de incentivo, os alunos saíram do estado de choque e a aplaudiram gentilmente.

— Querida, você é muito mole com eles! — repreendeu Eleanora assim que os três ficaram a sós. — Diga como as coisas são!

— Claro, eu sei que cada palavra que você disse é verdadeira... — Dermot correu os dedos pelo cabelo, deixando-o ainda mais como um ninho arrastado pelo vento. — Mas todos teriam saído e cortado a garganta se Laura não tivesse contornado a situação.

— Sim, Laura, querida, você fez bem! Eu sabia que você era a pessoa certa para organizar o festival de Fenella. Fez um trabalho esplêndido com este curso também! Agora entendo por que você a queria a bordo, Dermot.

Laura perdeu o fôlego. Ela supunha que fora Eleanora quem havia sugerido sua participação. Não conseguia saber como se sentia em relação a isso. Estava contente por ele achar que ela seria útil, é claro. Era lisonjeiro que ele considerasse suas habilidades editoriais e organizacionais tão boas, mas será que isso significava que ele não tinha atração por ela e só a via como uma pessoa útil? Teria sido por isso que ele não quisera ficar a sós com ela? Era uma ideia arrasadora.

— Laura foi o máximo — elogiou Dermot. — Eu não teria conseguido fazer as coisas sem ela ao meu lado.

Houve um instante de silêncio, e então Eleanora deu um tapinha no ombro de Laura.

— Que bom! Então, onde é o bar?

A princípio, os alunos estavam temerosos de se sentar perto de Eleanora, mas aos poucos foram se aproximando e descobriram que ela não mordia. Ela pagou bebidas para todos até o final da noite e, um pouco instigada por Laura, ofereceu-se para ler qualquer coisa que lhe fosse enviada.

Quando Laura acompanhou uma Eleanora meio bêbada de volta ao quarto onde passaria a noite, ela lhe confessou:

— Não sei por que me ofereci para fazer isso. Minha pilha de pieguices já está bem alta.

— Mas essas pieguices serão de qualidade! Eu mesma selecionei com cuidado, e os livros deles serão bem melhores depois que trabalharem mais um pouco.

— Tudo bem, querida, confio em você. E Dermot também confia, o que é muito interessante.

Como Laura sempre havia se considerado digna de confiança, não achou que isso fosse estranho. Mas devido ao seu estado de leve embriaguez talvez Eleanora não estivesse pensando com clareza.

Os alunos partiram logo após o café da manhã, muitos deles dizendo que se sentiam totalmente inspirados. Eleanora tinha partido antes do desjejum, dizendo que iria visitar uma velha amiga no caminho de casa e assim, de repente, eram apenas Dermot e Laura.

— Bem, não sei o que dizer — disse Dermot.

— Isso é novidade! — provocou Laura, tentando demonstrar despreocupação, embora isso fosse a última coisa que sentia. Continuava intrigada com o comportamento dele durante o curso. Ele parecia de fato gostar de sua presença, mas além de uns poucos olhares quase fraternos, Laura não conseguia interpretar suas atitudes de forma adequada e sentia-se completamente confusa com a postura dele em relação a ela. Estava triste também por não ter conseguido aproveitar ao máximo o tempo que passaram juntos. De repente, sentiu-se menos segura, principalmente em relação ao seu desejo de seduzi-lo. Um estacionamento de universidade não era o mais romântico dos cenários, e ele não parecia alguém pronto para dar em cima dela, parado ali com as mãos nos bolsos, parecendo ansioso para ir embora. Ela disse a si mesma que o veria de novo no festival, mas será que teriam um minuto a sós? Ela não podia depender disso. Além disso, ela precisava encarar a possibilidade de que ele não a visse de um modo diferente, se é que um dia vira. Ela era a boa e velha Laura útil. — Os irlandeses são famosos pela eloquência — acrescentou, brilhante.

— Não esse irlandês em particular, nesse momento. — Então ele pôs a mão no rosto dela. — Você é um amor.

Ela piscou para dispersar as súbitas lágrimas. Ele estava sendo muito doce e gentil, mas era só afeto que ela detectava em sua voz.

— Então tá. Vejo você no festival em julho.

— Ah, o maldito festival! Eu havia me esquecido disso por completo.

— Bem, então estou lembrando! — insistiu ela, com severidade fingida.

— Um dia desses nós vamos nos encontrar em circunstâncias mais propícias — retrucou ele. Em seguida, beijou o rosto dela e saiu andando rumo ao carro sem olhar para trás.

Laura ficou ali parada, olhando-o ir embora, as lágrimas correndo livremente agora. Ela não se importava que alguém a visse.

Capítulo 13



Na viagem de volta a Somerby, Laura teve tempo suficiente para pensar em seus sentimentos por Dermot e, o mais importante, nos sentimentos dele por ela. Embora não pudesse dizer como ele se sentia, Laura tinha certeza de que estava realmente apaixonada. O curso havia lhe dado a oportunidade de vê-lo como homem e de saber como ele se comportava socialmente. Ele podia ser mordaz, sarcástico e grosseiro, mas tudo bem temperado com humor, sagacidade e extrema gentileza. Todos os alunos haviam sido criticados, mas todos receberam elogios que acalentariam pelo resto de suas carreiras literárias.

Ele a via como uma colega de trabalho, era isso. Confiável, aplicada, indulgente — características que não a tornavam atraente, exceto para avaliar as chances de sucesso de algum escritor. Sua ternura ao se despedirem demonstrou o quanto ele gostava dela, mas afeto não era o suficiente. Uma parte de Laura desejava jamais tê-lo conhecido, preferia que ele tivesse continuado a ser a figura ilusória com a qual sonhava. Agora, como todas as boas heroínas dos livros devorados na adolescência, ela teria que recolher os cacos e superá-lo da melhor maneira possível.

Ela logo se viu novamente imersa nos preparativos para o festival, sobrando pouco tempo para se estender no assunto do grande Dermot Flynn, e deu graças por isso. Após contornar com o dedo o rosto dele na foto que uma das alunas lhe enviara de todo o grupo, ela a enfiou dentro de um dos livros de sua estante, dizendo a si mesma para deixar de ser boba.

Ficara alguns dias com Grant, que tinha acabado de retornar de umas férias “num lugar quente e caro” e queria lhe contar tudo e mostrar as fotos. Ela agora estava de volta a Somerby e ao trabalho.

Fenella recebeu Laura enquanto ela chegava de carro e o estacionava nos fundos de seu estábulo reformado. Ela falava pela janela aberta e parecia superanimada.

— Já soube? Dermot veio a público! Por que você não me contou?

— Deixe a coitada da moça sair do carro! — Até Rupert, que seguia a mulher, parecia menos acomodado que de costume.

Laura desembarcou.

— Desculpe, Fen, como assim?

— Jacob Stone me ligou. Parece que Dermot abriu o jogo. Ele viu em algum noticiário. Naturalmente, está empolgadíssimo.

— Não é possível! — Laura abriu o porta-malas para pegar a bolsa com roupas. — Tenho certeza de que ele teria me dito alguma coisa se fosse fazer isso.

Ela se sentiu desesperadamente traída. Era o seu festival! Sem dúvida, ela devia ter sido a primeira a saber, não alguma agência de notícias e Jacob Stone! Afinal, no curso ele disse que havia se esquecido completamente disso!

— Vamos ligar para Eleanora — sugeriu Fenella. — Ela vai saber.

— Boa ideia. Acho que é preciso verificar essa história mesmo.

Tudo indicava que era verdade. Eles entraram num site de notícias pelo computador de Rupert. Uma agência contava que *o recluso escritor Dermot Flynn concordou em comparecer ao Festival Literário de Somerby. Correm rumores de que ele está escrevendo um novo livro depois de muitos anos e de que também há uma guerra de ofertas por esse romance.*

— Ah, merda — sussurrou Laura.

— Laura! — censurou Fenella.

— Eu sei. Desculpe, mas essa é a única palavra possível. Ele vai ficar absolutamente furioso!

— Por quê? E de todo modo, é provável que a reportagem tenha partido dele — sugeriu Fenella. — Quem mais inventaria uma história dessas?

— Eleanora, por exemplo — disse Laura. — Ela tem muito a ganhar. — Ela pensou bem no curso, tentando se lembrar se havia alguma coisa no comportamento de Eleanora que indicasse que ela poderia ter plantado essa história. — Mas acho que não foi ela.

— Bem, podemos perguntar — arriscou Fenella.

Laura suspirou.

— Espero com todas as forças que não saia nos principais noticiários. — Laura olhou para Rupert e Fenella de modo queixoso. — Afinal, é apenas uma notícia literária, não de interesse geral.

— Talvez não seja bem assim na Irlanda — argumentou Rupert. — Quer dizer, não tenho certeza, mas imagino que se dessem a notícia de que “o maior escritor irlandês vivo” estivesse escrevendo um novo livro, geraria enorme interesse.

Laura enterrou o rosto nas mãos.

— Isso é um horror.

— É bom demais para o festival! — retrucou Fenella. — Eu poderei dizer a todo mundo que ele vem e então talvez todos aqueles escritores pendentes confirmem. Além disso, as pessoas vão fazer fila para comprar ingressos.

Laura reapareceu de trás das mãos.

— Eu só não sei o que o Dermot vai fazer quando souber disso.

— Bem, não podemos fazer nada até que ele saiba — concluiu Rupert. — Acho que devíamos nos acalmar. Vamos entrar e tomar um café.

Laura estava criando coragem para ligar para Eleanora quando o telefone tocou. Era a própria Eleanora querendo falar com ela.

— Laura? Foi você quem divulgou essa notícia?

— Não! Você achou mesmo que tivesse sido eu?

Eleanora baixou o tom.

— Não.

— Na verdade, eu achei que pudesse ter sido você — admitiu Laura.

— Eu? Meu Deus, não! Por que eu faria isso? Se algo pudesse provocar um bloqueio criativo nele para sempre, seria isso.

— Você sabia sobre o bloqueio dele?

— É claro!

— Ele esperava que você não soubesse.

— Quem ou o quê ele pensa que eu sou? Um jumento? Sou a agente dele, pelo amor de Deus. Eu sei quando meus escritores não estão escrevendo, mesmo quando me dizem que estão! Não, o coitado do rapaz está com um bloqueio há anos. Nós apenas fingimos que eu não sei. — Ela fez uma pausa. — Ele contou a você?

— Ahã.

Laura não explicou as circunstâncias nem que eles haviam trocado confidências. Eleanora não precisava saber de tudo.

Houve uma longa pausa.

— Acho que seria bom você vir a Londres imediatamente. Precisamos armar um plano.

— Mas o festival...

— O festival não terá sua estrela a menos que possamos pensar em algo. Isso deve ser uma prioridade. Fenella vai entender.

Laura estava explicando tudo isso a Fenella e Rupert quando seu celular tocou, indicando a chegada de um torpedo. Era de Dermot: “Seu festival pode ir pro espaço.”

A sensação foi de receber um golpe, não porque o festival necessitasse tanto de sua estrela, mas porque ele podia pensar que tinha sido ela quem o havia

traído. Ela precisava arrumar um jeito de dizer a ele que não fizera aquilo.

— Acho que isso quer dizer não — avisou ela, se esforçando para parecer calma, depois de mostrar a mensagem a Rupert e Fenella. — Na verdade, foi bem educado, considerando como ele é.

— Talvez ele não saiba que você pode muito bem mandar ele para aquele lugar. — disse Rupert.

— Pode? — perguntou Fenella. — Eu não sabia disso!

— A gente pode ficar feliz com pequenas coisas — retrucou Laura, orgulhosa do comentário sereno. Dadas as circunstâncias, era um triunfo.

— É melhor você ir até Eleanora imediatamente — disse Fenella. — Só ela será capaz de nos tirar dessa encrenca. Se ela diz que precisa de você, vá.

— Talvez Laura preferisse se recuperar da viagem antes — sugeriu Rupert. — Ela acabou de chegar. Eu sei que a sua família sempre sai correndo quando Eleanora estala os dedos, mas não há motivo para Laura também fazer isso.

— Na verdade, acho que há, Ru — discordou Laura. — Quanto mais cedo pudermos consertar isso, melhor. Se conseguirmos consertar.

— Se ao menos descobríssemos quem fez isso... — reclamou Fenella. — Então poderíamos lhe enviar todo nosso ódio por e-mail.

— Assim que soube da história, você teria enviado um e-mail entusiasmado — acusou Laura, indignada.

— Isso foi antes de saber o desastre que isso significava.

Um prato reconfortante de sopa e uma carona de Rupert até a estação ajudaram Laura a se acalmar um pouco. Ela leu um livro leve e romântico no trem e, quando chegou a Londres, estava se sentindo menos desesperada. Afinal, se o festival fracassasse não seria o fim do mundo. Então, lembrou-se de todo o esforço que ela e Fenella dedicaram ao evento, da quantidade de dinheiro gasto e concluiu que podia não ser o fim do mundo, mas seria uma terrível lástima. E sempre havia o temor de que Jacob Stone tirasse o patrocínio. Imagine se ele pedisse de volta o dinheiro já doado?

Ela descartou essa ideia como ridícula ao andar até a fila de táxis, puxando sua bolsa de rodinhas. Sentia como se estivesse vivendo apenas com o conteúdo de uma mala por semanas. Estava mais preocupada com Dermot que com o festival. E sabia que Eleanora sentia o mesmo.

— Querida, tome um drinque. Deus sabe que eu preciso de um — disse Eleanora antes mesmo que Laura tivesse manobrado a bolsa de rodinhas para dentro do apartamento. — Que desastre!

Laura largou a mala e tirou o casaco, seguindo Eleanora até o que se revelou

uma sala de estar encantadora.

Eleanora se dirigiu a uma mesinha que parecia ser estilo Luís XV, mas provavelmente não era, mesmo levando-se em consideração a quem pertencia.

— Gim e tônica? Uísque? O que você quiser.

— Uísque, por favor — respondeu Laura.

— Bom plano. Precisamos estar fortalecidas.

Ela entregou a Laura um copo tão cheio que parecia bem de acordo com as medidas que tomara na Irlanda.

— Sente-se!

Laura se afundou no sofá. Eleanora tomou uma cadeira na frente.

— Desculpe arrastá-la até aqui — disse Eleanora, depois de tomar um gole generoso, sem qualquer brinde preliminar —, mas você é a única que pode nos tirar dessa encrenca.

— Como assim? Você é a agente dele.

— É, e a opinião que ele tem de mim, atualmente, não pode ser publicada em um livro, nem mesmo no mais destemido romance policial do East End. — Eleanora largou o copo. — Ele contou a você sobre seu bloqueio, chamou-a para ajudá-lo no curso... Isso significa que gosta de você. Você será a virgem enviada ao dragão em sacrifício.

Laura teve um sobressalto.

— É só um modo de falar, querida.

Uma das sobranceiras pintadas de Eleanora se ergueu, surpresa, diante da reação de Laura. Ela tentou atenuar a questão.

— Bem, suponho que ele goste um pouco...

— Não, querida. Muito. Ele gosta muito de você. Sem dúvida, você não o irrita.

Laura sorriu, ocultando a dor. Ela não queria que ele “gostasse” dela, nem que não o irritasse. Ela queria que ele a desejasse.

— Acho que esse elogio me condena.

— Você precisa ir lá falar com ele. Explicar que contamos com ele e que não vazamos a história.

— Então quem foi? Estou tentando pensar em quem foi.

— Todos os blogs literários estão comentando isso — admitiu Eleanora com tristeza. — Não consigo entender por que as pessoas precisam anunciar seus feitos para o mundo.

— Vamos dar uma olhada num dos blogs e ver se conseguimos uma pista — sugeriu Laura.

— O computador está no escritório — disse Eleanora. — Dê uma olhada enquanto eu trato do jantar. É comida pronta, sinto muito.

— Não me importo com o que vou comer — disse Laura. — Onde é o escritório?

— No final do corredor. O computador está ligado.

Laura digitou o nome de Dermot no site de busca e uma série de blogs apareceram. Ela os vasculhou rapidamente, ignorando os que se referiam aos seus primeiros dois romances. Então achou o que procurava. Era o blog de Gareth Ainsley — um dos alunos. Embora ele aparecesse como “o escritor do além”, sua identidade era óbvia. E ele mencionava o curso. O estranho era que ela tinha quase certeza de não ter mencionado o fato de Dermot comparecer ao festival. Estava protegendo a privacidade de Dermot com o maior cuidado.

Enquanto lia o blog, que falava bastante sobre as aulas de Dermot, as outras pessoas e as acomodações, ela percebeu que o aluno provavelmente tinha contado tudo para a imprensa e as revistas de fofocas antes de escrever no site. Ele era um jovem escritor muito ambicioso, convencido de seu talento, não sem razão, e tudo indicava que realmente admirava Dermot. Então por que fazer isso com ele? Talvez achasse que alavancaria a própria carreira literária.

Laura se reuniu a Eleanora na cozinha.

— Acho que encontrei o culpado. Um dos alunos. A única coisa que não consigo entender foi como ele descobriu que Dermot iria comparecer ao festival. Tenho 99 por cento de certeza de que não contei a ninguém. Tive muito cuidado com isso.

Eleanora despejou o conteúdo de um recipiente de alumínio num prato.

— Bem, talvez tenha sido Dermot. Pelo que eu vi, houve longas noites de bebedeira.

Agora Laura se sentiu fraca e culpada por não ter sido capaz de ficar acordada até tarde.

— Houve, e eu não participei delas, portanto Dermot pode ter dito algo que o entregou — suspirou. — Bem, agora não há nada que se possa fazer. O segredo vazou; tenho certeza de que Dermot não vai aparecer.

Eleanora pegou os dois pratos cheios.

— Traga as taças e a garrafa, querida.

Laura seguiu a anfitriã até a sala de jantar, ciente de que havia mais a ser dito. De repente, as coisas tinham mudado, e agora ela sentia que talvez fosse melhor deixar Dermot em paz. O festival teria que se virar sem ele.

— Para ser honesta — confessou Eleanora, enchendo as duas taças até a borda —, não estou me importando com o festival. Pode comer. Isso já não é uma delícia quente, mas será insuportável frio. — Ela fez uma pausa, contemplando o prato por um instante antes de pegar os talheres e dar uma garfada. Equilibrou um pedaço de frango na ponta do garfo. — Obviamente, seria fantástico se

Dermot aparecesse, mas no momento é com ele que estou preocupada.

Laura fez uma pausa, o próprio garfo a meio caminho da boca.

— Como assim?

Eleanora largou os talheres.

— Ele é uma pessoa muito tempestuosa. Se interpretou tudo isso do modo errado, poderia...

— O quê? Do que você está falando?

— Bem, não suponho que ele realmente fosse dar cabo de si mesmo ou algo do tipo — disse Eleanora, lentamente —, mas ele poderia muito bem abandonar a literatura de vez, o que seria uma perda. Uma grande perda.

Apesar de sua atitude casual às vezes, Laura sabia que Eleanora ainda esperava que Dermot escrevesse outra obra-prima, mesmo depois de todo esse tempo, e não apenas pelos seus dez por cento. Acreditava nele, assim como Laura. Ela sentiu um ímpeto de afeto por aquela mulher.

Um silêncio desanimado recaiu sobre elas. Laura bebericou o vinho, pensando num mundo sem mais livros de Dermot Flynn.

— Isso seria terrível — lamentou ela em voz alta.

— Razão pela qual você precisa ir até lá e resolver a situação.

Laura largou a taça, ciente de que Eleanora era uma pessoa esperta e manipuladora.

— Por que eu? Por que não você? Quem melhor que a agente dele? Você o conhece desde o início da carreira. Poderia ser uma figura materna para ele.

— Não posso servir de mãe para ele. Atualmente ele me detesta. Você é a única. Afinal, já fez isso antes. Foi você quem conseguiu convencê-lo a vir ao festival.

— É, mas agora ele odeia o festival! É provável que esteja me odiando também!

— Minha querida, ele não odeia você! Confie em mim. Ele vai ficar supergrato de ver um rosto não crítico.

— Não sou assim tão pouco crítica! — retrucou Laura, desejando que sua indignação fosse genuína.

— Eu sei que pode parecer um pouco *déjà-vu* demais, ou seja qual for a expressão, mas você é a pessoa certa para esta missão. Mesmo que ele não fique muito contente de ver alguém, vai preferir ver você a qualquer outro. — Ela olhou para Laura, os olhos brilhando de expectativa.

Ciente de que estava encurralada, Laura assentiu.

— Está bem. — E pegou a taça de vinho outra vez. Ela se sentia cansada e ansiosa, mas havia uma pequena faísca de empolgação diante da perspectiva de se encontrar novamente com Dermot.

No dia seguinte, quando arrumava suas coisas para a viagem de volta a Somerby, Laura ligou para Monica. É claro que ela já sabia tudo sobre Dermot. Depois de terem trocado alguns comentários, Laura disse:

— Mon, você iria comigo a Irlanda outra vez? Preciso ir até lá, acalmá-lo. Todo mundo acha que vou conseguir. Eu não queria ir sozinha.

— Ah, Laura! Não posso! Tenho uma miniturnê para fazer. Seamus vai comigo — baixou a voz. — As coisas estão indo muito bem com gente.

— Ah.

— Humm. Eu ainda não vi a banda dele tocando, mas tenho certeza de que são bárbaros. — Então ela se lembrou do motivo da ligação. — Além disso, Laura, isso é algo que você deveria fazer sozinha.

— Mas, Monica!

— Eu sei, eu sei, nós nos divertimos tanto. Dessa vez não vai ser divertido, vai? Mas eu iria com você para dar apoio, se pudesse, claro.

— Eu sei. E sabia também que não era muito provável que você fosse, de qualquer forma. Mas ir sozinha vai fortalecer muito o meu caráter.

— Ah, minha querida, você realmente parece desanimada. Por que não pede a Fenella para ir com você?

— Não posso. Ele está cheia de coisas para fazer.

— Então, toda essa publicidade é boa para o festival?

— É — admitiu Laura, desolada. — É boa para o festival.

Dessa vez ela iria de avião para a Irlanda. Eleanora arrumara um táxi para pegá-la no aeroporto e levá-la até Ballyfitzpatrick. Além disso, também estava pagando por tudo. Afinal, Eleanora tinha dinheiro investido em Dermot, Laura se lembrou.

Pessoalmente, como não sabia o que encontraria no fim da viagem, Laura teria preferido que a jornada fosse bem lenta. O voo pareceu passar num piscar de olhos, e ela teve certeza de que, nesse caso, o caminho até a Irlanda seria muito melhor do que a chegada.

Ela pediu ao taxista que a deixasse na pousada onde ela e Monica haviam ficado. Tinha feito reserva ali porque conhecia as pessoas. Quando Dermot a jogasse no meio da rua, ela poderia ir até ali para se consolar.

Pretendia manter sua missão em segredo. Oficialmente, ela teria alguns dias de folga numa parte bonita do mundo que já visitara no inverno. Planejava sair para caminhar, relaxar e aproveitar.

Por quanto tempo conseguiria manter o segredo, não sabia. Antes mesmo de terminar de preencher o registro na pousada, já estavam lhe fazendo perguntas pertinentes.

— Você é uma das garotas que veio ver Dermot no festival, não é?

— Isso mesmo. Com a minha amiga Monica. Nós gostamos tanto que eu fiquei com vontade de rever o lugar no verão.

— Você deve ter sabido de Dermot. Os *paparazzi* ficaram em cima dele. Ficaram aí por dois dias. Ele se escondeu em casa e não saiu por nada.

— Pobrezinho. Ele deve ter odiado.

A mulher, que, segundo Laura se lembrava, se chamava Marion, balançou a cabeça.

— Não sei bem. Ele não saiu mais de casa desde então.

— Como assim?

Era óbvio que Marion estava louca para contar tudo a Laura, então ela achou melhor reunir todas as informações que conseguisse.

— Bem, ele não vai ao pub. Não foi visto na mercearia, então só Deus sabe do que está vivendo. Ninguém viu nem sinal dele por mais de uma semana.

— Ah. — Laura se perguntou se poderia confiar nela. Talvez tornasse sua missão mais fácil e, era preciso ser honesta, seria improvável que ela pudesse fazer qualquer coisa sem que todos ali ficassem sabendo. — Posso confiar em você?

— Venha até a cozinha — convidou Marion. — Vou fazer um chá e você pode me contar tudo. No momento que você fez a reserva, eu sabia que estava aqui por algum motivo.

— É o seguinte — começou Laura, bebendo um chá tão forte que podia senti-lo atacando o esmalte de seus dentes. — A agente dele me enviou aqui para ver se ele está bem.

— Ele não está bem. Se estivesse, se comportaria como uma pessoa normal, indo ao pub, tirando o carro da garagem, dando seus recados.

— Bem, eu devo ver como ele está e contar a ela. — Laura não acrescentou que devia mostrar a ele como seus modos estavam errados, convencê-lo de que ninguém que o amava havia traído seu segredo e que, decididamente, ele deveria ir ao festival.

Marion a encarou seriamente e passou um prato de biscoitos. Laura já tinha provado os sanduíches que a mulher preparara, mas comer parecia acalmar seus nervos, então a mulher pegou um wafer cor-de-rosa, embora geralmente não gostasse de wafer.

— Acho que você não devia fazer isso.

— O quê? — O wafer era muito doce e equilibrava um pouco o chá forte.

— Ir ver como ele está. Nenhuma boa moça devia chegar perto de Dermot quando ele está assim.

— Assim como?

— Bem, não sabemos! Mas o que sabemos — Marion baixou a voz, embora

estivessem a sós — é que ele está lá com uma caixa de uísque.

Laura também baixou a voz.

— Como é que você sabe disso?

— Porque entregaram uma no dia em que os *paparazzi* chegaram. Acho que ele está de porre e toda boa moça deveria ficar a uns dois quilômetros de distância dele.

— Acho que nós duas estamos a dois quilômetros dele agora. — Laura sorriu, esperando que fosse de um modo tranquilizador. — Tenho certeza de que estarei segura. Ele não faria nada que pudesse me ferir.

— Normalmente Dermot é puro encanto, não machucaria uma mosca, que dirá uma moça bonita como você, mas... — Marion fez uma pausa para dar efeito dramático. — Eu sei que ele gosta de uma bebida, mas não costuma beber *tanto*. Pode deixá-lo louco. Ele tem uma reputação com mulheres. Você não me parece forte o suficiente para lutar contra ele e repeli-lo.

Laura deu uma risadinha, apesar da situação delicada.

— Tenho certeza de que ele não irá pular em cima de mim. Pode gritar um pouco, mas não vai passar disso.

— Ainda assim não é um lugar adequado para se visitar sozinha. Se precisa mesmo ir, leve um dos meus meninos junto. Devo dizer que o pessoal anda preocupado. Ficariam contentes de saber que ele está bem.

— Então por que ninguém foi vê-lo até agora, já que ele está entocado há mais de uma semana?

— Por medo. Estou dizendo: o cara tem sua reputação.

Uma ideia terrível lhe passou pela cabeça.

— Ele não está armado, está?

— Ah, não. De qualquer modo, se estiver, vai estar tão bêbado que não será capaz de acertar o tiro.

— Isso não serve de consolo!

— Não estou tentando consolar, estou tentando convencê-la a não ir! Mas estou dizendo também que todos nós adoraríamos saber como ele está.

— Então sacrificaria uma estranha para ter a informação necessária? — Laura tinha quase certeza de ter lido um livro com esse tema.

Marion deu uma risada.

— Bem, nós o conhecemos demais para nos arriscarmos. Além disso, precisamos viver aqui. Se ele se virar contra você, pode voltar para a Inglaterra.

— Será que é melhor deixar um táxi com o motor ligado do lado de fora? — Laura também estava rindo agora.

— Não, mas vou mandar o Murphy deixar a mula dele em *stand-by*.

Depois de mais chá, risadas e, para Laura, um banho e troca de roupas, ela

saiu rumo à casa de Dermot. Não estava com nenhuma vontade de rir agora. Lembrou-se do seu exame de conclusão do segundo grau, da prova para entrar na faculdade, da prova para tirar carteira de motorista e de ser chamada ao escritório da diretora da escola por alguma razão desconhecida. Nenhuma dessas experiências a tinha deixado tão trêmula.

Capítulo 14



Ela sabia o caminho, embora o tivesse feito na direção contrária na última vez. O fato de que a aldeia fosse tão pequena realmente ajudava. Além disso, nesta visita, o taxista passara pela casa dele, apontando-a como a residência da celebridade local. Ela teria preferido uma caminhada mais longa, podendo assim adiar o momento da verdade, fosse ela qual fosse. Laura teve a impressão de estar diante do portão dele dois segundos depois de ter saído da pousada.

Embora tivesse sido avisada de que não adiantaria, Laura começou batendo na porta e apertando a campainha por algum tempo. As lembranças do que quase tinha acontecido na última vez que ela estivera na casa de Dermot foram inevitáveis: as risadas, o abraço, a entrada arrastando os pés, ela muito bêbada, ele não muito melhor... Eles não queriam se separar nem por um instante. As lembranças não ajudaram.

Será que ela voltaria a sentir toda essa paixão? Quando finalmente fosse para a cama com um homem pela primeira vez, será que sentiria tanto desejo? Ou será que perder a virgindade seria como se livrar de algo que havia se tornado um fardo? Ela sabia que não era realista, mas não conseguia acreditar que voltaria a ter aquela química — pelo menos por uma noite — com qualquer outro. Havia algo em Dermot que deixava todas as suas extremidades nervosas em alerta. Quanto tempo levaria para encontrar outro homem, mais conveniente, que a deixasse se sentindo assim? Ela podia acabar sendo virgem até os 50!

Esses pensamentos a deixaram ocupada até ela ter a sensação de que tentara os métodos convencionais por tempo suficiente. Chegara a hora da abordagem pela porta dos fundos.

A porta dos fundos estava, é lógico, trancada. Ela se lembrava de que não estava fechada quando ela escapou para correr de volta à pousada nas primeiras horas da manhã. Agora, bater nela, empurrar e até dar um chute mal-humorado só indicou que estava trancada mesmo.

E agora? Talvez gritar. Talvez se ele ouvisse que era ela, e não algum jornalista, a deixasse entrar.

— Oi, Dermot! Sou eu, Laura! — Não foi fácil para uma pessoa normalmente quieta fazer tanto barulho, gritar seu nome para o mundo, mas ela fez o melhor que pôde.

A vizinhança devia ter ouvido seus chamados, mas Dermot obviamente não. Ela teria que pensar em outra coisa.

Dando a volta na casa, ela localizou uma janela ligeiramente aberta. Não estava na melhor posição para uma invasora inexperiente, mas teria que servir. Embora as cortinas estivessem fechadas, julgando pela localização, ela tinha quase certeza de que era a janela da sala de visitas. Se subisse em algo e pusesse o braço para dentro, talvez conseguisse abrir a metade de baixo com um galho ou algo assim. De repente ela percebeu a ironia da situação; na última vez em que estivera na casa de Dermot, saíra sorrateiramente. Agora ali estava ela fazendo de tudo para entrar do mesmo modo.

Ela arrastou a lata de lixo até a janela, pensando que tinha uma vantagem em relação a assaltantes comuns. Não se importava de ser pega; de fato, se o dono da casa ouvisse, seria bom. E, se um transeunte a visse, ela podia pedir ajuda, nem que fosse confundida com uma fã raivosa — ou possivelmente uma *stalker* excêntrica.

A lata de lixo oscilava um pouco, mas ela conseguiu calçá-la com duas pedras grandes que tirou da beira do canteiro. Era óbvio que Dermot não era um grande jardineiro, nem mesmo antes de se tornar eremita; portanto ela achou que ele não perceberia nem se importaria com isso.

Havia uma cadeira de jardim, e ela a puxou para dar mais estabilidade à lata de lixo. Depois de se assegurar de que não iria cair, subiu na cadeira e, em seguida, hesitante, na lata. Dali podia ver o trinco da parte principal da janela, mas não conseguia alcançá-lo, mesmo que se debruçasse. Mas um galho resolveria o caso.

Exigiu uma porção de manobras, mas enfim ela conseguiu abrir a maçaneta. Com muito tempo e esforço, conseguiu abrir o bastante para enfiar o galho. A janela se abriu.

Ela ficou quase desapontada por não ser vista por ninguém, tão orgulhosa estava enquanto travava uma batalha com as cortinas. Ergueu uma perna, depois outra, e acabou pousando na sala.

Apurou o ouvido, no caso de seu arrombamento ter perturbado Dermot. Como não havia ruído algum na casa, Laura foi tomada de súbito pânico. E se ele estivesse morto? Imagine se ela estivesse prestes a encontrar um cadáver em decomposição!

Seus pensamentos estavam tão confusos que por um instante ela não sabia se a ideia de Dermot ter morrido era mais terrível que a ideia de encontrar o corpo

dele. Começou a suar enquanto se convencia a organizar seus pensamentos. Marion, lá na pousada, não dera sinal de que alguém estivesse preocupado com a possibilidade de ele estar morto, e com certeza todos estariam aflitos se a morte de Dermot fosse algo provável. Apenas não o tinham visto desde o cerco dos jornalistas. Ela decidiu ir à caça.

Embora soubesse que ele não estaria ali embaixo, ela achou melhor dar uma olhada, para ter uma ideia de como andavam as coisas.

A cozinha lhe disse praticamente tudo. Estava um nojo. Parecia um projeto para um reality show que envolvesse profissionais de limpeza, esfregões e enormes quantidades de bactérias. Havia fileiras de latas de feijão vazias, as tampas dentadas empilhadas como se fossem conchas de ostras descartadas. Todas as canecas, pratos, pires e tigelas enchiam a pia. No chão, panelas sujas empilhadas. Aquilo era mais de uma semana de bagunça acumulada.

E ele não tinha descuidado apenas da louça. Diante da máquina de lavar havia um monte de roupa suja. Ela desconfiou de que haveria mais lá em cima.

Ao olhar melhor, ela percebeu que a sujeira era apenas superficial. Não havia gordura suficiente para escrever o nome nas paredes; só era óbvio que ele não lavava a louça fazia algum tempo. E, julgando pelas colheres e garfos enfiados nas latas de feijão mais próximas, ele não pretendia lavar nada. Estava comendo o feijão direto da lata.

— Eca — resmungou Laura em voz alta, e pensou se aquela não era a primeira palavra ouvida na casa em muito tempo.

Como não havia mais nenhum cômodo onde Dermot pudesse estar, ela corajosamente subiu.

Não foi preciso procurar muito, mesmo que ela não conseguisse se lembrar de onde era seu quarto. Pôde ouvi-lo roncando. Bem, então não estava morto, pensou, ciente do próprio alívio. Embora seu cérebro houvesse descartado essa possibilidade, seu subconsciente não a abandonara de todo. Mas agora, a menos que o ronco fosse de milhares de moscas voando em volta do cadáver em decomposição, ela sabia o que iria encontrar.

Chegando à porta do quarto, ela também conseguiu sentir o cheiro dele. Dermot estava deitado de costas com a boca aberta, dormindo profundamente. Vestia jeans e nada mais. Ele teria uma barba, reflexo de seu estado abandonado, caso os pelos pretos se apresentassem de forma ordenada, mas eram dispostos apenas em uma vasta quantidade. Os dentes cintilavam brancos entre os pelos, embora Laura pudesse apostar que não eram escovados havia bastante tempo. Ele parecia um animal feroz, um urso ou coisa parecida.

Laura pigarreou. Queria que ele acordasse, pois não aguentava mais se sentir uma arrombadora de casas. Depois que ele estivesse ciente de sua presença,

poderia se explicar. Mas ele não se mexeu.

Ela estava bem próxima das roupas sujas. Meias, camisetas, camisas, cuecas e pelo menos quatro calças estavam jogadas no chão. O que havia acontecido? Será que a faxineira tinha faltado e ele fora incapaz de pôr a roupa na máquina?

Sabendo que não deveria fazer aquilo, ela reuniu o máximo possível numa trouxa feita com uma camisa e levou para baixo. Talvez fosse melhor que ele não tivesse acordado. Seria mais fácil fazer tudo sem ele.

Laura ligou o rádio, amarrou dois panos de prato na cintura para não encharcar seu jeans e se lançou ao trabalho.

Deu-se conta de que devia ter ido comprar luvas de borracha, mas como isso envolveria encontrar a chave antes de sair e muitas perguntas ao chegar à mercearia, virou-se sem elas. Com certeza não conseguiria pular a janela outra vez.

Sua alma recicladora a levaria a lavar as latas de feijão, mas havia muito a fazer antes de se preocupar com isso. Verificou como a máquina de lavar funcionava e encheu-a, tapando o nariz enquanto enfiava as roupas. Depois que ela já estava ruidosamente fazendo seu trabalho, Laura voltou a atenção para a cozinha. Simplesmente não podia deixá-la nesse estado nem por mais um instante e também precisava ser útil até Dermot finalmente acordar. Não queria admitir que estava fazendo isso por amor.

Era uma proeza de organização encontrar um lugar onde pôr as coisas sujas e depois as limpas. Não era de admirar que Dermot recorresse ao chão. Ela abriu a janela e a torneira de água quente. Quando a água saiu, ela agradeceu a Deus, e agradeceu de novo ao achar detergente. Se não achasse, seria obrigada a ir à mercearia. Agora que já havia começado, fazia questão de que a cozinha ficasse brilhando antes que Dermot acordasse.

Depois de acabar de limpar a cozinha, o banheiro (que de certo modo estava ainda pior) e aspirar a sala, ela subiu até o quarto e chamou Dermot várias vezes. Ele continuou sem se mexer. Suspirando bem alto, ela desceu as escadas com passos pesados. Iria encarar a mercearia e o interrogatório. Não havia absolutamente nada na geladeira e nos armários, e Dermot deveria acordar com fome — a ideia de encarar um Dermot feroz e faminto não era nada atraente sem comida à mão para acalmá-lo. Seria sua oferta de paz, mesmo que não tenha sido ela a ir à imprensa.

Laura deixou a porta da frente destrancada e saiu. Estava com sorte. A mercearia estava cheia de gente jogando conversa fora. Ela conseguiu andar pelos corredores jogando as coisas na cesta. A moça do caixa passou tudo sem dar muita abertura para conversa. Era possível que ela parecesse uma veranista abastecendo seu chalé.

De volta a casa, ela fez uma sopa nutritiva, tirou o pó da sala e até cortou uns galhos do jardim e pôs num vaso quando já não aguentava mais — Dermot Flynn ia acordar!

Ela estava parada no vão da porta do quarto, pensando no que dizer, quando uma voz rouca fez seu coração bater mais forte.

— Que diabos está acontecendo?

Tentando dar uma impressão de calma, ela entrou no quarto para que ele a visse.

— Sou eu.

Dermot proferiu uma longa lista de xingamentos, mas ele não parecia zangado; apenas, muito, muito surpreso.

Laura não se impressionou.

— Tudo bem você ficar aí deitado e dizendo tudo isso, mas faz ideia de que horas são? — indagou ela. Estava cansada, faminta e preocupada. Tudo isso contribuía para deixá-la exasperada também.

Laura viu os músculos da barriga de Dermot se ondularem enquanto ele ria.

— O que você acha?

— A hora não é uma questão de opinião! — Então ela olhou para o relógio de pulso. — Quase cinco da tarde. Meu Deus! Faz horas que estou aqui!

— Como foi que entrou?

— Pela janela. Dermot, todo mundo está muito preocupado com você. Você está doente? Esteve doente? Por que ficou sem tomar banho, nem comer direito, nem lavar a louça por...

— Pouco mais de duas semanas. — Ele continuava lá deitado, sem mostrar sinais de se mexer.

— Ouça, levante-se, tome um banho, um longo banho, faça a barba e depois eu lhe dou uma sopa. Alho-poró e batatas. Eu mesma fiz.

— Como eu poderia resistir?

Ela saiu do quarto pisando forte e desceu. Chegando à cozinha, fechou a porta e sentou-se à mesa. Então fez o que andava com vontade de fazer havia algum tempo: permitiu-se chorar. O que tinha feito? Viajara centenas de quilômetros, limpou a casa nojenta dele, fizera uma sopa para ele, lavou sua roupa, deixara seu feminismo de lado e para quê?

Oficialmente tinha feito tudo isso porque Eleanora lhe pedira que fosse até lá, para descobrir o que havia acontecido com ele. Também precisava saber se ele realmente falava sério sobre não ir ao festival. Aquela mensagem furiosa podia ter sido enviada quando ele estava no auge da raiva, talvez não pretendesse fazer isso de verdade. Mas em seu coração ela também sabia que tinha vindo porque o amava. Fora por isso que havia limpado a casa e cozinhado para ele. Se tivesse

vindo por motivos estritamente profissionais, teria apenas jogado um balde de água em cima dele ou coisa parecida e recuado a uma distância segura, explicando aos vizinhos que ele estava bem, apenas num estupor alcoólico. Eleanora provavelmente esperava que ela fizesse um pouco mais que isso, mas não exigiria que se tornasse uma escrava.

Não era vergonha alguma amar alguém. O amor era uma emoção boa, animadora, que movia o mundo. Todo mundo sabe disso. Mas todo mundo, até alguém tão inexperiente quanto Laura, sabe também que é melhor manter os sentimentos para si mesmo até ter quase certeza de que são correspondidos.

Ela esperava que ele não percebesse por que ela havia feito tudo aquilo. Esperava que ele não lesse os sinais que para ela pareciam tão claros quanto um avião monomotor levando um cartaz pelo céu com os dizeres “Eu te amo” em letras garrafais. Os homens eram notoriamente burros para esse tipo de coisa.

Ouvindo a movimentação nos cômodos lá em cima, ela percebeu que devia se livrar de qualquer sinal de lágrimas e fraqueza. Poria toda a culpa em Eleanora. Dermot ficaria pensando que ela havia insistido em que Laura arrumasse sua casa nojenta e cozinhasse para ele. Talvez assim conseguisse não ser considerada uma completa imbecil apaixonada.

Seu conjunto emergencial de maquiagem na bolsa surgiu em forma de um tubo de base que ela aplicou no nariz, disfarçando a vermelhidão. Um rímel resolveu o problema dos olhos e ao ouvi-lo descendo as escadas, ela se sentiu bem respeitável.

— Laura, minha querida, o que está fazendo aqui? — Sua voz ainda estava um pouco rouca, mas isso não a deixava nem um pouco menos sexy.

— Eleanora me mandou. Todo mundo está louco de preocupação. Ninguém sabe o que aconteceu com você. Açam que você pode estar doente ou de porre, algo assim. — Ela fez uma pausa, olhando para ele, intrigada.

— Quase isso — admitiu ele, após uma pausa irritantemente longa. Dermot puxou uma cadeira e se sentou. Estava com uma calça jeans limpa e uma camisa também limpa, embora muito amassada, só meio enfiada para dentro. Uma parte de Laura ficou aliviada por ele ainda ter algumas roupas limpas.

— Mas você está bem? — Laura serviu sopa numa tigela. Queria uma explicação: uma gripe de verão, um problema de coluna, algo.

Não conseguiu nenhuma.

— Sim. — Ele começou a comer a sopa, faminto. — Não haveria...

Ela passou um prato com pão e manteiga para ele.

— É óbvio que não come nada há muito tempo. Por que isso?

Ele balançou a cabeça.

— Não conseguia — respondeu Dermot, com a boca cheia de pão.

— Eu posso fazer um sanduíche.

— Isso seria fantástico.

Agora que ele tinha começado a comer, não conseguia parar. Comeu um monte de sanduíches, todo o presunto, queijo e tomates que Laura trouxera e olhou em volta, querendo mais. Finalmente disse:

— Você não vai comer nada?

Ela deu uma risada, bebericando o chá.

— Agora não. Vou voltar à mercearia para comprar mais coisas. Será que ainda está aberta? — Ela desejou ter comprado mais antes, mas não tinha se dado conta da fome dele.

— Ah, sim, fica aberta até tarde no verão. Você tem dinheiro? Minha carteira deve estar em algum lugar. — Ele se levantou e começou a olhar em volta. — Nossa, o lugar está limpo!

— É. E não se preocupe com dinheiro. Eleanor me deu um monte de euros. Tudo acabará sendo descontado dos seus proventos.

Ele voltou a se sentar, genuinamente apavorado.

— Meu Deus do céu, não diga isso. Faz muito tempo que eu não rendo um tostão furado a ela.

— Não seja tão melodramático. Seus primeiros livros ainda vendem muito bem, como deve saber.

Ele balançou a cabeça.

— Sempre me esqueço disso. Acho que eu dou um jeito de me esquecer que escrevi aqueles malditos livros.

Laura franziu os lábios.

— Eu acho que não.

Ele a encarou por um longo tempo e suspirou profundamente.

— Nossa, eu mataria por um cigarro.

— E seria a mim que você mataria?

Ele semicerrou os olhos.

— Olha só, se você não for comprar uns cigarros para mim agora mesmo, sem dúvida vou te matar. — Depois ele sorriu.

— Ah, Dermot — disse ela, destilando sarcasmo para encobrir seu coração derretido —, você deve ter um dom especial para soltar essas frases tão sedutoras. Com certeza os pássaros desceriam das árvores para cumprir suas ordens.

— Se não quiser descobrir exatamente quais são os meus dons, vá à mercearia o mais rápido possível.

Se Laura não estivesse tão faminta e ciente de que seus sentimentos por ele deviam ser bem nítidos, ela poderia ter ficado tentada a desafiá-lo. Mas não o

fez. Deu-lhe um sorriso de diretora de escola, pegou a bolsa e foi às compras outra vez. Foi só quando estava no meio do caminho que percebeu a falta de uma razão plausível para que ele mesmo não pudesse ir à mercearia.

Sua reaparição em tão pouco tempo provocou uma enorme agitação; ela não havia sido confundida com uma veranista antes, todo mundo sabia exatamente quem ela era e para quem estava fazendo compras. Isso significou que ela teve de contar a todos, várias vezes, exatamente o quanto ele estava bem e o tamanho de sua fome. Ela encheu duas cestas de arame e ainda se lembrou:

— Ah, você sabe que marca de cigarros ele fuma?

O homem atrás do balcão estendeu a mão para trás e trouxe um pacote de tabaco e papel de enrolar.

— Ele mesmo os enrola, mas parou de fumar em março.

— Bem, ele disse que me mataria se eu não arrumasse uns cigarros, então acho que não vou lembrá-lo disso.

Depois de Laura pagar pelas compras e de tê-las guardado nas sacolas, o homem disse:

— Dermot é mesmo um sujeito de sorte para encontrar uma mulher como você.

— Ah, eu não sou essa mulher! É só... Uma relação de negócios — Ela não queria entrar em detalhes.

O homem deu uma risada.

— Vou contar essa à minha esposa. Ela vai achar divertido.

Laura decidiu não prolongar a questão. Podia entender muito bem que a ideia de Dermot ter uma relação de negócios com qualquer mulher mais jovem que Eleanor era um pouco difícil de acreditar.

Dermot pegou o tabaco e o papel com um sorriso que teria derretido o coração de Laura se isso já não tivesse acontecido. O sorriso dele era excepcionalmente sexy. Saber que todas as outras mulheres do planeta provavelmente compartilhariam essa opinião não era encorajador.

— Então — disse ele, pondo o tabaco no papel de cor escura. Ele lambeu o papel e o enrolou. Não pôs o cigarro entre os lábios; só ficou olhando para Laura pelo que pareceu ser uma eternidade.

— Então? — cedeu Laura, incapaz de suportar outro segundo de silêncio.

— Então, foi você que revelou minha história à imprensa?

Ela sabia que eles teriam essa discussão e se sentia mais ou menos preparada.

— Não foi a “sua história”, foi apenas o fato de que você concordou em comparecer ao festival. — Ela ficou satisfeita por parecer tão calma. — Mas, na verdade, não, não fui eu. Eu jamais faria isso.

Seus olhos estreitos e narinas levemente dilatadas significavam que ela

precisava se esforçar um pouco mais para manter a falsa calma.

— Deve ter sido a Eleanora — conjecturou ele, um rosnado na voz.

— Não! Não foi. Assim como não foi Fenella, nem Rupert, nem ninguém ligado ao festival. Nem sequer Jacob Stone, que teria adorado berrar o seu nome de cima do telhado. — Laura sentiu uma crescente irritação. Como Dermot podia pensar que qualquer um deles faria uma coisa dessas quando prometeram que não fariam? Duvidava da palavra deles?

A admiração de Jacob Stone não o impressionou.

— Parece que você sabe quem foi. — Ele parecia pronto para devorá-la inteira, numa única mordida. — Pelo amor de Deus, me diga! — exigiu ele.

Laura estava decidida a não deixar que a raiva dele a desconcertasse.

— Acho que foi um dos alunos — confessou ela baixinho, mas com firmeza. — Há um blog que, tenho quase certeza, foi escrito por um deles.

— Quem?

— Gareth Ainsley.

— Eu mato esse cara — disse Dermot, levantando-se, punho cerrado, semblante furioso.

O que quer que estivesse fazendo Laura agir da maneira certa, concentrada em sua tarefa, se rompeu. Ela se virou contra ele.

— Ah, pelo amor de Deus, Dermot! Você é tão incrivelmente precioso! Que importa se um coitado de um aluno de uma oficina escreve sobre você num blog, revelando seu segredo nada interessante ao mundo! Ele não falou a ninguém que você é gay! Não disse que era viciado em heroína! Nem pedófilo! Só o que disse, entre um monte de lixo bajulador, foi que você iria aparecer num minúsculo festival do qual ninguém ouviu falar!

Os olhos dele se inflamaram, e se ela própria não estivesse tão exasperada, teria ficado com medo. Aliás, parte dela estava com medo.

— Bem, agora todo mundo sabe, não é? Isso pôs a situação no mapa de uma vez por todas!

— E é uma coisa tão ruim assim? Será que realmente importa, no fim das contas, que as pessoas saibam que Dermot Flynn, o “maior escritor irlandês vivo”, pode aparecer num festival literário?

— Importa quando se é Dermot Flynn! Você faz alguma ideia do quanto toda essa atenção é destrutiva para uma pessoa criativa?

— Não, porque, graças a Deus, eu não sou uma pessoa criativa! Sou apenas a pequena Jane Eyre, que resolve tudo para vocês, “criaturas criativas” patéticas, irritantes, solitárias, que só olham para o próprio umbigo! — Ela tomou fôlego. Estava cheia daquilo. — Bem, estou de saco cheio de pessoas criativas. Acho que são um mito. Acho que você é um mito! Um mito criado por você mesmo

que finge ter um bloqueio criativo para passar o resto da vida fazendo absolutamente nada! Acho...

Os braços dele a envolveram, tirando-lhe o fôlego, e antes que ela pudesse respirar novamente, suas bocas estavam coladas.

Laura quase desmaiou, não sabia se por falta de oxigênio ou por desejo. Cada pedacinho feminista dela devia estar esperneando, gritando, mordendo e arranhando, mas seu outro lado recusou-se a fazer mais do que gemer debilmente.

Os lábios dele a beijaram como se fossem devorá-la, deixando clara a ferocidade de seus sentimentos. Suas mãos agarravam as roupas de Laura, apertando-a contra ele, esmagando-a, fazendo suas pernas vergarem.

Ao caírem sobre a mesa, ela deslizou, e Laura teria caído no chão se Dermot não tivesse feito um movimento rápido, sustentando o peso dos dois. Ele soltou sua boca por um instante, mas apenas o suficiente para inspirar antes de beijá-la outra vez.

Laura estava desfalecendo, uma parte minúscula dela lembrando-se de que, apesar de ter lido esse tipo de coisa nos livros, nunca realmente acreditara que elas ocorriam. Como se fossem um só, eles seguiram para a sala de estar, Dermot abrindo a porta com um chute, e levando os dois até o sofá. Minutos depois, já estavam no chão.

Dermot puxou a camiseta dela para fora das calças. Estava beijando sua barriga, brigando com o botão do jeans quando pareceu vir a si.

— Laura? Você quer isso?

— Ahã — respondeu ela, assentindo sofregamente, pensando que se ele parasse, ela morreria. Ela sabia que teria o resto da vida para se arrepender, mas era melhor se arrepender de algo que tivesse feito do que o contrário.

Agora era ela que tirava as roupas dele, liberando-o da camisa para poder sentir sua pele.

— A gente não quer ficar pinicando por causa do carpete — disse ele. — Venha.

Laura quis objetar, certa de que se eles subissem, sua sanidade retornaria, e ela não queria isso. Não teve chance de dizer coisa alguma. Pegando-a pelo punho, ele a conduziu escada acima e até o quarto.

Ela só teve tempo suficiente para notar que havia um lençol limpo na cama, sem estar enfiado, sem estar esticado, mas limpo, antes que ele abrisse o zíper de seu jeans e o puxasse para baixo, tirando as meias e jogando-a na cama. Laura começou a rir baixinho, sem controle, delirando de alegria.

— Já chegamos a esse ponto antes. — Ele suspirou. — Quer desistir?

— Não, não quero.

— Qualquer momento em que mudar de ideia...

— Não vou mudar de ideia. Estou sóbria e não vou mudar de ideia.

— Nem eu — garantiu ele.

Após o ímpeto ofegante vivido lá embaixo, Dermot foi devagar, tirando o restante das roupas de Laura com cuidado sensual. O resto das dele foi tirado e chutado para longe.

Laura engoliu em seco ao retribuir seu olhar, sério e terno agora. Depois, deitado ao seu lado, apoiado num dos braços, ele continuou a olhar seu corpo. Em vez de se sentir acanhada, ela se sentiu como uma flor se abrindo sob o calor do sol.

— Você é tão linda, Laura — elogiou ele num sopro, e ela se sentiu tão bonita e tão sexy que pensou que ia derreter.

Então, ele pôs uma mecha de cabelo para trás da orelha dela e passou o dedo por seu rosto, ao longo do maxilar e do queixo antes de voltar à orelha, descer pelo pescoço até o ombro.

— Sua pele é uma seda. Desculpe, não é um modo original de descrevê-la, mas é o melhor que consigo fazer no momento.

Ela deu uma risadinha encantadora.

— Tudo bem, eu não me importo que você não faça amor comigo em pentâmetros iâmbicos.

Dermot beijou a parte interna do cotovelo dela.

— Que bom, eu gosto muito mais dos versos livres.

— E do amor livre — murmurou ela, mas ele não devia ter ouvido, pois não respondeu.

A princípio, Laura ficou tensa com as sensações que ele provocava com a boca, os dedos, a respiração. Mas a terna confiança dele a fez relaxar, e ela se permitiu sentir e corresponder. A pele dele também dava a sensação de seda, mas ela não falou nada, só roçou os lábios na curva de seu braço, sentindo a forma de seus músculos.

Depois, quando ele prestou íntima atenção a ela com os lábios e a língua, ela achou que a sensação fosse subjugar a e resistiu. Em seguida, a sensação superou sua resistência e ela quase perdeu a consciência. Dessa vez, de prazer.

Bem depois, ela disse:

— Meu Deus! É sempre assim?

Ele riu, ainda meio ofegante.

— Não, não é sempre assim. Química é algo que não dá para fingir. Nós nos empenhamos em estabelecer um altíssimo padrão para sua primeira vez. — Ele suspirou profundamente. — Eu estava absolutamente decidido a te dar a melhor

experiência possível, mas se você não tivesse correspondido como fez, não teria sido tão maravilhoso. — Ele a puxou para mais perto. — Você tem o dom natural.

— Tenho? Que bom. Sempre achei que seria uma porcaria no sexo. — Uma lembrança flutuou em sua mente. — Monica disse que você seria demais para uma novata. — Ela ouviu o eco do riso dentro do peito dele.

— Bem, acho que sou mesmo, de modo geral, mas você e eu realmente parecemos ter algo especial. — Ele deu outra risada. — Quando contar tudo a ela, não se esqueça de dizer que eu usei camisinha.

— Talvez eu não conte tudo a ela. — Só então Laura percebeu que não gostava da ideia de compartilhar o segredo especial deles.

— Ela vai arrancar de você. Não precisa contar os detalhes.

— Claro que não! — Relembrar alguns detalhes a fez corar e ficar excitada outra vez. Ele tinha mesmo feito aquelas coisas? E ela tinha mesmo gostado tanto?

— Mas você não se esqueceu de nenhum detalhe?

— Não...

— Bem, só para garantir que não esqueça, acho que vamos repetir o exercício...

Capítulo 15



Eles “repetiram o exercício” de modo intermitente a noite toda. Laura acordou cedo. Não tinha comido muito no dia anterior e agora sentia uma fome absurda. Tentou não se mexer muito, mas não foi o suficiente, pois Dermot se agitou.

— Tudo bem? — murmurou ele em sua nuca.

— Ahã, mas estou morrendo de fome! — Ela suspirou de alegria ao pensar no motivo.

— Humm, eu também. — Dermot espreguiçou-se. — Será que sobrou alguma comida?

— Acho que não. Acho que você comeu tudo.

Ela se lembrou de que ele assaltara a geladeira na noite anterior e comera os últimos suprimentos que ela tinha comprado, enquanto ela própria estava agitada demais para comer alguma coisa.

— Nesse caso, minha querida, é melhor eu me levantar e ir comprar o café da manhã. Estou com um desejo excêntrico de comer *kedgeree*.

Ele saiu da cama e começou a procurar as roupas.

— Parece complicado — comentou Laura, tendo decidido que era melhor não olhá-lo andando por ali, totalmente nu, não se tivesse de esperar para transarem de novo. A fome fora momentaneamente esquecida.

— Ah, não é não — retrucou Dermot. — Eles têm isso semipronto. Só é preciso pôr numa panela, acrescentar manteiga e um pouco de creme de leite e aquecer em fogo baixo. Eles compram especialmente para mim na mercearia. Ainda bem que estão funcionando no horário de férias, caso contrário ainda não estariam abertos.

Ele puxou a calça jeans para cima. Estava prestes a pôr a camisa quando hesitou.

— O que foi? — Laura estava esperando que ele tivesse se esquecido da fome também e só quisesse voltar para a cama.

— Nada. — Ele continuou se vestindo.

Laura o observou, pensando, e então disse:

— Já sei qual é o problema. — Sentou-se. — Se você for à mercearia vai ser um deus nos acuda, todos cairão em cima de você e vai demorar décadas para voltar.

Ele sorriu.

— Eu vou parecer tão incrivelmente satisfeito comigo mesmo que eles vão saber muito bem o que andei fazendo. Todos vão querer conversar.

Laura pulou da cama.

— Eu vou. Não posso ficar aqui deitada, morrendo de fome, esperando que você acabe com os mexericos. Faça uma lista. Tome um recibo velho e um lápis.

Ele deu uma risadinha e começou a escrever.

— Ser bagunceiro tem suas vantagens, sempre se acha algo onde escrever.

— Sempre achei que os escritores guardassem um caderninho ao lado da cama.

— Nem todos.

Ela já estava quase toda vestida quando se virou para Dermot, que havia se deitado de novo, ainda de jeans.

— Posso fazer uma pergunta?

— Qualquer uma.

O olhar dele estava tão cheio de luxúria, que Laura se virou sorrindo. Isso poderia esperar até mais tarde, depois que ela tivesse comido algo.

— Você trocou o lençol ontem, antes de descer, porque sabia o que iria acontecer?

— Troquei porque eu sabia o que eu queria que acontecesse, mas nunca achei que fosse acontecer de fato. Além disso, estava bem nojento. Posso ser relaxado, mas troco a roupa de cama uma vez por ano, seja necessário ou não.

Rindo, ela desceu e, encontrando a bolsa, saiu da casa.

Ao retornar à mercearia, ela tinha certeza de que todo mundo saberia muito bem o que ela andou fazendo, mas, com sorte, não encontraria as mesmas pessoas trabalhando lá agora de manhã. Pensou no que acrescentar à lista de Dermot; achava que não estava com vontade de comer *kedgeree*, embora parecesse uma boa ideia. Mas pão e presunto seria uma boa ideia, e talvez suco de laranja e croissants, se houvesse.

Estava com a cabeça cheia de planos sobre o que eles iriam comer quando entrou na mercearia. Fez um cumprimento sem olhar nos olhos de ninguém e foi para um dos corredores, ficando fora de vista, na esperança de que não lhe perguntassem sobre Dermot.

Tudo teria ficado bem se ela tivesse conseguido achar o *kedgeree* que ele tanto queria comer. Precisou perguntar.

Enquanto o local certo lhe era apontado em meio a frases do tipo “Você

retornou tão rápido. Então, como está o velho escritor?”, uma mulher alta e magra aproximou-se de Laura. Era pouco mais velha que ela, a pele castigada pelas intempéries, cabelo escuro e preso num coque na nuca, e vestia uma camisa alvíssima enfiada dentro das calças jeans.

— Então você está procurando o *kedgeree* de Dermot, não é? — A mulher a olhou de cima a baixo. — Sabia que ele sempre gosta de comer isso depois de fazer sexo? — Ela deu uma risada, fingindo que brincava.

— Não, não sabia — disse Laura, corando à menção de sexo e porque a mulher a inspecionava como se ela fosse um cavalo que a outra tinha a intenção de comprar.

— Ah, é. Ele diz que restaura sua “energia vital”.

Os dentes da mulher eram um pouco tortos, desbotados, e seu sorriso não chegava aos olhos. Nunca antes Laura se sentira tão depreciada, muito menos por uma total estranha. O sentimento foi mútuo; havia algo nessa mulher que fez Laura logo se arrepiar.

— Bem, eu não poderia saber disso — respondeu Laura, tentando continuar com suas compras.

A mulher bloqueou seu caminho.

— Ah, sim. Mas se você lhe disser que eu estou de volta, seus serviços não serão mais necessários.

— Ah, você é a faxineira dele, então? — O lado vil de Laura veio à tona e atacou.

Isso desconcertou a mulher um pouco, mas não por muito tempo.

— Não, não sou a faxineira dele. Apenas lhe diga que estou de volta, tá bom? — Outro sorriso falso foi dirigido a Laura.

— É preciso que me diga quem você é. — Laura não iria perder mais tempo com essa mulher.

A mulher deu outra risada.

— Ah, não, ele vai saber quem eu sou quando você me descrever. Eu e Dermot somos bons e velhos amigos.

Ao voltar para a casa de Dermot, Laura tentou se livrar dos sentimentos desagradáveis que a mulher havia provocado. Ela a fizera se sentir uma vadia, e Laura não sabia se em algum momento conseguiria deixar de se sentir assim. E, o que era quase pior, ela achava que todos na mercearia sabiam que tinha dormido com Dermot e achavam que ela era uma vadia. Não gostava dessa sensação. E o que a mulher queria dizer com “bons e velhos amigos”? Era como se a estivesse ameaçando. E tudo aquilo sobre o desjejum típico dele. Ela se sentiu desvalorizada, magoada e usada; foi tomada de uma vontade incontável de ir embora o mais rapidamente possível. Porém, quando verificou a

disponibilidade do serviço de táxis e um homem lhe disse que a levaria ao aeroporto no momento em que ela o chamasse, não se sentiu melhor. Era óbvio que ele pensou que Dermot queria se livrar dela logo. Seu estado de júbilo tinha se evaporado completamente. As dúvidas sobre os motivos de Dermot aumentavam, alimentando sua crescente sensação de inquietação. Será que ele a seduzira porque ela estava lá, pronta e desejando-o? É provável que ele e sua “boa e velha amiga” caíssem na gargalhada quando ela fosse embora.

Agora, no entanto, ela teria que passar a próxima hora mais ou menos sem deixar Dermot saber como ela estava realmente se sentindo. Seria calma, contida e bem-educada. Sem dúvida, não queria que ele percebesse o quanto ela se sentia humilhada.

Ao entrar na casa, ela pôs um sorriso no rosto e o chamou.

— Voltei! Quer cozinhar esse *kedgerie* ou devo ler as instruções e fazer isso?

Dermot apareceu pouco depois, quando ela já havia decidido tentar fazer o *kedgerie*. Sentia-se péssima. Não havia passado de uma transa, e ela teria sorte se saísse dessa sem que Dermot lhe pusesse dinheiro na mão para pagar o táxi.

Estava mexendo a mistura de arroz na manteiga derretida.

— Uma mulher na mercearia pediu que lhe dissesse que ela está de volta — disse ela do modo mais indiferente que pôde, sem querer olhar para ele até se sentir mais calma.

— Ah? E quem era?

— Ela não quis dizer o nome. Disse que você saberia quem ela é e que vocês são bons e velhos amigos.

Dermot riu.

— Ah, deve ser a Bridget! É uma figura, não é? Senti falta dela. Ficou fora durante meses. Imagino que venha aqui em breve, querendo me ver.

Laura não pôde nem ouvir. Ele estava confirmando seus piores temores. Nem tentava negar!

— Ah, pois bem, ela voltou agora. Você quer chá ou café com o seu *kedgerie*?

— Ela sabia que estava sendo seca, mas era a única coisa que podia fazer para não cair em prantos, e isso ela não faria na frente dele. Além de tudo, ela estava irritada, com ele e consigo mesma por ser tão boba. Ainda não conseguia olhar para Dermot.

— Laura, o que foi? Você saiu daqui sem a menor preocupação e agora está toda tensa e ansiosa. O que aconteceu? Alguém foi grosseiro com você na mercearia?

Ele pareceu meio confuso, e por um segundo Laura pensou em lhe contar o que sua amada Bridget lhe dissera, mas depois percebeu que não podia. Bridget era a boa e velha amiga, não ela. Não podia dizer: “Sua boa e velha amiga, de

quem você gosta tanto, me fez sentir como uma puta e disse que você não precisaria dos meus serviços, agora que ela está de volta.”

— Ah, não, nada disso. — Ela mexia o conteúdo da panela furiosamente. — É só que me dei conta de que o meu voo é mais cedo do que eu pensava. Preciso ir agora.

— Mas nós íamos tomar o café da manhã juntos. Na cama, eu pensei.

Ele continuava com o teatro. Ela conseguiu dar uma ligeira risada.

— Ah, não, sinto muito. Na verdade, meu táxi deve chegar a qualquer momento.

Ele coçou a cabeça, franzindo o cenho.

— Então eles trocaram o horário do voo de volta para a Inglaterra? Sempre foi à noite.

— Ah, é, trocaram. — Ela desligou o fogão e largou a colher de pau. — Só vou até lá em cima para garantir que não esqueci nada.

Mas ela não precisava olhar no andar de cima para saber que tinha deixado duas coisas que não poderia recuperar: sua virgindade e seu coração. Ambos tinham se perdido para sempre.

Capítulo 16



Infelizmente para Laura, o horário do voo para a Inglaterra não havia mudado: seu tempo de espera foi muito longo, dando-lhe bastante tempo para perceber que se entregara inteiramente a um homem que só a queria naquele momento, não para sempre. Ele não tentou impedi-la, nem lhe perguntou de novo o que tinha acontecido, só ficou lá parado, parecendo atônito, como se não conseguisse entender por que ela não caíra novamente em seus braços, toda “Você é mesmo maravilhoso, Dermot” e “Oh, deixe-me servi-lo”. Além de tudo, ele obviamente tinha uma namorada, mas como ela estava fora e sendo o tipo de homem que era, precisava encontrar uma substituta. Ou seja, Dermot era o clássico cafajeste, ainda que bem charmoso. Quanto tempo levaria para esquecê-lo? Saber que ele era um cafajeste não apressaria o processo.

Eleanora a buscaria no aeroporto, de onde elas iriam para Somerby. Laura não estava nem um pouco ansiosa para enfrentar o interrogatório que se seguiria ao momento em que as duas se encontrassem. Eleanora ficaria perguntando sobre Dermot, e Laura já ensaiara algumas frases prontas do tipo: “Ele está bem agora. Comendo bem! Parecia bem contente quando o deixei.” Fenella perguntaria sobre o festival, e ela não sabia como iria lhe contar que não havia nem questionado se ele viria. Não conseguia nem explicar a si mesma por que não fizera essa pergunta. Após a discussão em que ele acusou todo mundo de vender sua história aos jornais e ela o acusou de ser pretensioso e do que acontecera a seguir, tudo que se referia ao festival fora varrido de sua mente — um sexo realmente incrível e a humilhação subsequente provocaram esse efeito.

No avião, ao reconhecer que não poderia simplesmente deletá-lo da cabeça e que precisaria vê-lo e lidar com ele novamente, ela decidiu que lhe enviaria um e-mail, perguntando se ele iria mesmo comparecer, esperando que pelo menos ele respondesse com um sim ou um não. No entanto, ele teria que admitir, pensou ela com amargura, que ela cumprira as condições originais exigidas e seria uma quebra de compromisso se ele não fosse.

Apesar de toda a tristeza, ela sabia que não se arrependeria de ter transado

com ele, embora ele tivesse estabelecido um padrão bastante alto, impossível de ser seguido. O que aconteceu depois, na mercearia, ela tentou tirar da cabeça. Até o avião pousar, ela ficou remoendo a situação, seu estado de espírito se revezando entre a amargura e a ternura.

Eleanora lhe deu um beijo no rosto, um tapinha no ombro e, como Laura previra, foi direto ao interrogatório.

— Como foram as coisas, querida? E Dermot? O miserável vai aparecer no festival ou não? Estamos todos aflitos.

Laura pareceu pensar, embora de fato já tivesse planejado o que dizer.

— Ele está bem, pelo menos quanto a doenças ou coisa parecida, mas sobre o festival, não tenho certeza. — Ela ficou orgulhosa da calma em sua voz, apesar do turbilhão interior.

Depois de alguns segundos de irritação, Eleanora logo seguiu para coisas mais importantes.

— Nenhum sinal de que ele esteja escrevendo, não é?

Laura puxou pela memória. Toda aquela limpeza teria mostrado sinais de trabalho, e no quarto ela precisou usar um recibo como lista de compras.

— Não, eu teria notado se houvesse. — Entregou a mala para o taxista.

— Ele costumava escrever à mão em grandes blocos de papel ofício, só de um lado. Quando acabava cada folha, ele a jogava no chão e juntava as partes só quando acabava.

Ela balançou a cabeça.

— Não havia sinal de papel ofício, muito menos pilhas de folhas escritas. A casa estava num estado amedrontador, mas acho que se elas existissem, estariam bem à vista.

Eleanora também balançou a cabeça, como que para afugentar a decepção.

— Entre, querida, precisamos seguir adiante.

Quando as duas estavam acomodadas no banco de trás, chupando balas de hortelã, Eleanora continuou:

— Mas então, por que você não o pressionou sobre o festival? Um simples “não” teria resolvido.

— Na verdade, não deu. Simplesmente não era a hora certa. Ele estava muito exasperado por ter sido exposto pela imprensa.

— Ele realmente tem um temperamento terrível — Eleanora franziu o cenho. — Foi grosseiro com você, não foi? Ele sabe ser impiedoso.

— Não, ele não foi grosseiro. — Embora o efeito tivesse sido o mesmo. Ela tinha certeza de que ele nunca pretendia ser grosseiro ou magoá-la de modo algum; no que dizia respeito a cafajestes, ele até era legal.

— Então, o que você vai fazer em relação ao festival? Fenella está fora de si,

querendo saber. Ela acha que vai ser constrangedor se todos esses autores concordarem em vir por causa dele e ele não aparecer.

— Vou enviar um e-mail. É só o que posso fazer, na verdade. — Ela entraria em contato com ele do modo mais formal possível. — Mas, considerando todos os que eu enviei a ele antes e que ficaram sem resposta, acho que Dermot nem verifica os e-mails.

— É bem provável. Mas não se preocupe, agora que a notícia foi divulgada, podemos finalmente anunciar a presença dele, mesmo que ele não apareça.

— Mas com certeza isso seria fraude, ou falsa propaganda, algo assim, não é?

— Não. Nós não sabemos se ele *não* vem. Ou sabemos? — Eleanora encarou Laura com olhos brilhantes, desconfiada de que ela não tivesse contado tudo.

Laura realmente não tinha contado tudo, mas também não mentira sobre o festival.

— Verdade, não sei.

— Então tudo bem anunciá-lo. Afinal, já fizemos todas as insinuações possíveis. Fenella mandou fazer uns *banners* para serem colocados sobre os cartazes. Parece que a venda de ingressos aumentou que foi uma loucura. Mas o mais importante foi que muitos grandes nomes da literatura que não queriam confirmar presença agora concordaram em vir. Estão todos loucos para conhecer Dermot. E nós somos as únicas que desconfiam de que ele pode não vir, então vamos deixar isso em segredo.

— Então, quando é o grande jantar? — perguntou Laura.

— Ah, o jantar para todos os autores que vão comparecer? Na próxima sexta, antes da grande abertura. Laura, você não pode ter esquecido! Nós falamos sobre isso. Você anotou e convidou todo mundo.

— Desculpe. Estou meio distraída.

Eleanora lhe lançou um olhar que a fez corar. Seria possível que perder a virgindade e ter uma noite de sexo fabulosa fosse algo tão evidente assim? O rubor de Laura aumentou. Só parte dele era por causa do sexo, a outra era a sensação que Bridget lhe provocara: a de ser uma substituta, não mais que uma prostituta.

Por fim, Fenella foi comedida sobre a possibilidade da não aparição de Dermot. Acalmou os cachorros, conduziu Eleanora e Laura até a cozinha lá embaixo e lhes entregou duas grandes taças de vinho. Laura desconfiou de que fora Rupert, que agora tinha toda a atenção voltada para o forno, quem a havia acalmado.

— Bem, se for para ele vir, ele virá, não há nada mais que se possa fazer a respeito — decretou, lançando um olhar para Laura que sugeria que não acreditava muito nas próprias palavras. — Sirva-se de azeitonas, Laura.

— Dermot sempre ditou as regras — disse Eleanora. — Muito bom este vinho, Rupert.

— Bogof — anunciou Fenella —, comprei no supermercado.

— Ah. Ora, é muito bom.

— Então, Laura, foi muito assustador encontrar o Dermot barbudo em seu covil? — perguntou Fenella. — Eleanora nos contou o quanto ele pode ser medonho.

A tia concordou, contente de bebericar seu vinho, sem interpor sua opinião pertinente, para variar.

— É verdade, ele foi meio duro com alguns dos alunos — concordou Laura. — E dessa vez foi um pouco tenso. Eu tive que arrombar a casa dele.

Rupert deu uma gargalhada.

— Não consigo imaginá-la arrombando uma casa, Laura.

— Ficaria surpreso se visse como eu me saí bem. Eu... — Bem em tempo, ela se impediu de contar a frequência com que havia entrado e saído sorrateiramente da casa nos últimos tempos. — Eu tinha a vantagem de não me importar se alguém me pegasse fazendo aquilo. Teria pedido ajuda a qualquer um.

— Mas não apareceu ninguém?

— Não. Nunca ninguém aparece, quando se precisa.

— Você fez exatamente o que devia, não o pressionando muito — afirmou Eleanora. — Eu mesma devia ter ido. Não me assusto com seus acessos infantis de raiva. Não sei se já contei. Certa vez estávamos em Ivy...

Laura começou a relaxar. Ninguém a estava culpando por não trazer, escrita em sangue, a promessa de Dermot de comparecer, e agora Eleanora contava uma história divertida sobre um ataque de raiva dele. Seu possível fracasso estava sendo visto como uma retirada sensata. O que Laura não podia dizer era que ela não tinha ficado nem remotamente assustada com o temperamento de Dermot, apesar de tê-lo presenciado. Depois que eles começaram a fazer amor, ela simplesmente se esqueceu do maldito festival.

Na manhã seguinte, na sala designada como Secretaria do Festival, Fenella e Laura discutiam os detalhes. Eleanora estava fora, inspecionando alguns dos locais com Rupert.

— Kathryn Elisabeth confirmou — anunciou Fenella.

— Ah, eu preciso avisar minha antiga vizinha. Era uma velhinha rabugenta, mas se interessou pelo festival. Vai ficar muito animada.

— Todos vão, ela é uma autora muito popular. Vai dar uma oficina de escrita. Até agora vendemos 15 ingressos, mas só podemos acomodar vinte, e tenho outras pessoas contadas como certas para ocupar esses lugares.

Laura estava aliviada por ninguém saber como ela se sentia e por ter sido logo jogada nos assuntos do festival.

— Ótimo. Precisamos ter todos os livros publicados dela. Por falar nisso, Henry está indo bem? Todos os autores que vão comparecer têm exemplares para vender e autografar?

— Ele tem sido nota dez! Não só comprou os livros de todos os autores que convidamos, como também de alguns outros de gêneros semelhantes. Disse que você o treinou muito bem.

Laura riu.

— Na verdade, foi ele quem me treinou. — Fez uma pausa. — Então, o que vamos fazer com os autores que não confirmaram? Faltando só uma semana, fica meio em cima.

— Só tem um não confirmado até agora. — Fenella tomou um gole de café, fixando os olhos em Laura por trás da caneca.

Laura esperou que Fenella não tivesse notado seu rubor.

— Teremos que planejar eventos para preencher a vaga dele. O que foi mesmo que havíamos planejado para ele?

— Além da entrevista principal? Uma “Noite de Música e Literatura Irlandesa”.

Laura pensou um pouco.

— Ah é, no pub, para recriar uma atmosfera irlandesa.

Fenella assentiu.

— Só que não poderíamos usar o pub. Não entrariam mais de dez pessoas, e o dono não ficou muito entusiasmado. Além disso, devo ser honesta, eu tenho um pé atrás com poesia. É um festival novo... Acho que poesia não é muito popular. A poesia dele é maravilhosa?

Laura deixou a cabeça pender para o lado.

— É, mas não tanto quanto a prosa.

— Vamos tirar então? Ainda mais que ele é capaz de não aparecer?

— Seria uma pena. Podíamos então ter a música e alguém leria trechos de literatura irlandesa. Eu posso escolher alguns. Não precisam ser todos de Dermot. Quem poderia ler?

— Quer dizer que você acha que Dermot não vai aparecer? — perguntou Fen.

Laura suspirou. Ela já nem sabia o que pensar. Achava que conhecia Dermot, e então Bridget apareceu diante dela como uma bruxa em trajes modernos, e ela sentiu que não sabia nada sobre ele.

— Não faço ideia. Acho que devíamos fazer planos para o caso de ausência. Aí ele aparece só para nos aborrecer.

Fenella riu.

— Você ficaria aborrecida?

— Se a gente tivesse feito o maior esforço para preencher a vaga dele, sim. Quem pode ler os trechos? Você conhece algum ator?

— Não, mas Hugo, marido de Sarah, tem uma voz muito boa.

— Seria bom alguém que falasse com sotaque mais irlandês. A voz de Hugo é meio empastada, não é?

— Pensaremos em alguém. Rupert pode imitar o sotaque, se estiver bêbado. Ele tem sangue irlandês.

Laura fez uma anotação: “Rupert, bêbado, para ler trechos selecionados de literatura irlandesa. L. faz seleção. Parece ótimo, só que não.”

— Vai ser incrível. A banda do namorado da Monica vai ser um charme. Daremos cerveja de graça a todos, como brinde.

— Bem, assim todo seu lucro entra pelo cano. E a banda do namorado de Monica é um charme mesmo?

— Nem tudo é só pela grana. E é isso que eu espero! Monica ainda não conseguiu ouvi-los tocar. Está ficando meio ansiosa com isso.

— Fantástico! Uma banda medíocre toca enquanto Rupert imita um sotaque e lê trechos de *Ulisses*. Mal posso esperar.

Fenella riu.

— Você não precisa escolher *Ulisses*. Selecione uns trechos engraçados, e Rupert poderá declamá-los com sua voz normal. Quanto à banda, por que você não vai ouvir? Monica ficaria empolgada. Por falar nisso, ela ligou ontem à noite, querendo saber como você se saiu na Irlanda. Eu disse que você já tinha ido dormir, exausta. Ela pareceu achar isso bem engraçado. De qualquer modo, falou de um show de Seamus que finalmente poderá assistir. O Grant também vai. Ligue para ela e combine de ir junto.

— Certo, vou fazer isso. Que bom que Monica e Grant ficaram tão amigos. Eu sabia que se dariam bem. Quando o festival acabar, talvez eu me torne uma agente de casamentos.

— Humm. Se Monica e Grant estiverem no tipo de relacionamento que você tem em mente...

— Ok, entendo o que quis dizer. Então... — Ela fez outra anotação. — Só o que precisamos é pensar num modo de preencher a grande noite de domingo em que Dermot participaria do debate principal. — Mais uma pausa. — Quem iria entrevistá-lo? Você não tinha alguém em mente?

Fenella fez uma cara de pesar.

— Desculpe, não consegui ninguém que fosse conhecido sem confirmar a presença de Dermot.

— Muito justo, suponho.

— Então achei que você mesma poderia fazer isso.
— Eu! — disse Laura num tom agudo.
— Ora, por que não? Você conhece mais sobre os livros dele que qualquer outra pessoa no planeta, além de conhecê-lo pessoalmente... O que foi?
— É só... Ah, Fenella, você sabe o quanto sou tímida!
— Eu sei o quanto você *era* tímida. Além disso, como sempre dizem para as pessoas preocupadas, “talvez nem aconteça”.

Laura teve que rir agora.

— Bem, isso é verdade. De fato, é provável que não aconteça mesmo. Então, o que faremos para preencher o espaço? Se as pessoas compraram os ingressos, ou mesmo que ainda não tenham comprado, não podemos ficar sem nada no domingo à noite.

Houve silêncio enquanto as duas mulheres pensavam com afinco.

— Já sei! — exclamou Laura. — Uma mesa-redonda! Selecionaremos alguns dos autores confirmados para falar de sua prática de escrever. Vai ser genial! Muito melhor do que eu tentando entrevistar Dermot! — Só de pensar nisso ela sentiu fraqueza.

— Ótimo! Vou enviar um e-mail para todos os autores e perguntar. De quantos precisamos?

— Pergunte a todos e veja quantos nos restam. — Laura soltou um bocejo demorado.

— Que graça — disse Fenella. — Você ainda está cansada, apesar de ter ido cedo para cama. Eu não sabia que a Irlanda tinha outro fuso horário.

Laura fez que sim com seriedade.

— Ah, tem, como tem...

Laura vinha se perguntando se a perda da virgindade fica estampada na cara por algum tempo. Uns dois dias mais tarde, quando Monica a buscou de carro para levá-la a Bristol, ela teve a resposta. Sim.

— Então, como foi? — perguntou Monica no instante em que elas saíam de Somerby. Estavam a caminho do show de Seamus. Laura iria verificar se a banda seria remotamente adequada para uma noite potencialmente ruidosa, com cerveja de graça, e para fazer um fundo musical para Rupert, com ou sem sotaque irlandês, ou para Dermot ler trechos de sua obra.

— Como foi o quê?

— Ah, pelo amor de Deus! Não venha me enrolar! Sexo com Dermot!

— Shhh! Fale baixo!

— Não tem problema. Estamos dentro do carro. Ninguém vai nos ouvir. Então, conte!

Por um segundo apenas, Laura pensou em fingir que nada havia acontecido, mas sabia que Monica perceberia.

— Certo. Bem. Foi incrível — admitiu Laura baixinho. Uma parte dela esperava que isso satisfizesse Monica, mas outra desejava ter uma oportunidade de falar a respeito.

— Não acredito. — Monica bateu a mão no volante para enfatizar sua incredulidade. — As primeiras vezes nunca são incríveis, muito menos a primeira de todas. Você passou tempo demais na vida lendo ficção romântica. Sexo é uma daquelas coisas que você precisa aprender a fazer.

— Tudo bem, você tem razão. E sei que devo ter passado muito mais tempo que a maioria das pessoas normais lendo sobre sexo do que fazendo, mas é verdade, foi incrível.

Monica pensou por um instante.

— Então me conta antes que eu fique roxa de curiosidade!

Laura riu.

— Mas você já está rosa, é meio caminho andado! — Ela apontou para a mecha cor-de-rosa no cabelo de Monica. Era óbvio que ela gostava tanto de sua peruca que decidira acrescentar um pouco de cor ao próprio cabelo.

— Laura! Estou tentando ter uma conversa séria, ajudá-la a vivenciar todos os aspectos do que aconteceu, e você fica fazendo brincadeiras bobas.

— Foi você quem pediu, poxa. — Laura fingiu estar se desculpando. — Mas não acho que haja “aspectos”.

Ela suspirou. Havia apenas a sensação de ter sido usada, e Bridget, é claro; ainda que ela não fosse um “aspecto”, era uma vaca, mas Laura não iria pensar nela enquanto pudesse evitar. Bridget havia estragado algo que fora maravilhoso.

— Haverá, eu te prometo.

— Bem, espero que não.

Monica hesitou antes de perguntar, incrédula.

— Tem certeza de que não está mentindo sobre ter sido fantástico?

— Tenho! Não estou dizendo que a segunda e a terceira vez não foram ainda melhores...

— Três vezes!

Na verdade havia sido mais que isso, mas ela não queria chocar a amiga.

— Num período bem longo. Uma noite inteira.

— Mas ele é bem velho!

— Espera, 35 anos não é velho!

— É, acho que não. Então, e agora? Vocês estão juntos?

Essa era a má notícia. Ela precisava manter um tom bem-humorado — não poderia encarar a paixão de Monica.

— Eu tive que sair bem cedo na manhã seguinte para pegar o avião. — Não iria dizer que deixá-lo naquela manhã havia sido a coisa mais triste que fizera em toda a sua vida. Ela sabia que tudo tinha valido a pena pela felicidade que sentira (ou valeria um dia, se ela conseguisse superar todo o incidente com Bridget), mas não mencionaria isso também. — Não tivemos muito tempo para conversar. Mas ele mandou avisar a você que usou camisinha, todas as vezes.

Monica deu uma risadinha, possivelmente percebendo que Laura estava tentando dar leveza à situação.

— Dê os parabéns a ele da próxima vez que se encontrarem. — Fez uma pausa, dando uma rápida olhada para a amiga. — Quando é que vocês vão se encontrar de novo? — Ela não deixaria Laura escapar tão facilmente.

Laura mordeu o lábio.

— Não tenho certeza. A gente acabou não conseguindo falar sobre o festival. Não sei se ele vem ou não. Depois de toda a publicidade inesperada, ele disse que o festival podia ir pro espaço.

— Dane-se o festival! E quanto a vocês dois?

— A gente não falou sobre quando se encontraria de novo.

— O quê? — Monica lhe lançou outro olhar. — Nada? Você simplesmente entrou no táxi e foi para o aeroporto? Quantas vezes ele já falou com você desde então?

— Ele me ligou quando eu estava no aeroporto. Só para saber se eu tinha chegado bem. — Ele parecera estranho ao telefone, mas isso devia ter sido porque ela fora bem fria com ele. Na verdade, não queria falar com Dermot, não até que seus sentimentos estivessem em ordem.

— E desde então? — Monica farejava as partes podres da estória de Laura como um cão em busca de comida.

— Nada desde então. Marion, a mulher da pousada onde ficamos, me enviou um e-mail dizendo que ele se trancou em casa de novo, mas que ninguém está preocupado dessa vez.

— Mas e você? — Mal deu para ouvir a voz de Monica; a compaixão parecia ter afetado sua cordas vocais. — Isso não está partindo seu coração? Você fez tudo isso com ele, perdeu sua virgindade com ele, e não sabe quando o verá de novo?

Laura queria muito dizer que sim, aquilo estava partindo seu coração, mas não podia. Pensou com cuidado, tentando se expressar de modo verdadeiro, mas que não fizesse Monica mandá-la para algum tipo de terapia que envolvesse bares, vodka e homens fazendo *striptease*, que era o que ela faria se lhe contasse tudo. Não conseguiu pensar em nenhuma frase adequada.

— Então? — pressionou Monica. Era óbvio que estava ficando preocupada.

Laura decidiu que seria melhor contar a verdade. Pelo menos sua amiga se importava. Só não lhe diria o *quanto* estava doendo.

— Para ser honesta, sim, está partindo meu coração — admitiu ela. — Mas não me importo, não de verdade. É difícil explicar, mas o que aconteceu com Dermot foi muito especial, ainda que, de algum modo, tenha sido apenas sexo. — As palavras doíam quase fisicamente. — Foi sexo com alguém que eu admirava havia anos — continuou Laura o mais rápido possível —, desde a faculdade. Se ele quis a... mim. — Ela empacou ao se referir à virgindade, apesar de Monica a ter mencionado. — Bem, eu fiquei mais do que feliz por me entregar... Ah, não sei como explicar. A questão é que eu sabia o que estava fazendo. Eu sabia que não daria em nada e fiz ainda assim. Sem arrependimentos.

Ela não sabia que não daria em nada até depois, mas o princípio era o mesmo.

— Como assim, sem arrependimentos? Qual é, Laura, é comigo que você está falando — pressionou Monica.

— Eu não teria feito nada diferente. Eu sabia como ele era. Não esperava outra coisa. E o que aconteceu foi fantástico! Ele se esforçou tanto para me fazer... curtir o momento. Monica, eu sei que vou me sentir um pouco triste por um tempo, mas estou muito feliz também.

Monica suspirou.

— Acho que eu entendo. Sabe que ele estragou você para qualquer outro, não é?

— Sei, mas haverá outro. Não vou ficar apegada ao meu momento de felicidade e não procurar mais. Claro que não vou sair à caça tão cedo — decretou logo, para evitar que Monica sugerisse a cura nos bares e os *stripteases* masculinos —, mas vou “amar de novo”. — Sorriu para realçar a ironia e acrescentou: — Depois que o festival e mais dez anos tiverem se passado.

Monica suspirou.

— Se você tem certeza disso... — Então saiu do devaneio romântico. — Tá bom, já chega de você. Pode dar uma olhada no mapa? Estamos na rua certa? Acho que estou meio perdida.

Elas acabaram encontrando. Grant e o resto da banda de Monica já estavam lá. Era no porão de uma pequena boate em Bristol. Quando elas desceram as escadas estreitas, Laura notou que Monica estava nervosa. Ela gostava muito de Seamus e elas haviam falado bastante sobre ele durante o trajeto. Porém, a banda era um pouco suspeita. Segundo Monica, o problema era que os outros membros não queriam tocar música tradicional e não eram grande coisa em nada mais.

— Laura! — Grant deu um longo abraço apertado na amiga. — Que ótimo te

ver! Você está linda! O que andou fazendo? Um novo penteado? Não, ainda não descobriu a chapinha. Emagreceu? Engordou? Não, continua bem magra. Deve ser um novo hidratante. Sua pele está tão bonita!

Laura evitou olhar para Monica, que ria de um modo vulgar.

— Vamos pegar umas bebidas? Grant? Vocês todas?

Ela foi ao bar, esperando se lembrar do que todos queriam. Monica tinha pedido uma dose dupla de vodca para acalmar os nervos. Estava quase na hora da apresentação de Seamus.

Ela levou a bandeja com as bebidas de volta à mesa sem acidentes e se espremeu no canto do banco estofado.

— Ainda bem que consegui voltar antes que Seamus começasse — disse ela, pegando seu copo. — Saúde!

Seamus e sua banda não pareciam estar prontos ainda, e a plateia começou a falar outra vez.

— Você gostaria de ter a banda toda ou apenas Seamus? — perguntou Monica a Laura. — Seria melhor... Ah, não sei. Do que Dermot gostaria?

— Vai saber! — respondeu Laura. — Não perguntei. Quer dizer, acho que funcionaria bem. Originalmente, pensamos nele lendo poesia, mas tem uma cena num dos livros de Dermot com música irlandesa tocando ao fundo. Seria perfeito. Mas ele é tão... Sei lá...

— Pouco comunicativo?

— É, não sei se ele amaria ou odiaria a ideia. Na verdade, eu sei. Ele vai detestar. Mas pode muito bem acabar fazendo.

— Por você?

— Não. Não creio que ele fosse fazer algo por mim. — Embora ao dizer isso ela soubesse que não era bem verdade. Lembrou-se de algumas das coisas que ele fizera por ela na Irlanda e sentiu uma pontada de prazer. — Ah, acho que vão começar! — avisou, para impedir que Monica continuasse fazendo perguntas.

A banda começou um pouco depois e, após os primeiros acordes, Grant e Laura se entreolharam. O primeiro número era uma canção triste, que devia ter arrancado lágrimas, mas teve o efeito oposto. No fim, até Laura teve vontade de rir de constrangimento, quando devia ter se comovido com a letra e a música após a recente experiência irlandesa.

Monica suspirou e tomou o que restava da vodca de uma vez só.

— Alguém mais quer outra bebida?

— Eu ajudo a trazer os copos — ofereceu-se Laura, num esforço para sair de trás da mesa.

— São uma droga, não é? — perguntou Monica quando elas estavam no bar.

— Bem, talvez só precisem de algum tempo...

— Não me venha com rodeios, diga logo! É um lixo! Danem-se! Vamos voltar à estaca zero!

— Tudo bem — concordou Laura. —, encontraremos um CD com o tipo certo de música celta, alegre, com violinos e percussão. De algum modo, pode ser mais fácil. Rupert pode praticar.

— Não sei quando ele vai ter tempo para isso — retrucou Monica. Ela olhou para a amiga quando chegou seu pedido. — Você se importa de dirigir na volta? Acho que preciso de outra vodca.

— Você não se importa de vir para casa comigo? Não quer ficar com Seamus?

— Eu não quero falar com ele sobre hoje. Vou precisar pensar com cuidado no que dizer.

Enquanto eram servidas, Laura disse:

— Mas com certeza você os ouviu tocar várias vezes. Devia saber que não são bons.

Monica explicou que não os tinha ouvido tocar ainda porque estivera numa turnê, e Seamus havia estado bastante ocupado. Além disso, ela estava organizando o festival de música praticamente sozinha, agora que Johnny Animal tinha sumido por causa de um “negócio importante”, e não sobrara tempo.

— Será que seria errado dar o fora em Seamus porque ele não sabe de que lado se segura um violino?

Com o senso de ridículo bem afiado, Laura riu.

— Seria sim. Além disso, você disse que ele é um amor. Você consegue levar essas garrafas? Eu levo a bandeja.

— Você não continua na vodca, não é, Monica? — perguntou Grant enquanto Laura distribuía garrafas de água e soda, entregando o único copo a Monica.

— Claro que continuo, eu preciso tomar alguma coisa. Laura vai dirigir na volta. Ela está tão cheia de amor que não precisa de álcool.

Um olhar que parecia uma luz de interrogatório se acendeu sobre Laura.

— Cheia de amor? Você deixou de me contar alguma coisa, Laura?

— É o Dermot — acusou Monica.

— Minha nossa! Eu devia ter imaginado! — exclamou Grant. — Sempre soube que ela perderia sua inocência com um poeta.

— Ele não é poeta — disse Laura enfim, ao processar o que Grant dissera e se recuperar. — É romancista... — E então desistiu. O segredo tinha sido revelado. Por sorte, Grant e Monica começaram uma discussão sobre qual era a maior banda de todos os tempos e lhe pouparam de outro interrogatório.

Capítulo 17



Na sexta-feira do jantar de pré-lançamento do festival literário, Laura acordou sentindo uma mistura de empolgação e ansiedade. Havia tido sonhos muito confusos, inclusive um em que Grant lia rimas sem sentido enquanto a antiga banda da escola de Laura tocava ao fundo. Era um alívio estar totalmente acordada. Na vida real, pelo menos, tinha-se a impressão de ter controle sobre os acontecimentos.

Enquanto escovava os dentes, ela pensou em Monica, que tinha ido ver o que declarara ser sua última banda para o festival. Grant fora com ela, servindo de motorista, para que Monica pudesse afogar suas mágoas, se necessário. Segundo ela, o festival de música teria boas apresentações, mas estava faltando publicidade. Embora Monica não ousasse dizer, Laura sabia que ela queria um Dermot da música para criar um pouco de burburinho.

Duas noites antes, eles tinham assistido a banda de Monica abrir a parte musical do evento. Em teoria, elas fizeram um show de abertura de uma banda bem mais conhecida (da qual Laura nunca ouvira falar), mas na verdade roubaram a cena. A plateia inteira acompanhou com palmas, e uma boa parte se levantou e dançou nos corredores do velho cinema. Laura se divertia localizando as pessoas que vira na noite de *lindy-hop* a que ela e Grant tinham ido, quando o amigo a puxou.

— Vamos lá, garota, vamos ver se lembramos de quando fizemos isso antes.

Ele a conduziu até a frente, onde várias fileiras de assentos haviam sido retiradas (Laura não sabia se isso era para disfarçar as vendas um pouco baixas ou se era para abrir espaço para a dança), e eles começaram a dançar. Logo, Fenella e um Rupert relutante se juntaram a eles. Todos estavam rindo e batendo palmas — até a banda dos rapazes marcava o ritmo, tentando dar a impressão de serenidade em meio a tanta diversão.

— Que noite de estreia fabulosa! — disse Laura a Monica quando elas se encontraram nos bastidores, onde a festa continuava, tão exuberante quanto antes, só que sem a dança.

— Não há nada melhor que um show que dá certo — declarou Monica —, exceto estar apaixonada!

Como Seamus estava ao seu lado, Laura não sabia se Monica dirigia isso a ela ou a ele. Mas Fenella chegou na hora, abraçando Monica e suas companheiras de banda, então não foi preciso responder.

Apesar de Dermot estar sempre lá no fundo de sua mente, saltando para os holofotes no nanossegundo entre uma ideia útil e a próxima, Laura aos poucos chegava a uma conclusão sobre o que acontecera entre eles.

Ela percebeu que fora pouco razoável de sua parte esperar — até ter a esperança — que Dermot estivesse livre. Sua cabeça preencheria as lacunas, mesmo que seu coração não quisesse aceitar. Ele era altamente sensual e tinha uma atitude livre em relação ao amor e à vida, como os artistas costumam ter. Se sua namorada estivesse longe, haveria um vácuo, e ele o preencheria. Bridget (apesar de sua racionalidade conquistada a duras penas, ela mal conseguia pensar nesse nome) devia saber disso quando foi embora, aceitando pragmaticamente que estar com Dermot significava tolerar sua infidelidade ocasional. Ora, sorte a dela, pensou Laura, duvidando que ela própria fosse capaz de ser tão adulta a esse respeito.

Após a tentativa de colocar a cabeça no lugar, ela se sentia razoavelmente melhor. Teria simplesmente que aceitar Dermot como ele era. Fora um sonho maravilhoso. Um pouco de irritação permanecia: mesmo que não quisesse se comunicar com ela, ele podia, pelo menos, responder aos e-mails de Fenella e dizer se viria ou não... Mas se Dermot não viesse, ela teria de suportar. Não havia opção.

Assim que se vestiu, Laura se apresentou a Fenella. Era outro dia glorioso, e o fim de semana prometia mais do mesmo. Pelo menos o tempo estava sendo gentil com eles.

— Então, o que você quer que eu faça para hoje à noite?

Fenella lhe deu um beijo no rosto, em parte como cumprimento, em parte como agradecimento por sua pronta apresentação para o serviço.

— Um planejamento para os assentos. Sarah está lá em cima e fará isso, mas ela precisa que você lhe diga quem é quem. Você vai saber se as pessoas são inimigas mortais, prontas para brigar. Damien Stubbs confirmou e Kathryn Elisabeth não pode vir ao jantar, mas está confirmada para seu evento e para a mesa-redonda.

— Ah, então está bem. Mas eu não conheço nenhum dos autores pessoalmente, você sabe. — Laura sentiu a obrigação de deixar isso claro, apesar de não ser absolutamente verdade.

— Que é como deveria ser — afirmou Fenella, com firmeza. — Qualquer problema, você pode perguntar a Eleanora. Ela vai saber exatamente qual não fala com qual.

— Acho que talvez seja “quem” — sugeriu Laura, baixinho.

— Ah, cale essa boca — resmungou Fenella, de bom humor. — Sarah está na sala de jantar. Pode ir, eu já levo um café.

Sarah tinha todos os nomes dos convidados em cartões e os estava colocando em cima da mesa e retirando em seguida.

— Oi, Laura, como vai? Venha me dizer se cometi alguma gafe terrível.

— É uma porção de gente — comentou Laura. — Mas apesar do que Fenella possa ter dito, eu não sei de fato quem é quem.

— Mas você deve saber se eu pus um autor de ficção romântica ao lado de um de ficção científica.

— Bem, sim, mas não tenho certeza de que isso importaria muito. Todas as escritoras de ficção feminina que conheci eram bem tranquilas.

— Mas e os escritores de ficção científica?

Laura pensou.

— Ah, bem... Eles variam.

— Então, onde é que você quer se sentar? — perguntou Sarah, depois de fazerem algumas modificações na disposição dos cartões.

— Eu não me importo. Pode me colocar em qualquer lugar onde haja uma cadeira sobrando. Na verdade, estou surpresa de ter sido convidada. Eu achava que deveria estar ajudando a servir ou coisa parecida.

— Vai haver serviço de bufê. Fen falou sobre ela e Rupert cozinharei, mas eu insisti. Eles estão aqui para receber os convidados, assim como você. Foi bom eles terem consertado o antigo elevador de pratos, não é? Caso contrário, teria que ser um jantar frio.

— Isso vai abrir um rombo no orçamento.

— O quê? O conserto do elevador? De jeito algum. Só foi preciso trocar as cordas.

— Não, me referi ao serviço de bufê.

Sarah meneou a cabeça.

— Nem tanto. Rupert forneceu todo o vinho da adega dele e os alimentos. A comida vai ser preparada por uma firma de mulheres que eu conheço, as Catering Ladies. Elas são muito comedidas, razoáveis e geniais.

— Ah, bom, que ótimo.

— Você parece preocupada. É por causa do Dermot?

Laura suspirou. Era tão óbvio para todos? Embora ela tivesse certeza de que

Sarah não tinha a intenção de insinuar nada pessoal.

— Não com Dermot, ou pelo menos, não só com ele, é com a coisa toda. Acho que vamos parecer uns bobos se nossa atração principal não aparecer, por mais que façamos coisas para preencher o vazio deixado por ele.

Laura também se sentia culpada. Embora tivesse lhe enviado e-mails, assim como Fenella e Eleanora, não conseguiu telefonar. Não queria ouvir a voz dele. Só agora estava conseguindo controlar seus sentimentos; não precisava de nada que minasse isso. De qualquer modo, por que deveria? Por que se importar depois de ter sido efetivamente usada por ele? E será que uma ligação sua o faria vir quando todo o resto parecia ter fracassado? Se várias mensagens ferozes de Eleanora não tinham produzido efeito, nada produziria. E será que ela realmente devia se sacrificar mais uma vez pelo bem maior?

— Acho que depois que a coisa estiver em andamento, ninguém vai notar — disse Sarah, sem imaginar o conflito interno que se passava em Laura. — Temos o jantar hoje à noite... Bem, não aberto ao público, mas vai deixar os artistas contentes.

— E amanhã teremos Dermot, lendo com uma música ao vivo; ou Rupert, fingindo ser irlandês, lendo com um CD ao fundo. — Laura fez uma careta. — Não convence muito, não é?

— Mas haverá cerveja de graça, cortesia da cervejaria local... Graças a Rupert. Ninguém vai se importar se não for incrível.

Laura suspirou, concordando.

— E então a grande entrevista ou a mesa-redonda depois de amanhã. — Ela franziu o cenho. — Entendo que com cerveja de graça, Rupert pode ir bem, mas e a mesa de autores? Em vez do grande astro? Não tenho muita certeza.

Sarah foi comedida.

— Não faz sentido se preocupar com isso. Você fez tudo que podia e organizou um bom evento para substituí-lo. Se as pessoas quiserem o dinheiro de volta, bem... Nós o daremos.

— Eu sei, mas...

— Relaxe, a maioria das pessoas simplesmente comparecerá aos eventos marcados. A venda de ingressos foi muito boa. Muita gente da lista que você forneceu da livraria comprou ingressos. E os concursos tiveram grande apoio. Confie em mim, vai dar tudo certo. E Fen disse que a cidade está no maior burburinho. As pessoas a param na rua e perguntam a respeito do festival cada vez que ela vai lá.

Ciente de que, como organizadora de eventos especializada em casamentos, Sarah sabia como ninguém como acalmar nervos em frangalhos, Laura sorriu. Mas ainda estava preocupada.

Bem nesse instante, a porta se abriu e Fenella entrou com uma garrafa térmica de café e um prato de biscoitos.

— Como vão indo vocês duas? — indagou ela, passando-lhes o prato. — São feitos em casa. As meninas do Catering Ladies que fizeram.

Laura mordeu um biscoito de limão.

— Delicioso! Não dá para comermos só isso no jantar?

Fenella estava para repreender Laura quando o celular tocou. Ela o tirou do bolso de trás e cruzou a sala para conseguir um sinal melhor. Sarah serviu o café, ela e Laura ficaram bebendo e comendo até Fenella voltar.

— Você está com uma cara de quem ganhou na loteria ou não passou no teste de direção — disse Sarah. — Qual dos dois?

— Não sei — admitiu Fenella, olhando para uma e para a outra. — Meio que as duas coisas.

— Então conte! — insistiu Laura.

— Bem, vocês sabem que o festival de música não conseguiu a mesma publicidade que o literário. Monica fez de tudo para chamar a atenção para ele, mas ninguém pareceu realmente interessado em lhe dar divulgação. Talvez seja o fato de os músicos serem ainda mais excêntricos que escritores...

— Vai direto ao assunto, querida — disse Sarah.

— Bem, o Ironstone... — Fenella voltou-se para Laura. — Já ouviu falar neles?

— Eu posso ser metida a intelectual — disse ela com firmeza —, mas não estava morando numa caverna. Eles são superfamosos.

— Desculpe. Bem, eles estão dispostos a fazer uma apresentação...

— Isso é incrível! — exclamou Sarah.

— É mesmo! Qual é o problema? — De repente, Laura preferia não ter falado nada. Fenella estava olhando para ela com uma cara de compaixão que só poderia significar uma coisa. — Ah, não me diga. Tem a ver com Dermot, não é? Eles virão se puderem conhecer o “maior escritor irlandês vivo” e blá-blá-blá.

— Pelo menos você não fez aqueles sinaizinhos no ar para indicar as aspas — falou Sarah com seriedade.

Isso quebrou um pouco a tensão, mas não impediu que Laura continuasse com os punhos cerrados.

— Eu estou simplesmente de saco cheio disso! Maldito Dermot! Por que ele está sendo tão... difícil assim? — Sua frustração com ela mesma por se importar tanto a deixava mais exasperada do que gostaria.

— Laura, por um instante, achei que você fosse dizer um palavrão — admitiu Fenella.

— Eu disse, mentalmente. É que treinei para não dizer em voz alta porque

trabalhava numa livraria... Ou pelo menos para não dizer com frequência. Mas vocês têm que me entender: ele tem sido um tremendo incômodo! Quer dizer, quanto tempo se leva para responder um e-mail, nem que seja só para dizer não? O festival literário começa amanhã, pelo amor de Deus! — Ela até havia ligado para Marion, da pousada, para ver se sabia de algo, mas só o que ela sabia é que ele estava novamente enfurnado em casa e ninguém vira sinal dele. Laura não contou isso a ninguém porque perguntariam, com razão, se ela havia telefonado para ele. Não queria explicar por que não ligara. Além disso, Eleanora tinha ligado para Dermot, e ela era bem melhor em mover montanhas.

— Ele conseguiu um ótimo patrocinador para nós, que não retirou a oferta apesar de Dermot ser tão pouco confiável — observou Sarah, racionalmente.

— Ele podia ter nos feito perder isso — retorquiu Laura.

— E pense em todos os autores que confirmaram quando houve todo aquele rebuliço na imprensa! — disse Fenella. — Estavam fazendo fila para vir!

— E se ele não aparecer, ninguém nunca mais vai querer vir a esse festival de novo! — insistiu Laura. — Vão dizer que atraímos as pessoas com promessas falsas. A imprensa vai se esbaldar...

— Talvez ele ainda venha — argumentou Fenella baixinho, obviamente sem acreditar no que dizia. — Tente não levar tão a sério, Laura.

Laura suspirou. Era um pouco tarde para isso.

— E eu não vou a Irlanda tentar trazê-lo. Não outra vez. Não adiantaria. Não adiantou nas duas outras vezes. — Laura buscou refúgio em outro biscoito.

— Então, o que devo dizer ao homem do Ironstone? — perguntou Fenella, após uma pausa adequada em respeito aos esforços anteriores de Laura.

— A verdade! — respondeu Laura, ainda mastigando.

— Espere aí, vamos pensar melhor — propôs Sarah, batendo a caneta no rosto. — Se eles vierem, vai ajudar muito o festival?

Fenella confirmou.

— Claro que sim! A gente pode conseguir cobertura da Rádio 1, assim como das estações locais. Seria o máximo! Nós nem procuramos bandas tão grandes, pois sempre estão com a agenda lotada com anos de antecedência. Calhou de o Ironstone estar vago nesse período por algum motivo. No que se refere à publicidade, seria fantástico.

— Bem — disse Sarah, após mastigar a caneta por vários minutos, pensando. — Não será ruim para eles se nos ajudarem um pouquinho. Diga que não podemos garantir que irão conhecer o grande homem, mas que faremos o possível. Afinal, é o que temos dito a todos e ninguém desconfiou de nada.

— Vão esperar que o grande homem apareça — disse Laura, quando Fenella saiu para contar essa mentira colossal.

— Não estou nem aí — disse Sarah. — Às vezes, é preciso ser um pouco inescrupuloso. Os outros geralmente são.

— Isso é verdade — disse Laura, tendo em mente uma pessoa muito atraente, mas também muito inescrupulosa no que se referia a mulheres.

— Então, vamos acabar de colocar esses cartões.

— O que devo fazer com este aqui? — perguntou Laura um pouco depois, segurando o cartão com o nome de Dermot.

— Deixe de lado, com as outras possíveis ausências — orientou Sarah. — Umas duas pessoas disseram que talvez não consigam vir.

Laura estava de plantão no saguão. Todos estavam prestes a chegar a qualquer minuto. Ela tinha o telefone da casa, uma lista de instruções de cada ponto de referência local e uma anotação sobre onde cada autor deveria ficar.

As primeiras pessoas a chegar foram duas escritoras de ficção feminina que eram muito alegres e se perderam várias vezes, mas não se importaram com isso. Haviam almoçado no pub da região e estavam de bom humor.

— Eu sou Anne — apresentou-se uma delas — e esta é Veronica. Para ser honesta, pessoas que escrevem o tipo de livros que nós escrevemos não costumam ser convidadas para festivais — continuou ela. — Nem para ficar numa casa incrível como esta — acrescentou, olhando em volta do saguão recém-decorado com algumas pinturas de flores em *trompe l'œil* que ocultavam algum detalhe ou outro que preocupava Fenella. — O que torna o evento realmente especial.

— Ah é — disse Veronica. — Adorei aquela coluna falsa. Não é fácil fazer com que pareça mármore de verdade.

Laura deu uma risada, feliz pelo festival incluir duas pessoas tão generosas.

— É uma casa encantadora, e Fenella e Rupert são ótimos anfitriões — comentou. — Fenella estará aqui num minuto para levar vocês até os quartos. — Ela sorriu para as duas. — Sempre fui fã dos seus livros.

Anne Marsh envolveu Laura num abraço com aroma de Chanel.

— Que seu coração seja abençoado. — Ela usava uma porção de lenços e joias e era como uma versão mais suave de Eleanora. — Quantos escritores virão ao jantar?

Laura pensou.

— Bem, vocês duas; Kathryn Elisabeth não poderá vir hoje à noite, mas terá um evento na biblioteca amanhã. Temos uns dois escritores mais literários, inclusive Damien Stubbs e um escritor de ficção científica. Não tínhamos lugar para todos. Portanto, são seis. — Ela não mencionou que deveriam ser sete, para o caso de Dermot não aparecer.

— Bem, estamos muito felizes de fazer parte disso tudo — declarou Veronica.

— Olá! — Fenella apareceu, se apresentando: — Muito prazer, Fenella. — Ela apertou as mãos das duas mulheres. — Gostariam de tomar um chá antes ou preferem que eu lhes mostre os quartos?

As mulheres se entreolharam.

— Vamos ver nossos quartos — decidiu Veronica. — Mas depois, um chá seria maravilhoso.

— Vou preparar o chá — ofereceu-se Laura. — Gostariam que fosse na sala de estar ou na cozinha?

— Na cozinha — disseram as duas, ao mesmo tempo.

— Nesse caso, fique aqui — pediu Fenella a Laura —, e eu preparo o chá depois de acomodá-las.

Eleanora apareceu e, seguindo-a de perto, um jovem escritor de ficção literária que havia se perdido e não estava contente. Felizmente para Laura, Eleanora lhe deu um sermão, dizendo-lhe que ele devia se sentir grato pela exposição e que livros como o dele quase não vendiam e essa era uma grande oportunidade.

Dois homens em trajes de campo chegaram. Afinal, eram editores literários. Haviam viajado juntos e eram extremamente cordiais.

— Então, Dermot realmente virá? — perguntou um deles a Laura.

Ela deu de ombros e então sorriu, lembrando-se de que deveria fingir que ele viria, pelo menos para os outros.

— Que tal apostarmos isso? — sugeriu o outro.

Rindo, eles seguiram Fenella até os quartos.

Por fim, todos os participantes esperados chegaram, exceto Dermot.

— Realmente é um salão incrível — comentou Laura, olhando em volta.

A mesa enorme ocupava grande parte do centro do aposento, mas ele era tão grande que havia bastante espaço para os aparadores e mesas auxiliares nas extremidades. O mogno brilhava, mas era ofuscado pelas taças reluzentes e pela toalha de mesa branca e engomada. Algo chamou a atenção de Laura e ela foi olhar mais de perto.

— É uma costura! No guardanapo!

Sarah riu.

— É tudo antiguidade da família de Rupert ou de brechós. Se você olhar com atenção, as taças estão misturadas. Fenella andou caçando umas taças bonitas no eBay.

— Mas são tantas. Polir tudo deve ter sido um pesadelo.

— As Catering Ladies adoram deixar tudo perfeito. — Sarah deu outro sorriso. — Ficaram meio horrorizadas ao verem o número de garrafas de vinho que Rupert tirou da adega.

Laura fez um cálculo aproximado.

— É quase uma garrafa por pessoa, não é de admirar que elas tenham se apavorado.

— Isso é só o tinto. O espumante e o branco estão na geladeira.

Laura deu uma risada.

— Minha nossa!

— Rupert diz que jantares em que as garrafas vazias não excedem o número de convidados é coisa de sovina. E Eleanora diz que escritores bebem feito carros velhos.

— Bem, acho que não precisamos nos preocupar com a sede de ninguém.

— Tem uma quantidade absurda de bebidas sem álcool também, se você não quiser se embriagar.

Laura fez uma cara lamentosa.

— Hoje eu preferia não beber muito. Rupert ainda vai ensaiar a parte dele para sábado, então precisamos acordar meio cedo.

— Rupert vai fazer o café da manhã; portanto, a menos que seja antes do amanhecer, acho que você perdeu essa vaga na agenda dele.

Isso veio um pouco como um golpe. Fazer algo assim, sem um preparo adequado, podia acabar sendo um desastre de amadorismo, terrivelmente constrangedor. Reprimindo uma sensação de pânico, Laura disse:

— Ah, bom, então talvez seja uma boa tomar um porre! — Vendo a expressão inquisitiva de Sarah, ela acrescentou: — Tudo bem, eu só estava brincando.

Antes do jantar, houve uma recepção na longa galeria que, segundo Fenella relatara com orgulho a Laura, tinha sido o local do casamento de uma celebridade que aparecera em todas as revistas de fofocas. Laura preferia não ter de admitir que não lia essas revistas, mas quando passou a informação a Monica, ela ficou muito impressionada.

Monica ficaria no pequeno chalé com Laura durante o festival, e Grant estava numa pousada da região. Depois de resolver outro “pequeno contratempo” da parte musical do evento, Monica voltou para o chalé, onde Laura passava a ferro sua melhor camisa branca.

Depois de se cumprimentarem, da discussão sobre abrirem ou não um vinho e de se lamentarem pela ausência de Dermot até então, Monica disse:

— Você não vai usar isso, vai?

— Por que não? Está limpa, recém-passada e escovei todo o pelo das minhas calças pretas! — Laura estava com um estado de espírito beligerante, principalmente porque achava que pareceria apagada ao lado do traje cintilante cor-de-rosa de Monica, que combinava perfeitamente com seu cabelo do mesmo tom.

— Você não tem outra coisa?

Laura suspirou.

— Eu tinha planejado ir à cidade comprar alguma coisa, mas o tempo voou.

— Ok, vamos pensar. Você é um pouco mais baixa que Fenella. Quanto calça?

Assim que Laura lhe disse, Monica saiu apressada. Querendo ocupar o tempo de forma útil, Laura pegou um vidro de esmalte que caíra da bolsa de maquiagem de Monica e começou a pintar as unhas. Monica sortuda! Este era apenas um jantar divertido para ela, mas poderia fazer Laura parecer uma completa idiota.

Monica voltou com um cabide onde estava pendurada uma peça minúscula de veludo, que ela declarou ser uma túnica.

— Mas você vai usar com uma meia-calça e essas botas. — Mostrou o par de botas de cano alto de camurça verde que Fenella estava usando quando Laura a conheceu. — E está decidido.

— Mas é verão. Não posso usar botas e, além disso, esse vestido é curto demais.

— Vista!

Como Monica usava o mesmo tom da mãe de Laura quando a fazia se vestir para visitar os avós, ela seguiu as ordens da amiga.

— Fantástico! Você está linda! Agora me deixe cuidar do seu cabelo.

— Eu pareço um duende num daqueles dias em que o cabelo simplesmente não fica bom — protestou Laura quando finalmente conseguiu ficar diante do espelho, Monica a seguindo, segurando o tal cabelo que nunca ficava bom.

— Não vai mais parecer quando eu acabar. Basta ficar parada!

Laura não tinha certeza de gostar de sua aparência, mas precisou admitir que a parte das pernas visível entre o vestido curto e as botas estava bem bonita.

— Afinal, não importa muito como eu esteja — disse ela.

Monica fez menção de lhe puxar a orelha.

Quando elas chegaram à casa, estavam todos usando seus melhores trajes. Havia uma boa quantidade de pretos brilhantes; as joias de Eleanora estavam mais longas e resplandecentes que nunca. Os homens vestiam terno ou paletó; Grant usava um paletó de linho branco e uma gravata-borboleta preta de lantejoulas. Laura observou uma das escritoras de ficção romântica fazendo anotações num caderninho.

Rupert, especialmente vistoso num smoking de veludo, enchia as taças de todos com espumante ou moscatel. Depois, Sarah bateu um talher numa taça.

— Senhoras e senhores — disse Rupert. — Fenella devia fazer o discurso de abertura, mas ela se recusou terminantemente, então aqui estou. — Houve murmúrios educados e goles de espumante. — Ela, eu e todo o comitê do

festival trabalhamos muito para fazer desse primeiro Festival de Somerby um sucesso estrondoso, e tenho certeza de que será. Mas uma pessoa fez além do possível, se esforçou mais que qualquer outra para organizar a parte literária do festival. Essa pessoa é Laura Horsley.

Laura ficou tão vermelha que achou que fosse entrar em combustão espontânea e jurou que mandaria matar Rupert na primeira oportunidade. Os aplausos foram retumbantes e constrangedores ao extremo. Os gritos de “discurso, discurso” foram tão altos que ela não pôde se furtar de dizer algo.

— Obrigada por isso, Rupert — disse ela enfática, assegurando-se de que ele entendesse que ela nunca o perdoaria por aquilo. — Rupert é um amor por me dirigir essas palavras gentis, mas essas coisas nunca dependem de uma só pessoa, por mais que esse pareça ser o caso. — Monica murmurou um “maldito Dermot”. — Este foi um novo... — Um ruído no bolso da túnica de Fenella interrompeu Laura no meio da frase. — Salva pelo gongo! — anunciou, alegre, enquanto apalpava o bolso, buscando o celular.

Uma voz irlandesa exasperada resmungou em seu ouvido quando ela disse alô:

— Em que diabo de lugar eu estou?

Um sorriso beatífico se abriu nos lábios de Laura e possivelmente chegou até a ponta dos pés.

— Dê uma pista e vou tentar ajudar — respondeu ela, ciente de estar com o sorriso tão aberto que mal conseguia falar. Ele estava lá. Nada mais importava.

— Deve ser Dermot — conjecturou Monica, meio contrariada, meio contente.

— Vou trocar os cartões de lugar — disse Sarah.

Laura se afastou do ruído de regozijo e especulação que dominava a galeria. Voltou ao saguão, onde estavam todas as suas instruções por escrito.

— Estou em algum buraco esquecido por Deus com um nome impronunciável — continuou Dermot.

— Certo. Acho que pode estar em Gales.

— Gales?!

— Mas não se preocupe, não é tão longe assim. Você mesmo está dirigindo?

— Quem mais estaria?

— Ok, agora eu quero que você encontre um lugar seguro onde estacionar o carro. Vou mandar alguém te buscar. Você não parece apto a dirigir.

— Nada disso! Não tomo nada há semanas. Eu mesmo encontro o caminho.

— Não desligue! Vá para... — Laura encontrou as instruções e as leu para Dermot. — Você vai ficar bem?

— Vou, acho. Não posso é responder por você, depois de me meter nessa.

— Estou com o celular. Ligue caso se perca outra vez.

Laura não se apressou para subir novamente. Só por um instante, queria guardar Dermot para si mesma. Quando ele chegasse, seria propriedade comum, todos o estariam cortejando, admirando, repreendendo, querendo uma parte dele. Agora, segurando o celular, ela sabia que a última pessoa com quem falara ali era Dermot, ele era dela: o seu escritor irlandês irascível, mal-humorado, difícil, egoísta, selvagem. Ela finalmente admitiu para si mesma que o amava, mesmo sem qualquer esperança de ser correspondida. Amá-lo era o suficiente por agora. E ele viera ao festival deles.

— Quando é que você acha que ele vai chegar? — perguntou Fenella quando ela subiu de novo.

— Depende se ele vai se perder outra vez ou não; acho que em cerca de meia hora.

— Você acha que devemos começar sem ele? — perguntou Sarah, que tinha uma mulher de expressão ansiosa ao seu lado.

— Sem dúvida. Ele não merece que o esperemos.

Por alguma razão, Fenella deu um passo à frente e beijou Laura no rosto.

Laura não sabia se esperava por Dermot no saguão ou se devia se sentar e começar a comer. Tinha quase certeza de que ele precisaria de instruções mais uma vez, então decidiu se sentar e comer. Acomodou-se ao lado de uma das escritoras de ficção romântica, Anne Marsh.

— Devo dizer, adoro os livros de Dermot — comentou ela.

— Eu gostava muito na faculdade — disse Laura, temendo que fosse mostrar seus sentimentos por ele com excessiva clareza. Rapidamente, ela desviou a conversa. — Mas eu realmente adoro os seus livros. Como é escrever um livro por ano?

— Bem... Eu preferiria que cada ano tivesse 14 meses, mas muitos escritores escrevem muito mais que eu.

— E muitos escrevem muito menos. — Seu telefone tocou e Laura sorriu. — Muito menos... Com licença um instante — desculpou-se ela antes de atender.

— Como é que se entra nessa droga de lugar?

Ele estava lá embaixo. Quase sem pedir licença, Laura desceu as escadas correndo e começou a lutar com a chave imensa.

— Não consigo abrir! — gritou ela para Dermot.

— Tente puxar para o seu lado — gritou ele de volta.

Laura fez isso e acabou girando a chave. Dermot estava lá, com uma aparência vergonhosa, numa velha jaqueta de couro e um par de jeans. Seu coração ficou apertado ao vê-lo. Ele entrou a passos largos e jogou a bolsa de viagem aos pés dela.

— Você se vestiu feito um duende só para mim?

— Não seja bobo! — repreendeu ela com raiva, desesperada para não soar muito tímida.

Ao vê-lo dirigir o olhar para sua boca, ela ficou sem fôlego.

— Tudo bem com você? Essa chave é bem traiçoeira — disse Rupert, chegando por trás de Laura, que ficou sem saber se estava contente ou não de vê-lo naquele momento. Rupert sorriu e estendeu a mão.

— Você deve ser o famoso Dermot Flynn. Bem-vindo!

— Acho que você quer dizer infame — corrigiu Dermot.

— De qualquer modo, é bom vê-lo aqui. Sinto muito, mas já começamos a jantar.

Dermot, que havia pegado sua bolsa, parou.

— Jantar. Ah. Preciso é de um banho e de fazer a barba. — Então olhou para Laura de modo travesso e falou: — E de uma transa.

Ela ficou vermelha e desviou o olhar. Só por um momento, ela quis ir com ele para um lugar onde pudessem ficar a sós por muito tempo. Em seguida, balançou a cabeça mentalmente. Não deveria pensar nisso.

— Não quero encontrar todo mundo sujo desse jeito — continuou Dermot, possivelmente inconsciente do efeito que estava provocando em Laura.

— Não precisa... — começou Rupert.

— Confie em mim — disse Dermot. — Preciso sim. Por vários motivos, faz dias que não tomo banho.

— Certo, então vou te mostrar o seu quarto. É uma suíte.

— E como é que eu encontro o caminho da festa depois? Você tem uma baita casa.

— Irei buscá-lo — disse Rupert. — Em 15 minutos?

— Certo, 15 minutos está ótimo. Mas não daria para mandar a duende? — Ele inclinou a cabeça na direção de Laura, caso Rupert tivesse alguma dúvida sobre a quem ele se referia.

Rupert riu.

— Ela vai ficar mais perdida que você.

— Humm — murmurou Dermot, olhando para Laura de um jeito que só a fez querer sorrir sem parar —, isso pode não ser tão terrível assim.

Capítulo 18



Laura voltou para o andar de cima tentando tirar do rosto o sorriso de pura felicidade por ter visto Dermot. Ao chegar à porta, lembrou-se de que poderia estar satisfeita apenas por amor ao festival e parou de se importar. Haveria tempo suficiente mais tarde para ser sensata e se lembrar de que ele era o inimigo e ela precisava proteger a si mesma e a seu próprio coração.

— Ele chegou! — anunciou ela. — Dermot Flynn realmente se dignou a comparecer!

Um burburinho de exclamações encheu o salão.

— Como é que ele é? — perguntou Anne Marsh quando Laura retornou ao seu lugar.

— Bem, eu já o havia encontrado antes...

— Você o encontrou antes? Mas eu achava que ele fosse praticamente um eremita!

— De modo algum — interrompeu Eleanora. — Só é difícil tirá-lo da Irlanda. Laura fez um grande trabalho convencendo-o a vir.

Um dos homens perguntou:

— Você teve que dormir com ele para fazê-lo concordar em vir?

Laura viu que era um dos escritores literários. Olhou-o de modo contundente.

— Como se isso realmente fosse funcionar...

— Bem — disse ele —, funcionaria comigo.

— Ah — disse Laura, por fim entendendo que ele não queria dizer que dormiria com Dermot. Ficou muito ruborizada.

— Não seria nenhum sacrifício dormir com ele — disse Verônica. — Eu o vi na TV há alguns anos e pensei: Sr. Darcy, o senhor não está com nada.

Porções perfeitas de frango à jubileu estavam sendo servidas por cima de seus ombros.

— Particularmente, eu prefiro aquele Sean Bean — disse a Catering Lady que acabara de servir o frango.

O jovem escritor ignorou essa interferência por ter partido de uma alma

maternal, que obviamente não passava de uma garçonete.

— Vocês escritoras românticas se deixam enganar com a maior facilidade por um sotaque irlandês e um sorriso fácil — disse ele. Laura se lembrou de que ele fora nomeado para algum prêmio e um crítico o comparara a Dermot.

— Ah, isso é geral — declarou Veronica, sorrindo docemente. — Todas as mulheres se deixam enganar por um sotaque irlandês e um sorriso fácil! Eles sempre vêm juntos, não é? Talvez seja preciso fazer um pouco mais de esforço. Embora — acrescentou gentilmente, observando-o se agitar um pouco — uma porção de mulheres se sintam atraídas por escritores *per se*.

Anne deu uma olhada para a colega. Era óbvio que o jovem, que agora enrubescia e se mexia sem parar, não sabia bem como reagir a isso.

— Não entendo por que ele é considerado tamanha atração — disse ele, parecendo ressentido. — Não é nenhum J. D. Salinger, é?

— Bem, não — concordou Anne. — Mas ele realmente possui um valor raro, não é? Claro, não publica nada há eras, mas ele era... é tão bom.

— E um gato — acrescentou Veronica.

— Assino embaixo — interferiu um dos críticos literários, que escutava a conversa.

— O quê? Que ele é gato? — Veronica ergueu as sobrancelhas. — Algo para as colunas de fofocas?

— Minha querida, eu não quis dizer isso, como você sabe muito bem. — Ele a olhou de modo implicante. Era óbvio que se conheciam. — Eu quis dizer que estamos todos aqui por curiosidade. Ninguém do mundo literário põe os olhos nele há anos.

— E pessoalmente estou bem feliz por ele ser a principal atração do festival — admitiu Anne. Depois ficou com pena do jovem escritor, que parecia um pouco abatido. — Então, conte-me, Adam — começou ela, pondo a mão na dele e chamando sua atenção —, o que está escrevendo no momento?

Ele se empolgou.

— Meu terceiro romance. Estou trabalhando nisso há uns dois anos. Está começando a tomar forma.

— Dois anos! Se não for falta de educação perguntar — disse Veronica, sabotando as tentativas da amiga de ser simpática —, como é que você se sustenta entre um romance e outro?

— Sou professor-assistente de inglês. — Ele pareceu aflito. — Meus romances são meu trabalho, minha vida! Não espero ganhar dinheiro com eles.

Veronica e Anne se entreolharam e pigarrearam.

— Desculpe — continuou Veronica. — Eu não tinha me dado conta de que ganhar dinheiro com romances estava em pé de igualdade com vender as

próprias filhas para prostituição. É assim que ganho meu pão.

Laura ria por dentro. Anne e Veronica haviam entrado em Somerby num Porsche. Coisa fina!

— Bem, eu simplesmente não produzo tanto quanto vocês. — Afrontado, Adam tomou um bom gole de vinho.

Anne e Veronica não precisaram se olhar para captar os pensamentos uma da outra. Veronica deu um tapinha na mão de Adam.

— Tudo bem, meu querido. Sempre haverá espaço no mundo editorial para um romance aclamado pela crítica, mas que ninguém lê, muito menos compra. Continue trabalhando naquelas frases perfeitas.

— Devo dizer que isso é um pouco...

— Condescendente? Desculpe — disse Veronica. — Mas não se preocupe, de agora em diante serei só doçura e leveza, como minha reputação requer. — Ela franziu o cenho, pensativa. — Dermot conseguiu fazer ambos: escrever como um anjo e vender aos montes.

Aliviada por não haver troca de socos nem copos de vinho sendo jogados, Laura se inclinou para falar com Monica à sua frente.

— Você devia entrar em contato com o Ironstone! E falar com as pessoas que não estão aqui sobre Dermot.

— Todo mundo vai adorar. E o Ironstone! — Ela bateu palmas, empolgada. — Preciso comprar calcinhas novas.

Laura percebeu que Fenella estava tentando lhe dizer algo, mas estava longe demais. Inclinou-se e se concentrou na leitura labial. Após várias tentativas, ela captou que Fenella achava uma pena Jacob Stone ter decidido não ir ao jantar.

— Ele deve ter achado que Dermot não iria aparecer! — Ela retribuiu com mímica.

Fenella concordou com a cabeça.

— Isso significa que preciso fazer Dermot encontrá-lo a sós. — Ela franziu o cenho para Laura. — Ele é muito difícil?

Laura se inclinou ainda mais para a frente, se esforçando para ouvir.

— Quem? Jacob Stone? Eu achava que ele fosse seu amigo.

— Não! — Frustrada, Fenella elevou a voz. — Não! Dermot! Ele é realmente tão difícil quanto todo mundo diz?

Naquele momento as portas duplas se abriram.

— Bem na hora — murmurou Veronica. — Você não poderia ter sido melhor diretora de cena.

Dermot, barbeado, mas ainda usando sua camisa esporte e jeans, estava parado olhando para Fenella. Então ele sorriu.

— Pergunte a ele!

Fenella se levantou e deu a volta na mesa para cumprimentá-lo. Hesitou, sem saber se devia lhe dar um beijo ou um aperto de mão.

— Nem sei o que dizer. De algum modo é como se já o conhecesse — disse ela.

Dermot apenas sorriu e abriu os braços.

— Então é melhor me dar um abraço.

Fenella caiu nos braços dele.

Laura percebeu que estava tendo um ataque de ciúmes, tão forte no início que ela achou que fosse dor de verdade. Pensara que estava bem, que tivera seu momento mágico com Dermot e agora ele pertencia ao resto do mundo. Mas seu coração não estava preparado para a razão, e doía. Ele não a abraçara assim.

— Eu o coloquei ao lado de Eleanora — dizia Fenella.

— Não quero sentar ao lado dela. Quero me sentar com o duende e essas mulheres bonitas.

Houve um imediato arrastar de cadeiras, pessoas se levantando e sentando. Laura captou a expressão resignada de Sarah enquanto seu cuidadoso planejamento de assentos virava uma bagunça. Houve uma mudança frenética de talheres e copos.

— Eu sei muito bem por que você não quer se sentar ao meu lado, Dermot — sibilou Eleanora, placidamente. — Mas não se preocupe, eu pego você mais tarde.

— Precisamos discutir seus vários eventos — alertou Laura, se esforçando para respirar normalmente e para parecer prática. — Amanhã você vai ler trechos dos seus livros, acompanhado de música celta.

A expressão de desgosto dele provocou risadinhas sufocadas em Anne e Veronica.

— É claro que não precisa fazer isso se não quiser — emendou Fenella rapidamente. — Laura escolheu alguns trechos e Rupert os lerá com sotaque irlandês. Temos um CD para o acompanhamento musical.

Diante disso, sua expressão de desgosto foi ainda maior.

— Ou qualquer coisa que você prefira — continuou Fenella. — Mesmo...

— Ah, pelo amor de Deus — interrompeu Laura. — Tenho certeza de que agora que está aqui, Dermot vai fazer tudo o que estiver combinado. — Ela sorriu docemente para ele.

— Para um duende, você é bem temperamental — implicou ele.

— De modo algum. Os duendes têm fama de ser temperamentais. Pense em Rumpelstiltskin — sugeriu ela, tentando mostrar desdém. Estava se divertindo. Podia caçoar dele sem temer pela própria segurança.

— Eu sempre achei que ele saiu perdendo — disse Anne a Veronica.

— Eu também! — declarou Dermot, reunindo-se a elas com alegria. — Ele ajuda aquela mulher materialista.

— Não foi culpa dela — contestou Anne. — Ela foi vendida pelo pai para se casar.

— E o rei não era muito melhor — concordou Veronica. — Ele só a quis por sua capacidade de fiar palha e transformá-la em ouro.

— Ah, eu acho que ele queria a moça por sua beleza também — argumentou Dermot. — Só usou o lance da palha se transformar em ouro como desculpa.

Laura canalizou seus sentimentos em turbilhão e transformou-os em uma eficiência cortante.

— Por mais encantador que seja ouvir suas ideias sobre os contos de fadas, em primeiro lugar não acho que Rumpelstiltskin realmente fosse um duende e em segundo lugar, se vocês me permitem, gostaria de trazê-los de volta ao mundo real. Dermot precisa fazer um evento que já está com todos os ingressos vendidos. Podemos chegar a um acordo sobre o que vai ser?

— Isso significa que não faremos a mesa-redonda? — indagou Adam, parecendo decepcionado. — Eu realmente esperava...

— Alguma publicidade? — questionou Anne. — Claro que não! — Sua expressão divertida tirou o veneno de suas palavras.

Adam a olhou de soslaio, como se olhar diretamente para ela pudesse transformá-lo em pedra, e murmurou:

— Então quantos livros você acha que vai vender?

— Ah, não sei — disse Anne. — Se eu tiver sorte, uns cem mil.

— Cem mil! Minha nossa!

— Ela está sendo modesta — disse Veronica. — Vende muito mais que isso.

— Só porque estão nos supermercados... — Depois de ter acabado com ele, Anne queria que Adam se sentisse melhor.

Laura tentou chamar a atenção de Dermot, mas ele estava ocupado se divertindo com o diálogo entre a escritora de ficção comercial e o romancista literário.

Ela abriu a boca para tentar outra vez, mas Monica se adiantou.

— Dermot, lembra-se de mim?

O charme dele era como uma luz muito forte: ninguém, muito menos uma mulher como Monica, deixava de derreter um pouco sob sua influência, apesar do modo como ela agira com ele quando estavam na Irlanda.

— Como eu poderia me esquecer da mulher que me fez perguntas tão perscrutadoras quando eu estava palestrando?

— Ah? Quais foram? — perguntou Adam. — Eu sempre gosto de forjar algumas perguntas.

— Acho que você não iria querer esse tipo de pergunta — declarou Laura, ficando muito vermelha, torcendo para que todos achassem que ela apenas havia bebido demais.

— Não, mas algo que permita...

— Ela me perguntou quando eu tinha usado uma camisinha pela última vez — revelou Dermot brutalmente.

— Ah!

Anne e Veronica disfarçaram o riso num gole de vinho, incapazes de ocultar seu divertimento.

— Mas Dermot não vai ficar chateado comigo por causa disso — disse Monica. — Vai? Eu queria lhe perguntar sobre Seamus.

— Eu não acho que... — murmurou Laura.

— O que sobre Seamus? — perguntou Dermot. — Quem é Seamus?

— É um músico — explicou Monica, lutando por seu homem. — Mas eu acho que você não... Quero dizer, é possível.... — Ela fez uma pausa. — Talvez você o conheça.

— Só porque os dois são irlandeses não significa que se conheçam — interveio Adam. — Oi, Dermot, deixe eu me apresentar. Adam Saint. — Ele se inclinou para a frente e estendeu a mão na direção de Dermot.

— Qual é o sobrenome dele? — perguntou Dermot, depois de sorrir brevemente para Adam, ignorando a mão oferecida.

— O’Hennessy. Ele mora...

— Oh, nossa, *aquele* Seamus! Claro que o conheço! Não me diga que ele a engravidou. Eu dou uma surra nele por você.

Monica gargalhou.

— Não, ele não fez isso. De qualquer modo, se tivesse feito, a responsabilidade seria minha. Ele só quer tocar...

— Monica — implorou Laura. — A banda dele é horrível! Você mesma disse.

— O que ele quer tocar e por quê? — Dermot se interessou em saber.

— Seu *bodhrán*. Como fundo enquanto você lê trechos de sua grande obra.

Foi a vez de Adam Saint rir. Dermot fez uma careta para Laura.

— Eu concordei com isso?

— É provável que eu não tenha te perguntado — admitiu Laura. — Eu me distraí!

Dermot sorriu.

— Distraiu mesmo. Então, o que exatamente você teria me pedido se não estivesse... distraída?

— Que lesse trechos da sua obra, acompanhado de música irlandesa — murmurou Laura. — Seria um modo de unir as partes musical e literária do

festival. Eu sei que você detesta a ideia, mas não se preocupe, podemos fazer isso com o Rupert.

— Com o sotaque falso e aquele besteiro celta?

Anne e Veronica estavam adorando. Até Adam Saint parecia se divertir.

— É — admitiu Laura, se concentrando em juntar o milho verde com o arroz que escapara de seu garfo. Era maravilhoso estar perto de Dermot, mas também agonizante. Dificultava tanto o controle dos sentimentos! Amor não correspondido era muito doloroso.

— Bem, eu leio alguma coisa, nem que seja para nos livrar dessa. E Seamus pode tocar, contanto que não seja o violino.

— Ah, Dermot, obrigada! — agradeceu Monica, se esticando sobre três pratos de frango para lhe dar um beijo e quase derrubando uma salada de maionese, curry e manga.

— Então, quem vai fazer a grande entrevista no domingo à noite? — perguntou Adam. — Todo mundo estará realmente interessado nela. — Algo em seu tom sugeria prazer em ver o sofrimento de outro.

— Tenho certeza disso — disse Dermot preguiçosamente. — Eu concordei em fazer uma grande entrevista? Ou você fez isso passar despercebido também? — Seu olhar vagou sobre Laura de um modo especulativo, que a fez sentir-se fraca e exasperada consigo mesma e, conseqüentemente, zangada com ele por lhe provocar esse efeito. Era óbvio que ele estava pensando que eles poderiam continuar de onde haviam parado, que bastava olhar para ela e ela correria para a cama com ele.

— Ah, pelo amor de Deus, deixe de agir como uma diva! É claro que haverá uma grande entrevista! É um festival literário! É o que acontece!

— Então, quem vai entrevistá-lo? — pressionou Adam, possivelmente esperando pelo entrevistador mais sarcástico, incisivo e menos gentil, o Jeremy Paxman do mundo literário, se não o próprio Jeremy Paxman.

— Eu — decretou Laura, de modo mais incisivo do que pretendia.

— Ah — exclamou Adam. — Meio que brincadeira de criança para você, Dermot. Então, não consegue encarar um entrevistador adequado?

— Pois saiba que o duende aqui é uma pessoa muito adequada, ou pelo menos era até eu a conhecer; e tenho certeza de que ela vai fazer muitas perguntas perscrutadoras — garantiu Dermot.

— Vou mesmo — confirmou Laura, esperando ardentemente conseguir pensar em algo mais que as três que anotara em seu caderno na noite passada. — Não tínhamos condições de chamar alguém famoso sem saber se Dermot poderia vir — confessou ela a Adam.

— Está vendo? É tudo culpa minha — admitiu Dermot. — Laura, minha

querida, há qualquer possibilidade de eu ficar a sós com você? — Ele ergueu uma sobrancelha, e ela corou. Será que ele realmente esperava reivindicar sua “transa”? Enquanto o rato estava em segurança lá na Irlanda, o gato podia reivindicar sua presa. Humpf!

— Ah, você não pode tramar coisas na surdina com a moça — protestou Adam. — Isso seria totalmente antiesportivo.

— Não tenho bem certeza do que você quer dizer com “tramar coisas na surdina com a moça” — disse Dermot —, mas confesso que algo assim me passou pela cabeça.

— Eis a sobremesa — anunciou Veronica rapidamente, sentindo cheiro de encrenca no ar. — Torta de banana com calda caramelada. Acho que morri e fui para o céu.

Laura captou seu olhar e sorriu em agradecimento. Sabia que Dermot estava prestes a dizer algo ultrajante e viu que Veronica também percebera.

— Não, mesmo, eu insisto — continuou Adam. — Seria falta de ética se você e Laura se falassem antes da entrevista. — Fez uma pausa. — Pois me parece que Dermot consegue dar a volta em qualquer mulher, e a convenceria a não fazer perguntas complicadas.

— Eu asseguro a você que o que quero dizer a Laura é de natureza inteiramente particular — esclareceu Dermot. Agora ele estava sério; nada de olhares sugestivos.

O suor pinicou a cabeça de Laura ao se dar conta do que Dermot poderia lhe dizer. Era provável que ele fosse “explicar” sobre Bridget, deixar claro que o ocorrido entre eles fora ótimo, mas não passara de uma noite, e ela não devia mais pensar nisso ou nele, mas que tal uma transa por amor aos velhos tempos, Bridget não precisava saber. Ela quase podia ouvir sua voz sexy e charmosa dizendo essas palavras. Não resistiria.

— Acho que você tem toda razão! — Ela disse isso com tanta veemência que as pessoas ficaram meio surpresas. — Quero dizer — continuou, tentando parecer mais racional —, acho que deveria ser como uma noiva que não vê o noivo na noite antes do casamento.

Dermot franziu o cenho e pareceu meio confuso.

— Bem, se é assim que você se sente, Laura.

— É! Acho que me sentiria melhor para entrevistá-lo sem conversar com você antes. Eu poderia ter uma abordagem mais profissional.

— E um escritor com a sua experiência, Dermot — acrescentou Veronica — não terá qualquer problema com a Laura aqui. Ah, sem dúvida, eu sei que ela será muito mais dura do que parece nesse vestidinho e essas botas maravilhosas, mas ela também não vai ser cruel com você!

— Não — concordou Laura, humildemente. — É claro que não. — A dor em seu coração retornara, vingativa.

Dermot suspirou.

— Minha nossa! Se você insiste! — Ele olhou em volta da mesa e depois se levantou. — Se não posso falar com a pessoa com quem gostaria de conversar, é melhor ir ver minha agente. Será que rola algum conhaque?

A felicidade de rever Dermot se transformara em desespero para Laura. Ela conseguiu ficar conversando com Veronica, Anne e Adam um pouco mais, e depois pediu licença sob o pretexto de ver quando sairia o café.

Fenella estava na cozinha sob o mesmo pretexto, para grande irritação das Catering Ladies, que tinham tudo sob controle.

— Você está bem, querida? — perguntou Fenella.

— Estou, ou melhor, vou ficar. É que de repente me dei conta do que significa Dermot ter vindo. Terei de entrevistá-lo, a menos que apareça outra pessoa. — Num frenesi, ela repassou mentalmente os autores que estavam por lá. Não conseguiria fazer isso, simplesmente não conseguiria. — Talvez...

— Não — cortou Fenella com firmeza. — Tem de ser você. É você que conhece o trabalho dele, não vai tirá-lo dos holofotes, você é a pessoa certa.

— Isso daria uma letra de música — disse Monica, aparecendo por trás de Laura. — Mas Dermot é muito querido.

— E saiba que você tem falado com um sotaque muito irlandês — acusou Laura. — Talvez esteja passando tempo demais com Seamus.

— Bem, nisso você está certa — concordou ela, toda feliz —, mas não foi um amor da parte de Dermot deixar Seamus tocar?

Monica parecia ter se esquecido de que Dermot era o bruxo que tinha partido o coração de sua amiga.

— É óbvio que ele não sabe o quanto Seamus toca mal — afirmou Laura.

— Não pode ser tão ruim assim — argumentou Fenella.

— E ele o conhece — insistiu Monica. — De qualquer jeito, Seamus não é ruim, é a banda que é horrível, e é provável que Dermot saiba exatamente se ele é ruim ou bom. É uma grande oportunidade para Seamus.

— Se vocês madames puderem levar alguns bules de café lá para cima ou sair do caminho, nós agradecemos — disse uma das Catering Ladies.

— Ah, desculpe — disseram elas em uníssono e saíram do caminho.

Na manhã seguinte, tomando banho, Laura concluiu que precisava mesmo era se afastar e ficar um pouco sozinha com os livros de Dermot para pensar em perguntas realmente inteligentes. Mas teria um dia cheio, e até seu tempo a sós embaixo do chuveiro era limitado: Monica também precisava de uma ducha.

— Você quer comer torradas e tudo o mais aqui ou ir até a casa para um café da manhã mais reforçado? — perguntou ela a uma Monica ainda molhada, pouco depois. — Eu gostaria de me encontrar com Veronica e Anne. Vou acompanhá-las ao evento mais tarde.

— O Dermot não vai estar lá? — Monica pôs uma quantidade generosa de algo cheiroso no cabelo.

— Não tenho permissão de me encontrar com ele, pelo menos não a sós — disse Laura, tímida.

— Mas você está bem com relação a fazer isso? — perguntou Monica, esculpindo o cabelo com o produto.

— Estaria se tivesse tempo de pensar no assunto, mas não terei um instante para pensar em nada até uns dez minutos antes de começar a entrevista.

— Deve ser ainda mais difícil para você, agora que está dormindo com ele.

— Não estou dormindo com ele! Foi só aquela vez! — protestou Laura. — Mas é claro que é mais difícil. Não consigo tratá-lo como a qualquer outro escritor. E não quero tratá-lo como o homem que partiu meu coração.

— O que você precisa fazer é estimular um bom e velho ressentimento contra ele — sugeriu Monica, ligando o secador de cabelos na tomada, sem perceber a extensão da angústia de Laura. — Pense no quanto ele a tratou mal e vingue-se.

— Mas ele não me tratou mal, na verdade. — Laura sentiu o impulso de falar sobre Bridget, mas depois percebeu que não queria trazer tudo aquilo novamente à tona. Estava controlando as coisas o melhor que podia, pensou. Não devia entornar o caldo. Monica sabia que ela estava chateada, não precisava de todos os detalhes terríveis.

Monica não aceitaria isso.

— Ah, pelo amor de Deus! Do meu ponto de vista, ele pode ser charmoso e cativante, além de um presente de Deus ao mundo literário, mas ele fez essa maldade com você e nunca telefonou! Para mim, isso não é uma atitude cavalheiresca. Como ele poderia tratá-la pior? — Era óbvio que ela ainda tinha lealdade para com sua amiga, e Laura lhe era grata por isso.

— Poderia ter sido pior sim. Ele poderia ter me engravidado e depois me abandonado. — Então, querendo mudar de assunto, Laura disse: — E que tal o café da manhã? Reforçado ou com torradas?

— Reforçado, acho. Quero ver Dermot, mesmo que você não queira.

— Monica, não comece a interrogá-lo... — Mas Monica já saíra porta afora.

A cozinha de Somerby estava ruidosa, com todos conversando, e havia cheiro de *bacon* no ar. Rupert usava um avental enorme e controlava três frigideiras, além de uma panela de ovos mexidos. Dermot não estava lá.

— Ele, Rupert e Eleanora ficaram acordados até de madrugada — relatou Fenella a Laura, obviamente aborrecida. Estarão imprestáveis mais tarde, e Dermot tem de fazer a apresentação com Seamus.

— Você já comeu? — perguntou Laura.

— Não, ela não comeu nada — interferiu Sarah, igualmente irritada. Todo mundo estava obviamente um pouco ansioso, agora que o festival literário estava oficialmente aberto, com o primeiro dia de eventos pela frente. Ela pegou Fenella pelos ombros e a levou até uma cadeira vaga. Depois pôs um prato de comida diante dela. — Engula isso. Vou pegar um chá para você.

Todos jogaram conversa fora por algum tempo, e Laura tinha acabado de começar a tomar seu próprio café quando Dermot e Eleanora entraram. Eleanora exigiu um café completo e Dermot apenas torradas e café preto. Anne e Veronica, que ajeitavam suas cadeiras caprichosamente junto à mesa, se entreolharam.

— Adoro quando as pessoas agem de modo inesperado! — sussurrou uma ao saírem. — Era de se esperar que Eleanora roesse uma torrada seca e Dermot tomasse um café da manhã enorme!

Assim que pôde fazer uma retirada digna, Laura retornou ao chalé para se organizar. Tinha acabado de voltar para ver se Anne e Veronica estavam prontas quando encontrou Sarah no saguão.

— Isso pode ser meio inconveniente — começou Sarah. — Há vários jornalistas lá fora. Você pode ser um amor e correr até lá embaixo para ver se Dermot quer falar com eles? Caso contrário, eu me livro deles.

Laura retornou ao andar de baixo. Só restavam os viciados em café e fumantes inveterados: Dermot, Eleanora e Rupert, que surrupiara um dos cigarros caseiros de Dermot e parecia culpado.

Sentindo-se como um chefe de polícia perturbando uma festa noturna, Laura fez seu anúncio.

— Mas Sarah pode mandá-los embora se você não quiser falar com eles, Dermot.

— Acho que você devia escolher alguns e recebê-los — sugeriu Eleanora. — Assim a história é sua, em vez de um monte de lixo inventado.

— Devo mandar buscar o Max Clifford? — perguntou Rupert, sem estar inteiramente brincando. — Ou não precisamos de um assessor? Afinal, temos Sarah.

— Então, o que devo dizer a ela? — perguntou Laura, virando-se de uma pessoa para outra, não mais se sentindo como chefe de polícia, mas sim como uma criança que não tem permissão para ficar com os adultos.

— Tudo bem, vou falar com alguns até ficar entediado — cedeu Dermot,

levantando-se e dando um sorriso malicioso para Laura. — Não conte a Fenella que Rupert fumou um cigarro, tá bom?

Laura balançou a cabeça em desaprovação, grata por retornar à posição de chefe de polícia.

— Não vou precisar contar, ela vai sentir o cheiro a quilômetros de distância.

Capítulo 19



Laura não teve tempo de se preocupar com o desempenho de Dermot junto aos jornalistas. Estava encarregada de levar Veronica e Anne até o local onde fariam uma palestra conjunta, seguida de uma sessão de autógrafos. Depois, as duas autoras anunciariam os vencedores de um concurso de contos do qual elas foram juradas, antes de ir para o café da região, onde haveria um evento chamado “Chá com Duas Escritoras”. Elas eram tranquilas e não se importaram de trabalhar tanto, mas muito lhes fora exigido e Laura se sentia um pouco culpada. Ao sugerir que elas fossem as juradas do concurso, não se dera conta de que isso significaria correr de um lado para o outro, como acabou acontecendo. Felizmente, os bolinhos do café eram excelentes, e Laura insistiu que elas deveriam ter tempo de comer uns dois antes que a sessão de perguntas fosse retomada.

Ela ponderava sobre um *jap cake*, um maravilhoso confeito à moda antiga com cobertura de café e merengue, quando o telefone tocou e ela saiu para atender. Era Fenella.

— Desculpe incomodar, Laura, mas Dermot me pediu que ligasse.

— Tudo bem, mas ele mesmo poderia ter ligado. Sei que eu disse que não queria falar com ele, mas era só...

— Não é isso. Dermot passou o dia dando entrevistas. Eleanora está animadíssima! Não entende por que ele está sendo tão solícito, mas deixe pra lá. Ele não teve tempo para escolher os trechos que lerá hoje à noite e quer saber se você tem algumas ideias.

Quando teve a ideia de combinar música com leituras, Laura pensara nisso.

— Sim, eu separei algumas passagens. Se você for até minha casa, os livros de Dermot estão na estante. Os trechos que considero os melhores têm as páginas marcadas com cliques.

— Você é demais! Aposto que está contente por não ter me emprestado os livros, pois, se estivessem comigo, nós nunca os encontraríamos... Muito menos esses trechos bons.

Ela quis retrucar que os livros de Dermot eram todos feitos de “trechos bons”, mas disse apenas:

— Fico feliz de ser útil.

Laura voltou para o café e concluiu que os *jap cakes* não eram mais ótimos, mas sim essenciais. Ela estava frenética e pensava em quando teria tempo de planejar o que iria perguntar a Dermot na noite seguinte. Amanhã ela faria uma excursão pela zona rural para o “Festival na Comunidade”, levando os autores em seu carro para visitar lares para idosos. Contudo, deveria sobrar tempo entre a volta a Somerby e o evento musical de Dermot, caso precisassem dela para levar os autores. Com sorte, não precisaria fazer isso, e então teria bastante tempo. Bem, cerca de uma hora, pelo menos.

Ao planejarem o festival, ela e Fenella receberam bem cada sugestão e as incluíram com entusiasmo. A programação estava cheia de eventos em vários locais da região. Todos haviam aceitado as ideias com entusiasmo. Só agora, quando o festival estava realmente acontecendo, foi que elas perceberam quanta correria aquilo envolvia.

Já era bem tarde quando voltaram a Somerby, pois Veronica insistira em visitar uma floricultura e Laura não teve coragem de dizer que “não temos tempo”. Grant e Monica a esperavam na porta da casa principal. Ela tinha se esquecido de que haviam combinado de tomar um drinque juntos antes da apresentação de Dermot. Não teria tempo de anotar suas perguntas essa noite. Suspirou.

— Laura, não acredito que você levou essas escritoras admiráveis para visitar a zona rural nesse meu calhambeque — protestou Grant, enquanto ele e Monica ajudavam Veronica e Anne a desembarcar de seu antigo carro.

— Foi ótimo — garantiu Anne, segurando o braço dele para conseguir se içar da traseira do carro. — Só que somos mulheres de certa idade.

Veronica, na frente, após ter saído sem qualquer ajuda, bufou:

— Mulheres de certo peso, melhor dizendo!

Grant encarou as duas.

— Não sei se devo rir ou não dessa piada! — comentou ele.

Depois que Anne e Veronica já tinham sido levadas de volta às suas acomodações e supridas de chá e uísque, Grant voltou a falar com Laura:

— Certo! Vamos ao seu chalé tomar uma taça de vinho. Andei me poupando. Preciso de uma atualização completa. Laura, você não programou muita coisa para este festival literário?

— Humm. Sim — admitiu ela, enquanto iam para o chalé. — O problema foi não termos calculado como todo mundo agarraria avidamente a oportunidade de ver um autor ou um concurso literário, ou mesmo de fazer parte do “Costurando

com Livros”.

— O que seria isso? — perguntou Grant.

— É como um grupo de costura e tricô, em que as mulheres se reúnem e...

— Tudo bem, isso eu entendi.

— Bem, nesse caso, todo mundo lê em voz alta e todas tricotam quadrados para uma coberta. Será na segunda de manhã. Fenella vai fornecer um bolo.

— Vamos lá, vocês dois, esqueçam a costura e o tricô — censurou Monica. — Vou para o evento mais cedo com Seamus para ajudá-lo na passagem do som e tudo o mais. Precisamos agilizar.

Apressando-se, Laura quis saber:

— Que tal a sua pousada, Grant?

— Legal, mas um pouco bucólica. Tem vacas bem na minha janela.

— O que você esperava do campo? — perguntou Monica.

Porém, Grant se esqueceu de suas objeções à vida rural ao ver onde Laura e Monica estavam hospedadas. Era a primeira vez que ia lá.

— Ah, que charmoso — elogiou. — Muito bem-feito.

— É, não é? — concordou Laura, tirando uma garrafa de vinho da geladeira. — Pode entrar no chuveiro antes, Monica. Está com pressa.

— Tanto quanto você — retrucou ela, parando no meio do caminho, voltando-se, desconfiada, para a amiga.

— Não preciso ir tão cedo quanto você.

Monica lhe dirigiu um olhar faiscante.

Laura examinou as unhas.

— Talvez eu não vá hoje. Preciso planejar as perguntas para amanhã.

— Não pode deixar de ir à apresentação de Dermot — protestou Monica. — Ele ficaria chateado.

— Não ficaria não! — Laura foi igualmente inflexível. — Não daria a mínima, isso se notasse minha ausência.

— Mas, Laura! — Grant estava atônito. — Você não pode perder! Você adora a obra dele desde bebê...

— Não chega a tanto! — protestou ela, baixinho.

— Não pode perder a leitura — insistiu Grant. — Nunca se perdoaria.

Depois que os dois amigos ficaram indignados olhando para ela por vários segundos, Laura suspirou.

— Acho que você tem razão, Grant. Já ouvi muitos escritores menos importantes lendo suas obras. Seria uma tolice perder o melhor.

— Vamos abrir o vinho — sugeriu Grant.

— Monica não pode beber, ela vai dirigir — lembrou Laura, sentindo-se intimidada e querendo se vingar.

— Tudo bem, não vou dirigir — retrucou Monica. — Temos um motorista. Vamos pegar Seamus no caminho. Que pena ele não estar hospedado em Somerby.

— Somerby está pra lá de lotada — interpôs Laura. — Alguns escritores tiveram que ficar em pousadas... — Parou de falar quando uma boa ideia lhe veio à cabeça. — Você poderia ir e ficar com ele.

Monica balançou a cabeça.

— Não dá. Eu realmente preciso estar aqui disponível para os lances do festival de música.

Laura suspirou, lamentando.

— Verdade, eu sempre me esqueço desse lado das coisas. Como vão as coisas? Você contou ao Ironstone? Eles irão hoje à noite?

— Alguns com certeza, mas o evento está esgotado. Seamus está tremendo nas bases.

— Temos o CD de emergência se ele estiver tão assustado assim.

— Não! Dermot vetou isso, lembra?

— Deixe pra lá, Mon, você quer uma taça de vinho antes ou um banho?

— As duas coisas, é claro! Já ouviu falar em multitarefa?

Grant e Monica insistiram que Laura fosse mais cedo com eles, pois desconfiavam de que ela não compareceria ao evento se não fosse levada à força.

— Uma pena não termos conseguido organizar esse evento no pub — lamentou Monica.

— É, mas parece que ele não comportaria gente suficiente, então Fenella o transferiu para o cinema dela — disse Laura.

— O cinema é da Fenella? — perguntou Grant.

— Não. É que ela adora o prédio e queria usá-lo para tudo. — Laura fez uma pausa. — Além disso, é o maior lugar por aqui. Foi onde Monica fez o show, lembra?

— Ah, eu achei que só fosse um teatro.

— Coitado do Seamus, ele vai estar tão nervoso — interrompeu Monica. — Ficaria muito mais feliz num pub.

Ela se sentou na frente, ao lado do motorista, durante todo o caminho para pegar Seamus. Quando ele entrou, Monica e Grant se espremeram atrás. Laura também estava nervosa. Ela queria muito que tudo desse certo, por Seamus e, é claro, por Dermot.

Sarah havia lhe perguntado se deveria fazer fotocópias das páginas do livro e ampliá-las para que Dermot lesse. Elas discutiram a questão e concluíram que seria bom, mas Laura disse que plastificá-las não era uma boa ideia. Além de

tudo o mais, se elas caíssem poderiam deslizar para longe. Laura tinha as folhas; Dermot, os livros.

— É como os membros do Gabinete Nacional, que não viajam no mesmo voo por causa da possibilidade de acidentes aéreos — dissera Sarah, com solenidade. — É uma medida de segurança.

Laura não sabia se rir ajudava ou não. Sem dúvida, aliviava um pouco a tensão, mas agora ela estava preocupada com a possibilidade de Reg, o motorista de Dermot, um ex-policial muito sóbrio, se envolver num acidente a caminho do evento.

Geralmente, o local funcionava como cinema, menos quando o grupo de teatro amador da região montava peças, ou o grupo de teatro mudo do vilarejo se apresentava. O prédio era muito bonito, mantido por uma série de atividades para levantar fundos. Dessa vez, todos os assentos estavam no lugar, permitindo assim o máximo de plateia possível. Embora eles tivessem chegado cerca de uma hora antes do horário marcado, já havia gente reunida do lado de fora.

— Nooossa! — disse Seamus, quando o motorista diminuiu a velocidade, procurando um lugar para estacionar. — Tem gente à beça aqui!

— Tudo bem — atalhou Grant. — Estão aqui por causa do Dermot. Você não precisa se preocupar.

— Que falta de gentileza! — repreendeu Monica, chamando a atenção de Grant. — É claro que estão aqui por causa de Seamus!

— Estão aqui pelo evento — decretou Laura, diplomaticamente. — E eu também estou supernervosa!

— Eu também — admitiu Grant. — Tenho medo que alguém vá esquecer uma fala ou coisa parecida. Estou me sentindo como uma mãe indo ver a peça do filhinho. Vamos entrar. O bar deve estar aberto, não é?

— Sim — respondeu Laura. — A ideia é deixar o lugar com clima de pub irlandês, ou pelo menos o mais parecido possível, já que não é um. Com música, burburinho e cerveja escura.

— Burburinho — disse Monica. — Eu achava que este fosse um festival de música tranquilo e sóbrio.

— E é — retrucou Grant. — São os escritores que podem pôr esse lado a perder.

— Posso deixá-los aqui? — perguntou o motorista, que reprimia o riso. — E vocês têm meu celular, não é? Liguem quando quiserem voltar para casa.

— Dá para ser agora? — indagou Seamus.

— Não — responderam todos em coro e desembarcaram.

A primeira pessoa que viram ao entrar foi Adam.

— Eu vim com Dermot — anunciou, deixando implícito que havia feito algo

útil. Laura, que normalmente teria sido solidária com o jovem escritor, achou isso irritante. — Ele não quer ser esmagado pelos fãs — continuou Adam. — Nem discutir a entrevista de amanhã. Precisa se concentrar na apresentação de hoje. — Olhou para Laura, como se ela fosse um *paparazzo* procurando por escândalo.

Ela não respondeu. Era óbvio que Adam havia se nomeado acompanhante de Dermot — tarefa alocada para Fenella ou Rupert. Mas como estavam ocupados, é provável que tivessem ficado bem contentes ao deixar Adam fazer isso e, pelo jeito, Dermot não fizera objeções. Quanto a discutir a entrevista do dia seguinte, seria a última coisa que ela faria. Era um pouco irônico que todo o ressentimento original de Adam por Dermot houvesse se transformado em adoração ao herói e em um feroz sentimento protetor.

Monica levou Seamus para o palco e passou a dar ordens para a equipe de som. Dermot estava no palco, sentado numa cadeira, lendo um volume bem manuseado de um de seus livros. Tinha ao lado um copo alto.

— Vamos lá pegar uma bebida — sugeriu Grant. — Não precisam de nós aqui.

O bar já estava em alvoroço. Os voluntários de sempre contavam com o reforço do pessoal do pub, pois não havia muito clima para pedir um chope em voz alta no teatro. Havia um jovem todo de preto, jeans e camiseta, rabo de cavalo, instruindo uma mulher de uns 60 anos a tirar o chope perfeito.

— Não sei se devo beber — comentou Laura quando Grant lhe perguntou o que queria.

— Ah, pelo amor de Deus! Você não vai aguentar sóbria desse jeito! Dá para ver que está muito mais nervosa que Seamus. Tome um uísque duplo.

Ao voltarem à mesa deles, o lugar estava lotado. Laura ficou aliviada. Uma boa plateia e nenhuma chance de Dermot conseguir localizá-la em meio à multidão. Não podia ser melhor. Mas ela ainda pretendia se sentar bem no fundo, atrás de uma coluna, se encontrasse uma.

Laura não se surpreendeu com o fato de Dermot ser um astro; ele leu de modo maravilhoso, prendeu a atenção da plateia, deixando-a totalmente cativada. Ficou momentaneamente surpresa por Seamus ser tão bom. Não tocou o *bodhrán*, instrumento com o qual também era um desastre, mas o violão. Com muita suavidade, ele tocou música tradicional irlandesa: “She Moved Through the Fair”, “Down by the Salley Gardens”, “The Lark in the Clear Air”. E Dermot leu.

Num tom grave e meditativo, ele descreveu um garotinho olhando pela janela, observando a mãe beijar o pai e se sentindo excluído, uma manhã de ventania na primavera, o canto do melro e uma sensação de expectativa sem razão; um

cochilo numa banquetta dura, forrada de couro num pub enquanto a festa de casamento se desenrolava.

Não houve uma tosse, um murmúrio, nem alguém irrequieto. Até Grant escutava atentamente.

Laura sabia que era o que popularmente classificavam como “cansada e emotiva”, mas as palavras eram tão evocativas, tão poéticas sem ser piegas, e a música tão tocante que ela sentiu as lágrimas marejando seus olhos.

Concentrou-se em mantê-los bem abertos, e só de vez em quando piscava, deixando uma lágrima grossa correr. Assim poderia secar cada lágrima com a mão, na esperança de que ninguém notasse o quanto se sentia comovida. Não que alguém fosse perceber, pensou. Todos estavam paralisados.

Laura estava bem no fundo com Grant. Por insistência dela, eles demoraram o máximo possível para entrar. Ela tinha dito que queria voltar assim que o evento terminasse, para se preparar para a entrevista e evitar Dermot até poder encará-lo com calma e friamente na manhã seguinte. Agora ela estava ainda mais contente por ter dito isso. A leitura havia trazido à tona cada sentimento, cada saudade — não que estivessem enterrados tão profundamente, mas com cada frase, todo seu amor e admiração por ele se insurgiram com força renovada.

Dermot fechou o livro, e Seamus descansou os dedos nas cordas do violão para silenciá-las. Estava acabado. Houve um silêncio momentâneo, como se ninguém quisesse quebrar o encanto com o qual Dermot os envolvera. E então o teatro veio abaixo.

Uma ovação de pé foi inevitável. Laura saiu, arrebatada demais para conseguir acompanhar o público. Droga de homem que mexe tanto comigo!, pensou ela. Mas ele não era maravilhoso? Ao andar de um lado para o outro na rua, Laura sentiu seu coração começar a cantar. Ele era um astro e não se arrependeria de ter vindo ao festival. E por mais doloroso que fosse admitir, ela o amava de todo o coração.

— Você está bem? — perguntou uma gentil voz masculina. — Sou eu, Hugo, a cara-metade da Sarah e amigo de Rupert e Fenella.

— Ah, sim, é claro. Oi de novo. Estou bem sim — insistiu ela.

Hugo a analisou ponderadamente.

— Quer que eu a leve para casa? Para fugir da multidão? Vai entrevistar o grande homem amanhã, não é? Pode precisar de algum tempo longe do alvoroço.

— Isso seria ótimo! Tudo bem para você? — Laura sentiu um imenso alívio e quase tropeçou.

— O que, levar você para casa? Claro, e volto antes que alguém consiga perceber que não estive aqui todo o tempo. Venha. O carro está aqui.

Tendo pedido a Hugo que avisasse a Monica e Grant que ela fora para casa,

Laura deixou um recado para a amiga e subiu para o mezanino, direto para a cama. Não podia pensar em nenhuma pergunta agora: estava muito aflita. Dez minutos depois, desceu e fez um chocolate quente. Levou-o de volta para a cama, esperando que dessa vez conseguisse dormir. Surpreendentemente, deu certo.

No domingo, ela teve muito pouco tempo para pensar na entrevista que aconteceria mais tarde ou nas emoções que a leitura de Dermot provocara na noite anterior. No café da manhã, brincou com Fenella e Sarah sobre precisar de tempo para se deitar com fatias de pepino nos olhos, mas na verdade estava preocupada. Se não arranjasse uma folga para se preparar, Dermot a faria parecer uma idiota completa. E, como o que importava era a performance de Dermot, a reputação dele permaneceria inabalável se um fiapo de gente de cabelo crespo e rebelde, totalmente despreparada, lhe fizesse perguntas óbvias. Ela devia isso a si mesma também.

A agenda de domingo estava notavelmente lotada. Assim que acabou um dos famosos cafés de Rupert, Veronica, Anne e Maria Cavendish — uma escritora de romances policiais — se enfiaram no carro, e Laura partiu rumo ao primeiro de seus destinos. O “Festival na Comunidade” fora uma ideia muito bem-recebida — uma que Laura desejava não ter tido, embora talvez fosse a distração de que necessitava.

No último local, uma casa grandiosa voltada para aposentados de boa família e alta posição social, ela estava prestes a sair do carro quando Veronica disse:

— Pode ficar aqui e preparar sua entrevista. A gente se vira. Mesmo.

Grata, Laura assentiu, mas em vez de preparar a entrevista, flagrou-se sonhando acordada.

Uma batidinha na janela a fez saltar de seu devaneio. Na verdade, deu-se conta de que adormecera. Estava exausta com toda essa comoção.

— Não se preocupe, uma cochilada deve ter sido melhor para você — comentou Veronica, quando todas voltaram ao carro e descobriram Laura na terra dos sonhos. — Sou fã de cochilos.

— Mas você não quer que Dermot atropеле você — lembrou Anne. — Que horas é a entrevista?

— Às sete. Vamos jantar cedo. Talvez eu não jante e pense nas perguntas então.

— Na verdade — interveio Maria Cavendish, que se reunira ao grupo naquele dia e não era tão simpática —, você deveria ter preparado suas perguntas há semanas, quando marcaram o evento.

— Mas ela não tinha certeza se Dermot viria — explicou Veronica. —

Haveria uma mesa-redonda de autores no lugar.

— Ah, foi por isso que foi cancelada? Poxa. Eu poderia ter vindo amanhã, então.

— Mas as velhinhas adoraram você — protestou Anne. — É incrível quantas delas leem romances policiais realmente fortes.

Laura tentou reunir suas ideias disparatadas enquanto dirigia de volta a Somerby e dizia às escritoras o quanto foram geniais. Quando finalmente entregou a carga literária, tudo que lhe veio à mente foi “Você gostava da escola?” Então se lembrou de que havia perguntado a Dermot qual seria o livro que levaria para uma ilha deserta. Ele dissera que seria *Ulisses*. Ela poderia fazê-lo falar um pouco sobre James Joyce. Isso quebraria o gelo durante o restante da entrevista. Uma vez de volta ao sossego do chalé, ela anotou essas duas perguntas nas costas de sua agenda, pronta para transferi-las para algo mais adequado. Sarah lhe perguntara se ela queria uma prancheta, mas Laura achou que seria mais fácil ter algumas notas numa folha de papel A4.

Laura batia os dentes de nervoso e se sentia enjoada. Conseguira pensar numa lista de perguntas e anotara tudo, e percebeu, só de olhar para sua letra, que estava apavorada. Não que tivesse qualquer dúvida, mas os traços pontudos e irregulares revelavam sua agitação interior. Ela estava ligeiramente decepcionada por Dermot não ter sequer tentado se encontrar com ela. Mas, afinal, ele andara ocupado, assim como ela, e eles tinham combinado de não se ver. Ele lhe enviara um torpedo, que dizia “Pega leve comigo”, e ela tinha decidido não responder. Refletindo bem, estava aliviada por não ter se encontrado com ele após a noite anterior.

E ela concluiu que se sentiria melhor em relação à situação toda se conseguisse controlar a única coisa que realmente conseguia dominar: seu cabelo. Ao ouvir isso, Sarah, que viera ver por que ela não tinha ido jantar e lhe trouxera um sanduíche, foi procurar uma chapinha. Ao trazê-la, insistiu em ficar para arrumar o cabelo de Laura.

— Não sou cabeleireira — explicou Sarah, reunindo uma mecha do cabelo de Laura —, mas já vi um monte de noivas sendo penteadas. Uma pena eu não ter feito reserva com Bron. Ela é uma amiga cabeleireira, com quem trabalho muito. É que nem pensei nisso.

— Se eu não tivesse cabelo rebelde, não seria problema. Não costumo pensar muito nele...

— Mas esta é uma grande ocasião. Você quer estar linda, é natural.

Sarah estava se saindo muito bem com a chapinha. Laura ficou sentada tranquilamente, aproveitando-se da atenção que recebia, para variar. Era

estranhamente reconfortante. Então perguntou:

— O que você acha que eu deveria usar?

— Estava adorável com a roupa de ontem, a menos que prefira que Dermot a veja em algo diferente — franziu o cenho. — Não que ele vá prestar muita atenção nisso.

— Não posso me importar com o que Dermot pensa da minha roupa! — A ansiedade de Laura deu a isso um tom meio esganiçado. Ouvindo a si mesma, acrescentou: — Espero não ter dado a impressão de que me importo com o que ele pensa.

Sarah deu uma risada tranquilizadora, pegando outra mecha de cabelo.

— Não, só deu a impressão de que você quer parecer profissional para a plateia; o que Dermot pensa sobre o assunto não importa.

— Excelente! Foi exatamente isso que eu quis dizer. Como sabia?

— Ah, eu também passei muito tempo tentando me enganar sobre meus sentimentos — continuou Sarah. — Você vai prender o cabelo? Ou deixar solto?

— Prender, acho. — Laura pegou uma mecha de cabelo cuidadosamente alisado e puxou para cima. — O que você acha?

— Parece que tem 12 anos, mas é uma graça. Vai se maquiar?

— Um pouco. Rímel. Qualquer outra coisa acaba borrada embaixo dos olhos em segundos. Você acha que é suficiente?

— E batom. — Sarah supervisionou o coque, o rímel e o batom. — Pronto, agora você parece ter pelo menos 14. — Fez uma pausa. — Você fez alguma anotação? Perguntas?

— Ahã. — Ela pegou sua folha de papel A4 e notou que estava trêmula. — Preciso colocar isto numa pasta.

Sarah concordou e deu um sorriso tranquilizador.

— Vou te dar uma. Quer que eu a leve ao teatro de carro? Ou irá com Dermot? A boca de Laura ficou seca ao pensar em ir com Dermot.

— Ah, não. Eu prefiro ir com você.

— Então vou tratar de não dar carona a mais ninguém.

— Nossa, obrigada, Sarah. Você foi incrível.

— Não fiz nada, sério. Mas *você* vai ser incrível. Te garanto.

De algum modo, Laura guardou as palavras de Sarah enquanto iam para o local do evento. Ela nunca inspirara muita fé em seus pais, mas em outras pessoas sim, e Sarah a lembrava que ela havia realizado coisas difíceis no passado e se saíra bem. Ela pensou em tudo que tinha feito desde que essa história do festival havia começado, desde dançar *lindy hop* a falar para estudantes e até para futuros autores por meio de anotações em seus manuscritos. Fazer algumas perguntas a Dermot, deixar que ele falasse o quanto quisesse

sobre os assuntos que surgissem, não deveria ser tão difícil quanto o resto. Mesmo assim, de algum modo, parecia muito pior.

Sarah ficou com ela, acalmando-a e animando seu espírito até chegar a hora de ir para o palco, atrás das cortinas fechadas.

O palco estava arrumado com uma mesa baixa, coberta com uma toalha, e duas cadeiras. Sobre a mesa havia dois copos e uma garrafa de água. Dermot já estava lá. Sorriu para Laura.

— Talvez a gente deva apertar as mãos antes de começar, como pugilistas.

O sorriso dele fez seu estômago se revirar.

— Vou entrevistá-lo. Não é um confronto — respondeu ela, ouvindo a própria voz trêmula. E sem acreditar no que dissera, de fato.

Dermot tinha uma pasta com papéis apoiada em sua cadeira.

— Eu sei que você não quis que a gente conversasse, mas acho que devemos. Não tivemos tempo... Você saiu correndo e...

Ela ergueu a mão.

— Não, mesmo, você não precisa dizer nada. Está tudo bem. Eu entendo.

Sarah chamou dos bastidores.

— Está na hora. Vocês estão prontos?

— Ainda não — disse Dermot. Ele olhava para ela com uma expressão intrigada.

— Ah, estamos sim. — Laura foi firme. Sentiu que se esperasse mais poderia se sentir mal.

— Precisamos arranjar um tempo para conversar — insistiu ele. — O que aconteceu na Irlanda...

— Não precisamos falar sobre isso. Na verdade, não precisamos falar sobre nada, exceto... Ah, as cortinas estão se abrindo — apontou ela, aliviada, mesmo que isso significasse que sua próxima provação estava para começar.

Rupert os apresentou e, olhando para além dos holofotes, Laura pôde ver que o lugar estava lotado. Olhou para Dermot para ver se ele também estava trêmulo, mas parecia que não. Ele olhava para a plateia; como se sentia em relação a ela era um mistério para Laura.

Quando os aplausos acabaram, ela tomou um gole de água, assim sua voz iria sair. Pronto.

Recitou as frases introdutórias que havia preparado e se virou para Dermot com a primeira pergunta.

— Então, Dermot, conte, você era feliz na escola?

A pergunta o surpreendeu, mas após alguns segundos ele estava a pleno vapor, descrevendo o quanto era ruim em várias matérias, como lia Proust embaixo da escrivaninha e que toda a escola o considerava um total idiota até ele ganhar um

concurso de redação. Ele prendeu o interesse de todos, fez as pessoas rirem e elas o adoravam.

— E agora, algo que eu sempre gosto de saber sobre os escritores: qual livro você levaria para uma ilha deserta? Se pudesse ter um único livro para o resto da vida, que livro seria?

Os olhos dele sorriram e por um instante ela foi transportada de volta ao dia no promontório, quando eles haviam conversado pela primeira vez de fato.

— Nossa, essa é difícil. Felizmente, já me perguntaram isso antes, e então sei a resposta.

Ela fez que sim, sorrindo.

— É *Ulisses*.

— Mas muita gente considera James Joyce incompreensível.

— Ele é, mas é infinitamente gratificante.

Ele continuou falando sobre Joyce um pouco mais e depois se virou para Laura na expectativa.

Ela sabia que suas outras perguntas eram tão perspicazes quanto uma conversa fiada em um coquetel, mas felizmente Dermot as respondeu de modo brilhante. Se isso indicava que ele já frequentara muitos coquetéis ou que a conversa fiada no pub em Ballyfitzpatrick era bem similar, Laura não sabia. De qualquer modo, a plateia se contorcia de rir ou se inclinava para a frente para não perder nenhuma nuance.

Após ter quebrado o gelo, ela sentiu que devia lhe fazer perguntas pertinentes agora. Havia uma um pouco arriscada, mas qualquer entrevistador que honrasse esse título a teria feito. Outro gole d'água, uma respiração profunda e ela a lançou.

— Então, Dermot, já faz alguns anos que você não apresenta nada novo. Gostaria de nos contar o porquê?

Ela se sentiu como Judas e não conseguiu olhar para ele, mas podia imaginar o lampejo de raiva que ele devia estar sentindo.

— Na verdade, Laura, estou produzindo um trabalho novo. — Aquela resposta soou muito pessoal, embora fosse endereçada à plateia também.

Como esperava essa resposta — costumava ser a defesa dele —, ela decidiu pressionar. Se tinha chegado até ali, não podia recuar agora.

— Bem, você o trouxe? — perguntou ela.

— Sim. — Ele pegou sua pasta e a pôs no colo.

— Ah. — Com certeza, ela não esperava essa resposta, mas agora vinha o verdadeiro desafio. Estava curiosa para saber como ele se sairia. — Então você gostaria de ler algum trecho? Ou vamos direto para as perguntas da plateia? — perguntou ela.

— Leia! — A resposta veio da plateia.

Dermot sorriu para eles e se virou de novo para Laura.

— É um conto.

— Que ótimo — disse ela, sem querer revelar a empolgação crescente. Ele realmente parecia ter algo novo. — Gostaria de ler? — Ela sentiu como se estivesse encorajando uma criancinha.

— Tem certeza de que não quer me fazer mais perguntas, em vez disso? — retrucou ele, implicando.

O cara estava louco? Estava se oferecendo para ler um conto e assim pôr fim à agonia daquela entrevista, além de contribuir para a história da literatura, tudo num simples e único ato!

— Bem, vamos perguntar à plateia de novo? — sugeriu ela, confiante de que todos a apoiariam.

O “sim” da plateia foi ensurdecedor, mas Dermot manteve o olhar em Laura. Ela arriscou uma olhada para ele, mas não conseguiu adivinhar como ele se sentia.

— Então, isso seria ótimo — disse ela, como se estivesse aceitando uma segunda xícara de chá.

— Ok, então. Vamos lá. “É errado jogar um jogo quando a outra pessoa não conhece as regras, mas de algum modo estamos sempre fazendo isso.”

A voz dele era tão linda e tão sexy, que a princípio Laura só ficou ouvindo o som melodioso de cada frase expressa de modo eloquente, sem de fato absorver o que estava sendo dito, mas aos poucos a história tomou forma em sua mente e ela escutava com mais atenção.

— “Em que ponto do jogo você confessa? No meio? Ou no final, quando o sucesso traz a sensação de fracasso? Magoar alguém é inevitável?”

À medida que ele lia sobre compromisso e sobre decepcionar alguém gentilmente, a boca de Laura foi ficando seca, o sangue coloriu suas faces e ela achou que iria desmaiar. Será que ele estava falando dela? Teria escrito um conto sobre ela e o relacionamento deles, se é que aquilo podia ser chamado de relacionamento?

O resto da história passou por seus ouvidos sem real conexão com seu cérebro. Foi um mecanismo de defesa, concluiu ela, ao perceber que não conseguia captar as palavras dele mais do que conseguiria apanhar uma pluma esvoaçante no ar. Algumas palavras flutuavam com lentidão suficiente para que ela entendesse. “*Traição... paixão*”, e, cruelmente, “*adoração do herói*”.

Quanto mais ele lia, mas ela sentia um aperto frio no coração. Ele tinha escrito sobre ela, sobre amor não correspondido e sobre desapontar alguém com gentileza. E lera em voz alta, para um salão lotado. Por que não podia ter

simplesmente lhe enviado por e-mail? Pelo menos ela poderia ter lido com privacidade.

Lá sentada, ela aguardava pelo fim da tortura, grata de que a plateia estivesse tão enlevada com Dermot que ninguém olhava para ela. Felizmente, ninguém ligaria a história a ela, não haveria motivo para isso. Isso ajudava. Agora ela sentia que conseguiria encerrar o evento com dignidade, mesmo tendo vontade de sair correndo e se esconder do mundo para sempre. Percebeu que uma parte dela ainda tinha esperança, mas ele não podia ter sido mais claro. Como conseguiria encará-lo de novo? Uma olhada no relógio lhe disse que não haveria tempo para perguntas. Ela sabia que Dermot adoraria isso.

Quando o conto chegou ao fim, a plateia se levantou para aplaudir ruidosamente. Ela estava vagamente ciente dos disparos das câmeras dos celulares e até de alguns flashes. Será que havia gente da imprensa ali dentro? Ela sabia que eles não deviam ter entrado, mas, na verdade, como seria possível impedi-los?

Dermot foi até a frente do palco com as mãos erguidas para silenciá-los. Laura saiu furtivamente para o santuário da coxia escura.

Capítulo 20



Ela sabia que por maior que fosse a vontade, ainda tinha mais uma tarefa a cumprir antes de partir para o santuário de seu chalé. Encontrar seu antigo patrão, Henry, na sala de exposição de livros, foi uma grata surpresa. Na verdade, não devia ser. Ela sabia que ele estava fornecendo os livros para o festival, mas era a primeira vez que eles se viam. Sua fisionomia conhecida e querida foi uma visão bem-vinda após o que ela passara.

— Meu bem! — disse ele, ficando de pé num pulo para, em seguida, acrescentar com menos entusiasmo: — Você parece meio cansada.

— Não é de surpreender — respondeu Laura, abrindo um sorriso largo, na esperança de que ele não percebesse o esforço que lhe era exigido. — Andamos incrivelmente ocupados.

— Mas com um enorme sucesso — devolveu Henry, aprovando. — Todo o mundo literário está aqui, escutando cada palavra proferida por Dermot.

Laura teve um estremecimento e rapidamente o transformou num dar de ombros.

— Os eventos dele foram muito frequentados, mas os dos outros também. Será que precisam mesmo de mim aqui? Ou posso voltar? — Ela queria muito escapar para um quarto escuro.

— Claro que precisam de você aqui. — Henry foi firme. — Você acabou de entrevistar o astro do show. Isso significa que você também é um pouco uma estrela. Ah, Eleanora.

Eleanora se agarrou em Laura numa nuvem de lantejoulas pretas, canutilhos rosa e plumas de marabu. Os brincos bateram no rosto de Laura quando elas se beijaram.

— Querida, se você estiver sequer sonhando em fugir antes que Dermot dê os autógrafos, esqueça. Ele vai cear com Jacob Stone, mas agora mesmo está tentando abrir caminho entre os caçadores de autógrafos. Estará aqui num minuto para começar a sessão.

— Espero que parte dessa vasta multidão compre livros — comentou Henry.

— O problema é que quando não há nada de novo...

— Há algo novo — retrucou Eleanora, triunfante —, e nada me convence de que Laura não teve algo a ver com isso.

Laura se sentou de repente na cadeira recém-vaga por Henry, os joelhos moles. Sentia calor e frio, tudo ao mesmo tempo. Por um instante, ela achou que Eleanora tivesse adivinhado tudo.

— Acho que não... Quer dizer... Acho que ele devia estar escrevendo obsessivamente antes que eu...

Ciente de que estava se arriscando a revelar o que havia acontecido depois que ela o descobrira na Irlanda, Laura parou de falar.

— Ah, querida... — Eleanora não aceitaria nenhuma explicação. — Você é tão incrivelmente modesta! Aceite o mérito! Ele não produz nada há quase 15 anos. Você entra na vida dele e Dermot está escrevendo outra vez! E você foi tão profissional lá em cima. Agora, só por um instante, fique feliz!

— Mas, eu não estou...

— Você nunca a fará aceitar o mérito pelo que quer que seja — advertiu Henry, tirando uma taça de vinho de trás da mesa e entregando-a a Eleanora. — Melhor não incomodá-la.

Laura estava prestes a protestar um pouco mais quando ele também lhe entregou uma taça de vinho.

— Fique aí sentada e relaxe. Teve um longo dia.

Laura deu um gole no vinho, sentindo muitas saudades de seus dias tranquilos na livraria e de Henry. Ultimamente a vida andava empolgante demais para uma metida a intelectual.

Monica chegou, apressada. Curvou-se e deu um abraço apertado em Laura.

— Aquilo foi tão doce! Tão terno, tão incrivelmente lindo! — Fungou. — Chorei tudo que podia!

— Por quê? O quê? — Laura quase derramou o vinho ao se desenredar do abraço. Com certeza, Monica também não desconfiava de nada. Ela corria o risco de cair no choro no peito da amiga.

A ideia de ter tudo que ela e Dermot compartilharam reduzido a um conto — mesmo que brilhante — lhe deu vontade de chorar. Laura sabia que, por amor ao mundo literário, deveria estar grata por ele ter saído de seu bloqueio criativo, e se ela ajudara de qualquer modo, deveria estar orgulhosa por ter sido útil. Porém naquele instante ela só conseguia pensar em si mesma e na tragédia daquilo tudo, e apenas esperar que ninguém perguntasse sobre quem era o conto. Não toleraria ser exposta ao mundo. Simplesmente morreria de constrangimento se algo vazasse.

As pessoas começavam a chegar para comprar os livros, mas ninguém estava

olhando em sua direção como quem diz “coitada”.

E então a grande figura em pessoa chegou, ladeado por admiradores e pela imprensa. Seus olhares se encontraram brevemente, e Laura viu no dele uma terna preocupação que lhe disse tudo que ela precisava saber: o conto era sobre ela. O motivo para ele querer falar com ela em particular era para poder explicar isso, e ela não deixara. É provável que ele soubesse que ela estava apaixonada. Afinal, não seria a primeira a seguir por aquele caminho tortuoso. E, com sua ingenuidade, era algo bem inevitável, diante do que eles compartilharam. Sendo gentil, ele não queria magoá-la, mas os sentimentos dela não eram correspondidos. Ela só queria que ele não tivesse posto tudo num conto e lido de modo tão público. Ele, mais que qualquer outro, devia conhecer o valor da privacidade. E se ele se sentia desse modo, por que havia feito aquela brincadeira sobre uma “transa”? Ela estava tão confusa.

Mas sorriu para ele, cada célula de seu corpo tentando transmitir que estava tudo bem, que ela não estava apaixonada por ele nem achava que o conto fosse sobre ela. Na verdade, ela queria fazê-lo pensar que tudo estava ótimo. Pedia demais de seu sorriso, sabia muito bem, mas fez o melhor possível.

Então, num esforço heroico, ela abriu caminho entre o aglomerado de gente até encontrá-lo, a meio caminho da mesa onde ele daria os autógrafos.

— Muito bem, Dermot! — elogiou ela, corajosamente. — Foi fantástico! Espero que não se importe que eu vá embora agora. Estou com muita dor de cabeça. — O fato de que essa parte era verdadeira emprestou veracidade ao resto. — A gente se vê amanhã.

Ele olhou para ela, franzindo um pouco o cenho enquanto a caneta pairava sobre um livro.

— Não a verei mais tarde?

Laura deu de ombros.

— Ah, sim. Quando eu me livrar da dor de cabeça eu venho. Provavelmente.

Ela não esperou para ver se ele tinha aceitado aquilo, apenas abriu caminho para sair da sala e depois do cinema, esperando encontrar alguém que a levasse para casa.

Viu Reg, o motorista que trouxera Dermot para o evento. Bateu no vidro.

— Alguma chance de carona para Somerby? Dermot vai levar horas aqui. Eu estou com uma dor de cabeça horrível.

Ele abriu a janela.

— Entre. Eu a levo agora mesmo.

Até agora, tudo certo. Ela tomaria uma aspirina, um leite morno, iria para a cama e só se preocuparia em encarar Dermot no café, na manhã seguinte. Lidaria com esse problema quando fosse a hora.

Após deixar um recado para Monica, desculpando-se por ter “escapulido”, Laura subiu as escadas para o mezanino e caiu na cama. Estava realmente exausta, mas levou algum tempo para conseguir relaxar e dormir. Ela sabia que todos os envolvidos no festival estavam tão exaustos quanto ela, que havia sumido, deixando todos com a batata quente na mão. Não era justo, de fato. Mas não se sentia tão culpada a ponto de levantar de novo e ir até a casa principal ajudar. Precisava pensar em como enfrentaria as próximas 24 horas.

Laura acordou cheia de determinação. Iria tomar o café da manhã às nove horas e encararia Dermot como uma adulta, não uma adolescente apaixonada. Tivera sua noite de fossa, agora encararia a “vida real”. Não deixaria que ninguém, muito menos Dermot, visse o quanto ela estava magoada.

Ela gostaria de ter Monica ao seu lado, mas, como desconfiara, ela havia deixado um recado, dizendo que estava com Seamus e voltaria no dia seguinte, e que Grant tinha ido passar o dia com a tia.

Ah, bom, pensou Laura, tentando encontrar algo de positivo. Isso significa que posso ficar no chuveiro pelo tempo que quiser. Estava decidida a aparecer para o café da manhã com uma aparência fabulosa. Ninguém ficaria sabendo que ela estava mal e se sentindo traída, muito menos Dermot. Ela pegaria a onda do sucesso do festival e comeria linguiça, ovos e *bacon* com orgulho! Estava seriamente tentada a pôr atrás da orelha uma rosa de tecido que Monica deixara por ali.

— Bom dia — cantarolou ela ao abrir a porta da cozinha, parecendo uma professora de escola primária se dirigindo à turma.

Dando uma rápida olhada pelo aposento, ela viu que Dermot não estava lá. Alívio e decepção entraram em conflito por um instante, e a decepção venceu. Ela se repreendeu. Mesmo agora, corria o risco de que seu coração governasse sua mente. Ela puxou uma cadeira ao lado de Veronica, que lia o jornal. Veronica baixou um pouco o *Daily Telegraph* e deu um sorriso caloroso para Laura. Fenella bocejava bebendo café; Reg, o motorista, tinha um pedaço de pão torrado e com ele limpava os restos de gema de ovo. Sarah anotava alguma coisa num caderno. Hugo, ao seu lado, parecia estar compondo um soneto para o pedaço de linguiça em seu garfo. Eleanora bebericava chá de hortelã com os olhos meio fechados. Apesar de haver bastante gente, a cozinha enorme parecia meio vazia.

— Laura! — chamou Rupert lá do fogão, usando um avental listrado e manejando uma espátula. — O que vai querer? Um pouco de tudo? Um arenque?

— Arenque não, obrigada. Mas vou querer de tudo, menos morcela — respondeu ela. — Obrigada.

— Morcela tem muito ferro, sabia, querida? — comentou Eleanora. — Mas fico feliz de ver que você está com apetite. Está um pouco abatida.

O apetite sumiu. Por que Eleanora disse isso? Por que estava surpresa ou comentando seu apetite? Ela precisava parar com essa paranoia.

Laura estendeu o braço para pegar uma torrada.

— Bem, sabe como é, não comi muito ontem à noite. — Tomou fôlego. — Dermot ainda não se levantou?

— Ah! — Subitamente Eleanora estava exalando bom humor e cheia de notícias. — Esqueci que você não sabia. Ele foi para Londres ontem à noite para poder fazer um programa matinal na TV hoje.

— Mas eu achava que ele tivesse jantado tarde da noite com Jacob Stone.

— Ele jantou e depois os dois foram para Londres no helicóptero de Jacob — explicou Fenella. — Nós gravamos o programa. Foi supercedo. Mas acho que ele vai fazer mais umas duas aparições, não é, tia... Quero dizer, Eleanora?

— *Loose Women* — anunciou Eleanora. — Um ótimo programa.

Sentindo-se desnorteada, Laura olhou em volta da mesa em busca de esclarecimento.

Sarah, que tinha fechado o caderno e agora empilhava os pratos no canto, a ajudou.

— É um programa da hora do almoço em que um grupo de mulheres discute assuntos atuais e fofoca.

— Bem a cara do Dermot — disse Laura, enquanto Rupert botava um prato fumegante à sua frente. — Ah, parece delicioso!

Reg se levantou, levando o prato junto.

— Estava uma delícia mesmo. Agora, se vocês me dão licença, tenho coisas a fazer.

Agora que Reg saíra, parecia que todos, exceto Laura, já tinham comido e só estavam lendo o jornal, beliscando torradas e tomando café.

Todos se comportavam com tanta naturalidade que ela não precisava fingir ser a contente de sempre. E com Dermot longe do campo, não havia perigo de dar de cara com ele e ser forçada a ver a preocupação em sua fisionomia outra vez.

Fenella veio e se sentou ao seu lado.

— Então, é só o evento com Damien Stubbs hoje à noite e acabamos com os grandes astros. O evento está esgotado e aquele homem do *The Times* chega na hora do almoço. Tempo suficiente para Damien perder seu trem e pegar o próximo.

— Você não está muito confiante na pontualidade de Damien — disse Veronica, largando o jornal. — É com os trens que me preocupo, por isso eu e Anne viemos de carro. Felizmente, moramos bem perto uma da outra.

— Que horas...? — Fenella se interrompeu, tardiamente ciente de que não era educado perguntar quando as pessoas iriam embora.

— Em cerca de meia hora — disse Veronica, tranquilizando-a. — As malas já estão no carro e Anne só está tirando umas fotos do seu encantador jardim silvestre.

— Nós tentamos mantê-lo podado a tempo para a temporada de casamentos, mas ele logo cresce desgovernado outra vez. Todos parecem preferi-lo assim — admitiu Fenella.

Veronica concordou que o jardim era maravilhoso.

— Alguém precisa de uma carona até a estação? — perguntou Laura. — Não? Então, assim que eu acabar aqui vou até lá em cima, no escritório, começar a separar as cartas de agradecimento e tudo o mais. — Virou-se para Veronica. — Não vá embora sem me avisar. Você e Anne foram magníficas.

Veronica deu um tapinha no ombro de Laura e se levantou.

— Bem, qualquer hora que você quiser me ver, ou nos ver, de novo, é só dizer. Foi um festival extraordinário, sério. Parabéns!

Depois de Veronica e Anne partirem, o grupo voltou para a cozinha.

— Foi realmente esquisito, não é? — comentou Fenella, deslizando a chaleira para a chapa elétrica já quente. — Passamos a maior parte do festival nos perguntando se Dermot viria. Aí ele chega de repente, participa de dois eventos incríveis e vai embora de helicóptero do mesmo modo repentino. De certo modo, é como se nunca tivesse estado aqui.

— Mais ou menos — disse Laura, sentindo que de algum modo sua vida teria sido mais fácil se ele não tivesse aparecido.

— Mas ele transformou o festival num sucesso estrondoso. E tudo se deve a você, Laura. — Fenella fez uma pausa. — Você foi o máximo, fazendo Dermot vir e tudo o mais. Jacob Stone disse para lhe darmos um bônus.

— Ah, não é preciso...

— Dissemos que não tínhamos condição, então ele mesmo deu.

Laura ficou aflita.

— Quer dizer que depois de tudo isso não tivemos lucro?

— Bem, tivemos — admitiu Rupert —, mas não muito. Jacob me enviou um e-mail para dizer que iria te dar 2 mil libras além da sua remuneração.

— Que incrível! — disse Laura quando absorveu a notícia. — Que gentileza a dele! — Ela se deu conta de que não havia pensado muito sobre sua próxima remuneração.

— Dermot disse a Jacob o quanto você se empenhou para trazê-lo aqui antes de ele ir para a Califórnia.

Laura engoliu em seco, esperando que Dermot não tivesse feito isso em muito

detalhe.

— Ah, então Jacob Stone foi para a Califórnia?

— Não. Dermot é que foi. Um contrato para um filme. Eleanora diz que talvez não saia, mas parece que tem um monte de gente interessada há eras e ele nunca tinha considerado a ideia antes. É sobre o primeiro livro.

— Ah, sim, daria um ótimo filme. Então, o que foi que mudou? Por que ele está querendo transformá-lo num filme agora? — Pronto. Ela nunca mais o veria. Uma parte dela lamentou, mesmo que talvez fosse para o melhor.

— Foi o fato de perder o bloqueio, é o que Eleanora diz. — Fenella franziu o cenho. — Você já sabia, não é? Não foi só o conto, ele está escrevendo um romance também.

Laura se sentiu mal.

— Não. Eu não sabia. Que notícia ótima! — Era mesmo, mas ela não conseguia deixar de se sentir como um sapato descartado. Havia sido útil, mas agora não era mais necessária. E por que ele não tinha lhe contado? O fato de ele praticamente não ter tido a chance e de que isso acontecera principalmente por culpa dela foi um pequeno consolo. Talvez tenha sido isso que ele tentara dizer pelo telefone. Ela deletara umas duas mensagens, antes mesmo de lê-las, e se perguntava agora se preferia ver Dermot escrevendo e feliz, mas longe dela, ou com ela, mas ainda vítima de um bloqueio criativo. A princípio, pareceu um pacto faustiano que ela estava feliz de não precisar fazer, mas quanto mais pensava no assunto, no quadro geral das coisas, a felicidade dele parecia mais importante que a dela. Isso era amor.

— Nós estávamos dizendo, não é, Rupert, que precisamos marcar uma festa com todos os envolvidos no festival. Assim que não estivermos fazendo um casamento atrás do outro. Poderíamos planejar o que vamos ter no festival do ano que vem.

Laura deu uma risada, grata pela distração.

— Como é que você consegue sequer pensar em outro festival? Este nem acabou ainda.

*

Os dois últimos eventos tiveram um efeito de anticlímax para Laura. Todos estavam muito cansados, e embora a hospitalidade de Somerby fosse boa como sempre, até Fenella estava perdendo um pouco o entusiasmo. Mas, por fim, restaram apenas Laura, Rupert e Fenella na cozinha.

— Então, você tem algum plano? — perguntou Fenella.

— Como assim? Depois de escrever todas as cartas de agradecimento? —

Laura tratou de dar uma risada animada. Na verdade, ela não tinha ideia do que iria fazer agora. Pensou na possibilidade de ficar com Grant e procurar um emprego e um apartamento na região onde ele morava.

— Humm. — Fenella estava olhando para ela de modo bem intenso, e Laura sentiu que ela devia estar ansiosa para ter a casa para si mesma outra vez.

— Bem, eu pensei...

— Posso te oferecer um emprego? Você pode ficar com seu estábulo reformado pelo tempo que precisar.

Laura se levantou e pôs o braço em volta dos ombros de Fenella.

— Você tem sido esplêndida e é muito gentil, mas...

— Mas seu negócio são os livros?

— Falei para você — disse Rupert. Ele estava fazendo as palavras cruzadas, como era seu hábito.

— Achei que valia a pena tentar — admitiu Fenella —, mas se não for trabalhar comigo, deve ligar para Eleanora. Ela disse que você deveria fazer isso se ficasse sem trabalho ou estivesse à toa por aí. Você está?

Laura riu.

— Acho que sim, na verdade.

— Então ela tem uma ideia — alertou Fenella, como se a ideia em questão pudesse pertencer ao lado mais absurdo da insanidade total.

— Ah, ela não foi para os Estados Unidos com Dermot?

Fenella descartou essa possibilidade.

— Ah, não, ela diz que está velha demais para a Califórnia. Umas comprinhas em Nova York tudo bem, mas Dermot tem uma agente americana, assim como uma agente para seus direitos cinematográficos, portanto, não precisaria dela. — Ela tomou fôlego. — Você fica apavorada com a ideia de ligar para ela? Nunca se sabe, com aquela lá. Às vezes, as ideias dela são incríveis, mas outras são pura maluquice. Ela sugeriu que eu e Rupes fôssemos caçar jacarés na nossa lua de mel.

Laura riu. Abençoada Fenella, ela sentiria sua falta.

— Vou ligar para ela. Não custa saber o que tem em mente. E logo depois, ligo para o Grant. Graças ao bônus de Jacob, será muito mais fácil achar um apartamento.

— Bem, ligue para Eleanora antes — sugeriu Fenella.

— Querida! — disse Eleanora, quando finalmente lhe passaram a ligação de Laura. — Venha almoçar comigo amanhã. Quero que você conheça alguém.

— Humm...

Isso podia significar qualquer coisa, de um encontro com objetivos amorosos a uma oportunidade de trabalho. Como dissera Fenella, Eleanora era capaz de

tudo.

— No Grove, meio-dia e meia. Ok? Há trens nesse horário? Não tente vir de carro, meu bem. Não há onde estacionar.

Laura ligou para o escritório de Eleanora alguns minutos depois desse breve telefonema para saber o endereço do restaurante. O conselho de Eleanora para Laura não ir de carro era desnecessário; a ideia de dirigir por cinco horas duas vezes num só dia a deixava cansada. Acrescente-se a isso o almoço com Eleanora e ela ficaria completamente esgotada.

— Você não sabe o que ela tem em mente, sabe? — perguntou Laura a Fenella enquanto eles três se sentavam à mesa, amontoados numa das extremidades, e tomavam sopa de tomate em lata com pão branco.

— Não faço ideia — confessou Fenella. — Mas ela estava superimpressionada com tudo que você fez no festival. Talvez queira que organize outro.

— Deixe eu me recuperar desse antes. Eu...

— Ei! — gritou Rupert. — Vejam isto! Um artigo de página inteira sobre nós! Instantaneamente, eles estavam se acotovelando para lê-lo.

— E não é apenas sobre Dermot! — disse Fenella com orgulho depois de ler um trecho. — Ouçam. “Somerby está para os festivais como aqueles encantadores hotéis boutique estão para as grandes cadeias. Acrescente-se ao caldeirão um astro da literatura, que pareceu cair do céu, e temos algo realmente especial.”

Laura pegou o jornal.

— Temos que comprar uma porção de jornais e fazer uma pasta de recortes. Outras publicações também devem ter artigos sobre nós. Será tão bom para o ano que vem! Podemos colocar trechos nos folhetos.

Ela se sentiu reanimada, apesar do coração partido.

— Fico tão contente de saber que haverá um próximo no ano que vem — disse Rupert, dando um tapinha no ombro de Laura. — Contanto que você organize para nós.

Laura deu uma risada.

— E nesse meio-tempo, tenho Eleanora.

Capítulo 21



Fenella tinha sido firme; Laura devia pegar um táxi da estação até o restaurante. Se isso significasse chegar um pouco cedo, bem, ela podia passear um pouco pelas ruas, contanto que não se perdesse. O restaurante era em Mayfair, ou seja, só poderia olhar as vitrines, não entrar nas lojas, mas Laura conseguiu encontrar o caminho de volta ao restaurante quando decidiu que estava na hora certa — cinco minutos após a hora combinada, dando tempo de Eleanora chegar.

Só que Eleanora não havia chegado, apesar de o nome dela ter sido reconhecido quando Laura o mencionou. Ela foi conduzida a uma mesa e lhe perguntaram se queria beber alguma coisa.

— Uma taça de vinho branco e água com gás, por favor.

Assim ela poderia dar um gole encorajador num bom vinho e depois misturar os dois, se quisesse.

O restaurante estava cheio de gente que parecia pouco interessada na comida. Falavam de negócios a mil por hora. Não havia casais se olhando nos olhos, amigas trocando confidências nem mães e filhas conversando sério. Todos ali estavam trabalhando. Laura gostava de observar as pessoas e teria se divertido mais com isso se não estivesse ansiosa em relação ao almoço.

O que Eleanora estaria tramando? Ela proporcionara a Laura o que acabara sendo sua grande guinada, apresentando-a a Fenella, Rupert e ao Festival de Somerby. Talvez, como Fen dissera, esta realmente seria outra oportunidade de trabalho.

Enquanto remexia o guardanapo e arrumava o garfo e a faca perfeitamente alinhados, Laura refletia sobre tudo que aprendera desde aquele primeiro encontro. Até aquele momento, todo o seu aprendizado na vida havia sido feito por meio de livros, basicamente de ficção. Mas agora aprendia com a vida real, às vezes dolorosamente real.

Propositalmente, ela desviou o pensamento de Dermot. Um dia ela voltaria a olhar para o que tivera com ele e abriria um sorriso, veria aquilo pelo que fora: uma adorável apresentação ao sexo e, para ela, ao amor. Agora era uma ferida

dolorosa, inflamada por uma crescente sensação de traição. Depois que os sentimentos de constrangimento e humilhação diminuíram um pouco, uma sensação de que ele realmente não se importara com seus sentimentos, apesar de toda a “preocupação” que demonstrou, foi gradativamente se formando dentro dela. Isso não a fazia amá-lo menos nem afugentava a dor, mas fortalecia sua decisão de fazer todo esforço necessário para esquecê-lo o mais rápido possível. Muitas distrações, como esse almoço hoje, ajudavam.

Enfim, Eleanora apareceu, trazendo junto um homem de seus 40 anos, ou quase. Laura relaxou. Fazia algum tempo que não se sentia nervosa por causa do encontro em si. O que a preocupava era Eleanora não aparecer. Agora que ela estava ali, ficou tudo bem.

— Querida, este é Gerald O’Brien, outro irlandês, mas não o julgue por isso.

Laura não pôde deixar de sorrir ao permitir que o homem segurasse sua mão.

— Prazer em conhecê-la — disse ele formalmente. — Na Inglaterra, as pessoas adoram trocar dois beijinhos quando são apresentadas, mas sou um pouco antiquado. — Sorriu, desculpando-se, e Laura ficou tocada.

Por alguns segundos, ela buscou traços da voz de Dermot na de Gerald O’Brien, mas não encontrou nenhum. É claro que havia centenas de sotaques irlandeses e suas variações, mas parte dela esperava alguma conexão com o sotaque preponderante em sua mente.

— Eu também sou, acho — falou, apertando a mão dele. — Um pouco antiquada, quero dizer.

Depois de cumprimentar Laura com um beijo no rosto, Eleanora caiu pesadamente em sua cadeira, meio esbaforida, como se tivesse descido das alturas.

— Vejo que já deu início aos trabalhos com um vinho. É isso aí, garota! Vamos pedir uma garrafa. Eu sei que beber na hora do almoço saiu de moda entre os jovens, mas eu ainda aprecio a minha refeição acompanhada de uma ou duas taças. — Ela examinou a lista de vinhos com atenção. Gerald O’Brien e Laura trocaram olhares tímidos. Ele não representava seu estereótipo do irlandês, pensou Laura. Era bem cativante, mas não tinha o charme espontâneo que parecia exalar de Dermot. Ela afugentou a dor já familiar.

Não demoraram muito tempo para fazer os pedidos. Laura teve tempo de mudar de ideia várias vezes enquanto esperava, e tanto Gerald quanto Eleanora se decidiram logo. O vinho chegou, foi servido, e Eleanora pôs os cotovelos sobre a mesa, como uma mulher pronta para fazer uma declaração. Então, ela viu alguém no outro lado do salão.

— Ah, meu Deus! — disse ela. — Sinto muito, vou ter que ir até a outra mesa. Sei que é a maior falta de educação, mas é Susie Blaquette. E ela está

com Hubert Von Trapp! Como ousa? Ela prometeu que não olharia para outro editor até acabar seu romance e ter algo para vender! Iríamos pôr o livro a leilão, mas agora parece que ela vai ficar com Hubert. Desculpem. Preciso interromper isso!

Laura se flagrou sorrindo. Só mesmo Eleanora podia deixar duas pessoas obviamente tímidas a sós em seu primeiro encontro, antes que pudessem ao menos fingir que se conhecem o suficiente para iniciar uma conversa.

Ela se precipitou para sua missão, deixando Gerald e Laura olhando ansiosamente um para o outro, ambos decididos a fazer um esforço.

— Então, o que você faz, Laura? — perguntou Gerald.

— Ah, eu...Humm, bem, acabei de ajudar a organizar um festival literário — respondeu ela. Ainda não sabia se Eleanora marcara aquele encontro com objetivos amorosos ou profissionais. No primeiro caso, deveria dizer algo sobre si mesma que a faria parecer interessante (mas indisponível); no segundo, sem dúvida deveria parecer interessada e eficiente (e possivelmente disponível).

— Isso parece interessante. — A reação educada mas autêntica de Gerald não lhe deu qualquer pista. — Uma vez, minha mulher trabalhou como voluntária no Festival de Cheltenham, quando era estudante.

Ele era casado, então não era um namorado em potencial. Que alívio. Ela relaxou um pouco mais.

— *Foi* interessante e, na verdade, um grande desafio também. É incrível a quantidade de coisas que é preciso saber fazer. Eu tive que falar para alunos do ensino fundamental, o que, devo dizer, foi uma das coisas mais assustadoras que já fiz na vida.

— Posso imaginar! Na verdade, não consigo pensar em nada mais apavorante!

A expressão de horror dele a fez rir, e Laura se sentiu ainda mais à vontade.

— Bem, eles estavam sob supervisão, e eu não precisei me estender muito. Der... Um amigo tinha me dado umas dicas de como abordá-los, e saiu tudo bem. Na última escola, eu já estava quase gostando.

— Mesmo assim, nunca vou querer fazer isso. Você deve ser uma professora nata.

Laura balançou a cabeça.

— Ah, não, eu nunca dei aulas... — Fez uma pausa. — Ainda que, se pensar bem, meio que dei aulas sim, quando fui assistente numa oficina literária.

— Você é uma mulher de muitos papéis — disse Gerald, sério, mas com um piscar de olhos que deixava claro o senso de humor.

Eleanora voltou, apressada.

— Cortei pela raiz. Mas sejamos francos, de que serve ter uma agente se você não faz o que ela manda?

Houve um instante de silêncio, e então Gerald disse:

— Eu juro, Eleanora, se você fosse minha agente, eu faria exatamente o que você diz.

— Ah, você é escritor? — perguntou Laura.

Gerald ficou apavorado.

— Deus, não! Estou do outro lado do negócio! Tenho uma editora.

— Ah. — Com a chegada das entradas, Laura foi poupada de imaginar por que a ideia de ser um escritor era tão espantosa, ou de pensar numa resposta apropriada.

— Sim, e ele precisa de você, Laura, meu bem. — Nem mesmo a chegada de uma escultura em miniatura feita de crustáceos, algas e algo vermelho vivo tirou Eleanora de seu foco.

Gerald e Laura trocaram olhares horrorizados.

— Acho que não... — começaram, mais ou menos ao mesmo tempo.

— Sim, você precisa, só que ainda não sabe. — Verificando que a sopa de Gerald e a tigela de minivegetais de Laura haviam chegado, ela pegou um mexilhão. — Laura sempre quis ser editora.

— Como é que...

— Conheci aquele Grant. Um garoto adorável. Ele me falou. — Ela largou o garfo. — Confesso que tenho uma queda por gays, mas nunca sei se é porque tenho muito estilo ou porque uso muita maquiagem! — Eleanora estava perdendo o foco mais uma vez.

Nem Gerald nem Laura se sentiram capazes de ajudá-la nisso, então ficaram calados.

— De qualquer forma — continuou Eleanora —, isso não tem nada a ver com o caso. Estou decidida a juntar vocês dois.

Os dois em questão se entreolharam, cientes de carecerem de fibra moral para resistir a Eleanora quando ela tinha uma ideia fixa na cabeça.

— Acho que não...

— Eu não quero... O negócio é que — continuou Gerald, com mais firmeza — não posso pagar uma editora em tempo integral e preciso ter alguém na Irlanda.

— E eu preciso de um emprego em tempo integral e não moro na Irlanda. — Grata, Laura tomou emprestada a determinação de Gerald.

Dessa vez os olhares trocados foram quase de triunfo.

Eleanora não iria aceitar isso.

— Minha nossa, como vocês são negativos! Isso são detalhes ínfimos! Vocês foram feitos um para o outro!

Quando o garçom se ofereceu para encher a taça de Laura, ela aceitou, agradecida.

Capítulo 22



Eleanora não desistiu. Não parou de falar no quanto Laura seria ótima.

— Pense naquela oficina literária! Você leu todos aqueles manuscritos, sabia o que havia de errado, como consertar. Você foi genial! Foi mesmo, Gerald, Dermot disse. — Ela deu um gole no vinho. — Eu até aceitei um dos coitados dos alunos, apesar de que nesse mercado...

— Você está falando “no” Dermot? Dermot Flynn? — Gerald interrompeu o que poderia ter se tornado uma longa palestra sobre “A situação do mercado editorial atual”. Virou-se para Laura. — Então você trabalhou com ele?

— Sim. — Ela não conseguiu pensar em muito mais a dizer sobre o assunto. Também não queria muito o emprego, e até então estava se dando bem mal na entrevista. É claro, se fosse na Inglaterra, ela teria se entusiasmado muito mais.

— E sua capacidade de organização não fica atrás. O festival foi fantástico! Tudo devido à Laura.

— E Fenella, Sarah, Rupert e muitos outros — disse Laura.

— Foi você que fez o astro aparecer.

— Que astro? — perguntou Gerald, educadamente.

— Dermot, é claro. Ela foi à Irlanda e o trouxe pelos cabelos. Você não leu a respeito nos jornais? Um pequeno artigo muito divertido.

Isso era novo para Laura e não especialmente bem-vindo, mas se Gerald não havia lido, outros talvez não tivessem lido também. Agora ele estava realmente interessado.

— Ele está sem contrato? Deve estar, pois não produz nada há anos.

Eleanora riu.

— Nem pense nisso. Muito fora do seu alcance. Caro demais.

— Mas ele transformaria minha pequena editora irlandesa num gigante.

Eleanora fez um gesto negativo com a cabeça.

— É necessário mais de um autor, meu querido, você sabe tão bem disso quanto eu. Você é o editor, ora. Por falar em Dermot... — Eleanora se virou para Laura. — Ele tem me ligado, dizendo que você não atende às ligações dele. Pelo

amor de Deus, ligue para ele, ele está me levando à loucura.

Laura fez que sim, como se concordasse, mas apesar de saber muito bem que Dermot havia tentado se comunicar com ela, não havia modo de retornar seus telefonemas. Não tinha nada a lhe dizer.

Eleanora deu uma olhada pelo salão outra vez.

— Ah, desculpem. Acabo de ver um velho amigo. Volto num minuto — disse ela, e saiu da mesa.

— Eu sabia que seria difícil, mas achei que valia tentar. — Gerald semicerrou os olhos. — Ei, se Dermot ligar, será que você conseguiria convencê-lo...

Laura balançou a cabeça, triste.

— Não! Eu garanto que não exerço influência sobre ele.

— Então, como conseguiu fazê-lo ir ao festival? — insistiu Gerald. — Todos sabem o quanto é difícil arrancá-lo de sua “casinha cinzenta no oeste”.

— Foi só dessa vez — explicou Laura. Era uma agonia falar dele. Se mantivesse a conversa em termos mais gerais, conseguiria encará-la. — Só para o festival. Além disso, uma coisa é fazer alguém comparecer a um festival e outra bem diferente é convencê-la a ir para uma editora pequena demais para ela. — Ela olhou em volta. — Onde está Eleanora? Não creio que ela realmente tenha encontrado um velho amigo.

Gerald também se virou.

— Encontrou. Lá está ela. Parece conhecer metade das pessoas aqui. Acho que costuma almoçar nesse restaurante, então é bem possível que conheça todo mundo de vista, mesmo que não conheça ninguém de fato. Então, me conte, como foi mesmo que você conseguiu tirar Dermot Flynn da Irlanda para vir ao festival?

Agora Laura percebia que possivelmente lhe perguntariam isso várias vezes e que era melhor pensar numa resposta oficial, ou pelo menos possível de ser dita em voz alta. Ela sorriu para dar a impressão de que tudo era devido a um feliz acaso e, portanto, não tinha nada a ver com seus esforços.

— Bem, digamos apenas que houve o envolvimento do álcool. — Ninguém precisava saber que fora mais por parte dela que de Dermot. — E eu não o trouxe pelos cabelos, como um homem das cavernas, largando-o aos pés de Eleanora. Ela só dá a impressão de ter sido assim.

Gerald deu uma risada.

— Parece impressionante, mesmo que não tenha sido assim. — Laura concluiu que ele era um doce ao se inclinar para a frente, parecendo realmente interessado. — Então, é verdade que sempre quis ser editora?

Essa era uma pergunta que ela podia responder sem problemas, com um entusiasmo genuíno.

— Ah, é. — Ela se sentou bem ereta. — Isso é verdade. De fato, não tenho vontade de escrever nada, mas adoraria polir o trabalho dos outros, para que realmente brilhe. Quando trabalhava na livraria e costumava ler o máximo possível do estoque, eu me deparava com livros, basicamente de publicação independente, que obviamente não tinham passado por muita edição. Aquilo me mostrou o quanto a edição é importante. Eu pensava: esse trecho ficaria tão melhor aqui, ou o escritor devia ter apresentado esse ou aquele personagem muito antes. E depois, quando fiz isso para a oficina, bem, eu amei. Vejo o editor como um joalheiro, que pega uma pedra maravilhosa, mas bruta, e vai lapidando e trabalhando nela até que realmente brilhe. A pedra original ainda é a coisa principal, mas agora todos podem ver sua beleza.

Gerald pareceu se desculpar.

— Pensar que eu a descartei só porque não mora na Irlanda! Você é justamente o que eu preciso.

— E pensar que eu o descartei só porque você fez isso! Apesar de que, a princípio, a ideia de me mudar para outro país me pareceu algo grandioso, mas agora... Bem, eu posso morar na Irlanda como em qualquer outro lugar. — Um pensamento horrível fez Laura morder o lábio, ansiosa. — Você não me quer só porque eu conheço o Dermot, não é? Se eu fosse trabalhar com você, você ficaria me atormentando para fazer Dermot assinar um contrato?

Dessa vez ele riu.

— Não, juro. Só estava tentando com Eleanora. Conheço meu lugar. Mas que tal esta proposta?

Ele teceu considerações sobre o que o trabalho basicamente envolveria: dois ou três novos autores por ano, edição e potencial de crescimento. Enquanto ele falava, Laura ficava cada vez mais empolgada. Não podia se conter. Parecia muito ser o trabalho dos seus sonhos. Não passou muito tempo, e Laura *realmente* queria trabalhar com Gerald, mesmo que fosse na Irlanda. Afinal, a Irlanda era bem grande e agora era provável que Dermot fosse passar todo o tempo nos Estados Unidos ou em algum outro lugar. Mas mesmo que não, eles poderiam morar lá e nunca se encontrar. Ficaria tudo bem. E, apesar de tudo, ela ainda sentia certo carinho pelo país onde perdera a virgindade.

— Mas o seu escritório é em Dublin, não é? — perguntou ela.

Ele concordou.

— Que é um lugar bem caro para se viver, certo?

Ele fez que sim.

— É, mas você não precisa morar em Dublin, contanto que possa ir até lá cerca de uma vez por semana. Ocasionalmente precisaria se encontrar com os autores no escritório.

Laura pensou em sua pegada ecológica por um instante. Em teoria, poderia ir a Dublin de avião uma vez por semana e ainda ficar morando na Inglaterra, mas na verdade não queria passar metade de sua vida num aeroporto. Não, ela se arriscaria e iria se mudar.

Parecia quase perfeito. Só havia uma coisa que a preocupava agora.

— Mas eu ainda preciso de trabalho em tempo integral, não apenas meio expediente.

— Tenho certeza de que posso torná-lo tempo integral. Preciso dar uma olhada nas finanças, mas quanto mais eu penso sobre isso, mais percebo que faz algum tempo que preciso de alguém como você. Já é hora de empregar alguém em tempo integral.

Ela se sentiu lisonjeada. Podia ter perdido o homem dos seus sonhos (se é que algum dia o tivera, para início de conversa), mas tudo indicava que estava a um passo de conquistar o trabalho dos seus sonhos — ou pelo menos o mais próximo que havia chegado desse conceito. Mas seria uma loucura aceitar? Ela tinha um pouco de dinheiro: será que cobriria suas despesas até que o trabalho evoluísse? Mudar-se para a Irlanda não iria parecer tão assustador depois de ela ter se estabelecido lá. Ela era outra pessoa agora. Contudo, ainda representava uma reviravolta.

Percebendo as dúvidas de Laura, Gerald pôs as mãos na mesa, num gesto triunfante.

— Acabo de ter uma ideia! Não sei por que não pensei nisso antes. Eu tenho dois chalés de veraneio na costa oeste...

— Onde na costa oeste? — A autopreservação de Laura acendeu uma luz vermelha de alerta. Se ele dissesse Ballyfitzpatrick, ela diria não, por melhor que fosse o trato.

— Ballymolloy. É um lugar muito lindo. Talvez você não o tenha visto. Não é muito perto de onde Dermot mora.

De repente, parecia adorável. Ela abriu um sorriso largo.

— Eu adoraria a chance de conhecer um pouco mais a Irlanda!

— Bem, a questão é que o chalé ainda não está pronto para visitantes. Ainda resta um pouco de obra a fazer, acabamentos e coisas assim. Se você não se importar de ficar lá enquanto é concluído, poderia morar lá sem pagar aluguel.

Certa vez ela ouvira dizer que as coisas que soam boas demais para serem verdade geralmente são.

— É uma oferta muito generosa e bem tentadora, mas será que não me daria uma falsa sensação de segurança? Morando sem pagar aluguel, vou achar que posso sobreviver com o salário.

Mas ela estava acostumada a viver de maneira simples: talvez pudesse

funcionar. Era uma grande oportunidade. E por que não? Caso não funcionasse, ela sempre poderia voltar para a Inglaterra, sem grandes prejuízos.

Gerald estava decidido a tranquilizá-la.

— Quando a obra e a decoração acabarem, é provável que eu tenha trabalho em tempo integral para você, e eu tenho amigos no ramo que também poderão usar os seus serviços. Na Irlanda, os editores tendem a ser *freelancers*. É um mercado bem menor que na Inglaterra.

A essa altura, o entusiasmo de Laura estava pondo de lado sua cautela natural.

— E eu sempre poderia fazer um bico num pub e ganhar mais algum dinheiro. Gerald assumiu um ar solene.

— Não creio que eu gostaria de pensar em você trabalhando num pub. Olha só, eu me comprometo a conseguir para você todo o trabalho editorial de que necessite, seja meu ou de outras editoras. Embora talvez seja necessário fazer um pouco de copidesque também... Você vai saber fazer isso?

— Eu precisaria fazer um curso de copidesque, não é?

Ele concordou.

— Possivelmente, mas dá para fazer por reembolso postal.

Ela riu.

— Você quer dizer por correspondência?

— É tão parecido que não faz diferença.

Seu momento de levandade chegou ao fim.

— Acabei de pensar numa coisa. Se eu fosse morar no seu chalé de veraneio seria por...

— Três meses.

— Se eu tiver feito amizades, não vou querer me mudar outra vez. Existe a probabilidade de morar em outro lugar em Bally... Ah, como é mesmo lá? Ou é só um balneário?

— Ah, não. Também está cheio de gente que mora lá e trabalha na cidade. Muitas famílias jovens moram lá. É um ótimo lugar. Bastante coisa acontecendo.

— Parece ótimo.

— Então, você vai? — Gerald parecia ansioso.

— Bem, o que há para me impedir? E se há uma casa... Tanto melhor. — Ela sorriu, refletindo. — Hoje de manhã eu estava prestes a ficar desempregada e sem moradia e agora as duas coisas parecem ter sido resolvidas da melhor forma possível.

— Ah, muito bem — disse Eleanora, que, Laura desconfiou, devia ter escutado parte da conversa. — Você está parecendo realmente positiva agora. Vamos pedir champanhe para comemorar? Garçom!

— Espero que tudo não seja bom demais para ser verdade — confessou Laura a Monica pelo telefone, três semanas depois. Ela já esgotara o debate sobre os prós e contras com Fenella e Rupert e parecia haver mais pontos positivos que negativos. Essa era a primeira vez que ela tinha a oportunidade de discutir tudo com Monica, que estivera em turnê. — O negócio é que, enquanto eu estiver morando sem pagar aluguel, posso decidir se gosto de lá e, se não gostar, bem, posso procurar alguma coisa aqui na Inglaterra. Agora que já fiz aquele curso de copidesque que Eleanora arrumou para mim, talvez consiga trabalho aqui.

— Você não parou desde que eu saí para a turnê. — Monica estava impressionada. — Quando fez isso?

— Semana passada. Foram apenas dois dias, mas intensos. Acho que eu aprendi coisas bem úteis. Fiquei com Eleanora e estou surpresa de ter me sobrado algum fígado, pelo tanto que bebemos. Quando eu tentava escapar pela porta ela me alcançava com um copo enorme de uísque, depois eu dormia até a hora do jantar. Aí tomávamos vinho.

Monica deu uma risada.

— Bem, sem dúvida irei com você para ver tudo. Seamus está numa turnê... Ele está muito mais confiante desde aquela leitura. De qualquer modo, se você morar em alguma ilha esquecida por Deus, a quilômetros de distância, quero ter certeza de que não seja um buraco escondido.

— Mon, é sobre a Irlanda que estamos falando! Você adora a Irlanda.

A ansiedade de Monica diminuiu.

— Eu sei, mas vou sentir saudades de você.

— E eu vou sentir saudade de você também! E de todo mundo! É tudo muito assustador para alguém como eu.

Agora que Laura revelava seu estado de nervos, Monica sentiu que podia se dar ao luxo de ser tranquilizadora.

— Ah, você vai ficar bem!

— Sei que vou quando chegar lá. É só a parte da ida que me preocupa... — Fez uma pausa, parecendo estar se lamentando um pouco. — Você pode me visitar sempre que quiser.

— Vou visitar mesmo. E nós vamos passear por lá juntas. Mas precisamos fazer uma festa de despedida antes da sua partida. E o Dermot, tem notícias dele?

Por algum motivo, ela não quis contar a Monica sobre as chamadas não atendidas.

— É claro que não. Por que teria? Nem quero saber dele!

— Meu bem, sou eu, é com a Monica que você está falando. Não precisa fingir.

— Não estou fingindo! Não quero falar com ele. Vou admitir que estou apaixonada, mas ele não está apaixonado por mim, nunca esteve. Tudo que se passou entre nós foi uma coisa maravilhosa, passageira, temporária. Falar com ele só deixaria as coisas piores. Só preciso superar isso, e será melhor se eu não tiver nenhum contato com ele.

Laura tivera grande dificuldade para convencer Eleanora de que ela não deveria dar seu endereço, telefone fixo ou novo número de celular — ela o trocara para garantir —, nem qualquer outra coisa para Dermot, especialmente porque ele já tinha tentado entrar em contato com Laura por intermédio dela. Mas não conseguira isso sem fazer confidências. Era óbvio que Eleanora tivera uma empolgante vida romântica, e a cena com Bridget no armazém lhe era familiar. Depois disso, ela garantiu:

— Tudo bem. Entendo perfeitamente e não direi nada.

Fen também havia concordado em manter sigilo, apesar de achar que fosse porque Laura não queria mais fazer nenhum trabalho escravo para Dermot.

Monica ficou quieta por um tempo.

— Certo. Entendo. Agora, o que devemos fazer para uma festa de despedida?

— Bem, eu realmente gostaria de fazer algo para Fenella e Rupert. Pensei num piquenique. Poderia ser no gramado, assim não ficamos longe de abrigo caso o tempo nos deixe na mão. Eles têm um trecho de prado, perto de um córrego, que é uma graça. Seria perfeito.

— Ah, eu vou ajudar, e Grant provavelmente também. Tem uma confeitaria perto de casa que faz tortas com recheio de carne de porco. São incríveis.

— E eu pensei em encomendar massa folhada com linguiça e outras coisas das Catering Ladies da Sarah, as que fizeram o jantar para o festival. Aí só precisamos de pão, uma salada e morangos ou algo assim.

— E champanhe. Mal posso esperar.

O tempo não as deixou na mão. Um pequeno grupo saiu da casa carregando tapetes, bolsas térmicas, cadeiras, almofadas e garrafas. Rupert insistiu em levar uma minichurrasqueira até a beira da água, e ele e Hugo assaram costeletas de carneiro, linguiças e bifes. Apesar de também ser uma festa de agradecimento a Fen e Rupert, eles insistiram em organizar a maior parte. Henry, antigo patrão de Laura na livraria, e Eleanora foram os únicos a ter permissão de se sentar em espreguiçadeiras, de onde presidiram o evento e fofocaram sobre o mundo dos livros, adorando a companhia um do outro.

Fenella, Monica, Grant e Laura ficaram um pouco nostálgicos mais para o fim, ao falarem sobre o festival e quanto haviam se divertido.

— É claro que estamos nos esquecendo do quanto trabalhamos — disse Sarah,

que era menos emotiva —, mas acho que você deveria fazer uma nova edição ano que vem, Fen.

— Só se Laura concordar em vir e organizar — insistiu Fenella, mergulhando um morango num pote de creme de leite e comendo-o.

— Ah, venho sim! — garantiu Laura, dessa vez com verdadeiro entusiasmo. — Afinal, aprendemos tanto que seria legal aproveitar a experiência.

— Então, o que você faria diferente? — perguntou Grant.

Laura se deitou e fechou os olhos por alguns instantes.

— Na verdade, não consigo pensar em nada.

— Seria melhor se a apresentação do grande astro não tivesse sido tão difícil — disse Monica —, mas por outro lado isso deixou a coisa ainda mais divertida.

— Achei que não devíamos mencionar a palavra com D — comentou Grant.

— Ninguém fez isso, até agora — retrucou Monica, dando um cutucão no cotovelo de Grant e fazendo-o derramar o chá da caneca.

— Tudo bem — afirmou Laura. — Afinal, ele é o tipo do problema que é grande como um elefante: não dá para deixar de notar.

— Meu Jesus — surpreendeu-se Monica, imitando o sotaque irlandês o melhor possível. — Eu já te ouvi chamando-o de um monte de coisas, mas nunca de elefante.

Foi uma tarde maravilhosa. Laura ficou triste na hora de se despedir, mas em breve estaria partindo para sua própria aventura, e todos prometeram manter contato.

Duas semanas após o piquenique, Laura e Monica saíram de Somerby rumo à Irlanda. Elas iriam até Fishguard no *ferryboat* diurno, passariam a noite numa pousada e partiriam novamente pela manhã. O plano era chegar a Ballymolloy à tarde.

— Estou tão contente que você tenha vindo comigo! — disse Laura quando elas pegaram a estrada. Estavam novamente no fusca de Monica, pois Laura vendera o carro. Ela achou que era um sinal de que estava comprometida a fazer com que sua nova vida na Irlanda desse certo e lá ela não precisaria de um veículo próprio. — Agora que está realmente acontecendo, estou bem nervosa — continuou ela. — Não morei em muitos lugares na vida.

— É um grande passo para qualquer um — concordou Monica.

— Eu sei! Quer dizer, é mais como ir para outro país do que se mudar.

— O que os seus pais acharam de tudo isso? — perguntou Monica, após um momento de silêncio.

— Ficaram cheios da falta de entusiasmo habitual por outro dos meus planos malucos — respondeu Laura secamente. — Na verdade, estou me sentindo meio

culpada em relação a eles. Eu pretendia ir até lá visitá-los, mas não deu tempo, com o curso e tudo o mais. Além disso, Fen e Rupert precisaram de uma ajudinha com um casamento, e depois de tudo que eles fizeram por mim, parecia o mínimo que eu podia fazer. Quando eu estiver devidamente acomodada e puder tranquilizá-los, eu volto para uma visita. Parece que Gerald tem um monte de trabalho esperando por mim. E melhor para ele que eu vá logo.

— Seus pais deviam estar animados por você — protestou Monica, indignada. — É o seu emprego dos sonhos.

— É, eu sei. Mas eles não fazem o gênero “animados”. Se preocupam com o fato de ser um serviço *freelance* e em outro país. Essa coisa toda. É natural.

Apesar de Laura achar seus pais profundamente negativos e irritantes, ela estava ciente de que grande parte disso se devia a uma preocupação verdadeira e não queria que os outros pensassem mal deles.

— Bem, eu estou muito animada, mesmo que vá sentir sua falta.

— A gente nem se conhece há muito tempo, não é? E mesmo assim eu sinto como se tivéssemos sido amigas íntimas durante toda a vida. Eu vou sentir muito sua falta.

— Tudo que aconteceu naquela nossa viagem à Irlanda nos fez criar laços. E agora lá vamos nós nos divertir na Irlanda outra vez!

Laura riu.

— Será que se eu soubesse naquela época o que sei hoje, teria me divertido tanto?

Mas bastou um instante de reflexão para saber que, apesar de tudo, ela não se arrependia de nada.

Dermot parecia preencher todos os seus pensamentos, mesmo quando ela se concentrava em outra coisa bem diferente, e saber que talvez ela nunca mais o visse era muito doloroso. Porém, Laura concluiu, seria menos doloroso que vê-lo e saber que ele nunca seria dela. Mas ela não voltaria atrás: a dor que sentia agora por causa de Dermot valia a pena. Ela realmente acreditava que estava mais feliz por tê-lo conhecido, mesmo que ele tivesse partido seu coração, talvez pelo resto da vida, do que se estivesse vivendo uma vida mais alegre sem as lembranças daquele momento de loucura e êxtase.

— Foi incrível — disse Monica, também pensativa. — Para nós duas. Só sinto que não...

— Tudo bem. Não era para “dar certo”. — Ela deu uma risadinha abafada. — Você consegue me ver casada com um monstro literário como Dermot? Nem eu.

Com o rosto virado, Monica disse algo que soou como “Na verdade, consigo sim”.

Laura ignorou.

— Sabe — falou Monica, a voz cansada, e não só porque elas estavam viajando pelo que pareciam muitas horas —, eu sempre achei que aquelas piadas sobre irlandeses que dizem “Não dá para chegar lá daqui” fossem apenas piadas! Mas são terrivelmente reais!

— Finalmente chegamos, graças ao Gerald. Nossa ligação para ele nos pôs na estrada certa de novo. Agora é só encontrar a casa, o que não deve ser difícil.

— Espero que essa sua casa esteja com a rede elétrica instalada, caso contrário, para o hotel mais próximo. E levo você junto.

Sem dúvida, a casa estava com a rede elétrica instalada e todas as luzes estavam acesas quando elas finalmente estacionaram na frente. A porta se abriu e Gerald apareceu para recebê-las.

— Olá. Como foi a viagem? Eu queria estar aqui quando você chegasse para ter certeza de que estava tudo certo. Além disso, Cara, minha mulher, insistiu. Disse que era o mínimo que eu podia fazer.

Reconfortada pela preocupação dele, Laura lhe deu um beijo no rosto e lhe apresentou Monica.

— Ela veio comigo...

— Só para ver se ela não iria morar num curral de carneiros ou algo do tipo — completou Monica com um sorriso.

— Não é tão mau assim, apesar de ainda faltar colocar alguns pisos, e a cozinha ainda não estar acabada também — admitiu Gerald. — Entrem enquanto eu pego as malas de vocês. Quando terminarem de se acomodar, nós vamos sair para jantar.

— Bem — disse Monica algumas horas mais tarde, quando elas estavam de volta a casa —, acho que você está com tudo aqui. E Gerald é um amor! Imagine! Vir de Dublin, quando podia simplesmente ter deixado a chave com um vizinho e deixado você se virar!

— Foi uma gentileza mesmo. — Laura ligou a chaleira elétrica. A cozinha podia não estar acabada, mas ficaria muito bem-equipada. — Ele tem outro chalé aqui e queria dar uma olhada nele, portanto não veio de Dublin só para me receber. — Mesmo assim, Laura tinha ficado comovida.

— E não se esqueça de que ele combinou um coquetel no domingo para que você conheça alguns dos vizinhos.

— Sem dúvida, isso é muito gentil. Quer chá? Ou chocolate quente? Agora que já fervei a água, não sei se quero alguma coisa. Acho que vou cair na cama.

— Humm, eu também. Foi um longo dia. Mas divertido.

— É — concordou Laura. — Meio longo demais, mas, sem dúvida, divertido.

Na segunda de manhã cedo, foi difícil se despedir de Monica — ela iria pegar um avião para visitar Seamus, que viajava pela Alemanha —, mas poderia ter sido pior se Gerald não fosse tão atencioso. Ela ficou no degrau da porta, sentindo os primeiros sinais do outono no ar enquanto acenava para sua amiga no táxi. Não pôde deixar de se lembrar de outra ida de táxi para o aeroporto, e se esforçou para combater a melancolia.

Mas Gerald facilitara as coisas ao máximo. Além de recebê-las e dar uma festinha para que ela conhecesse os vizinhos (o que Monica concordara ter sido “nota dez”), ele a tinha deixado com bastante trabalho. A pilha de envelopes num canto a impediu de cair na maior depressão: era seu novo emprego, ela precisava começar logo. E queria; sentia-se pronta para o desafio. Assim que deu o último aceno para Monica, Laura voltou para o aposento que fora designado como seu escritório e deu uma olhada na pilha.

Gerald admitiu que andava deixando de lado sua pilha de originais para avaliação, aguardando a chegada de Laura. Sua primeira tarefa era dar uma olhada em tudo, decidir se havia algum mérito ali e escrever um relatório sobre qualquer coisa que lhe agradasse. Mesmo tendo passado tempo suficiente com Eleanora para saber que pilhas de originais para avaliação raramente trazem algo interessante, ela não conseguiu deixar de sentir uma ligeira empolgação ao pegar o primeiro envelope. Acabara de encontrar a tesoura e estava atacando os grampos que o fechavam quando ouviu a campainha tocar na porta dos fundos, seguida por um “Olá!” animado.

Seu coração deu um salto e quase parou, na esperança de que fosse Dermot, mas essa sensação logo desapareceu. Afinal, ela havia pedido a todos que não lhe dissessem onde ela estava. Então, levantou-se de trás da mesa para receber os operários.

Eles disseram que estavam “inspecionando” o local. Eram dois. Tinham 30 e poucos anos e eram irmãos. Estavam lá para consertar uma longa lista de coisinhas que não tinham ficado boas da primeira vez. Havia um aquecedor a ser removido para que uma porta fechasse direito, rodapés que não se encaixaram, torneiras pingando e coisas em geral que necessitavam ajustes.

— Esse Gerald — disse o irmão mais velho — é insistente nos detalhes.

— Com o Gerald tudo bem. A mulher dele que é a verdadeira obsessiva. Com toda a razão também — acrescentou o mais novo. — Se eles tivessem nos contratado antes, não teriam essa longa lista de problemas. O primeiro empreiteiro foi embora para o exterior antes de acabar o serviço — explicou ele. — Foi por isso que o “seu homem” nos chamou.

Laura já estava bem versada no vocabulário local para perceber que esse era um termo geral e que os irmãos empreiteiros não achavam que ela e Gerald

fossem ligados de qualquer outro modo que não como empregador e empregada, senhorio e inquilina.

— Quanto tempo vocês vão levar para dar conta da lista? — perguntou ela.

Os irmãos se entreolharam e então adotaram a expressão levemente ansiosa que os empreiteiros costumam adotar quando lhes perguntam o tempo que uma obra vai demorar.

— Difícil dizer — respondeu um deles. — Temos que fazer os acabamentos quando terminarmos a parte de carpintaria e encanamento. Pode levar algum tempo.

Laura sorriu.

— Certo, tudo bem por mim. Enquanto vocês estiverem por aqui, fico sem pagar o aluguel. Portanto, fiquem à vontade!

Outro olhar foi trocado e então o irmão mais velho comentou:

— Não é muito frequente se ouvir isso no ramo da construção.

— Bem, claro que vocês não devem se aproveitar desse fato... — continuou Laura, sentindo-se culpada em relação a Gerald, que fora tão gentil com ela.

— Nós diríamos que isso seria “fazer vista grossa” — acrescentou o irmão mais novo. — Mas não se preocupe, não faremos isso. Tentaremos não incomodar muito. Gostaria de um chá? Eu levo para você, se tiver trabalho a fazer.

Mais tarde, Laura enviou um e-mail para vários amigos descrevendo esses empreiteiros incomuns, e imediatamente Fenella mandou uma mensagem de volta, perguntando se eles viajavam para a Inglaterra, mas logo disse que só estava com inveja.

Laura deu conta da pilha de originais com bastante rapidez. A maioria estava tão distante dos padrões de publicação que bastaria uma nota de rejeição. Outros textos eram melhores, e sobre esses ela escreveu um relatório, mesmo sabendo que também seriam rejeitados. Na verdade, nada a convenceu de que o mundo necessitava de algum daqueles livros. As últimas palavras de Gerald em relação àquela pilha foram: “Lembre-se de que estamos procurando por uma desculpa para rejeitar o livro. Aceitar um significa muito trabalho e, possivelmente, nenhum retorno.”

Laura se abstivera de lhe perguntar por que era um editor se sua atitude era essa, pois o entendia. A experiência com a oficina literária lhe ensinara muito. Os manuscritos podiam ser promissores, até bons, mas ainda estavam longe de ser algo que o público fosse querer ler. Entretanto, a experiência de Laura na livraria lhe dizia que muitos livros que passavam pelo processo editorial ainda não eram, em sua opinião, realmente bons.

Gerald havia lhe pedido que ligasse para ele ao acabar a pilha, e foi o que ela

fez após uns dois dias.

— Laura! Você é uma maravilha! Terei que mandar flores para Eleanora, agradecendo por nossa reunião. Você vai fazer alguma coisa na quinta à noite? Cara e eu estamos pensando em ir até aí. A gente pode dar uma olhada na casa e pegar o que você tiver para mim.

— Acho que não tenho nada planejado... Mas devo dizer que já fui convidada para vários jantares, e isso graças a você. As pessoas têm sido muito gentis.

Ela tivera medo de se sentir sozinha no fim de um dia de trabalho, longe de casa e da família, mas não havia tido essa chance; além disso, como os livros sempre tinham sido seus amigos, uma ou outra noite a sós fora bem-vinda. Porém, estar na Irlanda dificultava muito a ideia de tirar Dermot da cabeça. Ela sentia enorme saudade dele. Quanto tempo será que levava para curar um coração partido? Pelo menos ela estava ocupada, tinha uma vida social e seguia adiante.

— Você é muito gentil também — disse Gerald. — E as pessoas estão curiosas. Querem ver como é a recém-chegada.

Depois que ele desligou o telefone, após ter combinado de ir até lá pegar os manuscritos e insistido em que ele e a mulher a levassem para jantar, uma ideia súbita tomou conta de Laura. Será que todas as pessoas que foram tão gentis com ela sabiam de sua ligação com Dermot? Será que Gerald contara algo a elas ou dera alguma pista? A imprensa devia ter mencionado algo, mas as pessoas comuns não costumavam ler esse tipo de coisa, não é? Ou seria por isso que todos estavam sendo tão simpáticos? Então ela percebeu que estava sendo neurótica. Ninguém tinha falado o nome dele para ela. Só porque ele não saía de sua cabeça nem por um minuto, todos os dias, não significava que os outros também pensassem nele o tempo todo.

Embora quase ansiasse por ficar algum tempo a sós, ela aceitava todos os convites. Mais tarde poderia decidir com quem realmente gostaria de conviver, mas agora não queria ficar com fama de antipática. Seu coração se abateu um pouco quando ela foi convidada para entrar em um grupo de leitura. Laura gostava de presidir o grupo da livraria, mas talvez isso se devesse ao fato de que era ela quem escolhia os livros.

— Bem — disse Laura a Shona, que parecia ser o motor social da comunidade. — Eu adoraria ir outra hora, mas não tenho certeza de que eu vá ter tempo de ler o livro.

— Ah, minha nossa, nós não nos preocupamos muito com isso! Pelo menos, eu não. Venha apenas pelo papo, para comer bolo e tomar vinho. — Shona fez uma pausa. — Se não tiver lido o livro, você me faz companhia. Podemos fazer perguntas pertinentes, ou pelo menos você pode. — Interrompeu-se de novo. —

Estou tentando convencê-la de que realmente falamos sobre o livro, pelo menos parte do tempo.

— Eu não gostaria de ir se não tivesse lido o livro, mas qual o problema, não é? — Ela não queria dizer que lera a maioria dos livros que os grupos de leitura tendiam a escolher. — Eu trabalhava numa livraria, então lia muito.

— É por isso que a queremos lá! — disse Shona, animada. — E o livro é *Os salgueiros*, do...

O coração de Laura começou a acelerar antes que Shona tivesse completado o título do segundo livro de Dermot.

— Eu... Eu já li esse. — Laura conseguiu dizer após alguns segundos de boca seca. Típico. Tudo fazia com que ela se lembrasse dele.

— Ah, que bom então. Você deve ir. É provável que entenda todo aquele refinamento intelectual. Foi Jocasta que escolheu. Ela adora toda essa ficção literária. Eu mesma prefiro leituras de qualidade inferior.

Laura não sabia se tinha vontade de rir ou chorar. Ouvir a grande obra de Dermot ser chamada de “refinamento intelectual” era em parte gratificante: ele podia ter lhe causado muita dor, mas ela realmente considerava aquele um dos maiores livros da atualidade e queria defendê-lo. Mas será que aguentaria se sentar e escutar as pessoas dizerem que “não deu para entender” e “achei um pouco obscuro”? Nunca escolhera os livros dele para o seu grupo; eram especiais e pessoais demais para ela. E isso fora antes de ter conhecido o autor e se apaixonado por ele.

— Quando vocês vão se encontrar?

— É na segunda quarta-feira do mês. Geralmente é na primeira, mas não pudemos ir. Alguém estava completando 40 anos.

— Então é amanhã, não é?

— Isso mesmo. Você poderá ir? Dá tranquilamente para ir andando da sua casa, mas eu pego você, para não chegar sozinha. Passo aqui pouco antes das oito da noite.

— Eu concordei com isso? — perguntou Laura à sua cozinha meio acabada, alguns segundos depois. — Não, acho que não.

Mas na hora de se aprontar, ela estava bem contente de sair. Embora estivesse adorando o livro em que trabalhava agora, estabelecer algum tipo de coerência nele era uma tarefa quase impossível. A personagem principal era maravilhosa, mas ela não parava de mudar de ideia e era difícil decidir se esses voos extravagantes deveriam simplesmente ser cortados ou se ofereciam uma valiosa compreensão da mente da protagonista.

Às quinze para as oito, Shona estava na sua porta.

— Você se importa que eu entre e dê uma olhada? Ando morta de curiosidade

para saber o que o “seu homem” está fazendo com essas casas.

Feliz de ter jogado toda a roupa suja na cesta depois de se aprontar, Laura deu uma risada e cedeu.

Capítulo 23



— Essas mulheres me deixam apavorada — comentou Shona enquanto elas andavam pelo caminho que levava à entrada de uma das grandes casas que Laura via todos os dias. Tinham vista para o mar, e muitas delas haviam sido transformadas em apartamentos para veraneio. Esta ainda era uma residência particular. — Todas são formadas ou voltaram a estudar ou coisa parecida.

— Só agora que você me diz! Você deu a impressão de que era um grupo simpático que só bebia vinho e comia bolo.

— Eu sei. Menti. Achei que se trouxesse você, se tivesse uma amiga inteligente, conseguiria um pouco de credibilidade.

Laura teve que rir.

— Na verdade — continuou Shona —, elas só me toleram porque a ideia do grupo de leitura foi minha.

— Tenho certeza de que não é assim. — Laura pareceu convincente, mas estava imaginando se não cometera um grande erro em vir. Suas próprias qualificações acadêmicas eram boas, mas ela sempre tentara manter seu grupo de leitura aberto e acessível a todos. Detestava quando algumas pessoas ficavam comparando sua graduação acadêmica com as de outras que só estavam ali porque simplesmente adoravam ler.

Uma mulher magra e elegante, usando um vestido de linho branco, abriu a porta. Seus pés perfeitamente bem-cuidados calçavam sandálias de salto anabela de cortiça e o bronzeado, falso ou genuíno, não revelava nenhuma marca. Seu cabelo era louro, num lindo corte curto. As luzes podiam ter sido pintadas mecha por mecha. Toda essa perfeição contrastava com o vestíbulo atrás dela: o piso claro de tábua corrida, iluminação indireta e, no fundo, um vitral deslumbrante.

— Olá, que bom que você pôde vir. — Um sorriso fascinante, com dentes idem, dirigiu-se a Laura. Seu brilho diminuiu um pouco ao se virar para Shona. — Shona, espero que tenha lido o livro desta vez. Você sabe que estabelecemos uma regra, três não lidos e você está fora. Já está no quinto.

Shona inclinou a cabeça para trás de modo desafiador.

— Nem ligo. De qualquer modo, é culpa do seu pessoal por escolher uns livros tão chatos. Ler é uma atividade de lazer, não para exercitar o cérebro.

— Eu sou Jocasta — disse a mulher, ignorando essa negação do *sine qua non*, como ela certamente o teria chamado, e apertando a mão de Laura com a mão de unhas impecáveis.

— Prazer, Laura. Foi uma gentileza sua me convidar. — A mão estava fria, e Laura estava ciente de que a sua própria estava quente, dando a sensação de ansiedade.

— Bem, nós realmente somos um grupo fechado, mas quando Shona explicou que você é nova na área...

— E disse que nunca mais faria bolo — interferiu a companheira de Laura.

— Nós sentimos que seria mesquinho de nossa parte não convidá-la — concluiu Jocasta. Então, ela analisou a mulher com quem fora tão generosa. — Laura? Que nome bonito.

— Obrigada.

— Eu gostaria de algo mais comum. Jocasta vem da Grécia clássica.

— Laura também. Meu nome, digo. Significa louros ou láurea.

Jocasta riu.

— Ah! Acho que o meu não tem significado. Mas entre. A maior parte da turma já chegou.

Elas foram conduzidas a um espaço ainda mais perfeito: paredes, sofás e um tapete cor de creme sobre o piso claro, além de uma enorme pintura abstrata. Surpresa, Laura notou molduras de madeira com retratos de crianças numa mesinha lateral. Seriam dela? Nesse caso, como ela conseguia manter tudo aquilo tão imaculado? Talvez nunca fossem ali.

Laura foi apresentada à meia dúzia de mulheres já presentes. Todas estavam bem-vestidas e provavelmente frequentavam o mesmo cabeleireiro que Jocasta, pois os cabelos tinham aquela aparência impecável de quem os apara a cada três semanas. Ao contrário do grupo de leitura que Laura dirigira, este não parecia ter as jovens mães que saíam correndo de casa com as roupas sujas de feijão, desesperadas por um pouco de conversa adulta e se esforçando para participar.

Ela se sentou no sofá ao lado de uma das outras mulheres. Pelos de cachorro em suas calças pretas, trazidos de Somerby, lhe deram uma súbita saudade, como se fosse sua casa. Ela não estava exatamente desarrumada, mas, ao se ver nesse cenário elegante, que parecia ter saído das páginas de uma revista, sentiu-se tão deslocada quanto um pombo num bando de periquitos. Precisava de um pouco de bagunça para se sentir verdadeiramente à vontade.

Diante delas havia uma mesa de centro de vidro com uma pilha de livros em cima.

— Estou me livrando de excessos — explicou Jocasta, servindo taças com menos de 3 centímetros de vinho branco gelado no fundo. — Portanto, peguem o que quiserem. Caso contrário, vai tudo para a caridade.

Laura reconheceu a maioria dos livros. Não descreveria nenhum deles como uma “boa leitura”; considerava-os “leituras virtuosas”: o tipo de livros que uma pessoa poderia usar nas festas para se gabar.

— Eu não consigo me livrar dos livros de que gostei — disse uma delas, examinando a seleção. — Mas talvez você não tenha gostado destes.

Agora Jocasta estava distribuindo azeitonas do tamanho de ovos pequenos.

— É claro que guardo a literatura séria, mas isso é apenas leitura leve.

Laura ouviu Shona bufar, levando a taça à boca.

— Eu poderia vender os livros, é claro — explicou Jocasta, levando sua figura perfeita para outro sofá, que não só era cor de creme, como forrado de camurça e imaculado. — Gasto uma fortuna com eles, mas adoro apoiar os escritores.

— Então não os venda a sebos — recomendou Laura, torcendo para não ter aberto a boca antes da hora. — Os autores não ganham um tostão, e a propriedade intelectual é deles.

— Ah. — Todas olhavam para ela, que realmente não queria dar início a uma discussão sobre como os autores eram pagos.

— Portanto, se você tem livros em excesso — prosseguiu Laura —, devia dá-los a hospitais ou coisa parecida.

— Ou para uma loja de caridade? — perguntou uma das mulheres.

— Ou isso. — Laura tinha a sensação de que isso também não era a solução perfeita para os escritores, mas não conseguia se lembrar de todos os argumentos que lhe haviam sido incutidos por um autor durante um jantar quando ela trabalhava na livraria.

Houve uma conversa em voz baixa e os livros foram examinados e alguns escolhidos. Finalmente, Jocasta assumiu o controle.

— Podemos dar início aos trabalhos? Todas estão com uma bebida?

— Eu gostaria da minha taça cheia — falou Shona, com ousadia.

— Eu também — disseram outras duas mulheres. — Viemos todas a pé, então não temos que nos preocupar com beber e dirigir.

Dava para ver, pensou Laura, que Jocasta só servira pequenas quantidades nas taças porque é assim que se serve vinho, não porque fosse mesquinha.

— Certo, estamos todas com nossas bebidas. — Jocasta expressou bem sutilmente sua reprovação. — Quem gostaria de começar? — Ela olhou em volta. — Bem, eu então? Já que fui eu que escolhi o livro?

— Por que não? — disse uma das mulheres.

Laura começou a ficar ainda mais tensa. Imagine se elas não gostassem do

livro de Dermot? Parecia algo pessoal para ela, e Laura pensou que já seria assim se não o tivesse conhecido, ainda mais depois de tudo o que acontecera entre eles.

— Certo, bem, eu o escolhi porque tinha lido um artigo no jornal sobre o escritor. E é claro que li até o fim — afirmou Jocasta —, pois sou daquelas pessoas que, se começam um livro, têm que acabar.

— Então não gostou? — perguntou Shona. — Porque se não, pelo menos uma vez, tenho que concordar com você...

— Shona? — Jocasta estava mais desapontada que aborrecida. — Eu não deveria ter de lembrá-la. Nós esperamos até que uma pessoa tenha acabado de falar antes de passar para a próxima.

Laura se lembrou de Bill Edwards e riu consigo mesma.

— Desculpe — respondeu Shona, fingindo docilidade.

Jocasta lhe lançou um olhar irritado. Estava com um exemplar do livro na mão e o olhava, como se isso pudesse ajudá-la a se expressar.

— Achei este livro maravilhosamente lírico. Os personagens são bárbaros. As descrições dos cenários, soberbas.

Embora Laura devesse ter adorado ouvir a obra de Dermot sendo elogiada desse modo, havia algo no entusiasmo de Jocasta que parecia um pouco forçado. Jocasta olhou para a mulher ao seu lado e disse:

— Sua vez, Fionnuala.

A opinião de Fionnuala ecoou bem a de Jocasta. Ela elogiou a escrita, os personagens e a descrição das paisagens. Laura teve a impressão de que elas não tinham captado a ideia; admiravam o livro com um distanciamento, não se aprofundavam nele; não o viveram, muito menos o amaram. Seria culpa delas ou do livro? Laura teve vontade de dar um murro na mesa de vidro e exigir que respondessem, sem firulas, se gostaram ou não.

Talvez Shona conseguisse ler mentes, pois embora não tivesse dado um murro na mesa, ela fez a pergunta.

— Ah, é claro, eu amei — declarou Jocasta. — Além de tudo, é um dos livros mais importantes da Irlanda... Dos recentes.

— Nem tão recente — objetou Shona. — A impressão que me deu foi que se passava na Idade das Trevas, apesar de eu não ter acabado.

— Você nunca acaba os livros, Shona! — Agora não era apenas Jocasta reclamando. — Você devia ter mais rigor intelectual.

— Prefiro ter uma vida — retrucou ela, impertinente.

— Bem — recomeçou Jocasta —, talvez possamos saber de Laura agora? Você gostaria de perguntar alguma coisa? Achamos que ter alguém conosco que não leu o livro pode promover uma discussão interessante... Exceto Shona, é

claro, que nunca lê!

Shona deu uma risada afável, imune às repreensões de Jocasta.

— Eu li bastante desse. Posso até acabar de ler agora — disse ela.

— Então, Laura?

Laura foi tomada por um desejo de sair correndo daquela sala maravilhosa, se jogar na lama, depois voltar e rolar no tapete. Felizmente, antes de ser inteiramente dominada por esse impulso, a *Valsa Minuto* tocou dentro da bolsa de alguém, aumentando de volume enquanto a dona do celular o caçava. Conforme Fionnuala se desculpava, afastando-se do grupo, Laura concluiu que, se fosse ao banheiro, todas teriam se esquecido da pergunta feita quando ela voltasse para a sala.

Indicaram-lhe um lavabo enorme, que a fez imaginar o que seria o banheiro social ou a suíte de Jocasta. Ficou confirmado que havia crianças na casa, pois havia dois quadros contendo as impressões douradas de dois conjuntos de mãozinhas e pezinhos, decorando a parede.

Ao lavar as mãos na pia de vidro, inevitavelmente respingando água nos azulejos feitos do mesmo material, ela conjecturou que os filhos de Jocasta nunca ingeriam nenhum produto não orgânico e que a mesa de cabeceira dela refletiria com perfeição as descritas nas revistas feministas. Ali, as celebridades pareciam ter apenas flores frescas, incenso e uns dois romances literários, um deles em francês. Nada de rádio, relógio, a pilha de livros lidos pela metade, o creme noturno e a garrafa de água empoeirada.

Ela enxugou as mãos, batendo-as nas costas da toalha para não estragar a perfeição do aposento, que em termos reais era simplesmente o lavabo do andar de baixo, mas nos de Jocasta era outra oportunidade de revelar seu gosto perfeito. Laura se envergonhou de perceber que não estaria tendo esses pensamentos odiosos, e sim admirando o bom gosto de Jocasta e seu perfeito estilo minimalista, se ela tivesse demonstrado entusiasmo pelo livro de Dermot com o devido grau de paixão.

De volta à sala, Laura esperava que Jocasta tivesse se esquecido de tê-la convidado a fazer perguntas sobre um livro que ela sabia quase de cor. Talvez, a essa altura, elas estivessem falando sobre crianças, empreiteiros e bônus. Laura não sabia nada sobre esses assuntos, mas também não se interessava, então não precisava ficar ansiosa. Mas não, elas ainda falavam sobre o livro, e Shona estava sendo sabatinada.

— Como assim, você não entendeu por que o pai estava tão irritado? — perguntava uma das mulheres. — É uma coisa edipiana. Édipo fez sexo com a mãe e matou o pai! É tão óbvio!

— Você também percebeu isso? — Jocasta parecia entusiasmada por

encontrar uma companheira igualmente intelectual. — Achei que eu tivesse sido a única. O autor estava fazendo um paralelo exato com o mito de Édipo!

— Mas isso é nojento! — protestou Shona. — Não quero ler livros que tenham esse tipo de coisa!

— Não está no livro explicitamente — explicou Jocasta com gentileza. — É simbólico! É o que estava por trás do pensamento do autor quando ele escreveu esse trecho. — Vendo Laura de volta à sala, ela disse: — Eu realmente acho que você devia ler este livro se tiver um tempinho. Talvez descubra que tudo que dissemos a respeito é bem esclarecedor. — Ela fez uma pausa. — É uma leitura um pouco densa, então é melhor ler nas férias, quando você tiver um pouco mais de tempo para se concentrar.

Laura pôde ver que a intenção de Jocasta era boa, mas estava irritada com ela e com as outras, não só pela ausência de um entusiasmo genuíno pelo seu livro predileto, como também por tratarem Shona com desdém.

— Ah, eu já li, anos atrás. E acho que é bem improvável que Dermot... O escritor, quero dizer... Que ele tivesse sequer ouvido falar de Édipo quando escreveu esse livro.

— Como pode dizer isso? — Jocasta trocou olhares com a mulher que fizera aquela referência. Elas não queriam que seu *insight* fosse questionado por Laura, que não só era nova no grupo, como inglesa até a alma.

— Bem, não posso dizer isso de modo definitivo, mas ele tinha 20 e poucos anos quando escreveu esse livro, não foi à universidade e nasceu num lugar intelectualmente bem atrasado. Quando você o conhecer... — Ela não sabia se pretendia revelar que conhecia Dermot para provocar desconforto em Jocasta e suas amigas assustadoras ou se foi um acidente, mas de qualquer modo, agora estava presa às consequências. A menos, talvez, que não tivesse sido suficientemente clara. Cruzou os dedos e rezou.

Mas sim, tinha sido clara. Todas começaram a lhe fazer perguntas

— Você o conheceu? Você realmente o conhece? Como ele é? Nossa, ele era tão lindo quando jovem que eu teria ido para cama com ele, não importa o quanto seus livros sejam chatos.

Os comentários voaram em sua direção, e ela aproveitou para pensar no que dizer quando todas se calassem, o que acabou acontecendo.

— Sim, eu o conheço um pouco. Ele foi a um festival literário que eu ajudei a organizar. — Falar nele a fez sentir ainda mais saudade.

— Ele não pode ter ido — contestou Jocasta com autoridade. — Ele nunca põe os pés fora da Irlanda. É um fato bem conhecido.

— Mas ele foi — interpôs Laura.

Jocasta balançou a cabeça.

— Acho que você deve estar enganada. Neste grupo, nós conhecemos os escritores irlandeses e...

— Na verdade — disse uma das mulheres —, andaram falando um pouco dele nos jornais recentemente. Um deles mencionou um festival. Você não leu essa matéria, Jocasta?

As pestanas de Jocasta tremularam enquanto ela buscava uma razão para não estar totalmente a par de todos os jornais dominicais.

— Jocasta! Nós costumamos contar com você para nos dizer tudo que está acontecendo por aí — reclamou uma das mulheres que morava perto o bastante dali para ir andando.

— Ah, deve ter sido na semana em que Rickie teve um ataque ambientalista e não nos deixou comprar nenhum jornal dominical — supôs Jocasta. — Só mesmo ele podia me fazer perder uma notícia tão importante.

— Não é realmente importante — disse Shona. — Não passa de fofoca sobre celebridades. Você não se importaria de perder isso, não é?

— Isso é fofoca literária! — corrigiu Jocasta. — É diferente! Claro que é importante!

— Bem, foi muito importante para o festival — disse Laura, dando uma risadinha. — Ele foi sim e provocou a maior sensação no mundo literário. Acho que ainda está nos Estados Unidos negociando direitos cinematográficos. — Ela não sabia ao certo. Eleanora tinha sido vaga sobre isso.

— Bem, quanto a isso eu sei que você está enganada — continuou Jocasta, pisando em território mais firme agora. — Vi uma reportagem grande um tempo atrás em que ele disse que nunca deixaria seus livros virarem filmes. E faz anos que não escreve nada. — Fez uma pausa. — Eu verifiquei na Wikipédia.

— Uma fonte não tão confiável, se você me permite — acrescentou uma das outras mulheres.

— Querem saber? — interrompeu Shona, possivelmente com pena de Jocasta. — Acho que é hora de provar uma torta de chocolate dos deuses!

Jocasta não demonstrou gratidão. Interrompeu o consentimento geral com:

— Desculpem, nesta casa não fazemos essa combinação letal de açúcar e gordura, apesar de sabermos que a torta de Shona é de comer rezando. — Ela sorriu de tal modo que quase mereceu um tapa. — Mas fiz panquecas de painço com um pouquinho de mel orgânico.

— Como sabe que o mel é orgânico? — questionou Shona, sentindo-se menosprezada. — Eles dizem a você que as abelhas não chegam perto de flores que têm pesticidas?

— Não sei — disse Jocasta irritada, levantando-se. — Só compro o mel, está bem?

Enquanto Jocasta estava afastada, as outras mulheres se reuniram em torno de Laura.

— Então, como é o verdadeiro Dermot Flynn? É tão selvagem quanto todos dizem?

Laura percebeu que seria tão mais fácil se ela pudesse dizer: “Meninas, vou lhes contar, ele foi uma transa e tanto!” Incapaz de admitir que tinha feito sexo com ele — por uma série de razões — e de contar a elas o amante fantástico que ele era, ela disse apenas:

— Bem, ele tem um grande senso de humor.

Laura não gostava de ser o centro das atenções e se amaldiçoou várias vezes por não ter ficado de boca fechada. O que continuou incapaz de fazer.

— O lance dos livros de Dermot — ouviu-se dizendo — é a paixão. Esqueçam o simbolismo, a escrita maravilhosa, a prosa; pensem apenas na jornada do jovem. Querem ir com ele ou não? Se não quiserem, deixem o livro de lado e leiam outra coisa.

— Eu não consigo fazer isso — admitiu Jocasta, que havia retornado com uma bandeja de chás de ervas e uma cafeteira para as companheiras suficientemente ousadas que ingeriam cafeína tão perto da hora de dormir. — Se começo um livro, tenho de acabar. Sinto que é um dever.

— Eu estou com Laura — declarou Shona, feliz por poder se associar com aquela que conhecia Dermot Flynn pessoalmente. — Se eu não gosto de um livro, simplesmente leio outro.

Ninguém mais confessou compartilhar essa atitude desdenhosa com os livros e mudaram de assunto.

— Então — arriscou Jocasta, um pouco mais tarde —, você acha que poderá trazer Dermot para conversar com o nosso grupo?

— Não — respondeu Laura, sem fazer rodeios. — Não estou mais em contato com ele, e mesmo que estivesse, isso seria a última coisa que eu lhe pediria.

— Mas você poderia entrar em contato com ele por intermédio da editora — insistiu Jocasta. — E se conseguiu fazê-lo ir à Inglaterra, com certeza conseguiria fazê-lo viajar alguns quilômetros para vir até aqui.

— Não! Ele detestaria!

— Como é que você sabe? Conhece ele tão bem assim?

Laura não tinha absoluta certeza de que ele detestaria. Talvez adorasse ser idolatrado por essas mães bonitonas e gostosas, mas ainda assim ela não iria correr atrás dele para convidá-lo.

— Nem tanto.

— Então! E ele não deve ser tão precioso assim, se você o convenceu a se apresentar num festival literário na Inglaterra!

Na voz de Jocasta havia uma ligeira insinuação de que se Laura, uma oponente nada formidável, tinha conseguido levar Dermot ao festival, ele devia ser o tipo de cara simpático que iria a uma reunião de um grupo de leitura pela promessa de uma taça de vinho e um canapé orgânico.

A essa altura, Laura já estava acostumada com essa reação.

— Ele tinha seus próprios motivos para comparecer ao festival. Não sei dizer quais são. — Bem, ela poderia dizer, mas não iria. — Ele faz o que bem entende.

— Mesmo assim — insistiu Shona —, você deve se orgulhar por ter conseguido isso. Ainda é um grande marco em seu currículo. E conhecê-lo pessoalmente a tornará uma convidada de honra nas festas por aqui.

Embora fosse gentil da parte de Shona lhe dar todo esse crédito, a ideia de ser uma convidada de honra nas festas a fez estremecer. Laura se levantou.

— Acho que preciso ir. Não, você não precisa me acompanhar, Shona, eu sei o caminho de casa e não é escuro nem nada.

Jocasta levantou-se para levá-la até a porta.

— Olha, Laura, creio que você será um grande trunfo para o nosso grupo de leitura. E não só isso... Vou receber alguns amigos semana que vem. Nada formal, só umas comidinhas e um bom papo. Eu adoraria se você pudesse vir.

— Quando será?

— Na próxima sexta.

— Ah, que pena, já combinei de ir à Inglaterra visitar meus pais no fim de semana. Não consegui me despedir direito quando vim, e eles estão ansiosos para saber como estou me adaptando.

Laura havia aprendido, em grande parte lendo ficção, que a coisa mais importante na mentira é ficar o mais próximo possível da verdade. Ao chegar em casa, ela foi direto para a internet procurar passagens aéreas. Depois ligou para os pais.

Laura queria se sentir mais entusiasmada com essa visita. Ela amava os pais, é claro, mas tinha consciência de que, para eles, parecia uma espécie de ovelha negra, do tipo pacato e que não cria problemas, mas que ainda assim não faz parte do rebanho.

Haviam combinado de encontrá-la no aeroporto, e lá estavam eles quando ela saiu pelo portão, atentos, em seu par de casacos beges e impermeáveis.

— Ah, que gentileza vocês virem me buscar! — agradeceu ela, sentindo um ímpeto amoroso e abraçando primeiro sua mãe e depois o pai, que lhe deu uns tapinhas desajeitados nas costas.

— Não faz sentindo gastar dinheiro com táxis — replicou ele, pegando sua sacola. — Você só tem isso?

— Ahã. Eu não quis despachar a bagagem, para poupar tempo.

— Bem, venha — disse sua mãe. — Não queremos que o tempo de validade do tíquete do estacionamento expire.

Enquanto ia com os pais até o estacionamento, ela se deu conta do quanto eles sempre a faziam se sentir desvalorizada. Se qualquer outro a tivesse recebido, Monica ou Grant, digamos, eles a estariam cumulando de perguntas sobre sua nova vida, cheios de entusiasmo por sua grande aventura, ou dizendo o quanto sentiam sua falta. Mas não, sua mãe estava mais preocupada em não pagar mais pelo estacionamento.

Ela sempre esperava que dessa vez fosse diferente, e sempre era a mesma coisa. Contudo, estava satisfeita de vê-los de novo; poupava-a de ter que falar sobre Dermot com pessoas que só se interessavam nela por sua tênue ligação com ele. Não que tivesse sido tênue, mas a essa altura toda a coisa com Dermot parecia um sonho, ou como se tivesse acontecido a outra pessoa, e doía um pouco menos.

— Ah, vocês mudaram aquele canteiro! — comentou Laura quando eles seguiram pelo caminho de entrada da casa. — Ele não tinha rosas antes?

— Sim, mas elas sempre arranhavam as roupas do seu pai quando ele ia para a garagem, então eu troquei por alfazema.

— Que legal! Vocês devem sentir o aroma quando passam por perto — disse Laura.

Seu pai virou-se para ela ao botar a chave na fechadura.

— Nem notei.

Laura seguiu os pais para dentro da casa, tentando combater a depressão que sempre sentia quando os visitava.

— Acho que eu devo ter crescido! — exclamou ela, animada. — Tudo parece menor!

— Acho que não, querida. Tudo está igual ao que era. Quando a casa está de acordo com o seu gosto, não há motivo para mudar. — Ela pôs a chaleira para esquentar. — Quer um chá? Ou é melhor abrir o vinho que comprei?

Uma olhada no relógio da cozinha lhe disse que em Somerby o vinho teria sido aberto há, no mínimo, meia hora. Ela se sentiu terrivelmente desleal. Aqueles eram seus pais, essa era a casa onde havia crescido, e ela a estava comparando de modo desfavorável com o que era praticamente uma mansão. Sabia que os filhos às vezes mudam ao deixar a casa dos pais e ir para a universidade, mas Laura se odiava por isso. Por outro lado, ao aquecer o bule para fazer o chá para os pais, ela se perguntou se havia realmente mudado ou se simplesmente nunca se encaixara ali.

— Então, o que anda fazendo, mãe? — perguntou ela enquanto procurava

garfos e facas para pôr a mesa.

— Nada de mais, querida. Levamos uma vida bem tranquila, na verdade. Você sabe.

Enquanto distribuía o jogo americano na mesa da cozinha, Laura esperou que sua mãe também lhe perguntasse o que andava fazendo. Mas não o fez. Calada, Laura pegou o galheteiro do balcão. Com certeza, a mãe devia estar um pouco curiosa sobre sua nova vida. Mas parecia que não.

— Dá para chamar seu pai? O chá está pronto, e tem um programa na TV que quero assistir mais tarde. Você tem uma televisão agora?

Enfim, alguma demonstração de interesse.

— Humm, sim. Tem uma na casa onde estou morando. — Ela esperou por uma pergunta sobre a casa. Nada. — E consigo assistir aos canais ingleses também, mas não assisto muito. Não tenho o hábito. Além disso, tenho estado superocupada desde que me mudei para a Irlanda.

— Eu nunca perco um episódio de *Midsomer Murders* se puder. Ah, gosto também daquele com as duas mulheres da jardinagem.

— Vou chamar o papai — disse Laura.

O pai estava um pouco mais interessado em sua vida que a mãe.

— Então, você vai conseguir se virar com o dinheiro?

— Ah, vou. Acho que sim. É claro, ser *freelancer* não é tão seguro quanto ter um salário... — A frase saiu antes que ela pudesse se dar conta. Seu pai atacou:

— Então, por que você aceitou? Afinal, por que quis ir para a Irlanda? — Seus maxilares iam de um lado para o outro enquanto ele mastigava, dando mais ênfase ao tom reprovador.

Esperando (de modo pouco realista, ela sabia) que aquilo fosse apenas uma demonstração de que seu pai não gostava da ideia de tê-la tão longe, ela avançou com valentia:

— É bem difícil conseguir empregos como esse. Na Inglaterra é preciso começar de baixo. Depois do festival literário... E eu contei para vocês o sucesso que foi...

— Mas não pagou muito bem, não é? — insistiu seu pai.

Por alguma razão que ela não entendia bem, não tinha contado aos pais sobre o bônus.

— Não fiz pelo dinheiro, mas sim porque adoro trabalhar com livros e escritores. — Por que seu pai não podia ficar feliz, uma única vez, por ela estar fazendo o que gostava? Por que sempre tinha que meter o dinheiro no meio? Ela nem ficava pedindo dinheiro emprestado a eles ou coisa parecida! — De qualquer modo, eu conheci essa mulher que me indicou para o meu novo emprego. — Ela se sentia muito desvalorizada para contar a eles sobre Gerald

em detalhes.

— Mas por que se mudar para a Irlanda? — insistiu novamente o pai. — Tem um monte de empregos aqui.

— Mas essa é uma oportunidade de fazer o que eu sempre quis! Era o que eu queria desde que saí da faculdade. Sou copidesque e editora... Permanente, se tudo der certo.

— No meu tempo... Desculpe se isso me faz parecer um velho esquisitão... — Ele não parecia se desculpar de verdade. — Nós não fazíamos “o que sempre quisemos”. Fazíamos o que poria comida na mesa e pagaria a hipoteca.

Laura suspirou e pôs a mão na dele, que segurava o guardanapo enrolado.

— Eu sei, pai, e sou realmente agradecida por você ter feito tudo isso e tido condições de sustentar a mamãe e a mim, mas eu não preciso sustentar ninguém além de mim mesma.

— Desculpe-me por dizer isso, Laura — continuou ele, retirando a mão —, mas fico impressionado como hoje em dia os jovens só pensam em eu, eu e eu.

Derrotada, Laura voltou a atenção para o empadão, que estava delicioso.

— Eu fiz uma torta de abacaxi de sobremesa — anunciou sua mãe. — Eu sei que é a sua favorita.

Fora sua favorita quando ela tinha 9 anos, mas Laura nunca conseguiu dizer que seus gostos haviam mudado.

Depois que mãe e filha haviam lavado a louça, o que não levou muito tempo, pois sua mãe era uma cozinheira muito organizada, eles passaram a noite assistindo à TV. Estava passando um documentário sobre a pobreza mundial e o comércio de armas. As lágrimas que ela não se permitia havia algum tempo rolaram em silêncio pelas faces de Laura. Tudo lhe voltou de súbito. Dermot; seu amor esmagador por ele e não correspondido... Ela mal conseguia suportar aquele sentimento.

— Vou só ver o noticiário e depois vou fazer um chá para nós, antes de irmos dormir — disse seu pai.

— Ah, acabamos não abrindo o vinho — reclamou a mãe.

— Deixe pra lá. Chá está bom.

De novo em seu antigo quarto, Laura pensou que não era de admirar ela ter passado a vida lendo.

Todos os seus livros favoritos da infância estavam lá, marcando seu crescimento. Havia os livros infantis com pôneis, que ela adorava, até que mudou para os de Georgette Heyer, no início da adolescência. Depois foi sua fase D. H. Lawrence, Iris Murdoch, Edna O'Brien e, por fim, os dois volumes finos de Dermot. Comprara-os usados e amara a leitura. Quando foi para a

universidade, descobriu que poderia estudá-los e comprou exemplares novos, que levou consigo ao sair de casa. Ela suspirou, imaginando como teria sido sua vida se nunca tivesse lido os livros dele. Riu, perdoando seu antigo ser e parabenizando o novo. Fora uma longa caminhada!

Agora ela procurava na bolsa o livro que Veronica havia autografado para ela no festival. Estava guardando esse para emergências, para ocasiões em que só uma leitura romântica serviria, dessas que não dá para largar. Aquele momento sem dúvida se qualificava como uma emergência.

Capítulo 24



As rotinas do sábado de manhã não foram alteradas porque Laura estava lá. Os três foram fazer compras e depois almoçaram num café. Lá, tomaram sopa com pão e comeram um sanduíche. Depois o pai de Laura comeu um pudim, e sua mãe tomou uma bola de sorvete de creme. Sentindo-se terrivelmente rebelde, Laura escolheu um cappuccino.

— Eu nunca me dei bem com café — disse a mãe de Laura, vendo-a mexer o açúcar. — Me dá dor de cabeça.

— Às vezes me deixa meio agitada — respondeu Laura —, mas achei que isso poderia fazer alguma diferença.

— Com relação a quê? — perguntou sua mãe, intrigada.

— Não sei bem — falou Laura, desculpando-se. — Vamos pegar o jornal e começar as palavras cruzadas?

— Não até chegar em casa — decretou o pai. — Não gosto do jornal todo amassado.

— Além disso, é falta de educação ler à mesa — acrescentou a mãe.

O voo de Laura estava marcado para segunda-feira de manhã, mas ela estava seriamente pensando em transferir para domingo, para acabar com a agonia mais cedo. Mas que motivo poderia dar?

No domingo à noite, Laura e sua mãe tinham acabado de se reunir ao seu pai na sala depois de lavarem a louça do jantar, quando ouviram pancadas na porta da frente. Naquele instante, Laura calculava que faltavam mais de 12 horas para partir. Estava realmente ansiosa para que o número tivesse apenas um algarismo.

— Ah, meu Deus, quem pode ser a essa hora da noite? — questionou sua mãe.

— Eu atendo — ofereceu Laura. — Já estou de pé mesmo...

— Deixe a corrente presa — ordenou seu pai, levantando-se. — Não posso imaginar quem iria bater com tanta força. Se fosse um vizinho, tocaria a campainha.

Laura, sentindo que receberia de bom grado um exército das Testemunhas de

Jeová só para aliviar a monotonia, foi até o vestíbulo, destrancou a porta, deixando a corrente, conforme tinha sido instruída, e abriu.

— Olá — cumprimentou ela, hesitante. — Deseja alguma coisa?

— Laura, é você? Minha Nossa Senhora da Bicicleta! Como eu estou feliz por ver você! Andei meio mundo tentando te encontrar!

Certa de que estava prestes a desmaiar, Laura ficou mexendo na corrente da porta, mas seus dedos suados derrapavam no encaixe.

— Quem é? — Quis saber seu pai, chegando atrás dela. — Quem você está deixando entrar?

— Sou eu, Dermot, sua besta...

Só então Laura abriu a porta. Dermot estava na soleira, com sua velha jaqueta de couro, um par de jeans imundos e barba de três dias por fazer.

O pai de Laura agiu rapidamente e fechou a porta de novo em segundos.

Houve um rugido lá fora e mais batidas.

— Pai, é o Dermot! Ele... Bem, é um amigo meu.

— Exijo ver a Laura! — Veio a voz de Dermot. — Ou derrubo essa porta.

— É melhor deixá-lo entrar, pai. Pense nos vizinhos! — Laura esperava que esse antigo mantra fosse funcionar como sempre.

— Devo chamar a polícia? — perguntou a mãe de Laura, que estava ali com eles agora.

— Boa ideia — disse o pai. — Acho que o homem deve estar bêbado.

— Acho que não, pai.

— Nunca disquei o 190 antes — admitiu sua mãe. — Não sei bem como funciona.

— Não precisa fazer isso! — insistiu Laura, lutando com o pai pelo controle da porta. — Ele não é um assaltante! Eu conheço ele!

— Ele não vai entrar na minha casa! — protestou o pai. — Não fazendo todo esse barulho.

— Mãe, você não quer a polícia aqui. Os vizinhos! O que iriam pensar? Ou dizer? — Laura tinha sido ameaçada com a ira dos vizinhos durante toda a vida. Por que seus pais não pensavam neles agora, quando seria tão útil?

— Eu não vou deixar ele entrar. Está me parecendo maluco — insistiu o pai. — E irlandês!

— Isso é racismo! — acusou Laura, lutando com mais força agora e conseguindo levar os dedos até a corrente e empurrar o suficiente para puxá-la para trás.

— Eu sou irlandês e maluco, sim — disse Dermot, sem ajudar em nada, sorrindo para eles e com certeza se encaixando no papel de louco. — Mas não estou bêbado e me comprometo a não quebrar a mobília.

Ouviu-se a porta da casa da frente se abrir. Laura sibilou para a mãe:

— As pessoas vão querer saber o que está acontecendo! Deixe ele entrar! — Ao dizer isso, ela abriu bem a porta e segurou Dermot pela manga. — Entre, rápido!

— Você tem uns chihuahuas ferozes por aqui? — perguntou ele, obviamente se divertindo com a situação.

— Não! — Laura o puxou para dentro. — São dobermanns! — Laura fechou a porta e se apoiou nela, ofegando por alguns segundos, olhando em seguida para seus pais e Dermot, que olhavam para ela. Ela engoliu em seco.

— Mãe, pai, este é Dermot Flynn, aquele que foi ao festival literário que eu organizei. — Os pais de Laura olharam para Dermot, desconfiados. — Talvez seja melhor ir para a sala. Vou pôr a água para esquentar — continuou ela, convencida de que, nessas circunstâncias, o hall estreito não era o melhor lugar para ficar.

— Muito prazer, mãe da Laura. — Ele pegou a mão dela. — Pai da Laura. Sou Dermot Flynn e venho tentando encontrar sua filha há algum tempo.

— Eles são o Sr. e a Sra. Horsley — explicou Laura, começando a ver o lado engraçado, mas tentando ocultar isso com uma dose de irritação. — Agora todos vão se sentar. Vou fazer o chá. — Seu coração pulava no peito só de vê-lo, mesmo não querendo que ele percebesse o quanto ela estava contente. Dermot tinha muitas explicações a dar.

— Não! — grunhiu sua mãe, de repente percebendo que ela e o marido seriam deixados com esse irlandês assustador se Laura fizesse o chá. — Eu faço!

— Agora ouça — disse o pai, preparando-se para enfrentar Dermot e subitamente parecendo muito velho e frágil aos olhos de Laura. — Eu não sei...

— Tenho certeza de que ele logo vai se explicar — interrompeu Laura, de repente protegendo seus pais, para quem Dermot devia parecer uma criatura de outro mundo. — Se todos nos sentarmos num lugar confortável, poderemos conversar.

Sentindo-se como um cãozinho mordiscando os calcanhares de animais muito maiores, Laura convenceu seu pai e Dermot a irem para a sala, e a mãe, à cozinha. Praticamente empurrou os homens para se sentarem e desligou a televisão.

— Bem, Dermot — começou ela, quebrando o silêncio que se formou, com medo de rir —, incrível encontrá-lo aqui.

— Para ser honesto, Laura, e sem querer ser grosseiro... — Ele olhou para o pai de Laura, que estava muito precavido e pronto para se levantar a qualquer momento, caso Dermot fizesse alguma coisa inesperada. — Preferia encontrar você em algum outro lugar.

— Ah. — Ela também preferia, obviamente, mas não podia dizer isso.
— É, eu tive o maior trabalho para encontrar você.
— Então, como é que vocês se conhecem? — perguntou o pai.
— Do festival literário. Eu falei — disse Laura.
— Eu era um dos escritores — acrescentou Dermot.
— A atração principal — corrigiu Laura, para puni-lo um pouco.
— Nunca ouvi falar de você!
— Você nunca lê romances, pai. Mas ele foi um dos textos que escolhi estudar na faculdade.

— Fui? — Dermot achou muita graça. — Você me falou isso alguma vez?

Laura se sobressaltou. Aquilo soava tão íntimo — fazia Dermot parecer mais que apenas um escritor que ela simplesmente havia conhecido. Ela estava sempre conhecendo escritores quando trabalhava na livraria. Com sorte, seus pais não iriam notar.

— Então, por que estava esmurando nossa porta no meio da noite? — perguntou o pai.

— São apenas nove e meia, pai — corrigiu Laura. Embora tivesse vontade de matar Dermot por uma centena de razões, ela estava de fato muito feliz por vê-lo. No mínimo, ele acabara com o tédio.

— Eu estava procurando Laura. Faz muito tempo que a procuro... Desde que voltei dos Estados Unidos... Mas ninguém me dizia onde ela estava. E ela não retornava nenhum dos meus telefonemas. — Ele olhou oportunamente para ela, que deu de ombros.

— O que você quer com ela? — perguntou o pai.

— Quem lhe falou que eu estava aqui? — questionou Laura, sendo tomada subitamente por uma grande curiosidade. — Ninguém que eu conheça sabe que estou aqui.

Uma olhada para o pai dela e Dermot decidiu ignorar a pergunta dele.

— Acabei conseguindo encontrar Grant.

— Grant? — repetiu o pai. — Aquele sujeito com que você trabalhava?

Dermot fez que sim.

— É uma história longa e complicada. Eleanora, a minha agente, não queria me dizer onde Laura estava.

— Eu pedi a ela que não dissesse — esclareceu Laura.

— Nem Fenella e Rupert.

— Quem é toda essa gente? — Quis saber o pai, como quem tenta acompanhar o enredo de uma novela no ar há muito tempo.

— Amigos meus — disse Laura. — Ah, que bom, a mamãe chegou com o chá.

A Sra. Horsley havia pegado as melhores xícaras e pires. Servir o chá levou um tempo inexoravelmente longo, mas significava que ela aceitara Dermot como visita, pensou Laura, o que já era um começo. Ela esperava quebrar o gelo com seu pai logo, ou eles teriam uma noite muito complicada.

— Então, como chegou ao Grant? — Laura estava comovida pelo esforço de seus amigos para obedecer suas súplicas de não revelar seu paradeiro, mesmo que uma parte dela desejasse que um deles a desobedecesse.

— Através do site da Monica — contou Dermot. — Ela disse que havia jurado segredo, mas achava que Grant não e então me deu o e-mail dele.

— Ah! — Que bom ter a Monica! Ela sabia quando uma mulher estava mentindo para si mesma e para seus amigos.

— Para minha tristeza, o e-mail dele não funcionou por uns dias. Ele me disse que tinha sido aconselhado a não me dizer nada, mas achou que eu tinha o direito de saber. Então me deu o seu endereço.

— É tudo muito complicado — reclamou a Sra. Horsley, mordiscando um biscoito de gengibre para aumentar a concentração.

— Então eu fui lá — continuou Dermot.

— Onde? — perguntou o Sr. Horsley.

— Onde Laura está morando na Irlanda.

Laura imaginou o que poderia ter acontecido entre eles, dados os eventos anteriores. Ficou vermelha ao se lembrar. Mas a alegria pelo enorme trabalho de Dermot para encontrá-la começava a aquecer seu coração como o sol no primeiro dia de primavera.

— Eu estava batendo na sua porta — prosseguiu ele —, apesar de estar na cara que não havia ninguém.

Agora Laura estava suando.

— Por fim, chegou uma moça e me perguntou o que eu estava aprontando. Ela me reconheceu e ficou maluca. Se jogou em cima de mim e disse: “Oh, meu Deus! Nós não acreditamos quando ela disse que o conhecia, mas conhece mesmo! Fantástico!” Esse tipo de coisa. — Ele franziu o cenho de leve para Laura. — Eu não tinha percebido que você ficaria orgulhosa o bastante de me conhecer para contar aos seus novos amigos.

— Fui forçada — explicou Laura. — Foi num grupo de leitura. Estavam lendo *Os salgueiros*. Disseram que você tinha incluído a parte edipiana conscientemente. Eu disse que não. Mas não disse que o conhecia bem!

Apenas Laura viu o sorriso nos olhos dele, que refletia o quanto eles se conheciam bem.

— Graças a Deus por isso.

— Então, o que mais Shona disse?

— Ela me perguntou se eu iria ao grupo de leitura para um bate-papo e eu disse que o inferno congelaria antes disso. — Ele fez uma pausa. — A menos, é claro, que você quisesse. Na hora, eu não sabia que era o seu grupo de leitura também.

Laura achou que fosse chorar. Não era uma declaração de amor, mas era uma coisa muito, muito gentil de dizer. Ela balançou a cabeça.

— De qualquer modo, depois de implicar um pouco mais com ela eu lhe perguntei se sabia onde você estava. Ela disse que você tinha falado para uma amiga dela que iria visitar seus pais na Inglaterra.

— Então você deixou seu endereço com sua amiga na Irlanda? — sugeriu a Sra. Horsley. — Que sensato. — Ela encarou a filha como se estivesse surpresa pela demonstração de tamanha inteligência.

— Não — disse Laura. — Não deixei.

— Voltei ao Grant. Felizmente, a essa altura eu tinha o celular dele.

— Ele só esteve aqui uma vez, e geralmente não lembra de endereço nenhum! — disse Laura.

— Ele se lembrava do nome da cidade — explicou Dermot e olhou para o pai de Laura. — Graças a Deus que o senhor não está fora da lista telefônica.

— Humm. Bem, nunca se sabe quando alguém pode precisar se comunicar — disse o Sr. Horsley, como se tivesse previsto exatamente esta ocasião.

— Então aqui estou. Se os voos fossem um pouco mais frequentes, teria chegado mais cedo.

O relógio sobre o consolo da lareira bateu as dez horas.

— Onde está hospedado? — perguntou a Sra. Horsley.

Dermot olhou para Laura.

— Para ser sincero, só tinha uma ideia na cabeça, que era encontrar Laura. Não pensei em fazer nenhuma reserva.

— Não há hotéis na cidade — alertou o Sr. Horsley.

— É tarde demais para fazer reserva numa pousada — acrescentou a Sra. Horsley. — Apesar de que talvez eu possa ver com Sheila se ela tem vaga, mas realmente não gosto...

— Será que ele não pode ficar aqui? — perguntou Laura, se esforçando para deixar a histeria ausente da voz.

— Não. O quarto de hóspedes está cheio com as suas coisas, Laura — disse a mãe, com um ar de reprovação, deixando subentendido que, se ela quisesse que seu amigo ficasse, deveria ter feito algo a respeito.

— Tiramos tudo do sótão quando fizemos o acréscimo de isolamento térmico — disse o pai.

— Ah, pelo amor de Deus, ele pode dormir na minha cama! — decidiu Laura.

— Eu durmo no sofá.

— Não — interpôs Dermot com firmeza. — Eu vou dormir no sofá.

Os pais de Laura trocaram olhares preocupados. O que havia acontecido com sua segura e familiar noite de domingo? A filha, que nunca tinha lhes causado muito problema, mesmo tendo sido difícil em relação aos estudos, lhes infligira esse irlandês selvagem. Qual seria a melhor maneira de reagir?

— Realmente não há nenhum lugar onde ele possa ficar aqui na cidade? — perguntou a Sra. Horsley ao marido.

— Não, querida.

— Mãe! Vai ficar tudo bem. — Laura tentou ser paciente. Ela entendia as ansiedades de seus pais. — Mesmo. É só por uma noite.

— Vou ficar bem feliz no sofá — afirmou Dermot. — Já dormi em muitos.

— Não, você vai ficar na cama de Laura. Não podemos deixar um hóspede dormir no sofá. Vou pegar lençóis limpos.

— Sério, Sra. Horsley. — Dermot foi firme. — Não há necessidade de trocar lençóis só por uma noite. Não vale toda lavagem de roupas.

— Só dormi neles por duas noites — observou Laura. — Estarão ótimos para ele.

— Mesmo... — protestou a mãe.

— Mesmo — repetiu Dermot. — Estarão ótimos.

— Querem mais chá? — perguntou Laura, sentindo que a discussão sobre onde Dermot deveria dormir e os lençóis poderia se estender pela noite toda se não fosse colocado algum ponto final nela. O chá era o ponto final, ela achava.

— E talvez você queira alguns sanduíches? — ofereceu a mãe, fazendo uma onda de gratidão brotar em Laura. No entanto, não se sentiria tão grata a Dermot se ele os aceitasse. Ela não sabia por que ele realmente viera encontrá-la e só queria que a noite acabasse logo. Talvez tudo parecesse mais claro pela manhã.

— Não, obrigada, Sra. Horsley, comi um *fish and chips* no caminho. Nem lembro onde.

— Se quiser comer um bom *fish and chips* precisa ir para o norte — recomendou seu pai, cuja família era de Lancashire.

— Vou fazer mais chá. — Laura foi para a cozinha, sendo seguida pela mãe segundos depois. Era óbvio que seus pais não pretendiam se recolher ainda. Geralmente nada interrompia suas rotinas noturnas.

— Querida, quem é ele? — sussurrou a mãe, embora fosse improvável ser ouvida através de duas portas e um corredor bem longo.

— Eu já falei! — respondeu Laura, também sussurrando, procurando canecas, pois a melhor porcelana estava na sala. — É um escritor que foi ao festival literário que eu ajudei a organizar. Eu já falei do festival, quero dizer.

— Mas por que ele se deu tanto trabalho para encontrar você? Vocês não são...
— Ela hesitou. — ...Um casal ou algo assim, é?

Laura envolveu sua mãe num abraço, só por ter usado a palavra “casal”.

— Claro que não — negou ela calmamente. — Acho que ele só quer que eu faça alguma coisa para ele. Eu o ajudei a dar uma oficina literária.

— Não acho que ele teria feito tanto esforço só por isso — discordou sua mãe, enchendo novamente a chaleira. — Acho que ele gosta de você.

Esses pensamentos estavam passando pela cabeça de Laura como uma fita no *fast-forward*. Por que ele se dera ao trabalho de encontrá-la? Será que realmente gostava dela? Mas será que isso seria o suficiente para ela arriscar tudo? Ainda havia muitas perguntas não respondidas que ela precisava fazer antes mesmo de ousar esperar por isso.

— Bem, talvez...

— E eu não a culparia se gostasse dele — confidenciou ela. — Eu sempre tive um fraco por irlandeses selvagens.

— Mãe!

— Mesmo assim fiquei com o seu pai, não é? Caso contrário, quem sabe o que podia ter acontecido? Será que eu ponho o leite aqui mesmo? Ou levo no bule na bandeja?

Laura estava sentindo vertigens com a confissão da mãe. Não com o fato de elas compartilharem uma predileção antes insuspeita, mas sim por sua mãe ter lhe contado isso.

— Ah, vamos pôr o leite aqui.

Dermot desistiu de discutir sobre qual dos dois iria dormir na cama de Laura e qual no sofá quando percebeu que a opção do sofá envolvia o saco de dormir de Laura. Ele declarou que não gostaria de dormir feito uma linguça.

Laura ajeitava as almofadas no sofá pelo que parecia a centésima vez, mas ainda não estava confortável. Mas desconfiava de que não eram as almofadas que a impediam de dormir, e sim a ideia de que Dermot compartilhava o mesmo sobrado de três quartos com ela e seus pais. Foi um milagre ele ter aparecido desse modo, ou um filme, ou um livro romântico... Algo assim.

Por que ele percorrera todas as ilhas britânicas atrás dela? (Bem, Inglaterra e Irlanda. Será que a Irlanda contava como ilha britânica?) Com certeza não teria feito isso quando, era de se presumir, poderia simplesmente ter voltado para casa e para Bridget. Será que aquela noite de paixão tinha sido mais que apenas um sexo incrível para ele também?

Desde que soubera, no festival, que ele estava escrevendo freneticamente, razão pela qual não se comunicava com o mundo exterior, inclusive com ela,

Laura havia imaginado se aquele momento apaixonado entre eles não teria sido apenas um tipo de libertação para ele, do tipo que os soldados cheios de adrenalina necessitam após uma batalha.

Mas, sem dúvida, ele não se daria a todo esse trabalho para localizá-la a menos que ela fosse mais do que uma mulher no lugar certo na hora certa. Não. Ele não havia pulado em cima dela, simplesmente; tinha feito amor com ela de um modo terno, atencioso, levando em conta sua inexperiência. Fizera questão de que ela tivesse um momento realmente maravilhoso.

Sua mente tinha bloqueado grande parte disso desde seu encontro com Bridget. Fizera o cérebro rejeitar as mensagens que o coração podia ter lhe enviado se ela deixasse. Mas agora ela se permitia relembrar os detalhes íntimos; como ele usara sua habilidade e experiência para lhe dar prazer. Isso fez com que ela suspirasse, mas não a ajudou a dormir.

Então ela ouviu um ruído na porta. Podia ser seu pai, dando uma verificada, ou sua mãe, descendo para uma conversa entre mãe e filha. Mas, de algum modo, ela sabia que era Dermot.

— Oi? — sussurrou ele.

— Sim? — sussurrou ela de volta.

— Posso entrar? — perguntou Dermot, ainda em voz baixa.

— Pode, mas não acorde meus pais. Não que estejam dormindo, provavelmente. Devem estar preocupados.

Ela o ouviu entrar, fechando a porta atrás de si.

— Será? Por quê?

— Para o caso de você fazer o que está fazendo agora! — Ela se sentou, mas ainda estava envolta na pele de língua.

— Eu não poderia dormir uma noite inteira sob o mesmo teto que você sem... — Ele se interrompeu.

Pensamentos tórridos e frenéticos sobre o que ele poderia estar prestes a dizer fizeram a respiração de Laura acelerar.

— O quê? — Eles já estavam sussurrando, mas era quase inaudível. Ele a ouviu, ou imaginou que ouviu.

— Eu precisava te abraçar.

Dermot a envolveu em seus braços, apertando-a contra si. Laura não conseguia respirar. O colarinho da camisa espetava um pouco sua bochecha, mas ela não se importou. Não queria respirar, de fato, só queria continuar sendo abraçada por Dermot para sempre, mesmo que as roupas dele a perfurassem.

Então ela recuou. Por mais que ela quisesse que suas emoções assumissem o controle, havia coisas que precisava saber antes de poder ceder aos seus sentimentos. Precisava ser capaz de confiar nele. Ela dobrou os joelhos até o

peito, ainda dentro do saco de dormir.

— O que é isso? — Ele franziu o cenho para ela e depois sorriu, lamentando-se. — Ah, não precisa dizer. Acho que eu sei. Devo ter sido meio canalha. — Ele se recostou no sofá e suspirou.

Ela queria muito perdoá-lo por tudo, mas precisou reprimir o sorriso diante do eufemismo.

— Só um pouquinho.

Ele pigarreou, levantou-se e se afastou dela.

— Posso contar como foi do meu ponto de vista? — perguntou ele, como se lhe pedisse licença para continuar.

— Por favor. Eu preciso de uma mudança de ponto de vista. — O nervosismo a estava deixando loquaz. Qualquer coisa que ele tivesse para dizer, ela precisava ouvir.

Ele deu um rápido sorriso, mas depois ficou sério.

— Acho que eu me apaixonei por você ainda em janeiro. Você era tão doce, tão diferente, tão bonita, tão...

— Chega de bajulação.

— Não é bajulação, é a verdade. E depois que a gente se conheceu, eu descobri de repente que conseguia escrever. Você foi fundamental. Foi por sua causa que me ofereci para dar aquela oficina literária.

— Ah, foi? Se foi assim, por que você não... Sei lá... Não deu alguma pista? — Sua voz ficou embargada com a lembrança da mágoa.

— Na verdade, havia algumas razões. Uma delas é que eu achava que não poderia fazer mais que lhe dar um beijo no rosto sem querer levá-la para cama, e isso não era possível naquelas circunstâncias. Era muito público, e eu precisava ter bastante certeza... Quer dizer, eu tinha certeza, mas não queria me arriscar a magoá-la.

Dermot a olhou fixamente até ela desviar o olhar, sendo invadida por uma onda de saudade. Ficou calada; era importante que ele lhe contasse tudo para que realmente pudesse confiar nele. Ela fez um gesto para que ele continuasse.

— E lá na Irlanda — prosseguiu ele —, bem, eu estava adiantado num livro, um livro que jorrava de dentro de mim. Eu sentia que precisava terminá-lo, ou quase isso, para depois procurar você, para poder fazer isso do jeito certo.

Ele voltou a se sentar ao lado dela, pegando sua mão e afagando-a. Ela não se aproximou, mas não puxou a mão.

— Ah, meu Deus, eu achei que nunca mais a veria, tocaria, teria a chance de dizer o quanto te amo, o quanto preciso de você.

Ela se mexeu um pouco dentro do saco de dormir, mas continuou com a mão pousada na dele. Ainda havia algumas perguntas sem resposta.

— Só mais algumas coisas, se você não se importa — disse ela. — Preciso saber sobre Bridget. Por que você não me disse que estavam juntos?

Ele franziu o cenho.

— Como assim? Eu e Bridget nunca fomos nada além de amigos, companheiros de bar. — Dermot fez uma pausa. — Você não achou... Ah, meu Deus. Ela não significa nada para mim, nada. — Ele tentou puxá-la para mais perto, mas ela continuou um pouco distante, mesmo que cada parte sua desejasse ser abraçada outra vez.

Depois de uma pausa, ele continuou.

— Sinto muito por ter me aproveitado de você na Irlanda. Estava furioso com a imprensa, exasperado com todo mundo e trabalhando cada hora possível, sem comer direito, bebendo, fumando, fazendo qualquer coisa que me motivasse a pôr mais algumas palavras no papel. Estava escrevendo feito um louco... Às vezes 7 mil palavras por dia.

— Não vi nenhum sinal disso quando fui lá — retrucou Laura.

Ele deu uma risada abafada.

— É, eu escondi tudo debaixo da cama. Mas quando a vi, sabia que você teria que ser minha, que eu tinha que usar todo o cuidado e a intensidade que tenho no trabalho para que tudo fosse bom para você.

Ela ficou vermelha e sorriu — ele estava tão arrebatado.

— Bem, você conseguiu.

— Eu poderia ter me segurado um pouco mais se você não tivesse ficado uma fera. Há algo de irresistível numa mulher batendo o pé.

— Humm. Você quer dizer daquele jeito “Venha cá, seu bobinho, não vê que eu te amo?” — Ela sentiu que podia ousar implicar com ele à medida que as coisas começavam a se tornar mais claras.

— Sei lá! Eu só sabia que você precisava ser minha.

— Você conseguiu.

Ele havia explicado sobre Bridget e ela acreditara nele, mas de alguma forma, ainda não estava satisfeita; não conseguia se livrar da sensação de que ele a usara, mesmo não tendo sido intencional.

Como se tivesse lido sua mente, ele disse:

— Meu bem, eu não queria você só porque eu estava louco para transar com alguém e calhou de você estar lá. Não achou isso, achou? — Ele parecia horrorizado com essa ideia. Durante esse tempo seus dedos acariciavam os dela.

— Não, na hora eu não senti isso — respondeu ela, honestamente. — Mas quando você não me procurou depois...

— Mas você foi tão fria! Saiu correndo quase antes de tomarmos café. — Ele fez uma pausa, relutante em revelar a graça que achou. — Deve ter esperado

séculos no aeroporto.

— Foi mesmo — admitiu ela. — Foi por causa da Bridget.

— Eu já disse que não há nada entre nós.

— Eu sei, mas ela disse...

Dermot a interrompeu.

— O que foi que ela disse? — pressionou.

— Ela falou uma coisa que me deu a sensação de você ter... Ter me usado.

Laura não conseguiu olhar para ele; toda a mágoa e humilhação que sentira na época voltaram com força total.

Ele suspirou e se recostou, as mãos cruzadas no colo.

— Aquela mulher! — disse ele, frustrado. — Como eu queria que você tivesse me dito isso na hora.

— Eu não consegui! Estava me sentindo muito humilhada — protestou ela.

— Bem, eu não sabia o que havia acontecido. Num minuto estava tudo maravilhoso e, no seguinte, você se transformou numa pedra de gelo. Eu também me senti um pouco humilhado. Tive a sensação de que você tinha me usado só para se livrar da sua virgindade. Tentei tirar você da cabeça e voltar aos meus escritos. Agora consigo entender por que...

— Não.

Ela pegou a mão dele novamente e segurou-a bem apertado. Ele a puxou num forte abraço, e eles ficaram assim por algum tempo até que ele se afastou outra vez.

— Eu quis contar que eu estava escrevendo obsessivamente durante o festival, mas você não me deu uma chance — esclareceu ele, com calma.

— Eu não tolerava a ideia de você me explicando que o que nós tivemos tinha sido muito valioso, mas... Eu li tantos romances que conheço todas as expressões... Mas que você e Bridget estavam se casando ou coisa parecida. — Mesmo sabendo com certeza agora que isso não iria acontecer, a dor que isso teria lhe causado a fez se encolher por dentro. — E depois teve o conto.

— O que tem o conto? — perguntou ele, confuso.

— Achei que fosse uma das cartas mais lindas do Querido John já escritas... Ou talvez deveria ser Querida Joan...

— Céus, você é terrível para entender as coisas. O conto era ficção! E se fosse sobre alguém, seria sobre Bridget. Eu não fazia ideia dos sentimentos dela até que ela passou lá em casa, depois que você foi embora.

Laura deu um profundo suspiro, desmoronando um pouco com o peso de seu equívoco.

— É que eu nunca pensei que você realmente pudesse me amar. Tanto quanto eu...

— Bem, eu posso — interrompeu ele. — E se você não tomar cuidado, vou provar.

Ele a envolveu nos braços novamente e então sua boca encontrou a dela. Laura o ouviu suspirar antes de seus lábios se unirem. Foi celestial.

Depois de algum tempo, ela disse:

— Sinto muito, não posso deixá-lo transar comigo no sofá da casa dos meus pais, ainda mais porque é provável que eles nem sequer estejam dormindo.

Dermot estava com a respiração acelerada.

— Tudo bem, eu sabia que você se sentiria assim. Foi por isso que não tirei a roupa. Temos o resto da vida para isso. Vou voltar para o quarto lá em cima, mas antes preciso te agradecer.

— É? Você está agradecido por eu tê-lo trazido à Inglaterra e à atenção do mundo literário mais uma vez? Deveria mesmo! Vou torná-lo rico e famoso. — Laura sentia que podia provocá-lo, agora que sabia que ele a amava.

— Bem, é claro que vou lhe dar uma parte de todos os meus ganhos, ou talvez até tudo que ganhar de agora em diante, mas não era a isso que me referia.

— Não?

— Não. Você fez algo importante demais.

— O quê? O que poderia ser mais importante que fama e fortuna? — perguntou Laura com leveza, mas realmente não sabia do que ele estava falando.

— Como eu já disse antes, você me curou do meu bloqueio. Quando entrou na minha vida eu andava de saco cheio, cínico, e você... Bem, você me mostrou que ainda existem coisas doces e puras. — Ele beijou o topo da cabeça dela.

As lágrimas obstruíram a garganta de Laura, e ela esperou que elas se fossem antes de dizer:

— Isso me faz parecer um pudim orgânico, se você quer saber.

Ele riu, abraçando-a mais apertado.

— Você é tão adorável. Quando eu fico sentimental, você é ácida, como uma gota de limão.

— Ah, agora eu sou um pudim orgânico de limão.

Subitamente, ele olhou para ela com um ar sincero.

— Querida, será que eu deixei bem claro o quanto te amo? O quanto quero passar o resto da vida com você?

— Não exatamente, não. — O coração dela palpitou.

— Bem, o que mais preciso dizer?

Ela riu, sentindo-se mais livre agora, seu coração pulando de alegria. Como podia ter se esquecido do quanto adorava estar na companhia dele, implicando com ele?

— Dermot Flynn, eu não vou pôr palavras na sua boca. Você tem sua própria

língua afiada para ajudá-lo.

— Laura Horsley, eu declaro solenemente...

— Acho que isso é plágio.

— Não importa. Eu declaro solenemente que nunca amei alguém como amo você. E que a amarei até que as Montanhas de Mourne parem de descer para o mar ou que outros eventos geológicos bem improváveis ocorram. E quero levá-la para casa, na Irlanda, e tê-la ao meu lado em segurança para sempre. E os pequenos, quando vierem, também estarão seguros comigo. O que me diz?

Laura estava se derretendo.

— Você me fez uma pergunta?

— Não. Eu só queria sua opinião geral sobre o que acabei de dizer.

— Sem contar o plágio?

— Exato.

— Acho que foram as palavras mais lindas que você já inventou.

Ele pareceu satisfeito.

— E pensar que acabei de tirar isso da cabeça, assim de improviso.

Laura pousou a mão na cabeça dele e enfiou os dedos em seus cachos.

— Imagino que nossos filhos terão cabelo cacheado.

— Tudo bem. Crianças de cabelo cacheado são meu tipo favorito.

Eles tinham acabado de se aproximar novamente, unindo seus corpos e deixando o mínimo de espaço possível entre si, quando ouviram movimento lá em cima.

— É melhor você voltar lá para cima — disse Laura. — Caso contrário, não conseguiremos encarar meus pais durante o café da manhã.

Epílogo



— Tem certeza de que consegue carregar essa sacola? — perguntou Dermot quando eles se preparavam para partir.

— É claro. Estou levando pouca coisa. Você parece ter equipamento para todo um acampamento escoteiro nessa mochila. Só iremos tomar chá.

— De jeito nenhum — discordou ele.

Eles estavam na fazenda, se preparando para repetir a caminhada que tinham feito em janeiro, quando se conheceram. Agora era outubro, e aquele era o típico dia outonal que despertava em Laura a vontade de citar Keats: havia vestígios de neblina e teias de aranha enfeitadas de orvalho nas sebes cobertas de fúcsia. Parte do piquenique se compunha de maçãs colhidas no jardim de Dermot, e havia promessa de sol quente mais tarde. Laura havia se mudado para a casa dele dez dias antes, depois que ele mandou pintar tudo. Todas as manhãs, quando acordava para ouvi-lo roncar ao seu lado, ela achava que fosse morrer de alegria — isso se ele não a acordasse primeiro, puxando-a para si num abraço bem apertado antes de fazerem amor, e de um modo tão completo que lhe dava a certeza de que todos poderiam adivinhar como ela começara o dia só pelo seu rubor.

— Onde estão os cachorros? — perguntava ela agora.

— Pedi ao fazendeiro que deixasse eles presos.

— Ah, que gentileza sua. Eu teria encarado.

Agora que ela e Dermot estavam juntos, Laura sentia que nada poderia assustá-la, com certeza não alguns collies barulhentos.

— Eu não queria que você tivesse que encarar nada, não hoje — disse ele com firmeza.

Depois de pularem o portão — Dermot ajudou Laura com uma mão boba em seu traseiro e ela não parou de rir por um bom tempo —, eles começaram a caminhada.

Depois de avançarem um pequeno trecho, Laura disse:

— Nem consigo acreditar que estamos nos preparando para receber meus pais.

— É bom deixarmos aquele quarto de hóspedes em bom estado antes de eles chegarem.

— O que realmente não consigo acreditar é que você os convidou.

Dermot tinha se comportado como um perfeito cavalheiro na manhã após sua entrada intempestiva na casa dos Horsley, e quando ele e Laura foram embora (de táxi — muito extravagantes), seus pais pareciam bem contentes que ele agora estivesse tomando conta da filha deles e de sua viagem de volta à Irlanda.

— Só achei justo que eles pudessem ver que sua única filha estava sendo devidamente bem-cuidada — explicou ele. — E andei pensando: poderíamos vender minha casa.

— Mas faz anos que você mora lá.

— Eu sempre pensei em construir uma onde se possa ver o mar. Tem um lote aqui em cima que eu posso convencer o fazendeiro a vender.

— Ah!

Isso parecia empolgante — era um lugar belíssimo. Era óbvio que ele tinha pensado bastante nisso. E, ciente do quanto Dermot era adorado na região, ainda mais agora que todos sabiam que ele voltara a escrever, que fariam um filme baseado em *Estrada da montanha*, seu primeiro livro, e que, juntamente com a fama, ele traria prosperidade ao lugar, ela tinha quase certeza de que o fazendeiro lhe venderia o lote de boa vontade. Também desconfiava de que a Secretaria de Planejamento da localidade lhe concederia a permissão de construir a casa, se ele quisesse.

— Achei que poderíamos fazer o piquenique lá e talvez alguns esboços do que nós vamos querer.

Parecia o paraíso, e Laura ficou ridiculamente contente com o modo fácil como ele dizia “nós”, mas não fez qualquer comentário. Qualquer excesso de entusiasmo faria Dermot beijá-la, e então eles podiam não chegar ao destino do piquenique até a hora do chá.

Caminharam em silêncio, Laura revivendo tudo que acontecera desde a última vez que haviam subido os morros juntos e olhado para o mar reluzente. Agora, ela estava trabalhando em período integral como editora, na maior parte do tempo em casa, de modo que podia cozinhar para Dermot quando ele não cozinhasse para ela. Eles eram um casal muito moderno. Havia horas em que Laura ainda não conseguia acreditar que não fosse um sonho. Aí ela se beliscava e sabia que era tudo deliciosamente real.

Bridget deixara a aldeia, retornando ao lugar de onde veio quando Laura estivera lá. Embora ninguém dissesse nada nas poucas vezes em que ela e Dermot tinham ido ao pub, ela teve a impressão de que as pessoas estavam aliviadas por ter sido ela e não Bridget quem fisgava o coração de seu solteirão

favorito.

Dermot tinha começado um quarto livro. Transformara um dos quartos num escritório. Ela não havia estado naquele cômodo quando o visitara durante seu sumiço. Era ali que ele estava escrevendo agora, e tinha sido ali que ele havia escrito o livro que escondera embaixo da cama, o qual era alvo de uma disputa acirrada entre várias editoras. Agora, curado o bloqueio, ele parecia não conseguir parar, como se todas as palavras não escritas nos anos anteriores tivessem sido represadas e agora jorrassem para fora.

Quando ele acabava um longo período de trabalho, procurava Laura, que estava usando a sala de jantar como escritório, e a agarrava, querendo fazer amor com ela. Se ela realmente precisasse terminar um trabalho, ele ia para a cozinha, garimpava receitas na internet e depois pegava o carro e saía à caça dos ingredientes extravagantes em todos os mercados das redondezas. O armazém local estava pensando em abrir um setor intitulado “Extravagâncias de Dermot”, na esperança de que sua influência pudesse incentivar os outros a comprar cogumelos *shiitake*, óleo de trufas e alcaparras.

— Acho que este é o local perfeito — decidiu ele.

— Para o piquenique ou para a casa?

— As duas coisas.

Juntos, abraçados, as mãos nos bolsos de trás das calças do outro, eles ficaram olhando o mar.

— Imagine abrir as cortinas para esta vista todas as manhãs — disse Dermot.

— Num dia como este seria uma glória, mas e quando estiver caindo um temporal e cinzento?

— Aí a gente fecha de novo as cortinas e não sai da cama.

Ela tentou dar a impressão de que reprovava a ideia, mas um sorriso não parava de fazer com que sua boca assumisse a expressão errada.

— Vamos tomar chá. Você trouxe a chaleira?

— É claro. — Dermot abriu a mochila e começou a tirar as coisas. — A chaleira... Você está com o *Irish Times* na sua sacola. Fósforos, você também está com eles. Ah, e o chá. Acho que foi você que trouxe. Num saco de papel? Dê uma olhada.

Depois de uma busca minuciosa, Laura encontrou um saco de papel pardo com algo que parecia chá no fundo.

— Ah, achei!

— Dá para você ver se é chá? — Dermot parecia meio estranho de repente, quase tenso.

— Acho que não poderia ser outra coisa. Só tenho o bolo e os biscoitos.

— Dê uma olhadinha no saco. Aqui... — Ele abriu um tapete sobre a relva

baixa. — Sente-se antes.

Balançando a cabeça diante da maluquice de seu amor, Laura sentou-se no tapete.

— Agora olhe dentro do saco.

Ela olhou.

— Sem dúvida, é chá. Não há dúvida de que não é café, chocolate em pó nem maconha.

Dermot caiu sentado ao lado dela e pegou o saco. Olhou dentro e então remexeu com o dedo.

— Pronto, dê outra olhada.

Obediente, mas confusa, Laura olhou. Entre as folhas de chá, havia um anel. Seu coração parou por um breve instante e um sorriso se espalhou pelo seu rosto quando ela enfiou a mão no saco e o puxou. Por algum motivo, não conseguia falar; estava dominada por uma grande emoção. Analisou o anel. Era um rubi incrustado em ouro, com pequenos brilhantes em volta. Parecia antigo. E não havia como ser outra coisa que não um anel de noivado.

Dermot olhava para ela, ansioso.

— Se você não gosta, podemos escolher outro juntos — disse ele.

— Adorei — sussurrou ela, olhando para ele.

— Então experimente — pressionou ele.

Ela fez que não com a cabeça.

— Sou supersticiosa quanto a pôr esses anéis, a menos... — Hesitou. Apesar de ter visto o amor nos olhos dele, de vê-lo todos os dias, de saber o que esse anel simbolizava, ela não conseguia considerar tudo aquilo como óbvio.

— Dê aqui, deixe eu... — Ele pegou a mão esquerda dela e então, deslizou o anel por seu dedo anular. Ficou um pouco grande, mas Laura achou que estava lindo. Antes que ela pudesse acabar de admirá-lo, ele o tirou outra vez.

Dermot já estava ajoelhado, mas pôs uma perna para a frente, ficando apoiado sobre um joelho apenas. Laura reprimiu o riso. Era tudo incrivelmente romântico, e ele estava muito sério.

— Laura, amor da minha vida... Você quer se casar comigo?

Suspirando e sorrindo, ela respondeu:

— Bem, eu até posso.

— Dá pra só dizer sim, mulher?!

— Sim — disse ela, a voz firme e clara.

— Sim, Dermot, eu me caso com você? — insistiu ele, segurando sua mão outra vez com o anel, apertando-a como se tivesse medo de que ela pudesse fugir de repente.

— Sim, Dermot, eu me caso com você. — Mal ela pronunciou a última

palavra e ele já a tomava nos braços, e eles rolaram abraçados na toalha do piquenique, se beijando e rindo.

— Agora podemos contar aos seus pais quando eles vierem. — Ele pegou a mochila e tirou uma garrafa envolta num jornal. — Vamos tomar uma caneca de champanhe.

— Achei que fôssemos tomar chá!

— Dane-se o chá. Tomamos depois. Agora, vamos comemorar!

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Amor nas entrelinhas

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/380316-amor_nas_entrelinhas

Site da autora

<http://www.katiefforde.com/>

Good reads da autora

http://www.goodreads.com/author/show/86097.Katie_Forde

Twitter da autora

<https://twitter.com/KatieFforde>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/KatieFforde>

Sumário



<u>Capa</u>
<u>Rosto</u>
<u>Créditos</u>
<u>Dedicatória</u>
<u>Agradecimentos</u>
<u>Capítulo 1</u>
<u>Capítulo 2</u>
<u>Capítulo 3</u>
<u>Capítulo 4</u>
<u>Capítulo 5</u>
<u>Capítulo 6</u>
<u>Capítulo 7</u>
<u>Capítulo 8</u>
<u>Capítulo 9</u>
<u>Capítulo 10</u>
<u>Capítulo 11</u>
<u>Capítulo 12</u>
<u>Capítulo 13</u>
<u>Capítulo 14</u>
<u>Capítulo 15</u>
<u>Capítulo 16</u>
<u>Capítulo 17</u>
<u>Capítulo 18</u>
<u>Capítulo 19</u>
<u>Capítulo 20</u>
<u>Capítulo 21</u>
<u>Capítulo 22</u>
<u>Capítulo 23</u>
<u>Capítulo 24</u>

[Epílogo](#)
[Colofon](#)
[Saiba mais](#)

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Epílogo](#)

[Colofon](#)

[Saiba mais](#)